

Naiada Dubard Barbosa

Fendas na Cultura

A produção de tecnologias de participação
socioculturais em Terapia Ocupacional

São Paulo
2010



Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Naiada Dubard Barbosa

Fendas na Cultura

A produção de tecnologias de participação
socioculturais em Terapia Ocupacional

São Paulo
2010

Naiada Dubard Barbosa

Fendas na Cultura

A produção de tecnologias de participação
socioculturais em Terapia Ocupacional

São Paulo
2010

Naiada Dubard Barbosa

Fendas na Cultura:

A produção de tecnologias de participação
socioculturais em Terapia Ocupacional

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo para a obtenção do título
de Mestre em Ciências

Área de concentração: Movimento, Postura e Ação Humana
Orientadora: Profa. Dra. Eliane Dias de Castro

São Paulo
2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Preparada pela Biblioteca da
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

© reprodução autorizada pelo autor

Barbosa, Naiada Dubard

Fendas na cultura: a produção de tecnologias de participação sociocultural em terapia ocupacional / Naiada Dubard Barbosa. -- São Paulo, 2010.

Dissertação (mestrado) -- Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional.

Área de concentração: Movimento, Postura e Ação Humana.

Orientadora: Eliane Dias de Castro.

Descritores: 1.Cultura 2.Participação cidadã 3.Terapia ocupacional 4.Ciência, tecnologia e sociedade 5.Autonomia

USP/FM/SBD-052/10

Banca Examinadora

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras
fatigadas de informar.

Dou mais respeito
Às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas.

Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.

Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

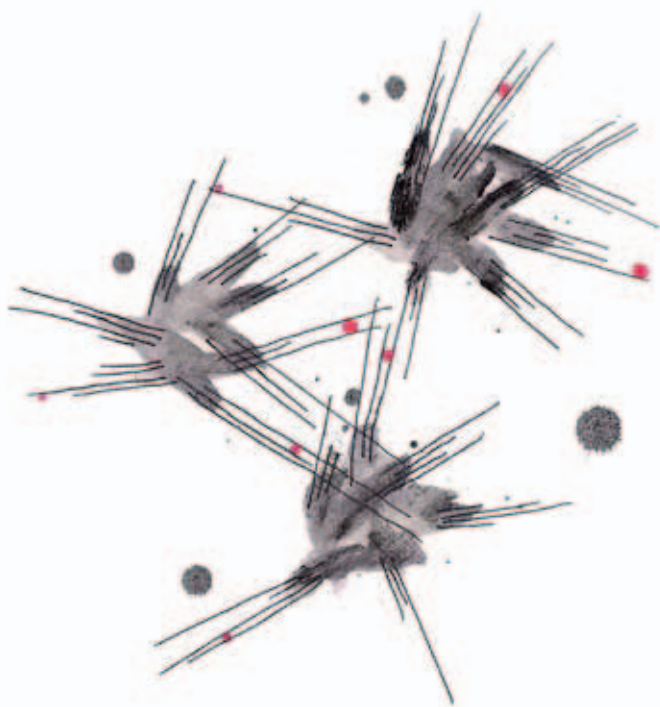
Amo os restos
como as boas moscas.

Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.

Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.

Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Manoel de Barros, 2003



*Com profundo respeito
à diversidade humana.*

IMPROVISADOS AGRADECIMENTOS

A todos os participantes inspiradores desse trabalho: AC, E, Fê Ribeiro, Joanes, Valéria Pujol, XR, Milton, Rodinei, Pilar, Hudson, pela alegria dos encontros, convivência, partilha da vida e dos acontecimentos que dela surgem e podem ser criados. Cada um, com sua singularidade preciosa, ensinou-me a ver o mundo e suas “coisas” com outros olhos, e entender que somos feitos de muitas verdades, por vezes, inatingíveis.

À minha mestra/orientadora, cujas qualidades infinitas proporcionaram nos últimos anos, a potência da vida nos encontros, a possibilidade do amadurecimento e do aprendizado. Guiando e orientando com paciência e dedicação este percurso de muitos voos, sonhos e aterrissagens, chegamos juntas neste ponto da forma/conteúdo do trabalho. Eli, você me ensinou muitas coisas, dentre elas: aquilo que se faz tem força, porque expressa o ser em pleno processo vivo e de transformação de nós mesmos e dos nossos arredores. Assim fazemos e criamos mundos. Sou eternamente grata!

Àqueles que tecem a rede de afetos e relações que sustentam e compõem o cenário para essa experiência refletir e existir: equipe permanente do PACTO - Erika Inforsato, Beth Lima, Andrea Amparo - com sua rede sempre articulada e fazedora de mundos; Chris Moraes, Isabel Ghirard, M. Regina, Carlos Matuck, Daniela Canguçu, André Nunes, Sheila Ribeiro, e equipe do CCPC, em especial, Tiago Barbosa.

Aos estagiários que acompanharam semestralmente o desenvolvimento do trabalho, colaborando e contribuindo para as reflexões e indagações de todo o processo. Ao bolsista Ronaldo, pela ajuda nas transcrições.

Às professoras Fátima Oliver, Maria Inês Brunello e Dilma da Silva Melo, pela leitura cuidadosa e orientações preciosas no momento de qualificação.

A todos que por profunda amizade estiveram sempre tolerantes às minhas ausências em períodos de estudo e escrita: Si, com sua incondicional sinceridade e cuidado; Rê, com leveza e profundidade das conversas e brincadeiras, Maila, com sua inspiradora dedicação e determinação na vida; Cinthia, com seu acompanhamento silencioso e repleto de afeto; Gisele, pela divisão dos trabalhos e angústias; Arthur, com sua presença delicada e marcante.

À Ana Maria Rios, pelas infinitas escutas e testemunho de múltiplas batalhas, acolhedora das derrotas, sempre vibrante pelas conquistas!

Ao meu amor de todos os dias, companheiro sensível, amigo generoso que compartilha este entre muitos outros acontecimentos da vida, apoiando, incentivando e valorizando imensamente esse trabalho, Sylvain Givord, desejando que minha presença na sua vida seja assim, tão intensa!

As pessoas queridas da minha família: Inaiá, Omar, Saulo, Newton, Eliana e Vó Téia, em especial. Cada um com seu jeito me proporciona o exercício da diferença, do cuidado, com afeto! Todos estão em meu coração!

Aos amigos de longa data que, de onde estão, sei que torcem por mim: Jun, Sabrina, Alberto, Zé, Kame, Gus, Manú, Jésus, Nati.

Às trabalhadoras do fim desse processo, cujo resultado trouxe ao texto clareza, precisão e estética singular: Cida, pelas leituras infinitas e revisões cuidadosas; Clarisse, pelas ilustrações encantadoras; Renata, pela diagramação final sensível.

A todos, de coração, meu muito obrigada!

RESUMO	
ABSTRACT	
LISTA DE FIGURAS E TABELA	
LISTA DE SIGLAS	
DA ESCRITA DO MESTRADO	
1 APROXIMAÇÕES	1
1.1 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: LEITURAS TEÓRICAS E EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS	2
1.2 AS TECNOLOGIAS SOCIOCULTURAIS: PARTICIPAÇÃO VERSUS INCLUSÃO	4
1.3 SOBRE FENDAS E BRECHAS: ALGUNS TRAÇOS ARTÍSTICOS PARA ATUALIZAÇÕES DA CULTURA	9
1.4 SOBRE QUESTIONAMENTOS QUE GUIAM ESTUDOS, AÇÕES E REFLEXÕES	17
2 OBJETIVOS	21
2.1 OBJETIVO GERAL	22
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	22
3 TRAJETÓRIAS CONCEITUAIS	23
3.1 A ARTICULAÇÃO DO SUJEITO NO TERRITÓRIO – SOB AS TENSÕES DA ATUALIDADE	24
3.1.1 PARA LER A PAISAGEM OU UM SISTEMA COMPLEXO	28
3.1.2 AO ENCONTRO DO TERRITÓRIO – GEOGRÁFICO E EXISTENCIAL	31
3.1.3 DA ESCASSEZ ÀS PRODUÇÕES DE SENTIDOS	34
3.2 MUITAS CULTURAS	39
3.2.1 CULTURA: UM CONCEITO EM TRANSFORMAÇÃO	40
3.2.2 UMA ABORDAGEM COMPLEXA DO CAMPO CULTURAL	46
3.3 A CONSTITUIÇÃO DO COMUM - Os COLETIVOS O ESPAÇO PÚBLICO NOS SEUS MÚLTIPLOS SENTIDOS	55
3.3.1 O VIVER JUNTO	57
3.3.2 SINGULARIDADES NA MULTIDÃO	59
3.4 ARTE, CULTURA, SAÚDE E TERAPIA OCUPACIONAL	64
3.4.1 ALGUMAS AÇÕES DE INTERFACE: SAÚDE, CIDADANIA E PRODUÇÃO CULTURAL	68
4 MATERIAL E MÉTODOS	79
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	80
4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	87
4.2.1 CADERNOS DE REGISTRO OU DIÁRIOS DE CAMPO	90
4.2.2 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE OU ATIVA	91
4.2.3 ESTUDO DE DOCUMENTOS OU ANÁLISE DOCUMENTAL	91
4.2.4 OFICINAS DE AVALIAÇÃO E VALIDAÇÃO DA COLETA	92
4.2.5 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	93
4.2.6 PARTICIPAÇÃO EM REUNIÕES DE EQUIPE E SUPERVISÃO CLÍNICA	94
4.3 CONFIGURAÇÃO DO ESTUDO DE CASO – GRUPO <i>PACTO TRABALHO</i>	95

4.3.1	LOCAIS DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	99
4.3.2	SUJEITOS	100
4.4	FUNDAMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS	142
5	AS CATEGORIAS DE ANÁLISE: POSSIBILIDADES DA EXPERIÊNCIA E ENTENDIMENTOS	148
5.1	TEMPO E IMATERIALIDADE – INTENSIDADES COMO MEDIDA	149
5.2	SITUAÇÕES DA CLÍNICA DA VIDA: PRECARIIDADE, LIMITES, NEGOCIAÇÕES POSSÍVEIS	163
5.3	VÍNCULOS, AFETOS E ATRAVESSAMENTOS: FAMÍLIAS, AMORES E AS RELAÇÕES DE AMIZADE	170
5.4	TERAPEUTAS OCUPACIONAIS COMO ARTICULADORES DE REDES	177
5.5	PONTO DE MUTAÇÃO: PASSAGENS CONCRETAS, ACABAMENTOS E PROJETOS SINGULARES EM RELEVO	185
6	DESDOBRAMENTOS E PLANO DE AÇÃO	194
6.1	ENCERRAMENTO DO GRUPO E APONTAMENTO PARA NOVAS MODALIDADES DE TRABALHO	195
6.2	O COLETIVO DE CRIAÇÃO – ENGENDRAMENTO DE PASSAGENS	198
6.2.1	OPERANDO NA COLETIVIDADE – AÇÕES INICIAIS	205
	ANEXOS	217
	REFERÊNCIAS	223

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Olafur Eliasson, *Viewing Machine*, 2001. Aço inoxidável e metal, 190 x 530 cm.
Foto de Pedro Motta.
- Figura 2** – Tunga - *True Rouge*. Redes, madeira, vidro soprado, pérolas de vidro, tinta vermelha, esponjas do mar, bolas de sinuca, escovas limpa-garrafa, feltro, bolas de cristal, 1315 x 750 x 450 cm, 1997.
- Figura 3** – Gordon Matta-Clark, *Splitting*, 1974. Intervenção em casa abandonada (vista de fora). 10
- Figura 4** – Gordon Matta-Clark, *Splitting*, 1974. Intervenção em casa abandonada (vista de dentro) 11
- Figura 5** – Gordon Matta-Clark, *Conical Intersect*, 1975 (série fotográfica de registros do processo. Intervenção em prédio em Paris. 12
- Figura 6** – Gordon Matta-Clark, *Conical Intersect*, 1975. Intervenção em prédio em Paris. 13
- Figura 7** – Gordon Matta-Clark [s/d]. Intervenção num galpão de fábrica abandonada. 15
- Figura 8** – Fernando Velásquez, *Colecionador de Espírito*, 2003-2007. 59
- Figura 9** – Painel formado por obras de vários autores. 71
- Figura 10** – Montagem coletiva e cooperada. 73
- Figura 11** – Xilogravura coletiva, [s/ título], 2005. 73
- Figura 12** – Lençóis de corpos bordados - entrada Teatro Municipal de Osasco. 74
- Figura 13** – Evento de Inauguração - conversa com autores. 75
- Figura 14** – Valeria Pujol, *Duende*, 2004, xilogravura s/ papel manteiga, 30x42 cm. 75
- Figura 15** – Fe Ribeiro, *Grito*, 2004, óleo s/ tela, 100X 80 cm. 76
- Figura 16** – Fê Ribeiro, *Grito solto na pureza*, 2003, detalhe. 105
- Figure 17** – Homem-pássaro, 2004, óleo s/ tela, 30 X 40 cm. 108
- Figure 18** – XR, Coll - Pirateiro do Universo, 2004, detalhe. 53 X 18 X 18,5 cm.
Foto: Beto Teixeira. 109
- Figure 19** – Valéria Pujol, *Bailarina*, 2003, óleo s/ tela, 74 X 92 cm. 112
- Figure 20** – E, *Autoretrato*, 2003, guache seco s/ papel, 43,5 X 62,5 cm. 115
- Figure 21** – Joanes, *Vaso Tridimensional*, 2002, acrílico s/ tela, 64 X 107, 5 cm 117
- Figure 22** – Joanes, *O Homem universal*, 2001, guache seco s/ cartolina, 49,5 X 66,5 cm. 119
- Figure 23** – AC, *Sentidos*, 2001, detalhe, guache s/ papel, 50 X 66 cm. 120
- Figure 24** – AC, *Terra e montanhas*, 2004, xilogravura s/ papel arroz, 47 X 64,5 cm. 122
- Figure 25** – Pia e materiais - ateliê de trabalho, 2006, foto: Beto Teixeira 127
- Figura 26** – Retângulo vazado, 2004, escavação em concreto celular, 53,5 X 19 X 18,7 cm
Foto: Beto Teixeira 133
- Figura 27** – Escravo fora da senzala, 2003, xilogravura s/ papel arroz, 36 X 30 cm. 133

LISTA DE SIGLAS

- ACEPUSP** – Associação Cultural Educadores e Pesquisadores da USP
- CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CAPS** – Centro de atenção psicossocial
- CECCO** – Centro de convivência e cooperativa
- CCPC** – Centro Cultural Popular Consolação
- CCSP** – Centro Cultural São Paulo
- FAPESP** – Fundação de amparo à pesquisa do estado de São Paulo
- HC** – Hospital das Clínicas
- INSS** – Instituto Nacional de Pesquisa Social
- IPT** – Instituto de Pesquisas Tecnológicas
- ITS** – Instituto de Tecnologia Social
- IVOZ** – Instituto Voz
- LOAS** – Lei Orgânica da Assistência Social
- MAC** – Museu de Arte Contemporânea
- MASP** – Museu de Arte de São Paulo
- MINC** – Ministério da Cultura
- OMS** – Organização Mundial da Saúde
- ONG** – Organização Não Governamental
- PACTO** – Programa Permanente Composições Artísticas e Terapia Ocupacional ligado ao Laboratório de Estudo Pesquisa e Arte e Corpo em Terapia Ocupacional
- PROESQ** – Programa de Esquizofrenia da Universidade Federal de São Paulo
- PROJESQ** – Projeto de Esquizofrenia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas
- SUTACO** – Superintendência do trabalho artesanal nas comunidades
- UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura
- UNIFESP** – Universidade Federal do Estado de São Paulo
- USP** – Universidade de São Paulo
- WFMH** – World Federation for Mental Health

Barbosa ND. *Fendas na cultura: a produção de tecnologias de participação sociocultural em terapia ocupacional* [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2010. 259p.

Essa pesquisa estuda o desenvolvimento de novas tecnologias de participação sociocultural da população atendida em Terapia Ocupacional. O foco da pesquisa esteve no processo de acompanhar os sujeitos e grupos vinculados ao Programa Permanente Composições Artísticas e Terapia Ocupacional (PACTO), projeto didático-assistencial do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte e Corpo em Terapia Ocupacional ligado ao Departamento de Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Num território híbrido de encontro entre a Terapia Ocupacional e os campos da Cultura, da Arte e da Cidadania, as questões de pesquisa foram, principalmente: como auxiliar e agenciar o trânsito e a circulação das pessoas e de suas produções realizadas em terapia ocupacional, com os espaços de produção artística e com os espaços de cultura, no contexto sociocultural da cidade de São Paulo na atualidade? Que tecnologias socioculturais favorecem essa participação? Amparados pela perspectiva do pensamento complexo e pelo viés cultural, buscou-se trabalhar num eixo transversal de análise, que parte das experiências artísticoculturais contemporâneas, vinculadas às produções éticas, estéticas e políticas na organização da vida. A pesquisa-intervenção resultou na configuração de um estudo de caso, com uso dos procedimentos metodológicos da pesquisa-ação, e coleta de dados no período entre 2007 e 2008. Constatou-se, a partir da análise qualitativa dos dados, a relevância de temas, tratados nas seguintes categorias: o tempo e a imaterialidade do trabalho; as relações de afeto, amizade e vínculo que estruturam redes de trocas e de criação; a diferenciação entre a produção de sujeitos e valores e a geração de renda; além da constatação da importância do terapeuta ocupacional como articuladores das redes sociais, para a efetivação do trabalho de criação e circulação das produções artísticas dos sujeitos e grupo estudados, operando na sustentação da arte e dos encontros. Como desdobramentos da pesquisa realizada, vislumbrou-se o surgimento de novas territorialidades no universo cultural da cidade, com ações voltadas para a invenção de mundos, onde as relações se pautam na cooperação, na convivência, no exercício da diferença e nos afetos. Instaurou-se a abertura de fendas no espaço-tempo contemporâneo, engendrando novas configurações da vida coletiva, que sustentem a existência de forma criativa e pulsante, e que possam ser multiplicadas.

DESCRITORES: cultura; participação cidadã; terapia ocupacional; ciência, tecnologia e sociedade; autonomia.

Barbosa ND. *Cracks in culture: production of technologies of socio-cultural participation in occupational therapy* [dissertation]. São Paulo: Medical School, University of São Paulo; 2010. 259p.

This research studies the development of new technologies of socio-cultural participation of the population assisted in Occupational Therapy. The focus of the research was on the process of following up the subjects and groups bound to the Permanent Artistic Compositions and Occupational Therapy Program (PACTO), a didactic-assistance project of the Art and Body Laboratory of Studies and Research in Occupational Therapy linked to the Department of Speech Therapy, Physiotherapy and Occupational Therapy of the Medical School of the University of São Paulo. Within a hybrid meeting territory between Occupational Therapy and the fields of Culture, Art and Citizenship, the matters researched were mainly: how to help and enable the transit and circulation of people and their productions in occupational therapy in the spaces of artistic production and with the cultural spaces within the current socio-cultural context of the city of São Paulo? Which socio-cultural technologies favor such participation? Supported by the perspective of the complex thinking and under a cultural approach, we tried to work in a cross-sectional axel of analysis which starts in the contemporary artistic-cultural experiences linked to ethical, aesthetical and political production in the organization of life. The research-intervention resulted in the configuration of a case study by using research-action methodological procedures and data collection from 2007 to 2008. We verified, based on the qualitative analysis of the data, the relevance of the themes dealt with under the following categories: the time and immateriality of the work; affective relations, friendship and the bond structuring exchange and creation networks; the difference between the production of subjects and values and income generation; in addition to verifying the importance of occupational therapists as articulators of social networks to enable creative work and circulation of artistic productions of the subjects and group studied, operating to support citizenship in meetings. As the research unfolded, we could see that new territorialities in the cultural universe of the city came up with actions oriented towards inventing worlds where relations were based on cooperation, living together, exercising differences and affections. Cracks in the contemporary space-time were opened engendering a new configuration of collective life which sustains the existence in a creative and pulsing way and which can be multiplied.

DESCRIPTORS: culture; citizen participation; occupational therapy; science, technology and society; autonomy.

Da escrita do Mestrado



Qualquer idéia que te agrade,
Por isso mesmo... é tua.
O autor nada mais fez que vestir a verdade
Que dentro em ti se achava inteiramente nua...
Mário Quintana, 2009

Adentrar o mestrado e realizá-lo impôs um desafio: encontrar palavras que descrevam a experiência do vivo, do pulsante e do efêmero na vivência que se processa com as pessoas e que provoca múltiplos sentidos que vão muito além da racionalidade que o pensamento consegue captar e formular. É uma vibrante experiência sensorial, emocional e corporal que se opera.

Em suas *Seis propostas para o próximo milênio*, Ítalo Calvino (1990) elege algumas qualidades fundamentais para a escrita e, quem sabe, para a continuidade da existência das gerações por vir: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade.

Impossível, nesse momento, falar com as próprias palavras dessa sensação sobre os limites das possibilidades de escrita (em particular, da minha) com tamanha precisão, por isso, compartilha-se este trecho com o leitor:

(...) minha busca da exatidão se bifurcava em duas direções. De um lado, a redução dos acontecimentos contingentes a esquemas abstratos que permitissem o cálculo e a demonstração de teoremas; do outro, o esforço das palavras para dar conta, com a maior precisão possível, do aspecto sensível das coisas (...) que correspondem a dois tipos de conhecimento: uma que se move num espaço mental de uma racionalidade desincorporada, em que se podem traçar linhas (...), vetores de forças; outra que se move num espaço repleto de objetos e busca criar um equivalente verbal daquele espaço enchendo a página com palavras, num esforço de adequação minuciosa do escrito e do não-escrito, da totalidade do dizível com o não-dizível. São duas pulsões distintas no sentido da exatidão que jamais alcançam a satisfação absoluta: em primeiro lugar, porque as línguas naturais dizem sempre

algo *mais* em relação às linguagens formalizadas, comportam sempre uma quantidade de *rumor* que perturba a essencialidade da informação; em segundo, porque ao se dar conta da densidade e da continuidade do mundo que nos rodeia, a linguagem se revela lacunosa, fragmentária, diz sempre algo *menos* com respeito à totalidade do experimentável. (Calvino, 1990, p.88)

Em certo sentido, este é um trabalho de conversa com muitos autores, numa tentativa de vestir a experiência de palavras... que traduzam essa experiência para aquele que não a viveu. É a busca por uma partilha da vida, numa vontade de pensar junto e fazer com o outro uma leitura disso que se vive, nas palavras de Jacques Rancière (2005), uma partilha do sensível. Conceito paradoxalmente unificador e divisor que gera uma tensão no processo, já que a partilha significa: viver algo junto, criando um comum entre os sujeitos – parte coletiva do processo, aglutinadora e tecida na relação com o outro, na medida em que se faz linguagem e se criam vias de comunicação e interação. Ao mesmo tempo, significa dividir a experiência na qual cada um toma para si uma parte, um jeito de vivenciá-la e compreendê-la, que é singular e ganha formas muito distintas subjetivamente.

Quem segue e acompanha essa história possa, então, acessá-la pelos sentidos que precisam ser tocados e aguçados: texturas – aspereza, sutileza e tessituras que criam relevo; odores – de suor, de tinta, de fumaça de combustível; intensidades de formas – orgânicas e geométricas: retas, cubos, achatamentos na busca de alguma linearidade que não se concretiza; cores vibrantes, gestos e emoções do percurso: inquietação, alegria, sorriso, brincadeira, raiva, amizade, companheirismo, vergonha – sentimentos que vão imprimindo marcas e dando corpo à experiência.

Se ainda for possível pensar numa articulação entre a macropolítica e a micropolítica, cuja diferenciação é feita por Rolnik (2008, p.9), no intuito de propor

formas de lidar com as múltiplas tensões da vida, tanto melhor. A autora diz que ambas, cada uma com sua dinâmica, “têm como alvo a liberação do movimento vital, o que faz delas atividades essenciais para a saúde de uma sociedade - isto é, a afirmação de seu potencial inventivo de mudança quando essa se faz necessária”.

No presente caso, trata-se daquela que se desdobra na relação com as pessoas e nas suas ações e tensões cotidianas, ou seja, no nível molecular da micropolítica cuja ação “intervém na tensão da dinâmica paradoxal entre, de um lado, a cartografia dominante com sua relativa estabilidade e, de outro, a realidade sensível em constante mudança, efeito da presença viva da alteridade que não pára de afetar nossos corpos”. (Rolnik, 2008, p.9)

Nesse sentido, a ação enquanto pesquisadora no próprio desenrolar do trabalho com outros sujeitos torna-se da ordem da performance, onde o autor não pode estar oculto, é preciso que esteja em cena para que os atos de criação (não só artísticos, mas existenciais, fundamentalmente) sejam verdadeiramente percebidos ou acionados.

Inspirada em Edgar Morin (2005) e Pierre Lévy (2007), explicita-se e afirma-se a subjetividade envolvida na construção do conhecimento. Ao situá-lo historicamente, a partir de uma experiência empírica do vivido individual e na coletividade, abre-se para uma outra forma de interlocução, interjeição, crítica; que coloca em movimento aquilo que se engendrou num determinado espaço e tempo, mantendo o conhecimento vivo na escrita.

O livro *Redes de criação*, de Cristina Almeida Salles (2006), traz algumas contribuições para pensar como este trabalho vem se estabelecendo, pois a autora fala dos procedimentos e do próprio percurso que artistas trilham na construção de suas obras, bem como se dão seus processos de criação. Em paralelo, percebe-se que o objeto de nossa pesquisa trata, justamente, de uma série de procedimentos e de ações

que visam promover a convivência entre pessoas em processos de criação: ora de objetos plásticos, ora do seu próprio processo vital, sendo, muitas vezes, indissociáveis um do outro. Este estudo (dos processos de criação de obras) não se restringe ao campo das artes, e pode abarcar as mais diversas áreas da vida – processos de comunicação, de trabalho, de convivência, do pensamento, entre outros (Salles, 2006).

Reforçando esse pensamento sobre os processos criativos, Sant’anna (2001) afirma:

Construir a vida de cada um como obra de arte, não com a intenção de expô-la em museus e galerias. (...) Mas de relacionar forças, potencializá-las, ampliar suas ressonâncias, realçando ao mesmo tempo o indivíduo e o coletivo, o humano e o não humano, não para colocá-los acima da vida, mas dentro dela, de tal modo que ao admirar um gesto humano seja possível tornar admirável também os gestos que o cercam no presente e aqueles que o sucederam no passado. (p. 99)

Nesse sentido, a configuração deste trabalho traz como desejo “de fundo” promover ressonâncias em busca de uma subversão daquilo que Walter Benjamin (1994, p.118) descreveu na década de 1930, como a “pobreza da experiência”: idéia de uma cultura de vidro, aquela dura e lisa, onde nada se fixa, não existe atrito nem possibilidades de qualquer aderência. Nesta, o que prevalece é o reflexo que cega, a impossibilidade de penetração e de constituição de memórias, devido à ausência de porosidade, marcas ou vestígios. É da ordem da subversão, pois o que se propõe, aqui, é justamente uma valorização das múltiplas e inesgotáveis formas de experimentação que deixam marcas, que provocam o atrito, que causam o estranhamento e despertam olhares curiosos e sedentos pela inventividade, pelas formas singulares de se relacionar e transitar pela cidade.

Este trabalho, enquanto processo de criação, abarca características específicas: a primeira delas é o fato de que o campo relacional é fundante de todo trabalho criativo.

Não existe processo criativo isolado, pois todos estamos imersos num universo de objetos, pensamentos, processos culturais, interações com os outros etc. Seguindo este raciocínio, Salles (2006, p.22) chega ao conceito de processo de criação em rede, que nos remete às seguintes condições: simultaneidade de ações; ausência de hierarquia; não linearidade; estabelecimento de nexos; inacabamento; elementos de interação (nós da rede) e incorporação do acaso. Para ela, é necessário uma “permanente atenção às contextualizações e ativação das relações que o mantém [o processo criativo] como sistema complexo.”

Dentre os diversos elementos citados, vale destacar, neste momento introdutório, dois aspectos trazidos pela autora: (i) a condição de incompletude e (ii) o inacabamento da “obra”. Ao falar da obra de Giacometti, Salles (2006, p.20) coloca “o inacabamento como inevitável fatalidade (...) que está associado visceralmente à insatisfação que o enfrentamento da imprecisão acarreta”. O que se alcança são sempre gestos aproximativos, adequações na busca de uma inatingível completude que “opera no universo da incerteza, da mutabilidade, da imprecisão e do inacabamento” (p.21).

Ao fazer um recorte no tempo e no espaço, o presente estudo-intervenção se apropria desses dois elementos, se fazendo *obra*. Ele deixa fios da rede muitas vezes à deriva, priorizando e elencando o seguimento de outros, que passam a ser as linhas de força do trabalho, permanecendo aberto e inacabado.

Ao longo do texto, instaura-se uma realidade bastante opressiva junto a narrativas de experiências-limite que escancaram a precariedade da vida e levam a uma quase estagnação do processo criativo e de nossas possibilidades de criar conexões e irrigações, para que este sistema vivo continue pulsando: pressões inevitáveis na luta pela sobrevivência, frustrações advindas de movimentos vitais e fluxos interrompidos bruscamente, a completa incompreensão de situações muito duras, cenas de

humilhação, formas coercitivas de comportamentos desviantes, fragmentações que diluem e dificultam nossa capacidade de diferenciação, fazendo crer na ilusão de um só caminho, ou ainda, de que não há escolha.

Felizmente, tomou-se fôlego e, envolvidos pela força do trabalho coletivo, buscaram-se outras saídas. Nesse sentido, o contato com obras artísticas contribuiu, disparando conexões de pensamento, instaurando a dúvida, o questionamento, a curiosidade e a indagação...

Descrevem-se, a seguir, duas obras que fizeram “arejar” e vislumbrar possibilidades de conexão do pensamento que a experiência desta pesquisa proporcionou em sua profunda ligação com a vida.

- A LEITURA PELO SENSÍVEL: ASSOCIAÇÕES METODOLÓGICAS E SENSORIAIS

A exposição *Pontos de Vista* (2008), na Galeria Mata do Museu de Inhotim- MG (Centro de Arte Contemporânea), ajuda a descrever melhor como vai se constituindo o próprio trabalho da pesquisa e do pensamento. Todas as obras envolvidas ligam os artistas por sua temática em torno do espectador (que transposto para a pesquisa trata-se do pesquisador-observador-participante) e o interesse voltado para seu “processo de percepção da forma, (...) buscando novas maneiras de conexão entre o sensível e o mental”.¹

A primeira obra, escolhida para a entrada da exposição, *Viewing Machine* (2001), de Olafur Eliasson, é construída em forma de um caleidoscópio gigante, cuja matéria toda em aço inoxidável funciona como um espelho em seu interior. De acordo com o posicionamento do visitante no seu lado de conversão ou divergência da imagem, tem-se a imagem focal (reduzida a um ponto) ou expansiva da paisagem que está à sua frente. O suporte do caleidoscópio é móvel, e pode ser direcionado para cima ou para baixo, além

¹ Museu de Inhotim. Texto de apresentação da exposição, 2008 [Impresso].

de permitir movimentos circulares, promovendo uma visão panorâmica (em 360°). As inúmeras variações no uso do objeto e possibilidades de experimentações resultam em visões completamente diferentes, a partir de um mesmo suporte ou dispositivo criado para olhar... cuja tradução literal seria uma “máquina de ver”.



Figura 1 – Olafur Eliasson, *Viewing Machine*, 2001. Aço inoxidável e metal, 190 x 530 cm. Foto de Pedro Motta.²

Essa experiência estética, lúdica e prazerosa, remete à abertura de que se falou anteriormente, e à necessidade de disponibilização dos sentidos, para um investimento curioso do olhar sobre a realidade que desejamos compreender. Indo

² Disponível em: www.inhotim.org.br/arte/obra/view/344. Acesso em 12 ago 2008.

mais a fundo, volta-se para o questionamento levantado no texto de apresentação da exposição (2008):

Como a forma a princípio domínio da rigidez e da determinação, pode ser uma plataforma dinâmica para participação do público? Como estas obras, muitas vezes encontram sua força na relação ativa com o espaço onde estão instaladas, podendo mudar sua conotação e potência em diferentes montagens? ³

Ou ainda, inspirados em Milton Santos: como a construção do espaço, poderá promover a participação dos sujeitos, a partir da construção de dispositivos múltiplos? Como engendrar novas formas de configuração grupal, por exemplo, esta que se apresentará e estudará aqui – o *Pacto Trabalho* –, particularmente, entre outras experiências relatadas que, perante um sistema asfixiante e de achatamento das formas de se comportar e de viver, possam gerar claramente uma tensão de forças, oxigenando o próprio ambiente com novas sociabilidades e abrindo para invenções mais criativas da vida cotidiana?

Dessa forma, qualquer que seja a leitura que se exercite neste estudo, ela será como fotografias de instantâneos, o que não resultará na comprovação unificadora de uma hipótese, pelo contrário, permanecerá aberta; e no seu decorrer, ao se tentar olhar com outros ou diversos olhos para a mesma questão, provavelmente, novos questionamentos e outras aberturas far-se-ão, resultando assim, em nosso objetivo último e grande desafio: o exercício do pensamento crítico e analítico.

Escolhe-se uma segunda instalação que remete exatamente à experiência do sensível, que gostaria de acessar e propor com este trabalho.

³ Museu de Inhotim – MG. Texto de apresentação da exposição [Impresso] 2008.



Figura 2 – Tunga - *True Rouge*. Redes, madeira, vidro soprado, pérolas de vidro, tinta vermelha, esponjas do mar, bolas de sinuca, escovas limpa-garrafa, feltro, bolas de cristal, 1315 x 750 x 450 cm, 1997.⁴

O artista – conhecido por suas ações performáticas e proposições efêmeras que incorporam transeuntes, grupos sociais, como motobóis, crianças de rua, por exemplo, provocando e instigando todos ao redor – investe aqui numa instalação performática, cujos objetos foram manipulados pelos visitantes na inauguração dessa Galeria.

Antes de saber desse *acontecimento*, entro em contato com este vestígio de obra e as sensações disparam pensamentos e imagens simultâneas: fluidos do corpo, mais imediatamente o sangue, a matéria viva que passa por canais e tubos circulando pelas inúmeras partes do corpo da instalação, num fluxo vital e orgânico. Ao mesmo tempo, os objetos são encapsulados em bolsas, redes porosas que possibilitam o acesso ao exterior, mas permanecem dentro. Um equilíbrio instável ou um desequilíbrio estável, que remete aos processos da vida e sua precariedade, discutidos por Lima (2003) em sua tese de doutorado. A obra é imponente, ela se firma e se afirma nesse limite força-

⁴ Imagem disponível em: www.inhotim.org.br/arte/artista/view/150 Acesso em: 12 ago 2008.

fragilidade. Ao vê-las penduradas por fios em estruturas de madeira como num móbile, segue com uma sensação de suspensão e controle, um controle externo a mim, que remete aos processos manipulatórios do corpo, nos tubos de ensaio presentes no espaço e, da manipulação da vida, que Pelbart (2003) designa aos processos engendrados pelo sistema capitalista provocando embates entre a vida biopolítica ou gerida pelo biopoder. Este autor, bem como o artista nessa obra, ambos tratam da experiência da vida nua, a sobrevida – o que resta depois da extração da essência, do elixir da vida, que é encapsulado, embalado, objetificado e posto em exposição, senão, à venda, pelo sistema vigente.

A vida passa pela gente...
ou a gente passa pela vida?

fluxos e intensidades nos atravessam
momentos perigosos à beira da linha da vida
entre vida e lixo
podridão
ninguém se olha, nada se vê
tudo se dissolve no movimento interminável das ruas

Onde está o lugar de repouso?
o olhar distante
só mesmo olhando para o céu...
procurando um pedaço de céu
saída para a imensidão.

Arranha-céu
o tempo é corrido
arranha o céu
descasca o muro
pintam-se as paredes

dentro
só pulso

navego.

Naiada Barbosa, 2008

1 Aproximações



Acreditar no mundo é também suscitar acontecimentos, mesmo que pequenos, que escapem do controle, ou então fazer nascer novos espaço - tempos, mesmo de superfície e volume reduzido... É o nível de cada tentativa que são julgadas a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. São necessários, ao mesmo tempo, criação e povo.

Deleuze, 1990

1.1 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA: LEITURAS TEÓRICAS E EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS

A pesquisa desenvolvida ao longo do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação tem suas raízes na pesquisa “Corpo e Arte: articulando ações em Terapia Ocupacional”, da qual participei, anteriormente, como bolsista de capacitação técnica pela Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo – FAPESP, e colaboradora do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte e Corpo em Terapia Ocupacional – PACTO, dando continuidade à intervenção e ao estudo a partir do seu desdobramento neste projeto de pesquisa aprovado em janeiro de 2007. Em agosto de 2008, o presente projeto recebe apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, auxiliando a continuidade e o término da pesquisa.

Deste período até então, o investimento e aprofundamento na área pesquisada trouxeram desdobramentos importantes para minha formação continuada como pesquisadora, bem como para o desenvolvimento da pesquisa em Terapia Ocupacional em novas áreas, como aquelas que desenvolvem ações interdisciplinares na interface das áreas da Saúde, Artes e Cultura.

As ações práticas, teóricas e didáticas implementadas neste projeto vêm contribuindo, também, para a configuração de novas formas de relação entre as pessoas: população atendida, profissionais envolvidos, estagiários, além de possibilitar

a renovação de linguagens e a comunicação pautada na perspectiva de aproximar esta população do contexto atual: das novas tecnologias, da informatização, do digital e da produção cultural independente, o que abre mais um canal para a produção artística envolvida nestas ações e para a participação cultural de forma singular.

O trabalho em equipe trouxe a possibilidade de aprendizado no campo das práticas socioculturais, em gestão de pessoas e projetos, e permitiu iniciar o aprofundamento nos estudos e práticas ligadas ao engendramento de coletivos de trabalho, e a possibilidade da organização de pessoas através da junção de interesses comuns, de forma cooperada e participativa. As questões do desenvolvimento da autonomia, da participação sociocultural e da garantia de direitos, enquanto cidadãos, ganham foco no presente estudo.

* * *

Seguindo os princípios do pensamento complexo de Edgar Morin (2005; 2007), a autonomia é sempre relativa. Isto se deve à auto-organização do vivo que, em níveis ampliados de complexidade, é uma autoecorganização, o que implica a conjunção do funcionamento de sistemas orgânicos e sistemas da ordem social, combinando ainda os fatores de desordem, acasos, ruídos e desequilíbrios sistêmicos. Este sistema de relações entre indivíduo e meio, com maiores ou menores aberturas e possibilidades de troca, seguindo a trilha do fenômeno de autoecorganização produz a autonomia. Tanto para Morin quanto para Canclini (2007) – autores nos quais se detém no decorrer do trabalho – a autonomia é variável de acordo com as possibilidades de conexão e interação: quanto menor for o isolamento do sujeito de seu meio, ou quanto maior for sua capacidade de conexão, maior será sua autonomia.

Além de relativa, a autonomia é também potencial, ou seja, com a aquisição de conhecimento e construção de vínculos, torna-se cada vez mais apto a brincar e a jogar com a realidade, abrindo brechas nos determinismos antropossociais e provocando dissonâncias, rupturas nas linguagens que forçam a mudança e a atualização do real. Assim, acredita-se que um ato humano individual reverbera no fenômeno cultural, e todo o complexo cultural coletivo se atualiza com esta ação individual (Morin, 2005).

Nesse processo, atitudes profissionais associadas à pesquisa buscaram capacitar pesquisadores e estagiários, para o enfrentamento de um desafio inerente à formação contemporânea em Terapia Ocupacional: a complexidade das situações de vida e saúde da população atendida, suas diversas características sociais, culturais e econômicas, que implicam a configuração de demandas múltiplas e, por sua vez, a organização e a invenção de muitas estratégias de ação, maneiras de agir e fazer dos terapeutas ocupacionais no cotidiano de suas práticas, construindo o que se chama de tecnologias de participação socioculturais, conceito que se desenvolverá a seguir.

1.2 AS TECNOLOGIAS SOCIOCULTURAIS: PARTICIPAÇÃO *VERSUS* INCLUSÃO

Ao longo de todo o trabalho, debate-se com algumas palavras na busca de termos mais precisos, que nomeiem a experiência com a maior aproximação e a melhor descrição possível dos fatos e acontecimentos narrados, bem como dos conceitos a que remetem.

A escolha da expressão “tecnologia de participação sociocultural” deriva daquela referida à “tecnologia de inclusão sociocultural”, utilizada pelo Programa Mais Cultura do Ministério da Cultura – MINC, em 2006, que, por sua vez, apropriou-se do conceito de

tecnologia social desenvolvido pelo Instituto de Tecnologia Social – ITS. Este surge com intuito de ampliar a visibilidade e o reconhecimento de práticas de intervenção social voltadas para a melhoria das condições de vida, que criam soluções participativas, e que são principalmente desenvolvidas por organizações da sociedade civil – ONGs. Com o interesse de aproximar o conhecimento gerado dessas práticas a um conhecimento reconhecidamente científico, o Instituto realiza o mapeamento de experiências, a promoção de encontros e debates sobre o assunto, além do levantamento e a pesquisa bibliográfica sobre o tema, organizando e disponibilizando acervo especializado.

O termo “tecnologia” designa utilização de técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos em determinados domínios da atividade humana, e no caso do Prêmio Cultura Viva, das atividades no campo das artes e da cultura. O que resulta no desenvolvimento de tecnologias sociais seria um conjunto de práticas de intervenção social que, segundo o *Manual* (Brasil, 2006):

- Buscam propostas de soluções criativas e participativas para demandas culturais específicas ou localmente identificadas;
- conjugam práticas artísticas e ações educacionais para a melhoria das condições de vida da comunidade;
- organizam formas democráticas de tomadas de decisão, partindo de estratégias de mobilização para a participação da população;
- envolvem a produção de saberes e a construção de métodos de ação inovadores que se tornam referência e inspiração para novas experiências.

Incrementa-se o termo com “sociocultural”, ao se tratar de uma categoria concebida para abarcar iniciativas culturais que atuam na articulação entre cultura e

cidadania, ou seja, que buscam garantir aos cidadãos a ampliação e o exercício pleno dos direitos culturais (Brasil, 2006).

Canclini (2007) afirma ainda, num nível macropolítico, que o cultural é inseparável do social, pois ao estudar o cultural, incluem-se os processos de representação e intuição imaginária do social, concebendo e gerindo as relações com o outro, suas formas de organização pelas diferenças, as disputas entre local e global e os atores que abrem para o possível. Para ele, coexistirão muitos sistemas socioculturais em processos de interação, que passam por negociações e confrontações, gerando o intercultural.

Pontuadas as expressões “tecnologia sociocultural”, chama-se a atenção para a substituição/deslocamento do termo ‘inclusão’ para ‘participação’ sociocultural.

O eixo central que se deseja discutir está pautado na afirmação das diferenças culturais, nos níveis desiguais de oportunidades e condições econômicas, educacionais e sociais, em termos de organização do sistema que rege o território e as pessoas, o que inclui situações de localização e condições de moradia; de reconhecimento de direitos civis enquanto cidadãos; do transporte e deslocamento para circulação pela cidade; entre outros aspectos de valorização ou não de determinados saberes. Além disso, precisa-se lidar com as possibilidades de conexão e desconexão de um mundo informatizado, e organizado para funcionar em rede, a partir do acesso à informação.

Quando tudo isso designa ou configura um campo relacional em potencial, parece que a questão deixa de ser quem faz parte ou não (lógica da inclusão/exclusão), e se configura em como se articula essa complexidade do campo e seus eixos de organização (da comunicação, por exemplo); e quais são as ferramentas que podem potencializar os encontros e as ligações que permitem a conexão e viabilizam uma participação ativa (não submissa) nos processos de organização e expressão do sociocultural?

Todos os autores aqui estudados – Néstor G. Canclini (2007); Edgar Morin (2007); Teixeira Coelho (1989, 2008); Pierre Lévy (2007) –, entre outros, falam do eixo comunicacional como central e determinante numa análise da atualidade. A informação tem papel organizacional no sistema complexo. Repleta de sentido comunicacional, ela é memória, mensagem, saber, matriz organizacional, tudo isso ao mesmo tempo. Ela é o “elo e a ruptura entre ordem física e ordem viva” (Morin, 2007, p.26). Mas para cumprir com todas as suas funções, ela precisa ser integrada, absorvida em sua forma e conteúdo, ou seja, dotada de sentido.

Dar acesso à informação pressupõe exatamente isso, e significa em última instância, possibilitar a absorção de uma unidade ou sistema complexos. Mas como problematiza Canclini (2007), a informação chega em fragmentos, dos quais são extraídos seus sentidos originais e manipulados em sua essência. Somos bombardeados de estímulos informacionais que promovem uma sensação de livre acesso à informação, mas o que há é um grande monopólio dos sistemas comunicacionais mundiais, de produção e distribuição da informação. A disponibilização de computadores e acesso à rede da Internet não garante a assimilação da informação, nem mesmo de que o conteúdo acessado seja válido ou útil, pois assim, como nos diz Lévy (2007, p. 25),

(...) a quantidade de mensagens em circulação jamais foi tão grande, mas dispomos de um número muito reduzido de instrumentos para filtrar a informação pertinente, para efetuar comparações segundo significações e necessidades que continuam sendo subjetivas, para nos orientar no fluxo informacional.

Esta última ação também não deve ser entendida automaticamente como “instrumento de inclusão”, pois estamos falando da produção de tecnologias (o que se diferencia do “ter acesso” a equipamentos tecnológicos) motoras e propulsoras

da construção do conhecimento. Nesse sentido, Canclini (2003, p.29), afirma categoricamente que:

a carência de disposições de compreensão artística e intelectual, cuja formação requer décadas, assim como a perda de instrumentos conceituais pela deserção escolar e a escassez de estímulos culturais complexos e duradouros, não se resolvem instalando computadores em algumas milhares de escolas e predicando efeitos mágicos de internet para o restante. Rajadas de globalização não podem compensar políticas tecnocraticamente elitistas e, por isso, finalmente, discriminatórias.

A complexidade desse fenômeno implica a constituição do que Lévy (2007, p.26) denominou *espaço do saber*, o qual nos instrumentalizaria com técnicas de comunicação: “filtrar o fluxo de conhecimentos, navegar no saber e pensar juntos, em vez de carregar consigo massas de informação”. Isso só pode ser obtido pela renovação dos laços sociais que, em nosso entendimento, se relaciona à criação de novas formas de compor e constituir o coletivo, a partir das relações de afeto e de convivência, que permitem o reconhecimento das potencialidades e singularidades dos sujeitos. É nesse sentido que o autor afirma:

Toda atividade, todo ato de comunicação, toda relação humana implica um aprendizado. Pelas competências e conhecimentos que envolvem, um percurso de vida pode alimentar um circuito de troca, alimentar uma sociabilidade de saber. (p. 27)

Nesse sentido, é preciso enfrentar, cotidianamente, o desafio da construção de um conhecimento crítico e inovador, capaz de articular múltiplas ações que viabilizem o discurso humano e social, e que situem as práticas da Terapia

Ocupacional para além de uma fragmentação do saber, tão frequente na área da saúde. A interdisciplinaridade é um pressuposto contemporâneo na consolidação desta área, e exige estudos que integrem outros campos do conhecimento – biológicos, psicológicos, antropológicos e sociais – exercício que Edgar Morin nomeia de trabalho biopsicoantropossocial. Abrangência que para ser construída necessita de um trabalho por etapas aproximativas, configurando uma rede interligada de conceitos, onde não há uma hierarquia, mas o estudo de conceitos mutuamente consistentes, permitindo abordar os problemas de forma a favorecer as inventividades necessárias. Este processo exige a presença de diversas pessoas que, coletivamente, estudem esta forma de abordagem para a construção do conhecimento científico contemporâneo (Castro, 2006).

1.3 SOBRE FENDAS E BRECHAS: ALGUNS TRAÇOS ARTÍSTICOS PARA ATUALIZAÇÕES DA CULTURA

Quando nas *Conversas com Kafka* Janoush diz ao escritor checo que vivemos num mundo destruído, este responde: « Não vivemos num mundo *destruído*, vivemos num mundo *transtornado*. Tudo racha e estala como no equipamento de um veleiro destroçado. » Rachaduras e estalos que Kafka dá a ver, e que a situação contemporânea escancara. Talvez o desafio atual seja intensificar esses estalos e rachaduras a partir da biopotência da multidão.

Pelbart, 2002

Nas obras do artista Gordon Matta-Clark, presentes na 27ª Bienal de Arte de São Paulo (Bienal, 2006, p.82), depara-se com vídeos, instalações e fotografias, que chamam a atenção, particularmente, pela capacidade de gerar estranheza e questionamento. Indagações como “*o que é isso? Será mesmo que é o que estou*

vendo?” levam à hesitação, ou talvez ainda, à revisão, mesmo que por alguns segundos, da concepção pré-estabelecida da realidade, diante de códigos visuais e de uma proposição estética singular, cria-se um espaço, um vazio, uma fenda, que abre para a dúvida, para a reflexão, já que a decodificação feita à primeira vista da obra não condiz com o que “realmente” está ali, diante de nossos olhos. Alguns visitantes comentavam: “*isso é uma montagem? Como é possível?*”.

Dentre os trabalhos daquela Bienal, esta fotografia provoca o primeiro impacto:



Figura 3 – Gordon Matta-Clark, *Splitting*, 1974. Intervenção em casa abandonada (vista de fora).⁵

⁵ Imagens encontradas em pesquisa no Google: http://images.google.com.br/images?client=firefox-a&rls=org.mozilla:pt-BR:official&channel=s&hl=pt-BR&source=hp&q=gordon+matta-clark&um=1&ie=UTF-8&ei=X1aqSpfbJZORTgeCmfIRCA&sa=X&oi=image_result_group&ct=title&resnum=4. Acessado em: 15 ago 2009.

Nesta obra, Matta-Clark abre uma fenda numa casa abandonada, a partir de um enorme corte vertical que divide a casa em dois. Ao assistir os vídeos sobre o processo dessa e de outras intervenções, entendem-se as etapas e os cuidados necessários para o *acontecimento*: máquinas como serras elétricas, cabos de aço e cordas amarradas nas árvores ao redor eram alguns dos recursos utilizados, para que a estrutura não desabasse por completo durante a intervenção.



Figura 4 – Gordon Matta-Clark, *Splitting*, 1974. Intervenção em casa abandonada (vista de dentro).

A imagem resultante é de suspensão, de abertura para algo inusitado, algo ainda por vir, ou simplesmente traduzindo-se num desconforto ou estranhamento, ao nos encontrar diante de algo que parece “mentir” para nós, nos trapacear o olhar. Todos os artifícios, as estratégias para se chegar neste momento não aparecem, mas tudo que é feito só importa porque, uma fenda é gerada, um corte na realidade concreta é feito, abrindo espaço e trazendo luz, reinventando o real, fazendo-o

arejar, reviver aquilo que estava abandonado, ressignificando-o, mesmo que por alguns minutos ou horas antes que tudo viesse abaixo pelo processo de demolição, já sabido e esperado pelo artista.

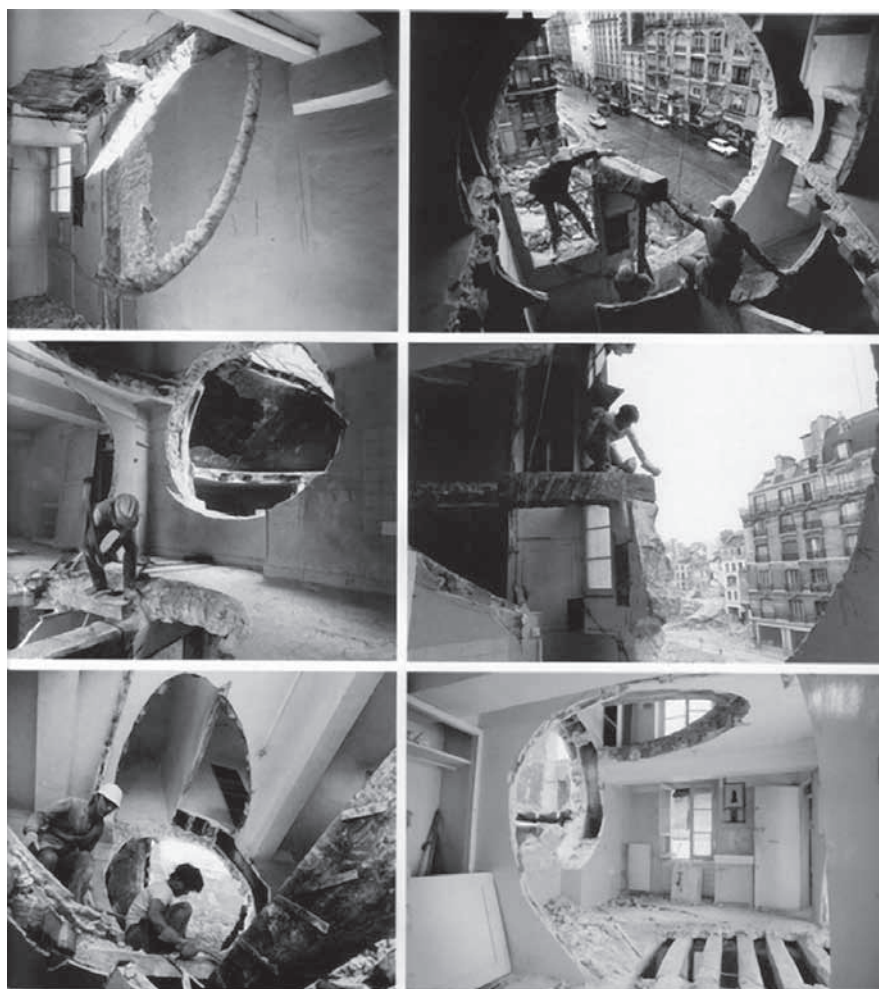


Figura 5 – Gordon Matta-Clark, *Conical Intersect*, 1975 (série fotográfica de registros do processo). Intervenção em prédio em Paris.

É a irrupção do novo que se propõe através da desconstrução ou reconstrução de espaços abandonados, numa denúncia crítica sobre nosso sistema capitalista de desapropriação dos sujeitos de suas próprias vidas, obrigando a olhar para tal realidade e questioná-la, vê-la por outros ângulos possibilitados pelo artifício da obra.

Suas ações/intervenções no espaço, muitas vezes marcadas pela radicalidade, permitem o exercício de indignar-se, de olhar para a realidade diferentemente e quem sabe, cavar buracos, abrir fendas, encontrar saídas, criar outros jeitos que nos levem a outros mundos e ao encontro de novas formas de composição e de existência.

E não seria esta a forma de gerar conhecimento de fato e de atualizar o mapa cultural vigente?



Figura 6 – Gordon Matta-Clark, *Conical Intersect*, 1975. Intervenção em prédio em Paris.

O foco desse estudo emerge da experiência profissional vivida e construída junto ao Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte e Corpo em Terapia Ocupacional, mais especificamente no acompanhamento do grupo *Pacto Trabalho*, o que implicou práticas

desafiadoras que propuseram ações interdisciplinares, pautadas em movimentos e estratégias para transitarmos e habitarmos novos ambientes socioculturais da cidade.

Em relatório de pesquisa anterior (Castro, 2005), encontra-se um trabalho de explicitação e de construção do método de trabalho do PACTO, em que se apercebe da:

necessidade de criar uma participação num sistema que oprime e, portanto, é preciso ‘trapaceá-lo’, construindo formas de resistência que não o impede de funcionar, mas sim aproveita o seu funcionamento de formas bastante singulares, através da criação de *fendas* e brechas no tecido por ele engendrado, gerando nesta ação uma capacidade de compreender (e não só entender) a estranha diversidade de nossa espécie. (p.181, grifo nosso)

Busca-se, dessa forma, exercer uma terapia ocupacional que se constitui no âmbito ético, estético e político da vida, visando abrir fendas, fissuras no tempo/ espaço contemporâneos cujos modos de ser e agir ainda se encontram enclausurados, engavetados em setores fragmentantes da experiência real da vida, num sistema baseado nas leis de produção, consumo e descarte. Como afirma Sueli Rolnik (1996, p.4):

é primeiro em microuniversos culturais e artísticos que relações de força inéditas ganham corpo e, junto com um corpo, sentido e valor. (...) acabamos de topar com uma confluência de paisagens da subjetividade e da cultura... a criação de um determinado mundo não é apenas um perfil subjetivo que se delinea, mas também é indissociavelmente, um perfil cultural.

A ideia de “brechas” aparece em Morin (2005) com sentido semelhante àquele trazido pela imagem das fendas e fissuras descritas anteriormente, à medida que o autor descreve o processo de atualização cultural. Para ele, é no processo dialético entre cultura e conhecimento, exatamente nos intervalos, nas quebras deste processo,

ou melhor, quando há ruptura de linguagem, quebras de sentido, momentos de caos e desorganização, que, justamente ali, por entre as brechas do já conhecido, um elemento novo se apresenta, reconfigurando e atualizando o real.

Já para os artistas Maurício Dias e Walter Riedweg (2007), existe uma diferença fundamental entre uma brecha e uma fenda, pois a brecha é uma escolha, “você entra porque quer, e na fenda você cai.”. Para eles, estar na fenda é a oportunidade de romper com o que está dado, e transformar o real; enquanto aproveitar-se das brechas pode ser simplesmente uma adaptação ao real circunscrito.

Nesse estudo, pode-se afirmar que existem momentos de brechas e de fendas, pois muito do trabalho envolvido nas práticas com populações em situação de vulnerabilidade social significa se apropriar do real, se adaptar a ele para prosseguir vivendo, e ao mesmo tempo, *re-significá-lo*, tensioná-lo a ponto de causarmos microrrupturas, fendas importantes que singularizam as experiências e dão outro sentido, mais heterogêneo, ao sujeito no mundo social. Entre brechas e fendas, criam-se as passagens!



Figura 7 – Gordon Matta-Clark [s/d]. Intervenção num galpão de fábrica abandonada.

Ante estas colocações, apresenta-se, a seguir, a construção do trabalho teórico e prático realizado junto à população atendida, que se configura o objeto de estudo e intervenção dessa pesquisa. É importante que essa noção de objeto, pouco a pouco, seja substituída pelos sujeitos: sujeitos das ações, da pesquisa, da produção das tecnologias de participação, da produção de singularidades, e de uma outra cultura, pautada pelos valores dos afetos, da convivência, da horizontalidade das relações, e da produção de conhecimento – não aquele que me distancia do outro e me distingue, mas daquele que me aproxima e me re-conecta à vida e aos outros.

Para Regina Benevides de Barros (1994, p.149), a definição de sujeito está ligada à noção de processo: “processos de produção que compreendem vários tipos de individuação (...) tanto individuações do tipo sujeito como acontecimentos sem sujeito.” Seguindo pelo mesmo caminho, ela define subjetividade e processos de subjetivação como modos de existência e possibilidades de vida marcadas pelos registros de sentido de formas de estar, sentir, pensar e viver o mundo. A autora apresenta essas diferenciações entre indivíduo-sujeito-grupo-sociedade, numa tentativa de escapar das dicotomias impostas (indivíduo/grupo, grupo/sociedade, unidade/totalidade), o que torna possível um deslocamento acerca da noção de grupo, aproximando-a dos conceitos de dispositivo e subjetividade, onde nos deparamos com a multiplicidade, a provisoriedade, a heterogeneidade e a singularidade; no lugar da determinação, da generalidade e da homogeneidade. O dispositivo-grupo é definido como “catalisador existencial que poderá produzir focos mutantes de criação” (p. 151). Este, por sua vez, aciona processos de decomposição e produz novos devires, novos acontecimentos. Nesse sentido, Barros afirma que “instaurar *rupturas* nas tendências totalizadoras, unificadas e naturalizadoras abre possibilidades para novos processos de singularização” (p. 152, grifo nosso).

1.4 SOBRE QUESTIONAMENTOS QUE GUIAM ESTUDOS, AÇÕES E REFLEXÕES

Desde o início da pesquisa até o momento presente, muitos foram e ainda são os questionamentos pertinentes ao trabalho. Foram eleitos alguns como centrais ao projeto e ao estudo realizado.

Como auxiliar/agenciar na atualidade, o trânsito e a circulação das pessoas e de suas produções entre os espaços das práticas contemporâneas em terapia ocupacional⁶, os espaços de produção artística e os espaços de cultura? Que passagem é essa? Quais os pontos fundamentais de interlocução entre terapeutas, a população atendida e o entorno artístico-cultural? Quais as tecnologias de participação socioculturais que favorecem essa circulação?

Ao atuar no campo da arte e da cultura, depara-se com a configuração de um sistema fechado que vai desde a concepção das obras, da concepção dos artistas que as produzem, passando pelos locais e formas como são expostas, vistas e analisadas por uma determinada crítica, até tornarem-se produtos com determinado valor, consumidos com sua venda por uma minoria. Esses passos da cadeia mercadológica da arte são controlados e muito bem articulados entre si. Para Ronaldo Brito (2005), o mercado de arte se autogerencia através de mecanismos de controle da produção e da fruição. Para o autor, esse controle acontece ao se privilegiarem certas linguagens, divulgá-las de certa maneira num espaço com significações prévias; além de uma leitura específica que é feita desta produção, dos textos escritos sobre ela e da configuração dos espaços para venda dos objetos, também bastante seletivo.

Torna-se urgente a construção de formas de resistência à lógica capitalista do mercado de arte. Isso permitiria maior distanciamento entre circuito e mercado de

⁶ Ao longo do trabalho, utiliza-se terapia ocupacional em letras minúsculas quando se tratarem dos fazeres e das práticas especificamente implementadas pelos profissionais. Ao referir-se à área do conhecimento, campo ampliado de saber e de práticas gerais, a Terapia Ocupacional aparecerá com letras iniciais maiúsculas.

arte, criando uma tensão para: permitir uma fruição menos classista; o consumo de objetos artísticos como fatos culturais, polarizadores de debates e críticas – “a criação de formas paralelas de divulgação e aproximação com pessoas de fora do circuito” (Brito, 2005, p. 60). Para este autor, ainda, a reconquista de um espaço cultural para a arte contemporânea solicita uma ação coletiva em torno de um programa comum. O que exige politizar os relacionamentos: trabalho - mercado; trabalho - circuito; circuito - ambiente cultural, a fim de escapar à ideologia de arte vigente.

As práticas neste campo são desafiadoras e propõem novos problemas para a Terapia Ocupacional e para as áreas que investem em reflexões sobre a construção da entrada destas produções nos ambientes socioartísticocultural da cidade. Estas são pautadas por movimentos e estratégias de ação que buscam seguir resistindo para habitar este circuito. A função de nosso trabalho na contemporaneidade, nas palavras de Brito (2005) seria, exatamente, de forçar os limites de permissividade do circuito (volta-se às fendas). A existência deste tipo de trabalho, dentro da universidade, e em outros espaços de caráter público, faz-se imprescindível e fundamental, pois, de certa forma, encontramos-nos protegidos, distanciados do discurso do mercado, e isso é um fator avaliado como interessante, já que permite sustentar produções e discursos críticos paralelos aos do mercado (Brito, 2005).

Entende-se que o acompanhamento e as proposições feitas junto ao grupo *Pacto Trabalho* desdobraram-se em ações importantes: a implementação de uma nova configuração grupal – o Coletivo de Criação que acontece nos dias de hoje no Centro de Cultura Popular da Consolação; a avaliação das práticas realizadas; e o estudo de diversos campos teóricos que potencializam e problematizam as práticas desenvolvidas. O trabalho realizado permitiu o engendramento de algumas formas de entrada e de circulação das pessoas atendidas e de suas produções no circuito sociocultural da

cidade, e desencadeou um embate constante do que isso provoca e impele. Que possibilidades existem e o que pode ser criado, para contemplar as necessidades e desejos dessas pessoas em seguir produzindo criativamente e compartilhando a vida em novos espaços de coletividade? Que espaços são esses e que relações se estabelecem? Que interlocuções são possíveis, quais são os limites e entraves do percurso?

Nesse processo de investigação, conta-se com o trabalho de coleta dos dados, a fase de organização e apresentação do material, seguido do tratamento e análise dos dados, o que permitirá desenvolver reflexões importantes acerca do tema estudado, dando consistência a propostas de intervenção, e que podem se constituir como tecnologias de participação socioculturais, desenvolvidas no campo da Terapia Ocupacional.

Essa construção de um campo conceitual, que abarca tendências contemporâneas e que parte da perspectiva de um saber local, precisa ser refletido e comprometido, também em termos éticos e políticos, e, sendo assim, acredita-se que poderá auxiliar profissionais no enfrentamento da complexidade da realidade da população brasileira, em especial a atendida nesta área (Castiglioni, 2004).

Que mecanismos ou dispositivos podem ser construídos e utilizados para a emancipação de todos – incluindo os participantes do grupo pesquisado e da equipe técnica? Pode-se, de fato, adentrar territórios que vão além do âmbito da saúde, e sermos reconhecidos como parte manifestante da diversidade cultural contemporânea? Será possível exercer nossa cidadania cultural?

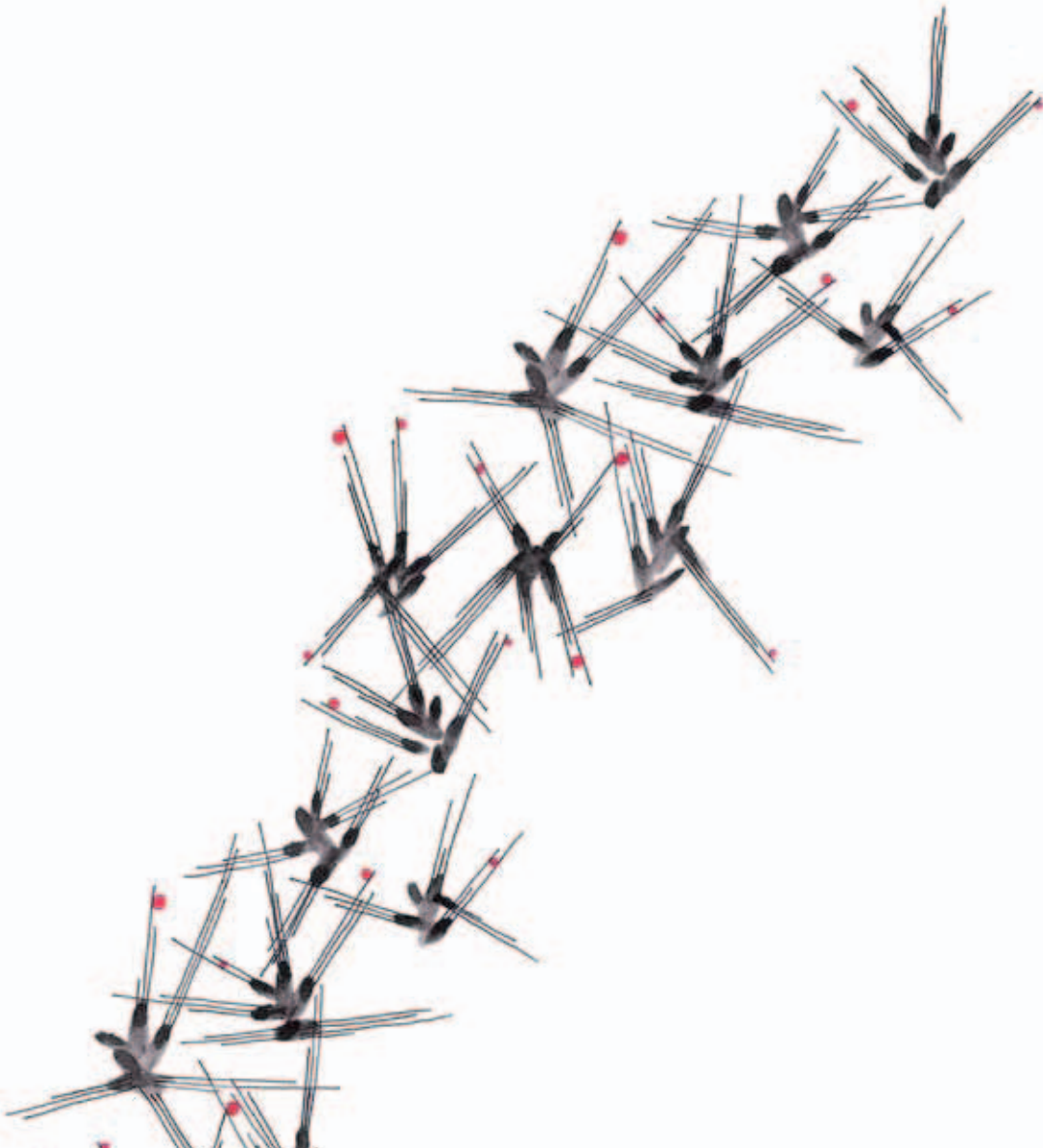
* * *

Iniciar-se-á por um estudo teórico, composto por três eixos fundamentais, proposto no próximo capítulo na forma de trajetórias conceituais, impulsionadas pela

vivência empírica do trabalho de campo, que traz em si a necessidade do exercício de nomear, compreender e dialogar com pensadores que configuram saberes diversos e trilham leituras possíveis da realidade. A seleção destes autores se faz no decorrer do trajeto e aguça a avaliação crítica de todo o processo, gerando novos entendimentos e questionamentos.

Posteriormente, faz-se uma apresentação dos dados coletados e adentra-se sua análise buscando explicitar como a Terapia Ocupacional vem trabalhando para a produção de tecnologias de participação sociocultural, a partir dos procedimentos aqui apresentados.

2 Objetivos



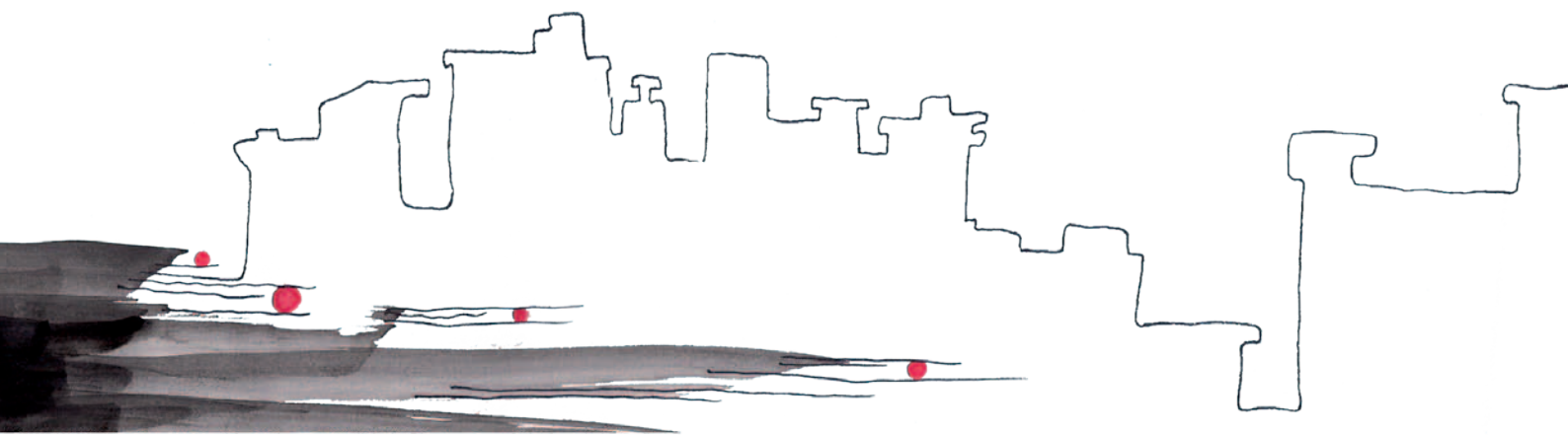
2.1 OBJETIVO GERAL

Contribuir para o desenvolvimento e discussão acerca da produção de tecnologias de participação socioculturais, para a população atendida em Terapia Ocupacional; e refletir sobre a importância de suas ações, que ocorram na interface dos campos da Cultura, da Arte, da Saúde e da Cidadania na contemporaneidade.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar quais os pontos fundamentais de articulação entre o terapeuta ocupacional, a população atendida e o entorno artístico-cultural;
- Identificar e descrever as linhas de força e de constituição das tecnologias de participação socioculturais, em face da organização de um coletivo de trabalho pautado na complexa experiência envolvida no processo de criação, inclusão e circulação das produções artísticas desse grupo e sujeitos, no circuito sociocultural da cidade de São Paulo;
- Promover intervenções e trocas no território sociocultural da cidade;
- Discutir a ampliação e o enriquecimento das trocas culturais pautadas pela criatividade, inventividade e singularidade, que contemplem novas configurações coletivas de espaços de criação, de convivência e de produções artísticas dos participantes do presente estudo.

3 Trajetórias Conceituais



3.1 A ARTICULAÇÃO DO SUJEITO NO TERRITÓRIO – SOB AS TENSÕES DA ATUALIDADE

Território é espaço. Espaço é matéria. Logo, a colocação da matéria no espaço cria limites territoriais. Cria intervenções. E ela não pode ser desvinculada de seu conteúdo ideológico. (Pileggi, 2008)

Milton Santos (2007) propõe um pensamento crítico da realidade, a fim de que nós, pesquisadores e pensadores, não caiamos no que ele denominou “alienação epistemológica”. Explica-se: não é possível atuar criticamente sobre a realidade antes de nos livrar de pré-concepções sobre esta, o que para o autor se trata de desmistificar o espaço – saber fazer uma leitura da paisagem e de seu funcionamento estrutural, técnico, produtivo e fetichista; a sociedade total – cuja formação social anima o espaço; e o próprio homem. Essas são questões-problema de conhecimento e de moral que, segundo o autor, precisam ser encarados para, se possível, escapar da armadilha que é a simples reprodução da ideologia dominante. Citando Bellow (1976 apud Santos, 2007, p.40):

‘Nós não representamos a humanidade de maneira adequada’. Certo, nós não mudaremos o mundo, mas podemos mudar a forma de vê-lo (...) só assim, poderemos escapar ao dogmatismo epistemológico e marcar um encontro com o futuro.

Nesse primeiro eixo de fundamentação teórica, adentra-se a leitura deste autor, aprofundando-a na busca de desenvolver um pensamento crítico e de algum entendimento da realidade, na qual se propõe atuar e viver nesta pesquisa, enquanto terapeuta ocupacional e cidadã do mundo.

(i) O primeiro passo está em encarar o presente como espaço, ou seja, a atualidade do espaço que se faz no aqui e agora, forma o presente constituído, também, pelas categorias que o passado legou.

(ii) O segundo trata de entender o período técnico científico, olhando para este com outros olhos, menos amarrados na construção e no funcionamento do período anterior. São quatro os pilares implicados nesse novo tempo-espaço histórico: a ciência, a pesquisa pura e aplicada, a tecnologia e o *mass media*. Enquanto a tecnologia vira instrumento de concentração e acumulação (de poder, de capital etc.), este último tem a capacidade de impor uma forma de universalização. Neste ponto, o autor explicita a importância daquilo que rege tais pilares: “a ideologia precede o modo de produção. Ele não é reflexo ou espelho, (...) é sim, o instrumento de penetração dos modos de produção novos, uma causa” (Santos, 2007, p.21).

(iii) O terceiro passo é entender do que exatamente se trata esta nova construção do espaço, dito o *espaço global*. A universalização do mundo torna-se o espaço do capital globalizado. Para o autor, “é a unidade dos acontecimentos e a cumplicidade das formas que perfazem a unidade do espaço” (p.25). No entanto, a mundialização das relações permanece hierárquica e provoca uma série de contradições. Vê-se o aumento vertiginoso da pobreza ao lado do aumento da riqueza de poucos. O *espaço humano*, composto pelo biológico e suas redes de relações afetivas, econômicas, políticas e, também, potenciais, preenche e complexifica o espaço total, que é ao mesmo tempo indivisível e múltiplo, repleto de camadas (mundiais, transnacionais, regionais, locais) que o compõem e o influenciam.

Lugar é espaço ocupado. O lugar cria sentido à idéia de espaço. Definições como dentro e fora são apenas convenções que tanto podem facilitar uma compreensão prática de localização, quanto servir de ideologia, para justificar segregações. (Pileggi, 2008, p.1)

(iv) Como resultante chega-se ao quarto passo, central nesse estudo descritivo e reflexivo: a alienação do espaço do homem. A resultante de toda especialização e fragmentação da vida cotidiana leva ao distanciamento e à perda do sentido, para o homem, daquilo que produz. A serviço de uma demanda externa e distante, o homem não produz mais para suprir as reais necessidades daqueles que habitam o próprio espaço da produção, que deveria ser o espaço da vida (Santos, 2007, p. 29).

O homem produtor sabe cada vez menos quem é o criador do espaço, quem é o pensador de novos espaços e quem dele pode e deveria se beneficiar. Como soma da intervenção humana sobre o território, o espaço não escapa à mundialização do mercado e torna-se mercadoria, quando percebido enquanto matéria trabalhada. O espaço construído, assim como as possibilidades produtivas (ainda formuladas enquanto expectativas), são marcados por potencialidades, e derivam, então, em espaço especulativo e mercadoria universal. O espaço passa a ser manipulado para aprofundar as diferenças e desigualdades, através da divisão de trabalho e do desenvolvimento das forças produtivas que resultam em distanciamento social.

Ora, o espaço é a matéria trabalhada por excelência: a mais representativa das objetificações da sociedade, pois acumula, no decurso do tempo, as marcas das práxis acumuladas (...) Os homens vivem cada vez mais amontoados lado a lado em aglomerações monstruosas, mas estão isolados uns dos outros. (Santos, 2007, p. 33)

O que une o espaço, trazendo consigo a característica do global, é a produção homogeneizante e a sua função de mercadoria. Decorrente de uma sociedade “atomizada” e da fragmentação do espaço, cria-se uma falsa noção de unidade, que é externa ao homem e dá a impressão de um conjunto de realidade. Neste ponto o autor observa que, paradoxalmente, o espaço se volta contra o homem, torna-se seu inimigo, pois se torna uma unidade desumana e passa a ser o próprio instrumento de alienação daqueles que o habitam (Santos, 2007).

Numa tentativa de fazer uma leitura da paisagem, depara-se com fragmentos de “pseudo-realidades”. Como dito inicialmente, não é possível pensar um espaço para o homem, um espaço verdadeiramente humano, sem levar em conta todas essas questões e processos que o englobam e resultam na chamada alienação epistemológica. O homem mediatizado já não sabe mais distinguir onde começa e termina a ideologia. No desafio do estudo das formações sociais e produtivas faz-se necessária uma mudança cultural do homem, é preciso aprender a revalorizar a própria função e o sentido do trabalho e, fundamentalmente, revalorizar o próprio homem em sua essência, para que não seja mais tratado como valor de troca (Santos, 2000; 2007).

Essa mudança se faz na medida em que se constrói uma nova mentalidade e concepção sobre si mesmos, e se passa a agir com essa atitude que permite a existência de um “espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem fetichizado” (Santos, 2007, p. 41).

Assim, começa-se a entender o que seria o espaço da construção do trabalho para as pessoas, bem como o seu lugar na estruturação da vida singular dos sujeitos. Qual o propósito de se reunir para produzir objetos artesanais e artísticos, o que se mobiliza para que o processo ganhe corpo e direcionamento, desembocando em processos criativos e de expansão do fazer que culminam no desejo de mostrar e compartilhar tal

produção? Como o espaço do trabalho pode se tornar espaço de vida, de convivência, de um viver junto que possibilita sentir-se pertencente e “fazedor” de mundo, onde visões de mundo complexas e distintas se chocam e compõem mutuamente a possibilidade de afirmação de si, da própria existência?

3.1.1 PARA LER A PAISAGEM OU UM SISTEMA COMPLEXO

A paisagem é complexa, marcada por diversos tempos e aspectos, muitas vezes expressos, muitas vezes camuflados ou artificialmente criados, o que dificulta o entendimento daquilo que se chama de real. Para tanto, é necessário emergir do paradigma da distinção/conjunção, pautada na função da alternativa (da conjunção “ou”), a partir da introdução de um princípio dialógico, que permite a coexistência de antagonismos, em que se pode associar sem identificar ou classificar simplificadoramente, já que leva em conta seus limites inerentes à forma e às contradições intrínsecas (Morin, 2007).

No auxílio dessa leitura, Santos (2007) busca explicitar os fatores envolvidos e o desafio a ser enfrentado. É preciso aprender a descrever a paisagem: quais são seus elementos, do que ela é composta? Inicialmente, ela compreende dois elementos: os objetos naturais e os objetos sociais. Ambos são agentes flexíveis, cambiantes, móveis e à medida que um deles se modifica, provoca mudança em todos os outros que são pressionados a mudar para corresponder a suas novas necessidades.

Ao pinçar na linha do tempo, uma dada paisagem, vê-se que esta expressa uma dada conjuntura, resultante da acumulação de muitos outros tempos e acontecimentos naquele determinado espaço geográfico. Ela indica o ponto ou estágio em que a sociedade se encontra (Santos, 2007).

O autor concebe uma leitura da paisagem a partir de três eixos de análise do espaço: sua forma, sua estrutura e sua função. Mas ressalta que não basta analisá-las separadamente, é preciso enxergá-las concomitante e interrelacionadas, eis a tarefa mais desafiadora. Para ele, a produção do espaço trata disso, de uma resultante de múltiplas determinações, combinações de variáveis sociais, escalas, intensidades, direções, ritmos e níveis díspares, diferentes e incongruentes muitas vezes, então, como estudar e compreender sem reduzir nossa percepção e análise?

Considerada em um ponto determinado do tempo, uma paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar, cada porção do espaço, essa acumulação é diferente: os objetos não mudam no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção. (Santos, 2007, p.54)

Ele indica algumas direções fazendo os seguintes apontamentos: se o espaço é totalizante, global; em contraponto, a paisagem não o é, pois ela é geograficamente seletiva e delimitada. A paisagem é sempre parcial. Dado que a sociedade é atualizada, a paisagem contém as marcas dessa atualização, apresentando formas do hoje e do passado, então, a noção de tempo é fundamental. Por último: as coisas são deformadas, em sua forma, função e estrutura, de acordo com uma pré-disposição histórica, pois já nascem repletas de significações e simbolismo, o que dificulta a emergência do novo, de algo realmente inédito (Santos, 2007).

Dessa forma, o autor propõe a investigação, a fim de se debruçar na epistemologia do espaço, pois é preciso se “livrar” dessas concepções culturalmente arraigadas para que alguma mudança de sentido, e conseqüentemente, de estrutura, função e forma, também aconteçam por uma nova interação e/ou combinação.

Milton Santos (2007) propõe quatro eixos de análise complementares entre si: o estudo da sociedade e suas estruturas criadas para reprodução da vida; como se dá esse processo produtivo através do monitoramento do tempo e do espaço desenvolvido no trabalho social; o enfoque nas manifestações da vida em si coletiva, em especial, o trabalho e, por último; os objetos ou obras criados durante esses processos. Ao transpor para o presente estudo, a mesma organização do pensamento, encontram-se:

- o estudo descritivo do grupo em questão e sua forma de funcionamento: como é estruturado, que forma ganha e com que função se desenvolve?
- no tempo e espaço delimitados do grupo: o quê se faz e como se faz?
- o enfoque no ato do trabalho em si desenvolvido por todos os atores envolvidos;
- quais são as produções, concretamente mensuráveis que se produzem? (obras, exposições, circulação do trabalho, trocas efetivadas).

Percebe-se, nessa descrição e análise, o exercício do pensamento complexo, aquele proposto por Edgar Morin (2005, 2007). Ao colocar o espaço como centro ou eixo principal da análise, o autor trabalha com um sistema aberto (o próprio espaço) que traz em si o problema-chave do ser vivo, suas leis de organização pautadas num dinamismo estável, no desequilíbrio que, também, é sustentação.

Adentrar as questões sobre o território, a concepção dos espaços físicos e existenciais, permite uma abertura de nossa visão sobre o que está construído ou tudo aquilo que é necessário (des) construir, modificar, ampliar, *re-pensar* sobre a realidade para que se possa, de fato, habitar aquilo que se denomina *espaço existencial e geográfico*.

Este tema foi se fazendo presente e ganhando importância ao longo do trabalho de campo, onde se deparou com as dificuldades em encontrar espaços socioculturais acolhedores das diferenças, conscientes das desigualdades e potencializadores das forças criativas dos sujeitos acompanhados. Constata-se que poucos são os equipamentos ou serviços que estão, verdadeiramente, conectados numa rede potencial de criação e que possibilitam a participação das pessoas em suas diversas situações de vida.

Entender quais são os recursos deste território e, principalmente, como produzir uma articulação com ele, passa a ser nosso grande desafio num determinado momento da pesquisa. Há uma vontade, uma necessidade de ampliação dos espaços dos participantes para além da configuração estabelecida pelo serviço de saúde, mas como produzir os agenciamentos, como criar participação no campo sociocultural, como encontrar lugares para o viver junto?

3.1.2 AO ENCONTRO DO TERRITÓRIO – GEOGRÁFICO E EXISTENCIAL

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é um chão e mais uma população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. (Santos, 2006, p.96)

É dessa forma que Milton Santos define o espaço geográfico, que na sua complexidade é composto de verticalidades e horizontalidades, caracterizações descritas a seguir, na medida em que se precisa aprofundar a discussão de qual espaço nos interessa habitar, construir e/ou transitar? Pautado em que princípios e diretrizes?

O território das verticalidades é composto por um conjunto de pontos que formam um espaço de fluxos – caracterizado pela velocidade acelerada e fluidez dinâmica – que, em suma, resultam no sistema de produção hegemônico, no sistema econômico dominante, onde prevalecem as corporações privadas. Nessa modalidade, o território é considerado recurso, de uso pragmático e homogêneo, pois a integração vertical é distanciada do local de produção em si, que passa a ser dependente e alienante, já que as tomadas de decisão são alheias aos sujeitos produtores (Santos, 2006).

Em contraponto, o território das horizontalidades compõe o espaço ‘banal’ – definido como espaço de pertencimento de todos, lugar das trocas e agenciamentos do vivido – o que se contrapõe ao espaço das verticalidades. Nessa perspectiva das horizontalidades

todos os agentes são, de uma forma ou de outra, implicados, e os respectivos tempos, mais rápidos ou mais vagarosos, são imbricados. Em tais circunstâncias pode-se dizer que a partir do espaço geográfico cria-se uma solidariedade orgânica (...). (Santos, 2006 p. 109)

Esta dinâmica nos interessa, e é a esta configuração espacial e geográfica que se direciona, pensando nas redes a se constituírem, nos trabalhos coletivos a serem engendrados, pois “a sobrevivência do conjunto, não importa que os diversos agentes tenham interesses diferentes, depende desse exercício da solidariedade, indispensável ao trabalho e que gera visibilidade do interesse em comum” (Santos, 2006, p.110).

Este espaço das horizontalidades é atravessado pelo outro, o das verticalidades, mas permite a invenção de outras racionalidades – vista pelo primeiro como irracionalidades, pois são criadas pela convivência que é regulada pelo próprio território. Este é marcado pela desorganização e pela busca de sentido para sua existência, dessa

forma, metamorfoseia-se, constitui abrigo, desfaz-se, reconstitui-se resiliente às pressões homogeneizantes que o atravessam e adapta-se às novas formas de existência. Trata-se de um tecido flexível, onde se busca a constituição de um lugar que seja “considerado como espaço de exercício da existência plena” (Santos, 2006, p.114).

▪ O COTIDIANO E O TERRITÓRIO

O território contemporâneo é esquizofrênico e esquizofreneizante, ele acolhe vetores da globalização que, teoricamente, englobam e aproximam as pessoas, e também exclui, marginaliza e segrega. A produção de pobreza é acelerada e constituinte desse território. Mas para além da luta pela sobrevivência, essa mesma população insubordinadamente reage a essa racionalidade hegemônica, pragmática e excludente. Ao criar “vizinhança” nesse lugar onde se vive, compartilha-se com outros as experiências, e é nesse espaço vivido, isto é, da experiência renovada, que se instaura a indagação e o questionamento sobre a realidade que se compartilha e o futuro que se espera. “A despeito de sermos o que somos, podemos também desejar ser outra coisa” (Santos, 2006, p.114).

Compartilhando dessa ideia, Pierre Lévy (2007) afirma que todos, independentemente de sua função ou condição social, são detentores de saber e podem contribuir para a criação de uma outra realidade, pois, “em nossas interações com as coisas, desenvolvemos competências. Por meio de nossas relações com os signos e com a informação adquirimos conhecimentos. Em relação com os outros, mediante iniciação e transmissão, fazemos viver o saber” (p.27).

Há, dessa forma, em meio a tal racionalidade hegemônica, produção de conhecimento, muitas vezes desconsiderado e visto como irracionalidade, sobretudo,

onde há a experiência da pobreza. Diante da escassez, das necessidades e carências pode haver uma tomada de consciência sobre a complexidade do fenômeno atual (Santos, 2006).

3.1.3 DA ESCASSEZ ÀS PRODUÇÕES DE SENTIDOS

Chega-se a uma questão fundamental que atravessará conosco todo o trabalho, que diz respeito às ações que se tentou promover num certo processo, que se denomina participação sociocultural: isso que se produz nos grupos ou nas propostas de intervenção pode ser considerado um instrumento de reparação – no sentido que cria formas de acesso das pessoas ao conhecimento, modifica as estruturas de desigualdade e aproxima sujeitos? Nossa intervenção reproduz a lógica vigente que perpetua e corrobora com novas desigualdades ou, se consegue que os conhecimentos sejam incorporados e aumentem a autonomia potencial/relativa de todos com a geração de novos saberes?

Milton Santos (2006) nos alerta para o que chamou de poder do imaginário, enquanto Edgar Morin (2005) fala do poder do conhecimento. Com o advento das tecnologias e o predomínio da técnica e suas produções sobre os sujeitos, cria-se mais um fator excludente e segregador da maioria da população, enquanto uma minoria concentra o domínio do conhecimento e, conseqüentemente, faz uso do poder gerado pela detenção de tais tecnologias. Isso, juntamente com um discurso totalizante que se faz representativo de todos e cuja violência das informações são amplamente manipuladas, busca convencer no lugar de instruir, mantendo as estruturas estratificamente desiguais.

O controle politicamente organizado do conhecimento

dá poder aos que sabem e reforça o poder dos que controlam os detentores do saber. Produtos de poder e servo dos poderes, o conhecimento não se limita a moldar-se às desigualdades ou a reforçá-las, ele produz desigualdade. (Morin, 2005, p.127).

A informação veiculada nos faz crer numa aceleração do tempo e da produção exigida, uma velocidade que pressiona e tensiona, fazendo-nos acreditar numa fluidez (potencial) como efetiva, e que, todavia, não apresenta sentido algum quando se depara com esse questionamento: para que toda essa pressa? onde isso nos leva? que benefício traz para a vida das pessoas?

Milton Santos (2006) acrescenta:

somente algumas pessoas, firmas e instituições são altamente velozes, e são ainda em menor número as que utilizam todas as virtualidades técnicas das máquinas. Na verdade, o resto da humanidade produz, circula e vive de outra maneira.(p.122)

Para o autor, este é um dado político, e o fator da velocidade é fator de manutenção de poder e dominação dentro de um sistema socioeconômico de ação. Canclini (2007) se pergunta em determinado momento: por que é dada tanta importância ao ritmo da sociedade? O ritmo imposto pelo sistema virtual em rede modifica o contexto geral, a ordenação social do trabalho, imprime a qualidade das relações sociais, entre outras coisas, camuflando problemas anteriores dos eixos da desigualdade e das diferenças e trazendo novas tensões para a vida cotidiana, onde tempo, espaço e comunicação são espremidos na lógica da produção incessante.

Diante dessas duas condições limitadas, ou seja, o monopólio da produção e da distribuição do conhecimento e das tecnologias, cria-se duas camadas de situações

simplificadamente denominadas de “possuidores” e “não-possuidores” que remetem àquela experiência da escassez mencionada. Ela trata de vários aspectos: escassez no sentido econômico, do acesso à informação, da participação social legitimada enquanto exercício de cidadania, da participação, produção e fruição de uma certa cultura e seus equipamentos. A experiência de escassez cultural, no sentido de que a grande maioria das pessoas não chega aos museus, teatros, cinemas, espetáculos de dança, mas está submetida à influência de uma outra cultura destinada às massas, conduzida pelo mercado e que busca sobrepor a cultura local – sempre presente e conhecida como popular.⁷ Explicitando este pensamento de Canclini (2007), Santos (2006, p.144) afirma:

No fundo, a questão da escassez aparece como central. Os ‘de baixo’ não dispõe de meios (materiais e outros) para participar plenamente da cultura moderna de massas. Mas sua cultura, por ser baseada no território, no trabalho e no cotidiano, ganha força necessária para deformar, ali mesmo, o impacto da cultura de massa. Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada.

Essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade. Trata-se de uma cultura de nível técnico e de capital mais baixos, além de uma forma própria de organização, que proporciona formas típicas de criação, que se tornam bastante potentes em sua expressividade, à medida que carregam consigo uma “verdade da existência” e são reveladoras do próprio movimento da sociedade (Santos, 2006, p.145).

Apesar das relações de vizinhança serem marcadas e condicionadas pelas diferenças entre classes sociais,

⁷ Termo entendido aqui como aquela de domínio público, que perpassa todos nós enquanto seres humanos, mas que também é carregada do sentido de pertencer a esta camada que denominamos “não-possuidores”.

nos bairros populares, a limitação de oportunidades, a pobreza e o isolamento relativos, a insegurança e o medo acabam por fortalecê-las e torná-las parte fundamental da trama de relações familiares. Nos bairros de classe média, as relações entre vizinhos são mais seletivas e pessoais, já que o maior poder aquisitivo faz diminuir a necessidade de ajuda mútua e aumenta a necessidade individual de espaço. (Serpa, 2004, p.31)

Nessa cultura da vizinhança, existe uma apropriação, muitas vezes, dos instrumentos da cultura de massa, que não é apenas reproduzida de forma alienada, mas que são re-utilizados para outros fins, o da expressão daquilo que é vivido, experienciado, apreendido e possivelmente passível de transformação. São poucos os que conseguem se submeter à racionalidade hegemônica, cada vez menos pessoas conseguem fazer parte deste quadro, o que propulsiona o aparecimento cada vez maior de número de irregulares, informais, ou seja, que buscam formas alternativas não apenas para sobreviver, mas também para existir. Por incapacidade ou desinteresse em cumprir as regras, estar dentro da lei ou seguir as normas, seja qual for o motivo, é pequeno o espaço dentro desses parâmetros, que permite a coabitação da enorme variedade humana, sua criatividade, invenção e espontaneidade para se viver (Santos, 2006).

Para este autor, ainda, é nas atividades cotidianas inventadas e realizadas que se encontra o sentido da razão da vida. O cotidiano abarca múltiplas temporalidades e por essa entre outras características da vida cotidiana “permite dizer que o mundo do tempo real [das atividades *just-in-time*⁸] busca uma homogeneização empobrecedora e limitada, enquanto o universo do cotidiano é o mundo da heterogeneidade criadora” (Santos, 2006, p.127).

⁸ Atividades prestabelecidas pelo ritmo do “relógio universal movido pela mais-valia” que são esvaziadas de sentido, automatizadas pelo caráter da demanda externa produtiva e dessa forma, alienantes.

Essa ideia da riqueza do cotidiano é amplamente estudada e discutida por Certeau (1998), e corrobora com as colocações de Milton Santos citadas. A experiência de escassez dos meios de produção vivida por muitos, dá origem ao que ele chamou “marginalidade de uma maioria”, onde não se reconhece oficialmente uma produção cultural, reduzindo as experiências da vida cotidiana a um consumo passivo dos bens produzidos por outros. O autor rebate essa colocação, afirmando que há uma produção silenciosa dessa massa – que não é nada homogênea e pelo contrário, em sua pluralidade de entendimento e apropriação daquilo com que entra em contato, juntamente à sua fragilidade e experiência de insegurança e escassez, gera-se uma prontidão de sentidos, uma esperteza e uma grande inventividade para criação de saídas e ‘ganhos’ de alguma forma com toda essa situação:

(...) no mesmo terreno, a fraqueza em meios de informação, em bens financeiros e em ‘seguranças’ de todo o tipo exige um acréscimo de astúcia, de sonho ou de senso de humor. Dispositivos semelhantes, jogando com relações de forças desiguais, não geram efeitos idênticos. Daí as necessidades de diferenciar as ‘ações’ (...) e estabelecer distinções entre as margens de manobra permitidas aos usuários pelas conjunturas nas quais exercem a sua ‘arte’. (Certeau, 1998, p. 44)

Mais do que estratégias, o autor vai falar da criação e uso de táticas⁹ próprias para lidar com o social em suas relações de força entre dominação, submissão e subversão das regras, normas e comportamentos. Os modos de fazer nas práticas cotidianas indicam formas de inteligência poética e bélica na construção da existência de si no mundo, possibilitando maior ou menor comunicação, favorecendo estados sociais de conveniência ou criando rupturas desse sistema.

⁹ O autor diferencia os termos ‘estratégia’ de ‘tática’, atribuindo ao primeiro um sentido de isolamento do meio, a partir da construção de um ‘próprio’ que poderia controlar e prever um fim resultante daquela ação, o que para as táticas atribui-se uma imprevisibilidade e uma constante relação com o ambiente, onde não se sabe exatamente no que resultará, mas cria-se um estado de alerta para se ‘tirar proveito’ das circunstâncias que aparecem (Certeau, 1998, p. 46-7).

Ao tratar daquilo que chamou produção de subjetividade, Toni Negri (2003) fala, também, de uma lógica *tática* que está *a priori* deste processo já que define na prática a relação do sujeito com as estruturas de poder. A subjetividade emergirá deste encontro, e sua tática será então, sua

capacidade de contrastar, ou melhor, de *experimentar de forma antagônica*, em cada ponto das estruturas de poder, as relações, os dispositivos, as tecnologias que o poder põe em ação, tentando utilizá-los para inverter e esvaziar o próprio poder. (...) a tática é a astúcia da razão subversiva. (p.180)

* * *

Para dar continuidade ao estudo teórico e de intervenção, escolheu-se o tema da cultura, pois é a partir deste recorte e nas formas de interações que ela proporciona, que se consegue seguir pensando e fazendo/produzindo subjetividade. Para pensar a participação sociocultural das pessoas, é preciso olhar para o espaço, para o contexto e território subjetivo e, concretamente, experimentado nas relações, bem como entender do que se constitui esse campo de forças, tensões e expressões advindos disso que se denomina *cultural*.

3.2 MUITAS CULTURAS

Cultura como a invenção da relação com o Outro.

Marilena Chauí, 2006

Nesta pesquisa, cujo desafio, entre outras coisas, é realizar uma descrição e narração de uma intervenção em terapia ocupacional no campo da cultura, somos

levados a delimitar, nesse segundo eixo teórico e de revisão da literatura, o que se denomina campo cultural – naquilo que se destina à fundamentação do campo da Cultura como campo de atuação da Terapia Ocupacional.

Para tanto, no sentido transversal do tema, buscam-se explicitar os diversos usos do termo Cultura com suas derivações e desdobramentos, a fim de situar a todos – leitores e pesquisadores, sobre o que se estará debruçado ao longo da pesquisa. Neste percurso, percebe-se que o intuito de esclarecer o conceito de Cultura não se fará num sentido de convergir a uma única e homogênea definição, pois à medida que se aprofundam tais estudos, encontram-se múltiplos e cada vez mais complexos os sentidos e as conotações atribuídas.

Ancora-se em filósofos, antropólogos, geógrafos, terapeutas ocupacionais, jornalistas, artistas, sociólogos, enfim, pesquisadores diversos que encontraram dentro do complexo campo da cultura, uma forma de olhar e expressar aquilo que se vive e se constitui como pulso vital do ser humano no seu “fazer parte” do mundo contemporâneo.

3.2.1 CULTURA: UM CONCEITO EM TRANSFORMAÇÃO

De acordo com sua origem no termo cultivo, Gilberto Gil (2005, p.3) define cultura como um “conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram por meio da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade”. Do termo latim: *colere*, designa cultivar, criar, tomar conta e cuidar, o cuidado do homem com a natureza (Chauí, 2006).

Marilena Chauí (2006) nos auxilia com uma revisão histórica dos sentidos do termo Cultura até chegar àquilo que ela definiu como cidadania cultural, que conteria,

de fato, o “problema chave” da cultura nos dias atuais. Segundo ela, até o século XVIII, cultura e natureza não se opõem, acontece apenas uma passagem do natural ao humano, onde cultura consiste, assim, na intervenção deliberada e voluntária dos homens sobre a ‘natureza’ de alguém, para colocá-la em conformidade com os valores de sua sociedade. Percebe-se que a cultura já nessa época continha em si aspectos morais, éticos e políticos (Chauí, 2006).

A partir de então, o termo cultura começa a ganhar outro foco, com uma inicial separação e, posteriormente, oposição entre natureza e cultura, ao se priorizarem os resultados de uma certa educação do ser humano, que se apresenta no realizar do trabalho, nos seus feitos e no seu comportamento social. Cultura torna-se equivalente à civilização: “como expressão dos costumes e das instituições enquanto efeitos da formação e da educação dos indivíduos, do trabalho e da sociabilidade” (Chauí, 2006, p.106).

Afastando-se da idéia inicial de aprimoramento da natureza, cultura adquire o significado de transformação racional entre humanos, socialmente organizados no espaço e no tempo, na relação com outros e com a natureza, enquanto ambiente em que vivem. Cultura ganha sentido de história, enquanto natureza torna-se sinônimo de repetição. Neste momento, para o Ocidente, a história é vista linearmente com a passagem do tempo, que também é linear, e assim, cultura adquire, também, o sentido de progresso e evolução (Chauí, 2006).

Para a Antropologia, a partir do final do século XIX, a questão da cultura apresenta alguns aspectos fundamentais. Em suma, o aparecimento da linguagem (gestual, verbal, escrita) e de manifestações da ordem do simbólico (dança, música, guerra, jogos, festas, culinária, entre muitos outros fazeres humanos) traduz para o antropólogo o surgimento da cultura e a ‘desnaturalização’ da natureza. Não se

pode esquecer, entretanto, de que a visão antropológica desse período é carregada de sentido vinculado à constituição europeia da vida. Isso implica aspectos políticos, nas relações de troca e nas formas de expressão e comunicação que regem a Europa mercantilista da época. Surge aí uma diferenciação importante das formas de vida existentes em outras partes do mundo, que foram, então, classificadas como “primitivas”, seguindo a lógica de progresso e evolução linear a que todos chegariam (Chauí, 2006).

Isso começa a se modificar apenas na metade do século XX, com o surgimento da Antropologia política e social que passa a considerar a estrutura particular de funcionamento de cada cultura, cujos aspectos relacionados ao trabalho, relações de poder, manifestações ligadas à dança, música, lazer, pintura, habitação etc. são bastante específicos e não podem estar submetidos a juízos de valor advindos de um modo de pensar e viver diferentes, externos ao contexto estudado. Ou seja, atribuem-se caráter singular e diversificação às culturas.

Dentro de cada uma delas, Agustí Nicolas Coll (2002) explicita três camadas que a compõem, entendendo que a Cultura abarca todos os aspectos da organização de uma sociedade (política, divisão de classe e papéis sociais, ciência, religião, entre outros):

- A primeira refere-se aos mitos, crenças e valores intrínsecos de uma sociedade que, muitas vezes, são inconscientes e, portanto, sequer nos damos conta de que acreditamos naquilo, e mesmo quando percebemos, ainda assim não sabemos explicar, pois é algo pouco passível de racionalizações.
- O segundo aspecto é o que define as formas estruturais gerais (instituições) de acordo com o primeiro nível; ele é a primeira manifestação concreta desses valores e crenças.

- E como terceiro e último patamar, temos as ações cotidianas, as práticas concretas nos distintos âmbitos da realidade, camada mais visível, sendo onde geralmente costumamos atuar e intervir diretamente enquanto profissionais (Coll, 2002).

Segundo Chauí (2006, p.131), esse pensamento amplia o conceito de cultura que passa a ser compreendida como

campo o qual a comunidade institui as relações com seus membros e com a natureza, conferindo-lhes sentido ao elaborar símbolos e signos, práticas e valores ao definir para si própria o possível e o impossível, a linha do tempo, as distinções no interior do espaço, o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, o permitido e o proibido, a relação com o visível e o invisível, com o sagrado e o profano, a guerra e a paz, a vida e a morte.

Essa concepção de cultura vai dialogar com o que Isaura Botelho (2001, grifo nosso) coloca sobre a dimensão antropológica da cultura que

se produz através da interação social dos indivíduos que elaboram seus modos de pensar e sentir, constróem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas. Desta forma, cada indivíduo ergue à sua volta, e em função de determinações de tipo diverso, *pequenos mundos de sentido* que lhe permitem uma relativa estabilidade.

Uma outra dimensão sugerida pela autora trata da dimensão sociológica da cultura, a qual estaria mais próxima do senso comum, ao enxergá-la como

uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão. (...) Deixam-se de lado, aqui, as construções que ocorrem no universo privado de cada um, abordando-se aquelas que, para se efetivarem, dependem de instituições, de sistemas organizados socialmente: uma organização da produção cultural que permite a formação e/ou aperfeiçoamento daqueles que pretendem entrar nesse circuito de produção, que cria espaços ou meios que possibilitam a sua apresentação ao público, que implementa programas/projetos de estímulo, que cria agências de financiamento para os produtores. Em outras palavras, trata-se de um circuito organizacional que estimula, por diversos meios, a produção, a circulação e o consumo de bens simbólicos (...). (Botelho, 2001)

Toda atividade humana de cultura, isto é, de ‘cultivo’ do ser em processo de ‘humanização’, vem responder a desejos e necessidades da comunidade. Trata-se de uma oportunidade de prazer, apreciação e deleite, mas também de auto reconhecimento e de autoprodução. Retomando Gilberto Gil (2005, p. 3), ainda, é preciso entender

Cultura como tudo aquilo que, no uso de qualquer coisa, se manifesta para além do mero valor de uso (...) cada objeto que produzimos transcende o meramente técnico. Cultura como usina de símbolo de um povo. Cultura como conjunto de signos de cada comunidade e de toda a Nação. Cultura como o sentido de nossos atos, a soma de nossos gestos, o senso de nossos jeitos.

Entre as produções culturais, a arte é uma linguagem flexível que, como objeto de cultura, está condicionado às forças antropológicas e sociológicas de sua época, articulando suas ações comunicativas às formas de circulação cultural do contexto ao qual se apresenta. Na época atual, a arte é tratada em diversas discussões, apenas em uma dimensão da cultura que é justamente aquela que se refere à arte como produto

passível de comercialização. Os artefatos culturais, quando tomados simplesmente como bens de consumo, esvaziam-se de suas características intrínsecas à elaboração, peculiaridade e significação, para tornarem-se objetos reproduzíveis ao infinito, amplamente desejáveis, seguindo a lógica capitalista de ampliar seu mercado atingindo o maior público possível. Ficam assim caracterizados os desdobramentos de uma cultura de massa, regida por leis de funcionamento e circulação dentro de um sistema ideológico e de valores próprios.

Ao abordar o tema da cultura em níveis de complexidade de definição que o conceito exige, Gilberto Gil (2005) discorre sobre sua importância:

A cultura é um tesouro, um ativo social e econômico em permanente estado de transformação, que não pára no tempo e no espaço, e que se revitaliza no diálogo entre tradição e invenção. (...) Muitas pessoas têm dificuldade de compreender o papel da cultura, não conseguem encaixar a cultura nos rótulos com que trabalham. Não vêem a cultura como política social, política de infra-estrutura ou política industrial. Esta dificuldade tem uma explicação: é porque a cultura encarna tudo isso, ao mesmo tempo: é social, é econômica, e é de prazer também. Neste mundo ainda marcado por injustiças e desigualdades, está provado também que a cultura qualifica as relações sociais e reduz os focos de tensão e violência, elevando a auto-estima e o sentido de pertencimento do indivíduo. Ela liga as pessoas, estimula as trocas, aproxima, identifica, enfim, valoriza aquilo que o ser humano tem de melhor.(...) A arte e a cultura estão presentes com tanta intensidade na vida das pessoas, mesmo das mais pobres, excluídas e esquecidas, que nem sempre são percebidas e valorizadas. Assim como o ar que respiramos. Ou como a eletricidade (...) A percepção da importância da luz só acontece quando há um apagão. Assim é com a cultura. Quando ela está presente no nosso dia-a-dia, quando faz parte de nossa cesta básica, não atentamos para sua importância. Mas tentem imaginar um mundo sem cultura e arte. Imaginem um tempo sem música, sem leitura, sem cinema, sem dança (...) imaginem um blackout cultural. Como seria a vida sem esta fonte básica de alimentação do espírito e da sensibilidade? Sem este

código comum? Quando falamos de cultura, falamos da essência da vida humana. De algo tão vital quanto o ar, quanto a própria natureza. Por isso, é necessário conectar a cultura a todas as dimensões da existência, ao que faz o mundo funcionar (...). (p.4-6)

3.2.2 UMA ABORDAGEM COMPLEXA DO CAMPO CULTURAL

No livro *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*, de Néstor García Canclini (2007), o autor inicia suas páginas com um questionamento importante: trata-se de perguntar qual seria a teoria (se é que existe) para organizar as novas diversidades, diante de processos tão peculiares e distintos como a globalização, os processos de desenraizamentos, os inúmeros canais ou formas comunicacionais, as atrações e incertezas vividas no cotidiano?

A partir daí, o autor problematiza diferentes abordagens sobre o conceito de cultura, alegando que estes ocorrem concomitantemente, apesar de muitas vezes serem conflitantes ou ignorarem-se mutuamente:

Para as antropologias da diferença, cultura é pertencimento comunitário e contraste com os outros. Para algumas teorias sociológicas da desigualdade, a cultura é algo que se adquire fazendo parte das elites ou aderindo aos seus pensamentos e gostos; as diferenças culturais procederiam da apropriação desigual dos recursos econômicos e educativos. Os estudos comunicacionais consideram, quase sempre, que ter cultura é estar conectado. (...) o problema é averiguar como coexistem, chocam ou se ignoram a cultura comunitária, a cultura como distinção e a cultura.com.” (Canclini, 2007, p. 16)

O autor destaca o surgimento do termo *cultural* enquanto inovação e mudança para a noção de cultura “não mais como entidade ou pacote de características que

diferenciam uma sociedade de outra (...) [mas sim] como sistema de relações de sentido que identifica diferenças, contrastes e comparações.” (Canclini, 2007, p.24).

O grande desafio ante as mudanças trazidas pela globalização tecnológica, que coloca em rede grande parte do planeta, conectando alguns e provocando novas diferenças e desigualdades, seria formular e exercer políticas sociais e culturais que possam não apenas “reconhecer as diferenças, como corrigir as desigualdades e conectar as maiorias às redes globalizadas” (Canclini, 2007, p. 16).

O autor adota, assim, uma perspectiva interdisciplinar com ênfase nas três áreas: a Sociologia, a Antropologia e a Comunicação. Descontente com as múltiplas fragmentações da realidade, o autor busca um caminho mais complexo, menos redutor dos processos interculturais a que se é submetido na contemporaneidade. Dessa forma, ele tenta escapar da tendência fragmentária do pensamento teórico pós moderno que nos impede de ter uma noção da realidade em termos macrossociais, para que se possa compreender e formular políticas de intervenção.

Não só os intentos de conjurar as diferenças mas também os dilaceramentos que nos habitam (...) trata-se de tornar complexo o espectro. Vamos considerar, junto com diferenças e hibridismos (...) os modos pelos quais as teorias das diferenças precisam articular-se com outras concepções das relações interculturais; aquelas que entendem a interação como desigualdade, conexão/desconexão, inclusão/exclusão. (Canclini, 2007, p. 25)

▪ DIFERENÇAS, DESIGUALDADES E DESCONEXÕES VERSUS INCLUSÃO E EXCLUSÃO –
FORMAS DE ABORDAR O PROBLEMA

A revolução tecnológica e as práticas capitalistas disseminadas por todo o globo terrestre provocam, sem dúvida, uma mudança fundamental na ordenação

socialmente construída. Mas, ao contrário do que se esperava com a ameaça de uma homogeneização totalitária e aniquiladora das diferenças, para Warnier (2002, p.108¹⁰ apud Canclini, 2007, p.27), o que acontece é outra coisa: “Os novos riscos são a abundância dispersa e a concentração asfixiante. (...) o problema que as sociedades contemporâneas enfrentam é mais ‘de explosão e dispersão das referências culturais do que de homogeneização’”.

Neste contexto, toda e qualquer diferença que possa ser absorvida pelo mercado interessa, e muito, pois são exatamente as diferenças, antes desprezadas e contabilizadas apenas como desvio da norma, que se tornam o verdadeiro *capital cultural*, monopolizado pelas grandes corporações. Nesse sentido, desvia-se o problema das desigualdades, que são conseqüentemente banalizadas com a supervalorização das diferenças, para que o sistema capitalista continue prevalecendo. Pergunta o autor: “Como reinventar a crítica num mundo em que a diversidade cultural é algo que se administra nas corporações, nos Estados e nas ONGs?”(Canclini, 2007, p.28).

O autor chama a atenção para o enfraquecimento dos termos “desiguais e diferentes” com sua progressiva substituição pela dicotomia entre “incluídos e excluídos”. Acrescentam-se aí as condições de (não) conectividade e caímos invariavelmente, numa diluição do verdadeiro problema. Todos começam a pensar, teorizar e falar sobre os processos de exclusão e formas de inclusão social e esquecem que sua raiz está justamente em como as diferenças e as desigualdades são colocadas, (não) assimiladas ou ainda capturadas dentro desse sistema? Ele afirma que a oposição de fato ao termo exclusão seria a própria *cidadania*.

A possibilidade de construção de uma nova organização em rede, através das inúmeras conexões que o universo virtual promete, parece acrescentar diferenças e

¹⁰ Warnier, JP. La mundializacion de la cultura. Barcelona: Gedisa; 2002.

desigualdades, causadas propriamente pela desconexão de muitos. Nessa metáfora da rede quanto mais conectados mais incluídos estamos; enquanto a exclusão é igual à desconexão, ou melhor, é estar impossibilitado de se conectar.

Como ainda afirma o autor, no “‘mundo de conexões’ parece diluir-se a condição de explorado” (Canclini, 2007, p.92) que era claramente vista nas situações de trabalho anteriores. Para se medir hoje os níveis de exclusão/inclusão observa-se o que as pessoas têm: casa, documentos, internet, celular, para dizer o quão (des) conectados estão os sujeitos. Dessa forma, fica também reduzida uma análise que se pretende apenas pelo viés da conectividade pois,

O que é um lugar na mundialização? Quem fala e a partir de onde?
 O que significam estes desacordos entre jogos e atores, triunfos militares e fracassos político-culturais, difusão mundial e projetos criativos?
 O fascínio de estar em toda parte e o desassossego de não estar em nenhuma com segurança, de ser muitos e não ser ninguém mudam o debate sobre a possibilidade de ser sujeito(...) (Canclini, 2007, p.29)

Então, é preciso variar o ângulo de visão e ampliar o tamanho da imagem, articulando o pensar contemporâneo na complexidade de três pontos-chaves: como possibilitar as condições de existência de diferentes/integrados, desiguais/participantes e conectados/desconectados?

Pois, “cada forma de privação associa-se a formas de pertencimento, posse ou participação” (Canclini, 2007, p.99), ou seja, nunca somos apenas uma dessas coisas e nunca estamos num lado só da história – completamente conectados ou desconectados, por exemplo. Temos pontos de intersecção e distanciamento com as diferenças e os níveis de desigualdade que se apresentam e variam todo o tempo. Tudo é muito mais flutuante nesta nova configuração, e fica difícil dizer quem está dentro ou fora muitas vezes.

É neste mar flutuante de impossibilidades de definição e estandarização das situações e condições que vivem as pessoas, que surge o termo *vulnerabilidade social*. Num contexto onde não se está lá nem cá, é apenas quando se adentra as especificidades de cada sujeito, que vão se tornando mais visíveis seus potenciais e limites de conexão, suas possibilidades de ação diante de tais desigualdades e suas reais dificuldades e vantagens na composição com suas diferenças;

(...) talvez (...) estejam aparecendo ocasiões para atuarmos como atores verossímeis, capazes de fazer pactos sociais confiáveis, com alguma duração, em intersecções compartilhadas. (...) a conexão e a desconexão com os outros são parte da nossa constituição como sujeitos individuais e coletivos. Portanto, o espaço inter é decisivo. (Canclini, 2007, p.30-1)

Agora, por mais que os movimentos contemporâneos ligados ao processo globalizador e às múltiplas tentativas da ciência em alcançar ao máximo a objetividade das ‘coisas do mundo’, com sua assepsia ao subjetivo – o que tem graves consequências como o achatamento das diferenças e da possibilidade de outras estruturas-suportes do conhecimento; os lugares, geograficamente delimitados e com singularidades impermeáveis, “continuam a existir por continuar a existir alteridade no mundo” e vice-versa (Canclini, 2007, p.125).

Mas é preciso que o exercício da diferença cultural seja feito sim, nos seus limites mais radicais – naquilo que é inassimilável e inaceitável das culturas e das pessoas, sem que isso signifique guerra ou extermínio. A afirmação das diferenças, seu reconhecimento e sua proteção são de importância para o desenvolvimento cultural e político. Canclini (2007, p.68) pontua:

É impossível esquecer que há uma infinidade de processos históricos e situações de interação cotidiana em que marcar a diferença é o gesto básico de dignidade e o primeiro recurso para que a diferença continue a existir.

Outro autor de referência para os estudos da cultura dialoga com esse pensamento afirmando que “a subjetividade é o vetor da diversidade” (Coelho 2008, p. 79). Não se trata de falar de diversidades territoriais, de grupos específicos que se fecham em falsas idéias de identidades. A diversidade da cultura no seu sentido mais radical, para ele, trata das singularidades (composta por sujeitos e subjetividades) que podem vir a se agrupar, sem perder suas essencialidades singulares, cuja força, esta sim, é capaz de fazer frente à “subordinação a ideologias reacionárias como a nação, a etnia, o povo e a raça” (p.80).

Teixeira Coelho (1989, 2008) coloca em oposição à cultura, a barbárie dos tempos vividos, pois, para ele, cultura está ligada a tudo que pode libertar, construir repertório de linguagem e criar mais possibilidades de escolha, ou seja, a partir da ampliação de consciência e diferenciação. É fundamental que se consiga distinguir o que “estimula o desenvolvimento humano individual e, em consequência (não o contrário), o processo social, e aquilo que o impede, distorce e aniquila” (Coelho, 2008, p.20).

Nesse sentido, “cultura é o que move o indivíduo, o grupo para longe da indiferença, da indistinção; é uma construção que só pode proceder pela diferenciação. Seu oposto é a diluição (Coelho, 1989, p.21)”. Para este autor, a barbárie não é apenas a violência física e explícita da guerra, mas todo e qualquer instrumento ou objeto utilizado para se criar homogeneização, dependência, consumismo, e anulação do sujeito, “tornando inoperante a capacidade de valoração (de distinção)” deste. (Coelho, 1989, p. 27).

Em publicação recente do livro *A cultura e seu contrário*, Teixeira Coelho (2008) joga com os múltiplos, diversos, contraditórios e perversos sentidos atribuídos ao conceito de cultura, para chegar também ao *cultural*, aproximando-se do discurso de Canclini (2007). A cultura é apresentada como ação transformadora, como lâmina

afiada que revolve a terra, trazendo ao solo o que estava por baixo, como adubo/esterco que alimenta um processo e um ciclo contínuo de mudanças, entre outras metáforas e aproximações por adjetivos diversos, segue o autor criando variações para o termo: cultura comum, inerte cultural, cultura flutuante, cultura da vida, cultura do mundo, cultura do risco, cultura paradoxal, cultura subjetiva...

Mas nenhuma dessas palavras ou discussões faz sentido ao se perder de vista uma constante de seu texto, parafraseada de Montesquieu, e que se torna o objetivo último de todo e qualquer processo cultural: trata-se de “ampliar a esfera de presença do ser” (Coelho, 2008, p.31).

- A CULTURA COMO DIREITO — A CIDADANIA CULTURAL

Em seu percurso histórico, vê-se que a cultura adquiriu múltiplos sentidos; mas Marilena Chauí (2006) chama a atenção para o fato de que estes sentidos nunca escaparam da dialética *dominante/dominado* que, essencialmente, propõe uma cultura de legitimação da exploração econômica, da dominação política e da exclusão social por parte do polo dominante de um lado; e, uma cultura que ora se contrapõe, protesta e denuncia esta situação, ora repete o que a outra propôs, repetida e alienadamente, de outro. Diante disso, a autora propõe uma mudança do foco: por que não pensar num conceito de cultura pautado pelo viés ideológico da democracia?

Nesse momento, pontos emergem na discussão: (i) a relação do Estado com a Cultura, onde o Estado se coloca como produtor de uma determinada cultura; (ii) o Estado como apresentador de um “leque” multicultural, tentando isentar-se da discussão que se refere à divisão de classes e buscando apresentar de forma generalizada o que se produz; (iii) ou ainda, quando o Estado toma os parâmetros da indústria cultural e

do mercado para dirigir a produção cultural, dentro dos órgãos institucionais de cultura de um país. O que vê é a adoção de uma cultura oficial e/ou respostas às demandas com critérios de *mass mídia* e do sistema mercadológico, com a “consagração do consagrado” (Chauí, 2006, p.135).

Mas, para recusar tais concepções, é preciso convocar o sentido antropológico do termo que pensa o Estado como parte e reflexo de uma determinada cultura, na medida em que esta se organiza e expressa suas dinâmicas sociais de segmentações e expressão do poder. Da mesma forma, só é possível rebater a orientação do mercado para a cultura, concebendo-a como campo específico de criação, cujo uso da imaginação, sensibilidade e inteligência produzem fatos e obras que questionam e modificam a própria estrutura cultural estabelecida. Para tanto, dificilmente se consegue conciliar o que se produz nesses parâmetros, ao submeter as produções à ordem do capital (Chauí, 2006).

Cria-se um paradoxo: enquanto processo de criação, cultura é entendida como trabalho: é trabalho de inteligência, sensibilidade, investimento técnico, de habilidades, experiências, debates, reflexão e, dessa forma, depende das condições materiais que devem ser oferecidas para sua realização, por outras lógicas que não sejam a do mercado capitalista, via sistema público ou privado. Para tanto, reforçamos a idéia de que os objetos culturais são a transformação do existente em algo novo:

A cultura opera mudanças em nossas experiências imediatas, abre o tempo com o novo, faz emergir o que ainda não foi feito, pensado e dito (...) significa compreender que o resultado cultural (a obra) se oferece aos outros sujeitos sociais, se expõe a eles, oferece-se como algo a ser recebido por eles para fazer parte de sua inteligência, sua sensibilidade e sua imaginação e ser retrabalhada pelos receptores, seja porque a interpretam seja porque uma obra suscita a criação de outras. (Chauí, 2006, p.136)

Na concepção ainda de Edgar Morin (2005), cultura e conhecimento são um binômio que se auto-retroalimenta, pois somos ao mesmo tempo portadores e transmissores de cultura. Para ele, a cultura se organiza em linguagem que resulta na formulação de regras e normas. A partir disso, construímos uma certa organização social, pautada também na memória coletiva social e nos comportamentos individuais, que em processo dinâmico de interação vão formatando algumas possibilidades de visão de mundo. No embate constante entre determinismos e efervescências culturais, que provocam quebras e rupturas, regenera-se a complexidade social e, por sua vez, oxigena-se a própria cultura, fechando o ciclo proposto pelo autor.

Porém, no âmbito das práticas, a luta permanece ainda no sentido da ampliação dos direitos e na concretização do projeto de cidadania, cuja completude implica a participação total no campo cultural: desde a possibilidade de fruição, de atuar na produção e também nas diretrizes das políticas públicas (Chauí, 2006).

O que se tenta afirmar com essas discussões e reflexões é a garantia do que se denomina *democracia cultural*: idéia de que todos têm direito ao acesso, entendimento e produção de cultura. Reiterando tal concepção, Teixeira Coelho (2003, p. 221) aponta que todos os esforços empenhados na coleta de dados e formulação de indicadores culturais precisam ter como objetivo último:

(...) a formulação de políticas culturais e políticas socioculturais que, na expressão de Néstor Canclini, promovam o avanço tecnológico e a expressão multicultural de nossas sociedades, centradas no crescimento da participação democrática de seus cidadãos.

Apesar do avanço no reconhecimento desses direitos, enquanto parte constituinte da construção de uma cidadania plena, pouco se tem consolidado em projetos políticos

e programas para essas culturas que não visam ao lucro nem despertam o interesse de investidores, ao não reconhecê-las como nicho mercadológico.

Em contrapartida, à medida que nos tornamos conscientes da situação de monopólio cultural vigente e da destituição de subjetividades, através do processo do desenraizamento que a cultura contemporânea tem provocado na experiência da existência humana, surge a necessidade de se criarem novas formas de organização e cooperação social, que abram fissuras neste contexto hegemônico, criando e potencializando movimentos de resistência a essa permanente vivência da exclusão dos homens da experiência cultural.

O desenraizamento cultural, que se processa na medida em que o indivíduo vive situações recorrentes de humilhação causadas por diversos motivos – desemprego, condições desfavoráveis de moradia, educação, trabalho – que dificultam a sua comunicação e articulação na vida social, impede que sua singularidade se expresse e se perpetue por meio de seu gesto no mundo (Safra, 2002).

3.3 A CONSTITUIÇÃO DO COMUM - OS COLETIVOS E O ESPAÇO PÚBLICO NOS SEUS MÚLTIPLOS SENTIDOS

Estou convencido de que não se toma o poder. Estou convencido de que se pode expressar um poderio e isso é outra coisa. Mas, sobretudo, estou convencido de que a sociedade tem superado as ordens políticas e jurídicas que a regulam. Estou convencido de que as necessidades das pessoas vão muito além das ordenações políticas e, de que a liberdade com que as pessoas se expressam e a capacidade produtiva de que dispõem vai muito além da ordem capitalista. (Negri, 2009)¹¹

¹¹ Pensamento extraído do *site* www.desobediente.com, seção Autonomia Social, cujos textos de autores diversos tratam do “interesse sobre a organização da subjetividade e a cooperação social”. Acessado em 06 de março 2009. Tradução nossa.

Esse terceiro eixo de fundamentação teórica emerge à medida que a construção dos outros dois grandes eixos – sobre o território e os sujeitos na articulação do espaço; seguida das diversas concepções e discussões traçadas pelas muitas culturas – ganham corpo. Mas o que justifica esse recorte está fortemente arraigado no pensamento que vem construindo nossa prática e as ações no território interdisciplinar que estruturam o campo sociocultural.

Ao tratar da idéia de coletividade, na proposição de formação de grupos e coletivos de criação, além de trazer a cultura como lugar de pertencimento comum a todos, compartilhado, corre-se o risco de sermos mal-interpretados ao deixar os conceitos de coletivo, comum, espaço público, a mercê do “senso comum”. São diversos os usos possíveis destes termos, por exemplo, no campo artístico o termo coletivo serve para se contrapor ao problema da autoria, assim como muitas vezes ele vem sob a tônica/sinônimo de generalização, maioria indistinta, grupo homogêneo, que dá origem às massas. Por esses e outros motivos, sente-se a necessidade de explicitar de onde partiu teoricamente, os autores que vêm sendo nossa base de sustentação e argumentação.

Dentre eles, encontra-se aqui, com o pensamento de Toni Negri (2005, 2009), Roland Barthes (2003) e Jacques Rancière (2005), bem como de autores que dialogam com esses, fazendo uso, cada um a seu modo, dos conceitos, mas sem perder na essência os sentidos a que essas palavras nos remetem. Os pontos de partida desses autores são bastante distintos e sua forma de condução do pensamento também. As idéias tornam-se paradoxais em alguns momentos, estimulam o debate e contribuem para o exercício do pensamento, pois mesmo vivendo em contextos e tempos díspares, todos se dispuseram a refletir sobre questões do humano em sua realidade complexa e contraditória, o que provoca reverberações e atualizações para a discussão da vida e da cultura nos dias de hoje.

3.3.1 O VIVER JUNTO

Roland Barthes (2003) em seus *Seminários no Collège de France* (entre 1974 e 1976), traz uma vasta discussão acerca do *viver junto*, que passa pelas tensões causadas entre o público e o privado, entre as oposições de indivíduo-coletivo; convivência-solidão; liberdade-submissão. Para os antigos gregos, a liberdade estava no espaço público, e na possibilidade de expressar e participar das questões do *sócius*. Já para os modernos, com o nascimento da burguesia, a liberdade é conquistada pelo espaço privado, pela intimidade e pela independência individual, empurrando os limites do público a maior distância possível.¹²

O espaço comum e a vida comunitária, na visão de Roland Barthes, são repletos de tensões e cerceamentos, limitações e submissões, o que remete o autor a muitos questionamentos, dúvidas expressas em suas “divagações” sobre qual seria o melhor jeito de viver. Ele faz uso de diversas experiências que se tornam modelos inspiradores para o que seria a convivência, como: as comunidades de monges heremitas que se reúnem, encontram-se basicamente para fazer uma refeição por mês em conjunto; os clubes libertinos e de confrarias, onde se pode experimentar a horizontalidade das relações etc. E, nessas “fantasias” e “viagens”, o autor vai construindo um caminho inverso ao promovido pela Antiguidade. Ele parte da vida solitária, do maior distanciamento possível do indivíduo – a situação de isolamento, para vir ao encontro do outro, numa fantasia, como ele mesmo coloca, da vida coletiva pautada nos prazeres, no amparo dos sujeitos numa relação de fraternidade, que possibilita o diálogo fora do espaço patriarcal – para ele, espaço tirânico e de submissão, lugar do Estado e da Lei (Barthes, 2003).

¹² As colocações sobre este autor são baseadas na leitura de *Como Viver Junto*, de Barthes (2003), seguida de anotações em aula da profª. Eliane R. Moraes, durante curso de formação de monitores da 27ª. Bienal de Arte de São Paulo, que recebeu o mesmo nome inspirado no tema trazido pelo autor.

Essa construção utópica da vida compartilhada pressupõe ainda o grande e difícil exercício da escuta, do ouvir a si próprio, o silêncio e o outro, numa escuta atenta às diferenças. A partir disso, poder-se-ia pensar numa comunidade baseada na *idiorritmia* –“palavra formada a partir do grego *ídios* (próprio, particular) e *rhythmós* (ritmo)” (p.12).

É preciso ter espaços de vazio, figuras de ausência, possibilidades de recolhimento, alternados com a exposição e o contato; não ser preenchido todo o tempo para que a fantasia, o sonho possa se configurar. É assim com os processos criativos!

Para o autor, ainda, quando os ritmos pessoais encontram seu lugar de coexistência, sem que para isso seja necessário a profunda solidão e isolamento, ou a vida comunitária permanente; assim, estar-se-ia próximo da linha mediana que é a *idiorritmia*, em cujas circunstâncias utópicas, teríamos o respeito aos ritmos próprios, sem sermos atropelados ou subordinados aos ritmos alheios, possibilitando processos de convivência sem dominação (Barthes, 2003).¹³

Gilberto Gil, em texto de apresentação do Guia da 27ª Bienal, inspirado em Barthes, diz que nosso desafio está na possibilidade de vivermos o compartilhamento e em convivência, e não mais na questão da tolerância, pois a concretização da cidadania estaria justamente numa “escuta cultural das diferenças” (Bienal, 2006, p.11).

¹³ Para Barthes (2003), as estruturas de poder e os processos imperativos de dominação estão profundamente ligados à heterorritmia ou ainda a disritmia, onde há sobreposição de ritmos ou choques nesses encontros marcados por grandes descompassos rítmicos que disputam entre si sua preponderância.

3.3.2 SINGULARIDADES NA MULTIDÃO

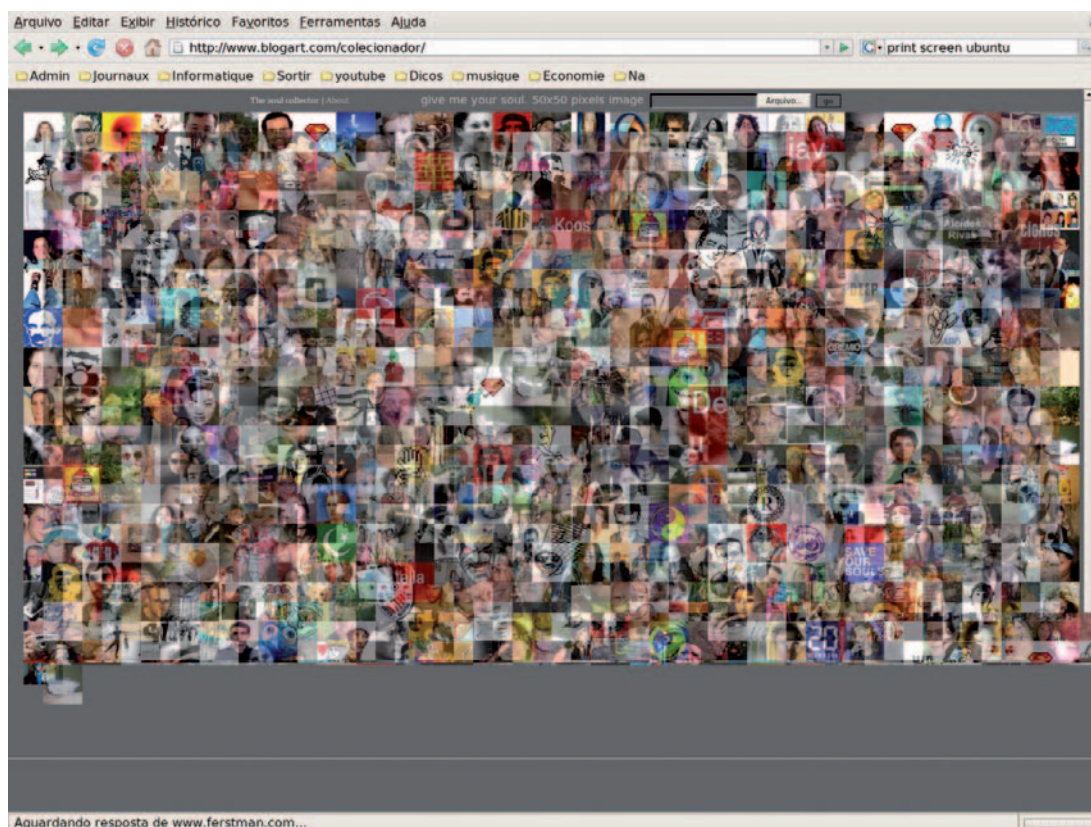


Figura 8 – Fernando Velásquez, *Coleccionador de Espírito*, 2003-2007. ¹⁴

No alto da tela vem a frase “Me dê sua alma” que aparece como chamada à participação sobre a tela do *blog*. Denominado *soul collector* ou *coleccionador de espíritos*, Velásquez pede por uma alma alheia representada por uma imagem de 50x50 pixels. O resultado é uma camada um tanto transparente de fotografias, sobre outra mais definida, que lembra o passo do tempo e das vidas.

Apesar da obra ser datada de 2007, o *site* fica constantemente em movimento, alternando as ‘células’ e as camadas de imagens. Aparentemente, é possível enviar ainda imagens, mas não sabemos se estas são processadas e se atualizam a imagem final. O que chama a atenção neste *puzzle*/obra é sua capacidade de síntese da realidade vivida hoje: o virtual, as singularidade das pessoas expressas em rostos humanos embaralhadas no sobreposição de camadas de imagem, misturando-se e confundindo com imagens publicitárias, desenhos e frases como *save our soul* - salve nossas almas – concretizando de forma bastante marcante por onde passam hoje os processos de subjetivação, as formas de pertencimento, de ligação entre as pessoas e suas possibilidades de imprimir marcas e compor o coletivo. (Programação: Edinho Almeida).

Para Negri (2005) estamos todos imersos num fluxo, designado pelo biopolítico, já que se trata do fluxo regulador da vida, determinado pela era atual

¹⁴ Imagem gravada da tela do computador (função printscreen). Originalmente extraída de: Velásquez, F. Disponível em: www.blogart.com/coleccionador. Acesso em 30 março de 2009.

do capitalismo, melhor dito pelo autor, como “era da exploração da vida”. Para ele, é preciso revisitar conceitos como aqueles ligados às formas de produtividade, hoje intrinsecamente relacionadas às formas de vida e à produção de subjetividade. A produção material da fábrica que implicara, em outra época, a presença e domesticação do corpo, com alienação da alma para geração de produtos materiais e valor, em última instância, é substituída pela produção imaterial, da ordem do intelecto e do subjetivo, onde o corpo de instrumento de controle e geração de riqueza passa a ser suporte para a produção desta. O controle da alma é mascarado pela liberdade aparente do corpo que não precisa estar lá, basta estar conectado (Negri, 2001).

Com o intuito de escapar das lógicas do capital, criando alternativas a esta leitura da atualidade, Negri (2005) chama atenção para outros eixos de constituição das estruturas sociais, enfatizando três componentes da paisagem: a multidão, o comum e a produção de singularidade. Numa articulação entre eles, o autor define a multidão como funcionamento em rede de singularidades cooperantes. Para tanto, é indispensável o reconhecimento do outro, do heterogêneo que, posto em relação, funda o singular. É também nessa interação que se aumenta nossa capacidade de ação, lembrando a questão da autonomia discutida anteriormente.

Negri (2005) afirma que nessa modificação da relação homem-trabalho-produção de valor, constituem-se outras formas de organização produtivas, num processo de invenção e singularização, o que implica a presença de características como a paixão, o afeto, o interesse, a adesão a proposições e, a continuidade e sustentação destas. É nessa construção de horizontalidades criativas e cooperantes que se constitui o *comum*. Para o autor, ainda, a propriedade do *comum* significa capacidade, ato ou atividade de gerir algo que

é reconhecido como uma condição para vida, uma condição biopolítica. (...) A definição jurídica do comum é aquela que possibilita fazer atuar dentro do caráter público a construção de espaços comuns reais, que são estruturas comuns, e fazer atuar nesses espaços de vontade a decisão, o desejo e a capacidade de transformação das singularidades. (Negri, 2005, p.3)

O comum é articulado, construído no reconhecimento do outro, na comunicação das singularidades que recriam e reinventam o real. É o exercício do comum na multidão que oferece resistência ao biopoder e engendra outras formas de participação. No contexto artístico das décadas de 1960 e 1970, Hélio Oiticica remete à idéia de participação total do artista, do poeta ou intelectual, afirmando que, enquanto atores sociais, todos deveriam se imbricar nos acontecimentos/problemas do mundo, sem restringir-se aos problemas estéticos, numa tomada da totalidade cultural vivida, que junto à vontade, pensamento e ação fortes engendram transformações nos planos ético, estético, político e social (Ferreira e Cotrim, 2006, p.164).

Nesse contexto artístico contemporâneo, que é mundial e também brasileiro, vive-se permanentemente a tensão causada pela tentativa de articular o universo comercial da arte e o caráter crítico e subversivo, que esta possa vir a desempenhar. Há um processo de fusão e diluição entre os discursos da arte e da sociedade, dissolvendo as poéticas da arte em eventos coletivos e transitórios, que evidenciam novas possibilidades de interação de forças na construção do comum:

Falar do coletivo é falar de pluralidade, experimentação, liberdade, desterritorialização; (...) Ressaltar a importância da amizade enquanto Política, experimentando outras formas de sociabilidade, com ênfase na pluralidade dos participantes, constituiria-se como um exercício do político ante essa sociedade que limita e prescreve as formas de relacionamento. (Barrus, 2008, p.5)

Ainda durante as décadas de 1960 e 1970, surgem muitos coletivos de artistas, como Grupo REX, Fluxus, Grupo Soma, Equipe Nove, Grupo Mutilação, entre outros, propondo intervenções espaciais da ordem do efêmero, da performance e relacionados à arte conceitual e contemporânea. A idéia de processo predomina nestes ambientes, que buscam ser interativos. Intervenções no espaço público e dentro dos museus, muitas vezes, com caráter crítico e subversivo desses lugares instituídos da arte (Freire, 1999; Ferreira e Cotrim, 2006). As vivências, as festas, os jantares enquanto práticas de engajamento político foram usadas como atitudes de reivindicação e, ao mesmo tempo, como resposta a uma estrutura estabelecida. Arte e vida se misturam, se confundem, e geram tensões importantes e discussões intensas sobre o tema.

Há um momento em que os artistas param a produção de objetos, ou então de mostrá-los como resultado de suas pesquisas plásticas, e começam a valorizar o jogo, a imaginação, a ação, a teatralidade, ao mesmo tempo em que se reúnem aos bandos para cozinhar, deitar na rede e ver um vídeo, ou fumar e beber e sorrir. (Barrus, 2008, p.2)

Atividades cotidianas tornam-se ato criativo individual e coletivo, e ganham cunho político intensificado neste período de resistência à cultura mercantilista, à coerção da liberdade de expressão e outros processos sociopolíticos enfrentados pelos artistas em época de ditadura de seus países.

(...) o exercício da amizade como reinvenção do político, uma ética de amizade no contexto de uma possível atualização da estética da existência, permitindo transcender o quadro da auto-elaboração individual para se colocar numa dimensão coletiva, como alternativa ao esvaziamento da esfera pública. (Barrus, 2008, p. 6)

Numa resistência anticapitalista e formatação da experiência em horizontalidade das relações, promove-se uma “recompensadora alegria que surge de estar na companhia de semelhantes, de aparecer em público e agir conjuntamente; de inserir-se no mundo pelas palavras e pelas ações” (Barrus, 2008, p. 3).

Seguindo os pressupostos teóricos de Negri (2005) e Rancière (2005), o comum nada tem a ver com a comunidade, mas, sim, com a construção do *agir comum*.

Em nossas práticas cotidianas junto aos grupos e participantes, a articulação deste conceito torna-se fundamental num combate ao isolamento e à solidão vividos pelos sujeitos. As atividades e os fazeres singulares promovidos no grupo vão criando uma camada sensível da experiência comum, o que possibilita a construção de linguagens, a comunicação e o compartilhar novas possibilidades de agrupamento e de expressão.

Toca-se, a seguir, no tema sobre o comum a partir de outro ponto de vista, de Jacques Rancière (2005), mais precisamente na discussão que este autor faz entre estética e política e suas possibilidades de combinação, chegando ao que denominou “partilha do sensível”. Para ele, trata-se de um

(...)sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. (p.15)

Constata-se uma tensão permanente nessa dinâmica daquilo que pode ser partilhado, a cultura, os direitos civis, a liberdade, por exemplo, ao mesmo tempo em que escancara um “lugar de disputas” por esse comum – baseadas na diversidade das atividades humanas, e que definem “competências ou incompetências” para a partilha,

ou seja, “quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce” (p.16).

Qualquer trabalho que se exerça: artístico, político, literário, manual, imprime um efeito no real. Sua produção está ligada à visibilidade do que se faz, do que se fala, e do que se pode dizer ou fazer; promover uma *re*-partilha do sensível, de acordo com os atores que são envolvidos nestes fazeres. Para o autor, a democracia se faz nestes atos produzidos e repletos de precariedade, mas que colocam os sujeitos em pé de igualdade:

(...) pode-se entender primeiramente a constituição de um mundo sensível comum, uma habitação comum, pelo entrelaçamento de uma pluralidade de atividades humanas. Mas a idéia de “partilha do sensível” implica algo mais. Um mundo “comum” não é nunca simplesmente o *ethos*, a estadia comum, que resulta da sedimentação de um determinado número de atos entrelaçados. É sempre uma distribuição polêmica das maneiras de ser e das “ocupações” num espaço de possíveis. (Rancière, 2005, p.63)

3.4 ARTE, CULTURA, SAÚDE E TERAPIA OCUPACIONAL

Diante de todos os atravessamentos que a realidade nos impõe, volta-se para o estudo de diversos conceitos, na busca de vetores que nos auxiliam num permanente exercício do pensamento complexo, transversal, em rede, o que exige do terapeuta ocupacional um olhar multivetorial, com a construção de eixos de análise multifatoriais, práticas não lineares *re*-inventadas na pesquisa em questão. Como bem coloca André Martinez (2005, p. 13):

Jamais o futuro foi tão imprevisível. Esta fase inédita na história da civilização nos coloca frente a impasses multidimensionais. Se por um lado, vivê-la é angustiante, por outro, brinda-nos com um dos aspectos

mais fascinantes de todos os tempos, sem dúvida o maior desafio que pessoas e instituições precisarão enfrentar nas próximas décadas: o fato das autonomias do conhecimento terem se tornado insuficientes para permitir compreender e interferir na realidade; ou pelos menos a consciência disso. Não é mais possível classificar tudo em gavetas, departamentos, faculdades, tratados. Não podemos mais enxergar o mundo – com sua tamanha diversidade de conflitos, interesses, fluxos de informação e fontes de conhecimento – como simples conjunto de ciências, competências e hierarquias. É preciso entendê-lo como um grande e complexo sistema de relações.

Nesse sentido, o envolvimento e estudo de práticas artísticas e culturais, bem como de seus fundamentos teóricos têm auxiliado na composição da transversalidade das práticas em terapia ocupacional. Entender o que se passa nesses campos permite o esclarecimento de muitas questões, inclusive aquelas que remetem falsamente a uma crítica analítica do campo específico, de onde se parte, no caso, da saúde. Compartilhar desses saberes, das tensões implicadas nestes campos gera um espaço comum, de partilha sensível da realidade contemporânea, onde se aprende a fazer a distinção daquilo que se refere ao humano e aos sistemas sociais gerais de organização atual; daquilo que não nos pertence ou, em oposição, daquilo que é singularmente nosso, dos modos de fazer e dos sujeitos especificamente atendidos em terapia ocupacional.

No âmbito filosófico proposto por Barthes (2003), a cultura emerge como um adestramento, uma modulação dos comportamentos, mas isso se dá principalmente por um jogo de forças inconscientes e seletivas. Em dinâmica constante, é o próprio engendramento de uma diferença que coloca o mundo em marcha. O ‘exercício da cultura’, expressão inventada pelo autor, significa, então, a escuta das forças das diferenças. Para Barthes (2003, p.14) ainda, a origem da cultura é a *fantasia*. Mas ele adverte: “para que haja fantasia é preciso haver cenário, portanto, lugar.”

Pois é nesse sentido que se procura promover, no engendramento de grupos, na construção da relação entre terapeuta e paciente, a construção de um ambiente que proporcione a abertura para a escuta das diferenças e, fundamentalmente, para que haja possibilidade de dar vida e existência à fantasia, ou seja, criando espaços para o exercício contínuo da cultura (Brunello, Castro, Lima, 2001; Barthes, 2003).

Isso vai ao encontro de um conceito contemporâneo em voga nos contextos de atuação sociocultural e, em especial, da saúde, a *competência cultural*. Este termo técnico tem sido bastante utilizado pelas organizações internacionais de referência em cultura, cidadania e saúde, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), a UNESCO, entre outras. Mas o que este termo de fato representa, a que se designa?

É importante ressaltar que este termo não surge no contexto brasileiro, mas tem reverberado em nossas práticas e discursos, principalmente, quando se fala de diretrizes ligadas às políticas públicas.

A Federação Mundial de Saúde Mental (WFMH, 2007),¹⁵ em documento especial do Dia Mundial da Saúde Mental decide abordar o conceito de competência cultural voltado para o profissional que atua em saúde. Para ela, a competência cultural está ligada aos seguintes fatores complementares:

- O primeiro deles está relacionado à habilidade dos sistemas, ou seja, à instrumentalização dos técnicos em prover um cuidado de seus pacientes considerando sua diversidade, singularidade e especificidade.
- O segundo aspecto fala da capacidade de adquirir melhor consciência e integração, domínio das características da população que se atende. Quais são os valores e crenças relacionados à saúde, à incidência e à prevalência das doenças e, ainda, à eficácia do tratamento oferecido?

¹⁵ Tradução nossa. Documento originalmente escrito em inglês e espanhol.

- O terceiro fator, não menos importante para sermos considerados competentes culturalmente, trata da *sensibilidade cultural*: o que implica o desenvolvimento da capacidade de compreensão e da tolerância à diversidade das formas e estilos de vida.

Os autores desse documento trabalham com um conceito ampliado de saúde, ressaltando a importância do fator cultural no atendimento em saúde mental, colocando o tema em questão de forma transversal à vida dos sujeitos, da comunidade e que, necessariamente, atravessa as formas de conceber e tratar as doenças mentais. “Em uma visão integradora de saúde, o político, o econômico, o moral e o médico estão conectados de maneira inseparável.” (WFMH., 2007, p. 6)

Aparece, ainda, no contexto especificamente da terapia ocupacional americana, o conceito de *culture emergent* ou cultura emergente na interação (Bonder, Martin, Miracle, 2004).¹⁶ No decorrer desse estudo, os autores elencam cinco características fundamentais presentes nesse modelo conceitual sobre a cultura: ela é aprendida, é localizada, é padronizada, é valorativa/avaliativa, e é continuidade/persistência, porém, mutável e em transformação. Como modelo proposto também para a intervenção, está fundamentado, basicamente, na ideia de que a cultura é “um sistema simbólico que emerge [se apresenta] através da interação entre os indivíduos” (Bonder, Martin, Miracle, 2004, p.162). O sujeito é ator cultural, chave de todo o processo e, é preciso fazer uma análise cuidadosa deste e do grupo, dando ênfase para os meios e os modos – onde e como ocorrem as interações.

Nesse contexto, os autores sugerem implicações práticas para a terapia ocupacional: a escolha das atividades deve estar de acordo com os valores e os imaginários socioculturais daqueles com quem se pretende atuar. A partir disso, estar

¹⁶ Tradução nossa.

atento para o aparecimento de inadaptabilidades, deficiências ou incapacidades em se realizar determinadas funções, pois, ao serem esperadas e padronizadas culturalmente, podem influenciar no sentimento de insatisfação, inapropriação, desvalor, exclusão etc. naqueles que se apresentam fora dos padrões identificados como característicos para aquela população (Bonder, Martin, Miracle, 2004).

Constata-se, a partir dessa abordagem, que a cultura emerge na vida cotidiana, nos hábitos e comportamentos diários que, em interação com os outros, se modificam e se afirmam. O impacto de uma mudança cultural pode ser constatado à medida que um novo jeito, uma nova forma de interagir aparece e é incorporada, tornando-se habitual e naturalizando-se inicialmente no indivíduo e/ou ao mesmo tempo, no coletivo.

Esse pensamento vem reforçar a importância dos trabalhos desenvolvidos também em outras estâncias, para além da saúde pública – macro e generalista, valorizando as iniciativas de atuação molecular, micropolítica, no cotidiano das intervenções com pessoas, seus contextos particularizantes e suas potenciais redes – de conexão e fluxo que costuram as relações locais, problemáticas e também potenciais para a situação de saúde ou de doença na complexa organização da existência dos sujeitos atendidos.

3.4.1 ALGUMAS AÇÕES DE INTERFACE: SAÚDE, CIDADANIA E PRODUÇÃO CULTURAL

Dando continuidade a essa pesquisa bibliográfica, realizada na base de dado Web of Science, com o intuito de levantar experiências de hibridação de campos e práticas, da terapia ocupacional e da cultura, em especial, foi encontrado um artigo sobre uma intervenção realizada por grupo de pesquisadores e estudantes da Universidade da Califórnia, numa proposta denominada por eles, intervenção cultural direta, junto a estudantes jovens (cerca de 12 anos) de um bairro considerado de baixa renda e marcado

por questões de migração, raça e etnia. A intervenção foi composta por professores e pós-graduandos dos campos da terapia ocupacional, da antropologia, da educação, das artes e da comunicação e tinha como objetivos: promover uma experiência em que os jovens estudantes pudessem se ver como produtores de cultura, deslocando seu lugar de consumidores; dar acesso a ferramentas tecnológicas e de mídia para diferentes usos e criações próprias, possibilitando a construção de uma visão crítica sobre os conteúdos que os meios de comunicação promovem, entre outros. (Frank et al, 2001)¹⁷

No âmbito das práticas internacionais, ainda, destaca-se uma experiência no Quebec: *L'a Société d'Art Indisciplinaire* (Sociedade da Arte Indisciplinada) – grupo de artistas interessados na discussão contemporânea sobre arte e loucura e, sobre como se podem produzir muitas artes no mundo atual. Baseados nas ideias de Jean Dubuffet (1986), ou seja, naquelas a favor da liberdade de experimentação e sustentação do expressivo em múltiplos suportes e formatações, que promovem a criação e o reconhecimento de obras singulares. Ligados ao embate com um sistema de arte elitista, cujo exercício artístico segue um padrão de construção destinado a minorias privilegiadas, que remetem a uma cultura que Dubuffet (1986) chamou categoricamente *asfixiante*, estes artistas criaram um movimento intitulado Arte Indisciplinada (Mouvement, 2002) e estão organizados sob a forma de cooperativa, o que permite a construção e agenciamento autônomo de um espaço de criação, constituído por um ateliê de experimentação e realização de trabalhos artísticos, e também de um espaço real e virtual de exposições periódicas, que são posteriormente registradas sob a forma de catálogos, e permitem o acesso virtual para apreciação e venda de trabalhos.

Essas “descobertas” de trabalhos internacionais em propostas multi e interdisciplinares, bem como a constatação da relevância do campo cultural para atuação

¹⁷ Tradução nossa. Para ter acesso ao artigo na íntegra pela internet, consultar base de dados Web of Science ou, diretamente o periódico *American Journal of Occupational Therapy*, . v 55, I.5, p. 501-8, sep-oct 2001.

da terapia ocupacional, também, nesses âmbitos, cria uma proximidade e um diálogo entre as produções, com o que guardadas as proporções dos recursos disponíveis, formas e configuração das práticas exercidas, particularidades da demanda e do contexto local, sentimo-nos fortalecidos e instigados a pensar como prosseguir nas intervenções locais, a fim de articular melhor ou de outras formas o que se faz, para que isso resulte em melhores condições de trabalho e novas propostas de intervenção no campo.

Aqui, arte e cultura são pano de fundo para a potencialização da existência de sujeitos que, por diversas condições, encontram-se na marginalidade de processos sócioartísticoculturais e que, mediante articulação de propostas como estas, participam da produção de fatos culturais que inovam as linguagens artísticas e abrem para novas possibilidades de criação, expressão e participação sociocultural.

Cultura como manifestação artística também fora dos circuitos de galerias e museus; cultura como capacitadora de inclusões e incorporações de contrastes; cultura como processo de contaminação. (Pileggi, 2008, p. 2)

▪ UM COLETIVO, MUITOS AGENCIAMENTOS, UMA OBRA-ACONTECIMENTO

Dentre as experiências locais, encontra-se ainda na interface das Artes, da Cultura e da Saúde, o Programa Permanente Composições Artísticas e Terapia Ocupacional ligado ao Laboratório de Estudos e Pesquisa em Terapia Ocupacional – PACTO; vinculado ao Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da USP. Dentro deste, configurou-se um coletivo de trabalho,¹⁸ o Pacto Exposição que, a partir de julho de 2005, reuniu-se em encontros regulares

¹⁸ Este coletivo de trabalho foi composto por uma equipe técnica de: 1 docente do curso de Terapia Ocupacional da USP (coordenação e supervisão geral), 2 terapeutas ocupacionais (colaboradores do laboratório), 2 bolsistas de pós graduação, 1 bolsista de graduação em TO e 2 estagiárias de graduação em TO e; um grupo de participantes/autores dos trabalhos artísticos, (16 pessoas no total) que se encontram em diferentes situações de vinculação junto ao serviço assistencial do PACTO.

para discutir, organizar e viabilizar coletivamente exposições de suas produções artísticas. Ao ter oportunidade de acompanhar essa experiência que resulta nas duas exposições IN PACTO,¹⁹ instaurou-se um processo de construção de visualidade da obra, produção dinâmica, cooperada e coletiva, que resultou numa potência estética – da ordem do sensível, produzindo um fato cultural à medida que ganhou corpo, veio ao mundo e pode ser compartilhado (Brito, 2005).

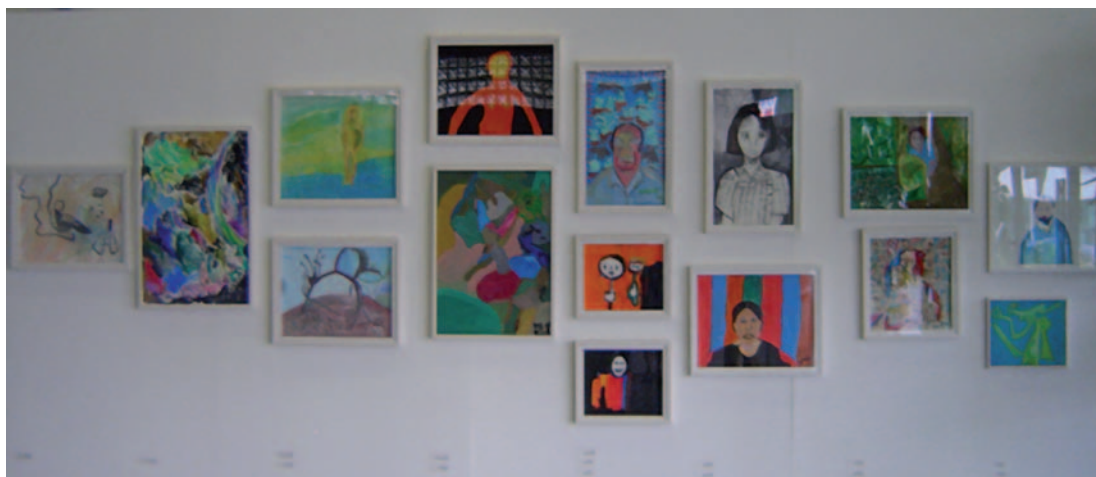


Figura 9 – Painel formado por obras de vários autores.

O trabalho com este grupo levou, inevitavelmente, aos questionamentos sobre as regras da arte instituídas, pois, à medida que se proporcionam ateliês de arte, com intuito não só de potencializar a comunicação e expressão (o que caracterizaria um uso instrumental da arte), mas, fundamentalmente, de proporcionar a pesquisa em arte e a renovação dessas linguagens, deparou-se com produções inesperadas, inéditas, que desconstroem a plenitude do olhar, provocam estranheza e questionamentos característicos da modernidade, em que a reflexão sobre si mesma, num exercício de metalinguagem, torna-se central. (Lyotard, 1987)

¹⁹ As exposições foram realizadas em agosto e novembro de 2006, no Centro de Preservação Cultural da USP e no Teatro Municipal de Osasco. Todo o processo foi, detalhadamente, relatado, registrado e discutido em relatórios de pesquisa e podem ser consultados para maiores esclarecimentos ou aprofundamento (Barbosa e Castro, 2007; Castro 2007).

Compartilhar esses trabalhos, fazendo parte do circuito artístico cultural da cidade era uma forma, considerada por todos extremamente significativa, de valorização dos sujeitos enquanto criadores de belezas, inquietações e, sobretudo, quanto à sua posição social perante a família, os amigos e seu lugar no mundo, não apenas como consumidor de cultura, mas “fazedor” desta, agente de transformação.

No decorrer desse processo, constata-se a

Afirmção de si, do outro, do coletivo... Nos aventuramos desbravando territórios de fronteira. Destino final da viagem: o universo da Cidade, da Cultura. (...) Experimentamos a vida que não pára... àquela que segue resistindo e construindo cenários de existência para si. Vida que afirma e se afirma num processo que é acima de tudo humano, orgânico, constituído e construído nas relações, nos afetos (...). (Barbosa, Marques, Saito, 2006, p. 1)

Um processo intenso e pulsante de participação grupal em todas as etapas do processo, deram forma a este projeto coletivo, onde profissionais e autores enveredaram-se num território de construção da visibilidade no circuito cultural. Isso exigiu um crescimento grupal no cuidado com as produções, a inventividade de formas de operar junto na interlocução com os espaços culturais e fundamentalmente, o trabalho do terapeuta ocupacional como articulador cultural de processos singulares que permitissem a sustentação do grupo na construção das exposições.

Durante todo esse trajeto, o que se propõe vai ao encontro da proposta de Lyotard (1987) que é, justamente, a de relacionar a experiência estética com a situação histórica da vida e com os problemas da existência, fazendo uma ponte entre os abismos que separam o discurso do conhecimento, o da ética e o da política, para além do abismo existente no interior da contemplação. Promove-se uma pequena revolução, molecular, mas que, acredita-se reverberar num sistema mais amplo.



Figura 10 – Montagem coletiva e cooperada.



Figura 11 – Xilogravura coletiva, [s/ título], 2005.

A Arte se aproxima da Vida, perde sua característica inacessível, distante, de admiração e contemplação, e ganha dimensão ordinária, mundana e cotidiana. O artista – visto tradicionalmente como criador e gênio – passa a ser na modernidade, um trabalhador, aquele que produz mediante esforço e dedicação, objetos e fatos de cultura (Benjamin, 2005).

Mudanças culturais continuam sendo tensionadas, a partir de fazeres numa perspectiva que permita, hoje, a abertura e o acesso do campo e das produções em artes, cada vez mais, pelos sujeitos que, com suas singularidades possam, como bem diz Celso Favaretto (2007), “alargar o campo do possível”.²⁰



Figura 12 – Lençóis de corpos bordados - entrada Teatro Municipal de Osasco.

²⁰ Favaretto, C. (Faculdade de Educação) Disciplina de pós graduação: EDM5776-3 “Extensões da Arte: Arte e Comportamento” [Anotações em aula] 1o. Semestre de 2007.



Figura 13 – Evento de Inauguração - conversa com autores.

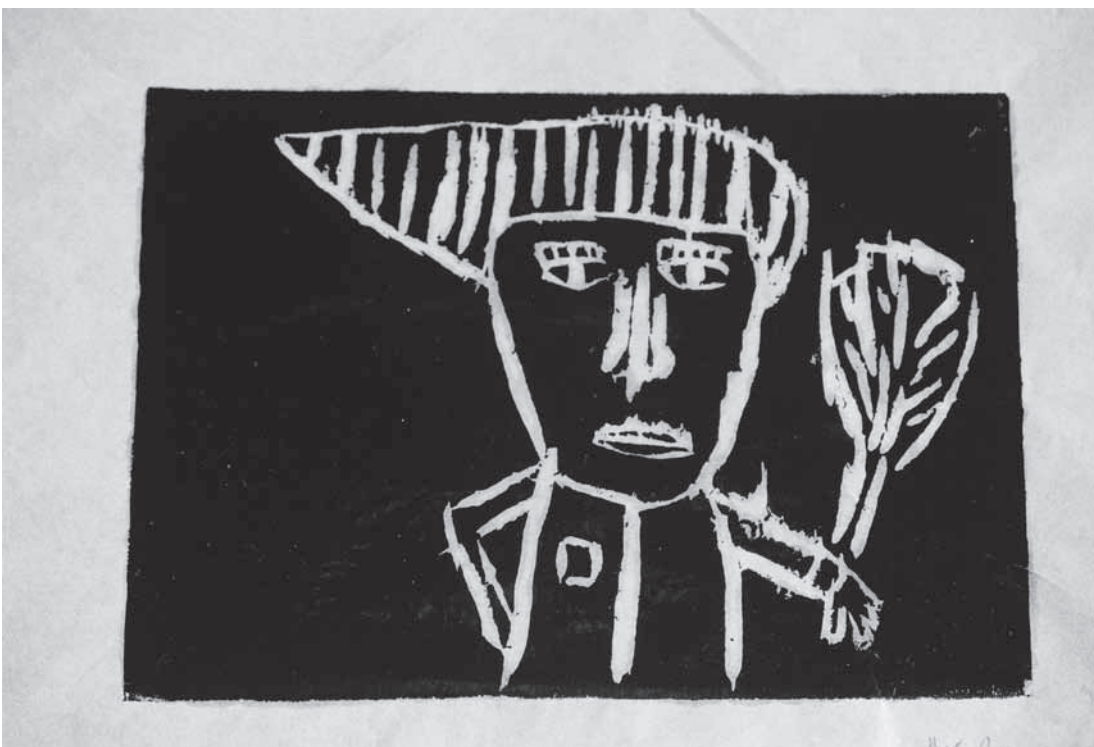


Figura 14 – Valeria Pujol, *Duende*, 2004, xilogravura s/ papel manteiga, 30x42 cm.



Figura 15 – Fe Ribeiro, *Grito*, 2004, óleo s/ tela, 100X 80 cm.

“só vem a ser arte estranhando a arte”

Brito, 2005

Múltiplos questionamentos se colocam a partir dessa experiência profissional. Sou contaminada por aquela energia de vida que transborda das pessoas envolvidas. Um vida que se mostra repleta de sentido, e como prosseguirá? Onde as pessoas continuarão exercitando com tamanha vitalidade seu potencial criativo e expressivo? Com quem e para quem? Que espaços culturais da cidade acolhem e trabalham com o desenvolvimento de tais singularidades, de sujeitos e produções?

Dos dezesseis participantes do Pacto Exposição, nove estavam em momento de alta do serviço de extensão em terapia ocupacional prestado pelo Pacto e, foram

encaminhados para outros espaços e cursos onde pudessem prosseguir em seus processos artísticos e percursos de vida e de convivência. Outros sete permaneceram ligados ao serviço em outras configurações de trabalhos grupais, seis deles no denominado *Pacto Trabalho*, e um no *Ateliê Experimental*.

Dessa forma, a prática da terapia ocupacional, em muitas ocasiões, exige a ampliação das propostas dos serviços, de projetos e de acesso da população às propostas de atenção em saúde, no seu sentido mais amplo. Há necessidade da produção de novas tecnologias socioculturais e do desenvolvimento de práticas de intervenção social que proponham soluções criativas e participativas para a população atendida em terapia ocupacional na contemporaneidade (Castro, 2006, p.3).

Terapeutas ocupacionais percebem-se, então, enquanto agentes políticossociais, entendendo que para construir a cidadania das pessoas atendidas, neste processo de luta e de conquistas (Galheigo, 1997) é preciso “reabilitar” o ambiente que o cerca, participar da criação de novas formas de relacionamento e organizações sociais que trabalhem sob a lógica da aceitação das diferenças, da pluralidade e diversidade dos modos de existir e de se relacionar no mundo. Isto exige composições interdisciplinares, com ações que se situam na interface de campos artísticos, clínicos, culturais e educacionais – definidas pelas ações em terapia ocupacional e pela participação mais ampla de outros atores neste processo.

Segundo a terapeuta ocupacional Sandra Galheigo (1997, p.49), “a participação consciente na construção do coletivo enquanto uma ação profissional passou a ganhar consistência nos anos 90”. O terapeuta ocupacional passa da função de adaptador (das décadas de 1970 e 1980) ao lugar de articulador social. Busca-se uma produção para a vida real, a construção de um espaço que permita, de fato e com o devido valor, as trocas sociais e uma nova sociabilidade possível, pautada na cooperação entre os

sujeitos. A configuração do espaço deve ser aquela voltada para o encontro, para a convivência e que permita a participação e a produção cultural.

A concepção do lugar ganha importância tanto quanto o sujeito, pois precisa ser pensado como universo a ser habitado, naquele sentido trazido por Saraceno (2001, p.114) que:

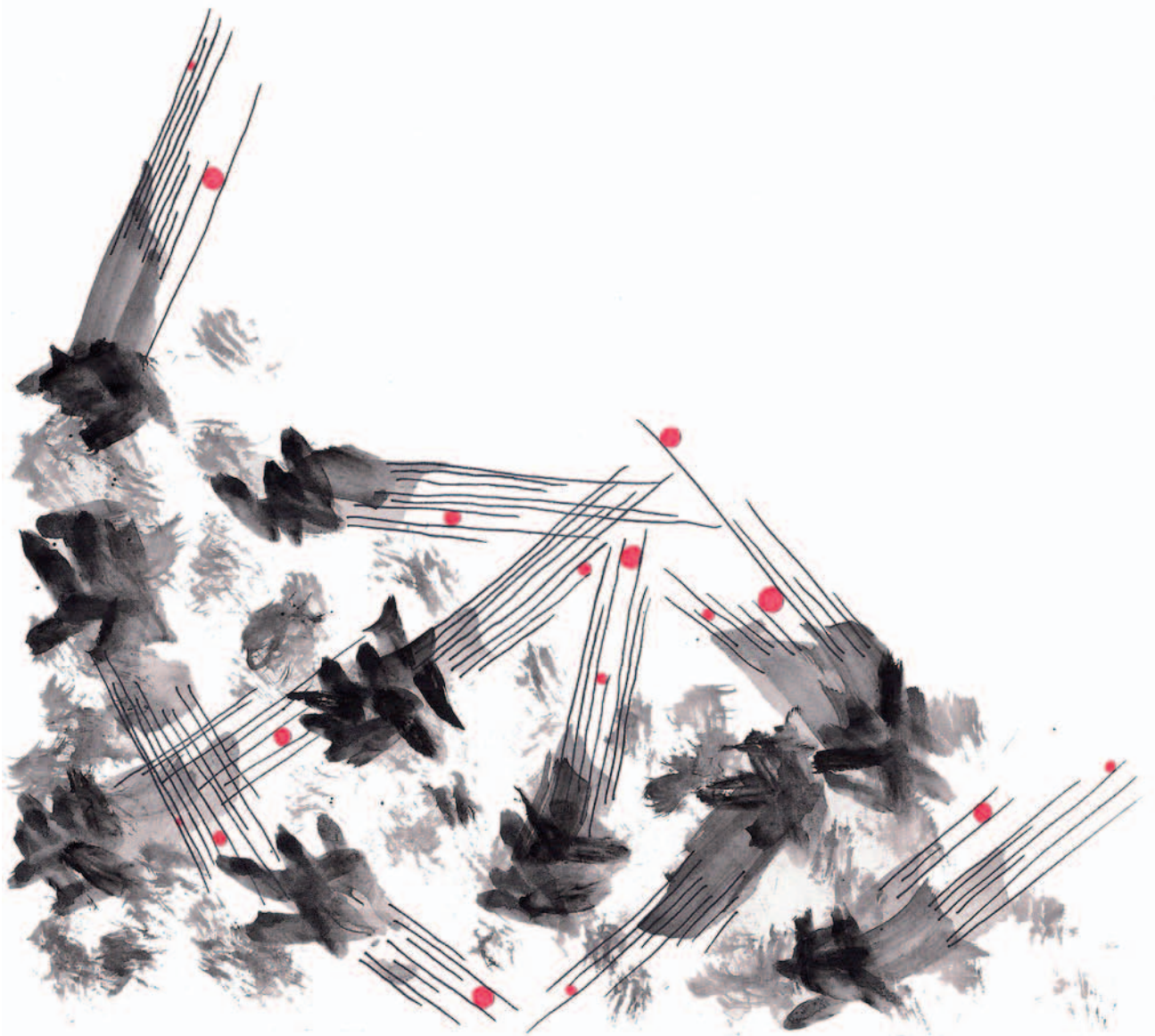
(...) tem a ver com um grau sempre mais evoluído de ‘propriedade’ (mas não somente material) do espaço no qual se vive, um grau de contratualidade elevado em relação à organização material e simbólica dos espaços e dos objetos, à sua divisão afetiva com os outros.

A partir da década de 1990, regidos pela lógica da inclusão/exclusão social, que neste trabalho, prefere-se tratar pela constatação das diferenças, desigualdades e desconexões (Canclini, 2007), terapeutas ocupacionais ampliam o *setting*²¹ de atuação e o foco de suas ações passa a estar na escola, na associação de bairro, na construção de cooperativas e coletivos e/ou na criação e apropriação de espaços de lazer e cultura da cidade. Mesmo que as desigualdades continuem a existir, os profissionais passam “a contribuir para a recomposição deste jogo de forças”, corroborando para uma cultura da cidadania e dos direitos humanos que, aos poucos, vão sendo incorporados à vida social (Galheigo, 1997, p. 50).

A apropriação de novas tecnologias (uso de computador, câmeras fotográficas e filmadoras) combinada com o resgate de antigas formas de sociabilização, como rodas de conversa, cafês, jogos de infância, revitalização de jardins; com a *re*-apropriação de espaços públicos abandonados ou esquecidos como praças, parques etc.; além da proposição de visitas a exposições, idas ao teatro e cinema na junção de interesses comuns entre as pessoas; compõem o cenário e o leque de atividades desenvolvidas nas práticas atuais da Terapia Ocupacional (Galheigo, 1997). Esse conjunto de procedimentos constitui as tecnologias de participação sociocultural.

²¹ Espaço, ambiente organizado para a intervenção terapêutica.

4 Material e Métodos



4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Os estudos atuais em Terapia Ocupacional têm buscado fundamentação metodológica em diversos campos do saber, na ânsia de superar a fragmentação e cisão sujeito-objeto colocados na formulação positivista e cartesiana, ainda, marcantes no universo da pesquisa científica. Mecca (2008) faz uma revisão importante de algumas abordagens presentes no campo das práticas e estudos em Terapia Ocupacional, trazendo contribuição significativa na descrição e uso de métodos mais abrangentes e flexíveis, englobando sujeitos-atores da pesquisa, no campo das atividades humanas e de muitos “fazer” que exigem do pesquisador uma leitura ampliada e acolhedora de múltiplos sentidos. A autora faz parte de uma série de pesquisadores contemporâneos em Terapia Ocupacional que

(...) vem reunindo esforços para transpor esta dualidade [cisão entre posturas científicas objetivistas e subjetivistas] tanto em seus métodos de intervenção quanto na produção do conhecimento. Objetiva-se romper com a absolutização e com o determinismo das compreensões hegemônicas e assumir o caráter hipotético e provisório do saber científico e a transversalidade com outros campos do conhecimento. (Mecca, 2008, p.73)

Nesse sentido, buscou-se priorizar o estudo qualitativo dos acontecimentos, amparados pelo método da pesquisa-ação, método das Ciências Humanas e que envolve fases da pesquisa, como a exploração, a descrição e a compreensão do problema investigado (Thiollent, 1994; Vasconcelos, 2002). De acordo com Thiollent (1994), a fase exploratória é composta de pesquisa teórica, pesquisa de campo e planejamento das ações.

Nesse momento, definem-se e clareiam os objetivos da pesquisa, que devem pertencer a dois tipos: aqueles práticos ligados à resolução de problemas empíricos,

sendo levantados junto aos participantes, denominados, também, pesquisa-ação por agentes ou atores da pesquisa. E/ou aqueles vinculados a uma função política explícita de tomada de consciência dos agentes sobre uma determinada situação pesquisada, seguida da produção de conhecimento e compartilhamento de saberes aprendidos.

Para o autor:

Não há focalização da pesquisa na dinâmica de transformação desta situação numa outra situação desejada. Ao contrário, pela pesquisa-ação é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação. (Thiollent, 1994, p.19)

A pesquisa-ação visa promover a aproximação de saberes culturalmente distintos – entre o acadêmico e o dito popular, por exemplo, a fim de que o controle destes esteja na mão de todos os atores, buscando com isso, o aumento e o ganho de autonomia na procura de soluções e nas decisões das ações planejadas, que devem ser executadas por todos os participantes. É nesse sentido que Mecca (2008, p. 90) afirma que os pesquisadores “trabalham explicitamente *com e para* as pessoas, ao invés de realizar a pesquisa *sobre* elas.” Os atores têm de gerar informações e participar da orientação das ações e das escolhas, sendo os especialistas (pesquisadores e técnicos) os facilitadores das discussões, provocadores de novos olhares para que a aprendizagem se potencialize e a comunicação se efetive entre as pessoas, enriquecendo as formas de conhecer dos sujeitos (Thiollent, 1994).

Esse método vem ao encontro da possibilidade de reunir a ação do terapeuta ocupacional em campo, com sua necessidade de reflexão e produção de conhecimento a respeito de suas práticas. Isso é impulsionado pela constatação de que as interações entre terapeutas ocupacionais e participantes do grupo pesquisado se dão numa

realidade cujos fenômenos complexos envolvem muitos fatores e variáveis, incluindo aí os afetos, as empatias, enfim, as relações entre humanos, que não podem ser transformadas em meros objetos de análise ou intervenção.

Numa abordagem sistêmica, esta pesquisa qualitativa tem uma perspectiva ecológica, ou seja, leva em conta as ações, as pessoas e os contextos de forma interdependentes (Ribeiro, 2007). Nessas múltiplas interações, forma-se um *complexus* – *aquilo que é tecido junto* – o que dá origem à teoria do pensamento complexo, que servirá de aporte teórico-metodológico, naquilo que permite exercitar um pensamento que não se faz linearmente, de forma a direcionar o entendimento para algo parecido com o sistema simplificador e reducionista de causa-efeito. O desafio é traçar os múltiplos vetores interrelacionados ao fenômeno, associando-os, distinguindo-os, sem isolá-los, categorizá-los e reduzi-los. O estudo é justamente desse tecido de acontecimentos, ações, interações, determinações, imprevisões, acasos, incertezas que constituem um certo universo fenomênico. A complexidade vai se apresentando nos traços inquietantes desse emaranhado que se forma (Morin, 2007).

Assim, é preciso aguentar uma certa desordem, admitindo que o conhecimento é sempre relacional e limitado a uma possibilidade de organização e ordenação relativas, permeadas de dimensões do conhecimento que não são passíveis de organização racional, pois são da ordem do indizível e do ininteligível, mas talvez possam ser compreendidos pela ordenação do sensível, na criação de sentidos, formando aquilo que Morin (2007) refere como *Unitas Multiplex* – uma unidade que não é totalizante, muito menos homogênea, que comporta dissonâncias, contradições, incongruências, irracionalidades, ruídos, obscurantismos.

David Lepoujade (2009)²² observa que para que haja construção de conhecimento, é preciso criar um plano comum, em que as relações se estabelecem de acordo com

²² Lepoujade, D. *Deambulação, Devir, Simpatia*. In: Ocupação Ueinz, 2009.19.09. São Paulo. Palestra. Anotações. São Paulo: SESC Paulista; 2009. Lepoujade é filósofo e professor na Sorbonne (Paris 1).

uma sintonia, um ritmo e uma certa tonalidade que atravessa os corpos, a partir da simpatia e da capacidade de seguir, de acompanhar o outro e aquilo que se processa neste encontro, repleto de marcas e tons. Para tanto, vir a ser outro, ou a capacidade de dar forma ao novo – o que seria o próprio ato de conhecer – pressupõe uma disponibilidade, uma abertura para migrar, para despir-se do que já se é em direção a esta outra coisa – desconhecida, obscura, incerta, estranha. Isso é impulsionado e sempre intermediado pelo outro. Ou seja, o conhecimento pressupõe deslocamento e interação. Deslocamento em direção àquilo que não se sabe o quê, num desprendimento do que se é, do que se sabe ou se pensa que sabe, para o lugar da curiosidade, num deixar-se atrair, levar-se pelo não revelado, não sabido. Interação numa tentativa de estabelecer diálogo, vinculação com aquilo que me atrai, respondendo a ele, seguindo seu movimento, criando um canal de fluxo e de comunicação.

Para tanto, o planejamento desse estudo exigiu o tempo todo, grande flexibilidade, tolerância e, fundamentalmente, consciência de seus limites de abrangência, ao mesmo tempo em que era possível considerar os vários aspectos relacionados ao tema, ou seja, sem que se transformasse num pensamento mutilador, ou naquilo que se chamou de inteligência cega, onde se olha para aquilo que se pode compreender racionalmente e elimina-se o inexplicável, enquanto desvio ou erro (Gil, 2002; Morin, 2007).

Num segundo momento, para entendimento e aprofundamento do estudo, foi necessária a descrição das características e dos elementos encontrados, a fim de se estabelecerem as relações entre as variáveis, bem como desvendar (nunca completamente) a natureza dessas relações. O procedimento da observação sistemática nos auxiliou neste momento da pesquisa, sendo de grande importância para proporcionar uma nova visão do problema. Para Castro (2006), este intrincado e complexo processo de investigação científica, conduz a um paradoxo, que leva a pensar em

(...) como construir novas formas de teoria crítica capazes de, ao mesmo tempo, superar as estratégias epistemológicas modernistas convencionais, insensíveis ao pluralismo e à diversidade sociocultural e paradigmática, e simultaneamente evitar a fragmentação pós-moderna? (...) as estratégias indicadas aqui mostram um ‘caminho do meio’ que valoriza a multidimensionalidade e complexidade dos fenômenos e um certo relativismo moderado com base em um pluralismo crítico, sem ecletismo, buscando interagir perspectivas particulares, sem negar as diferenças ou, do outro lado, violentar as regras epistemológicas de cada campo. (Vasconcelos, 2002 apud Castro 2006, p.5)

A pesquisa-ação caracteriza-se por um método que privilegia o estudo de pequenos grupos, colocando em relevo as suas singularidades que, em muitos casos, não são passíveis de generalização, etapa fundamental dentro das pesquisas mais tradicionais. Thiollent (1994) adverte que sempre que são feitas generalizações, considerando determinada informação válida para uma grande maioria, perde-se em termos qualitativos a potência dessa informação que, para alguns grupos, fazia-se relevante. Mesmo as generalizações obtidas por métodos estatísticos adequados e grupos de amostras rigorosamente selecionadas e controladas, aquilo que se produz, ao ser retirado de seu contexto primordial, deve ser relativizado.

Roland Barthes (1984), por sua vez, sensibilizado pelas tensões geradas entre sujeitos e sociedade, propõe com sua escrita disruptiva, ousada e provocadora, a formulação de uma *Ciência do Sujeito* – “que não me reduza nem me esmague” (p.34). Ele relata que por muito tempo encontrou-se jogado entre duas linguagens – a expressiva e a crítica – até que resolve assumir o seu lugar na singularidade: “entre a subjetividade e a ciência, eu chegava a uma ideia bizarra: por quê não haveria, por assim dizer, um ciência nova por objeto? uma *Mathesis singularis* (e não mais *universalis*)?” (p.19).

O ponto de partida passa a ser os sujeitos não mais em relação ao objeto, mas aquilo que no objeto me atrai. Nesse momento, fala-se de uma posição de existência (cuja referência do autor está no pensamento de Sartre), de uma condição existencial para aproximar-me do fenômeno como “*ferida*: vejo, sinto, portanto, noto, olho e penso” (p.39). A partir dessa condição: do que me advém, daquilo que me lança num estado de aventura e me captura, me anima, no sentido de tocar a alma, a essência do ser – a partir daí vão se configurar campo e objeto de estudos, o que, no presente caso, tratam de sujeitos, incluindo o pesquisador, imersos numa experiência de tensão e interação com o campo sociocultural.

Mais precisamente trabalhados por Barthes (1984) da ótica de *Studium* e *Punctum*, termos encontrados pelo autor para descrever sua experiência no universo da fotografia, particularmente, e que desencadeia a estruturação de uma forma metodológica importante de análise de certas paisagens e cenas encontradas nesse estudo. O *studium* seria o campo de investimento geral, àquele que se liga e se conecta via pertencimento cultural. É para ele um lugar que se constitui “ardoroso, mas sem acuidade particular” (p.45). Já o *punctum* trata daqueles pontos sensíveis, que emergem da paisagem geral, como marcas ou feridas. Somos atravessados por eles como flechas, abarcando tudo o que nos *punge*. Essas serão as relevâncias do terreno trabalhado, neste estudo que não deixa de ser fotográfico de um certo panorama, com sobreposições de paisagens e realidades...

A partir da linguagem de Barthes (1984; 2003), bem como as escrituras de Morin (2005; 2007), constata-se que sujeitos e afetos são eixos constituintes do saber e da construção do conhecimento – que, por subjetivação, é incorporado à experiência da vida. Ambos explicitam e afirmam, em seus textos, a posição

subjetiva que ocupam em face da própria escrita e a experiência empírica e do pensamento a que se (nos) propõem.

Ao compartilhar do estudo desses pensadores, em sua dissertação, Mecca (2008, p.54) acrescenta que é preciso ativar no pesquisador uma “curiosidade intuitiva e um modo de entendimento global e sintético que dê conta de abarcar o fenômeno em suas vicissitudes”, sendo capaz de compreendê-lo nas suas contradições e paradoxos pertencentes ao sistema complexo do vivo, o que só pode ser alcançado com a imersão do pesquisador na situação investigada.

Ainda segundo esta autora:

O pesquisador como ator participante, profissional prático interveniente, se faz guia e observador. Utiliza uma abordagem interativa e torna-se sensível às necessidades dos sujeitos da pesquisa, colaborando com eles. Adquire competência na escrita ao narrar a experiência e torna-se um profissional que reflete sobre sua própria ação. (Morin, A. 2004 apud Mecca, 2008, p.92)

Dessa forma, o estudo proposto, por sua complexidade, integra essas três etapas de investigação científica, e os materiais e procedimentos, a seguir apresentados, conferem uma fundamentação consistente e múltipla para a abrangência do estudo.

Sob a classificação metodológica proposta por Gil (1999), também adotada por Mecca (2008), este estudo se encontraria na combinação do método observacional e do método clínico, resultando na formatação de um estudo de caso, à medida que os meios técnicos pertinentes a esta investigação estão pautados na observação ativa e na proximidade com os sujeitos, a partir de profunda estruturação vincular. Assim como para Vasconcelos (2002), o uso de diversos instrumentos de pesquisa é necessário, muitas vezes, para apreender a complexidade do problema; Gil (1999, p.33) afirma que “nem sempre um

único método é suficiente para orientar todos os procedimentos a serem desenvolvidos ao longo da investigação”.

Passa-se, nesse momento, à descrição dos dados empíricos deste estudo: descrição dos procedimentos metodológicos e a construção do estudo de caso, englobando local de realização, apresentação dos sujeitos e da coleta de dados, bem como dos fundamentos para a análise destes, a fim de situar e aproximar o leitor do trajeto percorrido, até então, em termos práticos, do que foi a pesquisa de campo. Posteriormente, encontrar-se o levantamento das categorias e eixos de análise, pautados no estudo e fundamentação teórica percorridos, permeada pela análise qualitativa dos dados propriamente dita.

4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No presente projeto, ao se trabalhar, fundamentalmente, com a metodologia da pesquisa-ação, pressupôs-se o compromisso com uma participação ativa e de forma cooperada de todos os sujeitos envolvidos. Para Vasconcelos (2002, p. 136), quando se pretende “associar produção de conhecimento à atuação de resolução de problemas e à mobilização de atores do campo em foco”, é imprescindível o uso de métodos que estimulem a autonomia, a iniciativa, a participação e gestão no próprio processo de pesquisa. Para o autor, a pesquisa-ação é estratégica neste sentido.

Para Castro (2005), ela se caracteriza como pano de fundo para todas as ações planejadas e realizadas, ao passo que sua flexibilidade permite associação de diversos procedimentos:

A pesquisa-ação tem um importante papel nos estudos e na aprendizagem dos pesquisadores e de todos os sujeitos envolvidos, por sua eficácia na resposta aos problemas e por criar diretrizes de ações transformadoras, (...) podemos estabelecer um vínculo entre o

raciocínio hipotético e as exigências de comprovação e, por outro lado, levar em conta as argumentações dos pesquisadores e participantes. Há uma relação entre conhecimento e ação em que as interpretações da realidade observada e as ações transformadoras são objetos de transformação. (p.10)

A partir deste método, foi-nos possível habitar de forma participativa, colaborativa e cooperativa os grupos de atendimento do Programa Permanente Composições Artísticas e Terapia Ocupacional, no caso, o grupo *Pacto Trabalho*, realizando os procedimentos de observação participante sistemática; registro em cadernos de campo; participação de reuniões clínicas do Laboratório; supervisões do trabalho em campo e orientações de estudo teórico, a fim de configurar nossa unidade-caso, concretizando as etapas das fases exploratória, descritiva e explicativa/de compreensão da pesquisa e do estudo de caso (Gil, 1999).

Nosso campo investigativo situa-se num território no qual populações diferenciadas, em risco e desvantagem social, enfrentam problemas sociais e existenciais, que resultam dos efeitos do funcionamento da sociedade global (desigualdade, desemprego, pobreza, discriminação social etc.) e das correspondentes relações sociais que são determinantes desses efeitos. A pesquisa-ação valoriza o conhecimento popular resultante destas condições, o que não empobrece a produção científica, pelo contrário, como método de pesquisa social, diferentemente da lógica formal de pesquisa, possibilita uma melhor análise, coleta e elaboração de “sutilezas”, ‘funções’ e ‘flutuações’ das interações argumentativas, discursivas ou dialógicas” (Thiollent, 1994 p.30).

Ao serem atendidos no Pacto, os sujeitos da pesquisa passam a ser atores que partilham de um campo de informação, conhecimento e produção cultural apresentando

diferentes formas de expressão cultural ou artística, cujas experimentações e vinculação grupal restauram a capacidade para a participação e vida em comunidade, engendrando diferentes processos e modalidades de participação sociocultural. A expansão das possibilidades de vida dos sujeitos atendidos relaciona-se à construção da cidadania, e ao processo de uma melhora real na qualidade de oferta de atenção aos sujeitos que vivenciam processos clínicos, de reabilitação, necessidades que vão além da recuperação funcional. A prática desse tipo de inclusão social, neste estudo entendida como o exercício da participação sociocultural, traz em si a ideia de que é a sociedade que precisa se modificar para atender às necessidades de seus membros, ideia que conecta as limitações vivenciadas ao projeto e à estrutura dos ambientes e à atitude geral do grupo social (Barbosa e Castro, 2007).

Neste estudo através da pesquisa-ação, pôde-se coletar, a partir da participação direta nas ações do acompanhamento grupal, um material cuja análise traz contribuições importantes para proporcionar uma aproximação dos sujeitos envolvidos, de seus anseios e necessidades, de suas vulnerabilidades e potencialidades, engendrando, com isso, novas diretrizes de ações transformadoras do processo de intervenção. Para mediar e sustentar as ações, um estudo teórico consistente fez-se necessário, como previsto por Gil (1999, 2002), o que está sempre vinculado a uma experiência empírica que impulsiona o estudo e desenvolvimento teórico associados à situação pesquisada. No entanto, não só as argumentações do pesquisador, mas sim todas aquelas trazidas pelos participantes são levadas em conta durante todo o processo de coleta, análise e interpretação dos dados relevantes, que são validados por todos os integrantes (Thiollent, 1994).

A partir desse método de trabalho, que se faz de forma planejada, porém aberta e sujeita a muitas alterações, parte da pesquisa que se desenvolve e ganha forma no

decorrer do processo. Este *work in progress*²³ se deve ao fato de se vincular ação e estudo, e assim, pode e deve provocar o surgimento de novas questões, a configuração de demandas imprevisíveis, que terão como consequência a adaptação e a reconfiguração dos rumos no próprio decorrer da pesquisa.

A pesquisa-ação, enquanto método de trabalho abrangente, permite, então, a articulação de procedimentos, como o diário de campo, a observação participante, o estudo e a análise de documentos, registros fotográficos, sonoros e em vídeo, oficinas de avaliação e pesquisa bibliográfica, cuja formulação final resultou na configuração de um estudo de caso. Dessa forma, explicitam-se, a seguir, todos os procedimentos metodológicos utilizados durante a coleta de dados e desenvolvimento do projeto, bem como as formas de análise previstas:

4.2.1 CADERNOS DE REGISTRO OU DIÁRIOS DE CAMPO

Os registros dos encontros grupais bem como de todo o trabalho a ser realizado trata de uma fonte primária, fundamental, para informação e estudo, constituindo-se “importantes fontes para a pesquisa social que busca enfatizar os aspectos subjetivos, culturais e singulares dos processos sociais ou até mesmo organizacionais” de uma determinada população-alvo (Vasconcelos 2002, p.210). Foram realizados registros escritos em cadernos de grupo de todos os encontros e acompanhamentos individuais, configurando-se nossos diários de campo, o que é recomendado como procedimento na pesquisa-ação inspirada nos estudos etnográficos. Além disso, foram utilizados, como fonte de informação e apreensão do estudo, registros fotográficos, sonoros e

²³ Termo emprestado das artes cênicas, mais precisamente da linguagem do teatro contemporâneo e da performance, cuja tradução literal (*trabalho em processo*) refere-se à obra em progresso. Esta expressão está ligada ao conceito da obra inacabada, e como tal, considera “o risco implícito num processo que vive a possibilidade de não confluir para um produto final, mantendo-se enquanto percurso criativo” (Cohen, 1998, p.18).

filmográficos das ações desenvolvidas nos grupos e, durante as discussões de equipe e reuniões clínicas associadas.

4.2.2 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE OU ATIVA

Na utilização desse instrumento investigativo, o pesquisador assume seu papel dentro do coletivo observado, criando o estreitamento dos vínculos dentro deste. Ele prevê sua interferência no processo de estudo do fenômeno e afirma a construção e/ou modificação coletiva da situação vivida. Entende-se que a observação atenta do pesquisador diante das situações vividas, a partir dos encontros grupais ou individuais, são fundamentais para a seleção e registro dos dados que se fazem relevantes durante o estudo. A reflexão e discussão junto aos participantes da pesquisa a respeito da identificação de demandas específicas, problemáticas e desafios, além da descrição, elaboração e construção de estratégias e propostas resolutivas para o enfrentamento de tais questões é igualmente fundamental (Vasconcelos, 2002, p.219). Concomitantemente aos registros, a observação participante ocorreu no período entre março de 2007 e novembro de 2008. Tratou-se de uma observação sistemática com ênfase qualitativa, já que esta, segundo o autor citado, colabora com a apreensão das dimensões cultural, social, psicológica e simbólica do fenômeno a ser estudado. A coleta de dados, a partir da observação e interação direta com os atores (chamados na pesquisa de participantes), traduziu-se num fecundo material para posterior análise.

4.2.3 ESTUDO DE DOCUMENTOS OU ANÁLISE DOCUMENTAL

Trata-se da recuperação dos registros escritos em cadernos de acompanhamentos semanais individuais e dos grupos, das anotações e registros das reuniões e supervisões de

equipe, relativos ao período anterior à coleta de dados. A análise cuidadosa destes conteúdos contribui com o entendimento da questão-problema enfrentada durante o processo de coleta e pesquisa, ajudando na reflexão e no *re*-planejamento das ações. É de extrema valia para obtenção de informações mais objetivas vinculadas ao período resgatado, facilitando o entendimento e a construção da noção de processo, já que a pesquisa atual trata de um recorte no tempo e no espaço. As informações podem ser completadas, desvelando aspectos novos do tema ou problema, podendo-se verificar mudanças no processo do grupo bem como as alterações do próprio ambiente sociocultural abordado (Gil, 1999).

4.2.4 OFICINAS DE AVALIAÇÃO E VALIDAÇÃO DA COLETA

A realização de avaliações periódicas, com os participantes do grupo *Pacto Trabalho*, tiveram o intuito de avaliar e rediscutir o processo grupal e individual, além de redimensionar os objetivos e as estratégias de ação dentro daquilo que foi proposto anteriormente. Este tipo de técnica grupal reúne aspectos educativos e de interação social que permitem chegar, a partir de reflexão e debate, num resultado de aplicação prática e cotidiana no desenvolvimento do próprio trabalho. A Oficina de Avaliação trata de uma ferramenta básica de avaliação e planejamento de processos participativos que fundamentam as ações de pesquisa, segundo Nirenberg (2007, p.119). Dentro da pesquisa-ação, a aplicação desse procedimento metodológico equivale ao momento de validação da coleta de dados, pois é nesse tipo de encontro que os atores da pesquisa discutem as ações implementadas, o direcionamento e entendimento do próprio trabalho. É momento de apropriação, reflexão, entendimento coletivo das dimensões mais gerais e globais do trabalho, resultando numa análise preliminar e início do tratamento das informações coletadas ao longo de um certo período de observação e implementação das ações práticas (Thiollent, 1994). As oficinas de avaliação ocorreram nos meses de novembro de 2007 e junho de 2008, no grupo *Pacto Trabalho*.

4.2.5 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Um levantamento bibliográfico foi realizado para mapear, atualizar e estudar temas e conceitos que nos auxiliassem no entendimento e desenvolvimento de novas tecnologias para a participação sociocultural, à medida que podem fornecer subsídios para a implementação de ações e práticas pertinentes à organização de coletivos de trabalho no âmbito da cultura, para a efetivação das diversas manifestações culturais advindas de grupos, tradicionalmente, marginalizados e/ou excluídos do contexto artístico-cultural da cidade. Passando pela história da entrada das produções de pessoas atendidas em programas de saúde no circuito sociocultural, e o diálogo com o sistema de arte e sua porosidade para a recepção desta categoria de obras, constatou-se que este tema específico toca muitas questões teóricas abrangentes, como conceitos de Cultura, as práticas atuais no campo artístico e sociocultural, a configuração do Espaço, do Território, do Comum e do Coletivo, no que se refere ao uso e apropriação destes pelos sujeitos que o constituem, enfim, temas e autores, que demandam um levantamento, a revisão e o estudo de uma bibliografia aprofundada. A pesquisa bibliográfica caracterizou a continuidade do estudo exploratório que esta pesquisa exige, e nela tentou-se trabalhar com a cobertura de uma ampla gama de fenômenos, para estabelecer um estudo e uma compreensão das ações e intervenções engendradas (Gil, 1999), que se referem, e têm como objetivo último, o “aumento de poder e da autonomia pessoal e coletiva dos indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos às relações de opressão, discriminação e dominação social.” (Vasconcelos, 2004 apud Becker, 2004, p.664). Presentes em todas as seções do trabalho: dos estudos teóricos, metodológicos, da descrição e da análise dos dados, como também da integralidade das referências bibliográficas, a pesquisa bibliográfica se fez de acordo com as necessidades do pesquisador, no entendimento e aprofundamento dos temas levantados, utilizando-se de instrumentos como a pesquisa em bases de dados de referência

como *Web of Science*, *Dedalus*, *Medline*, *SciELO*; além de orientações específicas de autores e textos para temas considerados centrais.

4.2.6 PARTICIPAÇÃO EM REUNIÕES DE EQUIPE E SUPERVISÃO CLÍNICA

Foram realizadas, ao longo deste período de coleta, reuniões clínicas e supervisões periódicas, que promoveram: a discussão de casos clínicos e de condutas terapêuticas ocupacionais a serem tomadas, como o acesso a outros equipamentos de saúde, para a construção de redes de suportes em parceria com o Laboratório, entre eles, os CAPS²⁴ Perdizes e Itaim Bibi, para acompanhamento de participantes com necessidades que exigem ações de alta complexidade; a reflexão acerca de temas principais que permeiam todo o trabalho de pesquisa e intervenção em equipe, para a construção deste campo de atuação do terapeuta ocupacional na interface da Arte, Saúde e Cidadania, na construção de direitos ao acesso e participação na trama sociocultural.

A formatação deste estudo de caso engloba, assim, uma equipe de trabalho ligada ao Pacto, que se entende como complementar à configuração dos *sujeitos* envolvidos na pesquisa.

▪ EQUIPE DE TRABALHO REFERENTE AO PERÍODO DA PESQUISA

Numa situação “ideal” para o trabalho em pesquisa-ação, pressupõe-se uma equipe de trabalho composta por subgrupos responsáveis pela divisão das tarefas relacionadas ao estudo teórico, de campo e planejamento das ações, cujas pessoas envolvidas seriam reunidas periodicamente para a realização de seminários de discussão, a fim de efetivar

²⁴ CAPS - Centro de Atenção Psicossocial. Equipamento da rede pública de saúde destinado ao atendimento e tratamento de pessoas com sofrimento psíquico.

as trocas dos saberes adquiridos separadamente, ao longo do tempo e execução das etapas pesquisadas (Thiollent, 1994).

Ao se tratar de um método flexível, e pensado para o estudo de pequenos grupos, no nosso caso, sua formatação é adaptada à situação da pesquisa referente ao mestrado, contanto com um pesquisador proponente e executante, sob a orientação e supervisão de um pesquisador doutor, seguido de estagiários (cerca de dois estagiários por semestre) do quarto ano em Terapia Ocupacional e colaboradores técnicos – no caso, uma terapeuta ocupacional na função de co-coordenação do grupo junto com o pesquisador proponente, além de artistas e outros profissionais, esporadicamente convidados para trabalhos pontuais junto ao grupo, chamados *especialistas*, por Thiollent (1994).

Todavia, esta pequena equipe está ligada a uma equipe maior de trabalho, que se constitui como equipe do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte e Corpo em Terapia Ocupacional - Pacto, cuja composição no período de coleta dos dados (março de 2007 a novembro de 2008), contava com: dois docentes e dois técnicos do Curso de Terapia Ocupacional da USP, alunos em estágios de terceiro e quarto ano e bolsistas de graduação em Terapia Ocupacional, alunos de Pós Graduação em Terapia Ocupacional, uma artista plástica e duas terapeutas ocupacionais colaboradoras no Laboratório, um supervisor clínico.

4.3 CONFIGURAÇÃO DO ESTUDO DE CASO – GRUPO *PACTO TRABALHO*

Diante de todos os procedimentos metodológicos utilizados pela pesquisa, chegou-se à configuração deste estudo de caso. Este, por sua vez, decorre da delimitação da *unidade-caso*, que pode assumir diferentes configurações. O estudo de caso caracteriza-se por grande flexibilidade, e se entende que nossa investigação refere-se a determinadas ações do Programa Permanente Composições Artísticas e

Terapia Ocupacional (PACTO), que se constitui, especificamente, pelo acompanhamento das ações desenvolvidas no *Pacto Trabalho* e seus desdobramentos; as reuniões e supervisões de equipe, além alguns acompanhamentos individuais. Para Gil (1993), Peres e Santos (2005), entre outros, a delimitação da *unidade-caso* não constitui tarefa simples e pode ser apresentada como um grupo, uma pessoa, um conjunto de relações ou processos, ou outras construções, definidas à medida que se tornam úteis à pesquisa. Caberá ao pesquisador perceber quais dados são suficientes para se chegar à compreensão do objeto como um todo.

Apesar das divergências sobre as finalidades norteadoras para a construção e uso do estudo de caso, esses autores concordam de que o estudo de caso é uma estratégia fortemente ligada às análises e às pesquisas qualitativas, e que exigem estudo aprofundado e exaustivo sobre o objeto (Gil, 1999; Peres e Santos, 2005).

Segundo a revisão bibliográfica feita por esses, as maiores divergências dizem respeito às possibilidades de generalizações ou se este se detém a compreensão de um objeto específico. Alguns autores mais positivistas como, Campbell e Stanley (1970)²⁵ e Almeida e Freire (1997)²⁶ apud Peres e Santos (2005), vão considerar o estudo de caso de abrangência limitada devido à impossibilidade de generalizações, enquanto Selltiz, Jahoda, Deutsch e Cook (1965)²⁷ apud Peres e Santos (2005),

(...) afirmam que o estudo de um objeto em particular é perfeitamente justificável, uma vez que, além de tornar possível a produção de um novo conhecimento, pode fornecer – ainda que indiretamente – elementos profícuos para pesquisas posteriores, contribuindo para a compreensão de outros objetos. [Outros autores ainda avaliam que] o objeto a ser analisado deve ser tomado como uma instância única, e considerado em sua particularidade (André, 1984; Lüdke e André,

²⁵ Campbell, DT.; Stanley, JC. *Diseños experimentales y cuasiexperimentales en la investigación social*. Buenos Aires: Amorrortu. 1970.

²⁶ Almeida, LS; Freire, T. *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Coimbra: Associação de Psicólogos Portugueses. 1997

²⁷ Selltiz, C; Jahoda, M; Deutsch, M; Cook, SM. *Métodos de pesquisa das relações sociais*. São Paulo: Herder. 1965.

1986; Yin, 1994; André, 2003). Seguindo esse raciocínio, é possível propor que o pesquisador que adota a estratégia metodológica em questão deve executar um retrato do idiossincrático e não se preocupar com o desenvolvimento de generalizações, de modo que a preocupação com a elaboração de “leis universais” torna-se improcedente. (p. 112-3)

Para Peres e Santos (2005), ainda, o estudo de caso possui três pressupostos epistemológicos fundamentais:

- (i) Que o conhecimento é algo em permanente (re) construção e que, portanto, todo o aporte teórico é *ponto de partida* para a construção/descoberta de algo novo, de novas ideias;
- (ii) Que um caso é sempre um *complexo* e, neste sentido, o pesquisador não pode perder de vista sua multidimensionalidade constituinte, cuidando para não realizar reducionismos ou induções durante a apresentação da coleta;
- (iii) O estudo de caso deve possibilitar a compreensão da realidade por diversas óticas, permanecendo em aberto nas suas possibilidades de interpretações e análise.

O estudo de caso tem como finalidade última instrumentalizar para ações transformadoras. E em função do objeto estudado, os estudos de caso podem ser de caráter: único, múltiplo, situacional, comunitário ou etnográfico. Considera-se que, nosso estudo, de acordo com essa classificação, em particular, se aproxima do tipo situacional e etnográfico, já que estes fazem um recorte no tempo-espaco definidos pelo acompanhamento do grupo, numa abordagem cultural do problema, que busca evidenciar os valores e os hábitos arraigados nesta realidade estudada, para interagir com esta, propondo ações múltiplas, criando tensões variadas, a fim de modificar certas dinâmicas instauradas, principalmente aquelas que perseveram as segregações, a discriminação e o isolamento (Peres e Santos, 2005).

André (1992) recomenda a formulação de um estudo de caso, quando se tem interesse num determinado assunto (pessoa, projeto, instituição, programa), cuja necessidade de compreensão é de ordem complexa e profunda, e se deseja retratar a situação tal qual ela é, visando “conhecer as diferentes percepções que os participantes do caso têm sobre ele; [ou] quando se busca descobrir novas hipóteses teóricas, novas relações, novos conceitos sobre um determinado fenômeno” (p.38). Além disso, essa estratégia é recomendada quando as perguntas no decorrer da formulação do problema são do tipo “como” e “por que”, ou quando não se tem controle sobre as ocorrências que surgem no percurso investigativo, já que este trata do estudo de um fenômeno real, inserido na vida cotidiana, e não criada e controlada num laboratório de experiências (André, 1992).

Entre os principais riscos apontados no uso dessa estratégia, está a *familiaridade* do pesquisador com seu objeto de estudo, devido à necessidade de proximidade deste, que pode resultar numa apresentação arbitrária dos dados decorrentes de uma síntese mental que este acaba realizando numa tentativa de compreensão global de seu material coletado. Outra ressalva colocada trata do cuidado e preparação emocional e intelectual do pesquisador para lidar com as inúmeras incertezas que aparecerão durante o decorrer da coleta “na tentativa de retratar com precisão a multidimensionalidade de seu objeto” (Peres e Santos, 2005, p. 118). Dentre as vantagens apontadas estariam justamente seu caráter inovador ligado à:

(...) capacidade de fomentar descobertas e criações (...) [além de encontrar] ampla liberdade para desenvolver novas ideias sem se limitar pelos pressupostos estabelecidos pelo referencial teórico que adota. Nesse sentido, os estudos de caso mostram-se especialmente atrativos para o pesquisador que tem apreço por desafios e que se sente à vontade para expor e debater seu próprio ponto de vista. (Peres e Santos, 2005, p. 119)

Outra indicação para o uso do estudo de caso remete-se ao estudo do fenômeno em seu contexto de realidade, “quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas” (Gil, 1999, p.73), sendo de caráter empírico e com fontes variadas de evidência. O autor declara que, cada vez mais, as pesquisas sociais se utilizam dessa ferramenta, para descrever situações de um contexto e/ou explorar as situações da vida real, repletas de complexidade.

Para garantir a qualidade do estudo de caso, aconselha-se a triangulação de métodos de coleta, de fontes, de teorias e técnicas de análise, ou seja, a utilização de diferentes procedimentos metodológicos, confrontação dos dados e embasamentos teóricos diversos para análise, além de critérios abrangentes e explícitos na seleção e nos recortes realizados para interpretação dos dados, deixando que as informações, muitas vezes, contraditórias, incongruentes ou não suficientemente exploradas e compreendidas, também, apareçam, ao lado daquelas profundamente discutidas (Peres e Santos, 2005).

4.3.1 LOCAIS DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

- LOCAL DE REFERÊNCIA

Trata-se do Programa Permanente Composições Artísticas e Terapia Ocupacional – PACTO, situado à Av. Professor Lúcio Martins Rodrigues s/n (atendimentos grupais) e à Rua Cipotânea, 51, Cidade Universitária, São Paulo; onde acontecem também atendimentos grupais e individuais, além das demais atividades de pesquisa relacionadas. Este programa é um projeto didático-assistencial do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte e Corpo em Terapia

Ocupacional do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da USP.

▪ LOCAIS DE PASSAGEM E DESLOCAMENTOS

Foram percorridos locais de cultura e arte da cidade de São Paulo, que apresentavam possibilidades de participação de sujeitos e de entrada de suas produções, viabilizando as trocas sociais e afetivas, num território onde se estabelecem, aos poucos, a circulação das pessoas e de suas obras por meio de exposições, participação em feiras, capacitação artística, entre outras, visando à participação social e à produção cultural dos participantes. Com alguns desses locais foram efetivadas parcerias e intervenções, que serão identificados (os locais) e descritas (as ações) ao longo das apresentações dos sujeitos-grupo pesquisado.

4.3.2 SUJEITOS

Os sujeitos da pesquisa compõem uma configuração grupal denominada *Pacto Trabalho*, que se refere a um grupo de terapia ocupacional fechado, composto por adultos na faixa de 28 a 50 anos, de ambos os sexos, com prevalência de homens (aleatoriamente assim configurado), sendo atendidos pelo Programa Permanente Composições Artísticas e Terapia Ocupacional – PACTO, de diversas formas: ateliês de arte e corpo e acompanhamento individual em casos específicos. Todos passaram inicialmente por uma triagem elaborada em forma de entrevista, a fim de identificar demandas, interesses, desejos, habilidades e possibilidades de benefício junto ao projeto de extensão oferecido por este projeto didático-assistencial.

O *Pacto Trabalho* foi ativado como um dispositivo para acolher, refletir e trabalhar com maior atenção às demandas de trabalho destes participantes, operando semanalmente, em encontros de duas horas de duração, ao longo de 6 anos consecutivos (início em setembro de 2002 e término em julho de 2008). Trabalho, entendido aqui, como forma de participação e pertencimento no mundo social, mediante a produção de valores e de sujeitos a partir das ações engendradas em torno desta tessitura. Nesse sentido, entende-se que o trabalho com atividades artísticas e artesanais era um núcleo na vida dos sujeitos de reconhecimento de si, trazendo com isso o desafio da construção, a partir do grupo, de um lugar no imaginário compartilhado, onde este reconhecimento pudesse ser ampliado para âmbitos familiares e do entorno social e de convivência, em tempos em que a produção de capital e de *status* social produzida pelo dinheiro, tem imperado e governado as formas de aproximação e de relacionamentos interpessoais.

Este grupo foi composto por seis indivíduos (cinco homens e uma mulher) com questões de saúde bastante diversas, mas que tinham em comum o interesse e a necessidade, na maioria dos casos, em gerar renda a partir de suas produções artísticas e/ou artesanais, ou que necessitam de atenção para questões que extrapolam o âmbito da saúde, principalmente, ao se tratar de uma população marcada pela precariedade das condições básicas de sobrevivência (moradia, alimentação, transporte, trabalho, entre outras), encontrando-se em situação de desvantagem social. Situados numa *zona de vulnerabilidade* (precariedade de trabalho e fragilidade relacional) em alguns casos, e em *zona de desfiliação*, em outros (ausência de trabalho e isolamento social), segundo a nomeação de Robert Castel (1994), a demanda pelo lugar do trabalho e pertencimento a uma rede de relações torna-se fundamental nos processos de resistência ao fluxo de segregação do convívio e participação social, de desvalorização das capacidades e habilidades das pessoas e da humilhação atrelada às condições de vida subumanas a que são submetidas.

No cotidiano dos atendimentos a equipe, constituída, em geral, por quatro pessoas (dois terapeutas ocupacionais coordenadores e dois estagiários) criava uma grande possibilidade de acolhimento das questões complexas de vida apresentadas pelos participantes. A questão da formação constante, de profissionais e estudantes, que atravessavam os encontros, deu ao trabalho possibilidades de reflexão aprofundada e construída, conjuntamente, com a coordenação do grupo e com as reuniões clínicas do programa, configurando-se, também, como campo de pesquisa e material documental complementar para a análise dos dados.

Foram feitas pausas (férias) do grupo de acordo com o calendário da universidade, ou seja, com uma pausa em julho (por 15 dias), dezembro e janeiro (cerca de 45 dias). Nesses momentos de ausência dos encontros grupais, organizaram-se plantões de atendimento semanais, para acolhimento em situações de crise ou continuidade de alguma ação iniciada e com prazo, necessidade de finalização ou impossibilidade de interrupção: todas situações discutidas em reunião clínica da equipe naquele semestre e organizadas coletivamente, num rodízio de bolsistas, estagiários e terapeutas de toda a equipe.

A partir da convivência grupal organizada pelo ritmo dos encontros semanais, foi possível agenciar trocas de diversas ordens, como a construção de novos vínculos e afetos, inicialmente marcadas pela empatia, curiosidade e vontade de aprender e descobrir juntos os trabalhos possíveis para cada um.

Em meados de 2005, a equipe se ampliou e passou a ser composta por duas terapeutas ocupacionais com formação no campo das Artes, diretamente ligadas aos encontros semanais e supervisionadas pela ex-coordenadora do grupo. A partir da proposta didático-assistencial do Pacto, o grupo manteve a política de recebimento de estagiários de graduação do 4º ano do curso de Terapia Ocupacional, que compuseram semestralmente a equipe de trabalho.

A rotina ou ritualística do grupo era permeada pela chegada dos participantes, com uma conversa inicial sobre os acontecimentos vividos por cada um durante a semana, seguida da retomada das atividades em andamento da semana anterior ou planejadas para o encontro, relacionadas ao projeto individual dos trabalhos; desenvolvimento e execução das atividades e organização e realização do café – preparação de um lanche, sendo este o momento de conversas compartilhadas de forma mais ampla e horizontal entre participantes e equipe. Semanalmente, programava-se a continuidade das atividades e planejava-se com todos, os próximos encontros, principalmente quando surgiam atividades externas – programação de saídas que exigiam maior orientação para os encontros.

Tendo em vista o trabalho como um direito social, buscou-se inicialmente ampliar a rede relacional do grupo, a partir de um projeto de trabalho que estimulasse a potência coletiva dos encontros. Embates cotidianos entre diferença e singularidade de trajetórias, num território sociocultural complexo, intensificaram os encontros e demandaram uma atenção constante às possíveis práticas em terapia ocupacional na interface com o mundo da produção artístico-cultural. Esse foi o contexto a partir do qual se estabeleceram diálogos e foi possível transformar fazeres artísticos singulares em uma “tensão construtiva”, gerando potência de vida através da potência das trocas.

Para melhor visualização das ações, apresenta-se numa breve descrição de cada participante, sua forma de entrada e vinculação no grupo. As informações aqui presentes são fornecidas pela coleta de dados feita através dos registros em cadernos – diários de campo, sendo complementadas pela recuperação de documentos, entre eles, prontuários e relatórios de pesquisa.²⁸ A descrição dos participantes será por ordem de chegada no grupo – do início dos trabalhos junto aos participantes “fundadores” do grupo seguido daqueles que se vincularam posteriormente à proposta.

²⁸ Castro, ED Corpo e Arte: articulando ações em terapia ocupacional. 2o Relatório Parcial FAPESP, processo no. 02/10358-5, agosto de 2005.

Tabela 1 – *Características gerais da participação dos Sujeitos*

	Nome*	Sexo	Idade**	Tempo no Pacto Trabalho	Vinculação ao PACTO
1	Fê Ribeiro	M	28	6 anos	Acompanhamento Grupal / Participação Programada: <i>Pacto Trabalho</i> / Participação voluntária: Coletivo de Criação / Rede de Sustentação: acompanhamento terapêutico individual
2	XR	M	48	6 anos	Acompanhamento Grupal / Participação Programada: <i>Pacto Trabalho</i> / Rede de Sustentação: acompanhamento terapêutico individual
3	Valéria Pujol	F	45	6 anos	Acompanhamento Grupal / Participação Programada: <i>Pacto Trabalho</i> / Rede de Sustentação: acompanhamento terapêutico individual
4	E	M	46	4,5 anos	Acompanhamento Grupal / Participação Programada: <i>Pacto Trabalho</i> / Rede de Sustentação: acompanhamento terapêutico individual
5	Joanes	M	41	3,5 anos	Acompanhamento Grupal / Participação Programada: <i>Pacto Trabalho</i> / Participação voluntária: Coletivo de Criação / Rede de Sustentação: acompanhamento terapêutico individual
6	AC	M	48	3 anos	Acompanhamento Grupal / Participação Programada: <i>Pacto Trabalho</i> / Participação voluntária: Coletivo de Criação / Rede de Sustentação: acompanhamento terapêutico individual

*Foi discutido com os participantes a forma de apresentá-los nessa pesquisa: alguns decidiram por utilizar seus nomes artísticos, enquanto outros preferiram letras iniciais dos nomes.

**A idade considerada aqui se refere ao período de início da pesquisa, ou seja, março de 2007.

Como apontado, a prevalência do sexo masculino é constatada pela presença de 5 homens e apenas 1 mulher no grupo. Entendemos Participação Programada como aquela em que os sujeitos foram vinculados ao Programa de atendimento do PACTO mediante triagem e assinatura de contrato de vinculação e participação junto ao serviço. Enquanto participação voluntária diz respeito ao envolvimento das pessoas junto à nova composição grupal proposta pela pesquisadora em questão, sendo o convite estendido a todos os participantes do grupo *Pacto Trabalho*, tendo a aderência de 50% destes. Já nesta configuração grupal, aberta e de caráter voluntário, os participantes submeteram-se apenas a assinatura do *termo de consentimento livre e esclarecido*, exigido pela configuração e enquadramento do grupo nesta pesquisa.

▪ DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Fê Ribeiro

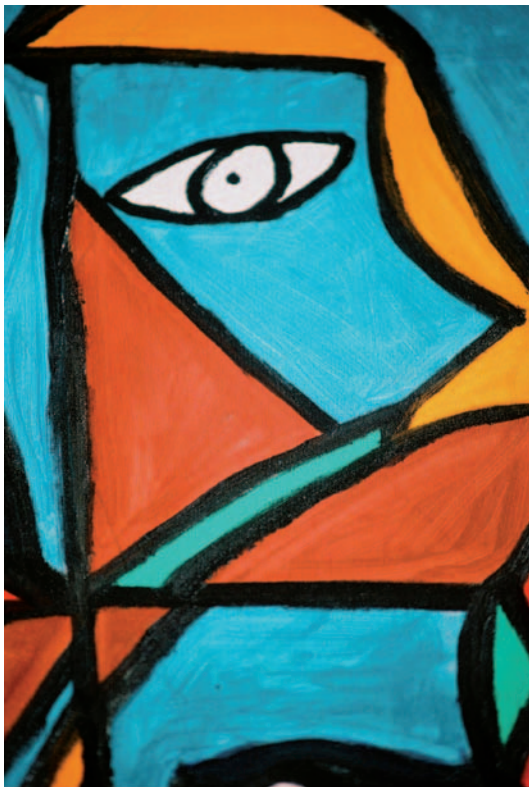


Figura 16 – Fê Ribeiro, Grito solto na pureza, 2003, detalhe.

Um homem estava anoitecido
 Se sentia por dentro um trapo social.
 Igual se, por fora, usasse um casaco
 rasgado e sujo.
 Tentou sair da angústia
 Isto ser:
 Ele queria jogar o casaco rasgado e
 sujo no lixo.
 Ele queria amanhecer.

Manoel de Barros, 2007

Adulto jovem, 28 anos (em 2007), solteiro, filho do meio, entre dois irmãos homens e uma mulher. 2º grau incompleto. Atividades que gosta de praticar: desenho, pintura, futebol e música: tocar violão e compor, principalmente. **Fê Ribeiro** já teve experiências de trabalho na juventude, como motobóí, auxiliar de escritório e ajudante num depósito. Também trabalhou em lava-rápido, pizzaria e editora/produtora de filmes. Há pelo menos 8 anos encontra-se desempregado, sem qualquer tipo de auxílio-doença ou aposentadoria. Mora com a mãe e um dos irmãos que é casado e teve um filho durante o tempo do grupo. **Fê Ribeiro** dividia um dos quartos da casa com seu irmão, e depois que este se casou passa a dormir na sala, ou nos fundos da casa – local onde tentou por várias vezes, sem muito sucesso, instaurar um espaço

próprio para produção de suas telas, pinturas e trabalhos artísticos.

Conhecemos sua mãe numa situação de agravamento de seu quadro clínico, em visita domiciliar – a pedido de **Fê Ribeiro**, depois de estar alguns dias sumido de casa, andando pela cidade. Neste momento, relata ter se perdido numa tentativa de chegar à praia (em Santos) e foi parar em Diadema. Depois disso, veio para USP à nossa procura, acompanhado com sua cadela de estimação (*Poli*), que o acompanhou por todas as caminhadas e perambulações desses dias difíceis. Nesta oportunidade de conhecer sua moradia e parte de sua família (mãe e um dos irmãos), percebemos o quão precária eram as condições de moradia e a rede de suporte familiar. Sua mãe mostra-se bastante desorganizada e muito irritada com o comportamento de **Fê Ribeiro**.

É acompanhado há pelo menos 10 anos pelo serviço de saúde mental da Universidade Federal do Estado de

São Paulo – UNIFESP, estando vinculado ao PROESQ (Programa de Esquizofrenia) desde 2001, sendo encaminhado ao hospital-dia da própria instituição em situações de crise. O encaminhamento ao PACTO é feito por sua psicóloga da época, que o atendeu, por alguns anos, junto àquele serviço e, posteriormente, em consultório particular. O serviço parece já ter oferecido e tentado abordar sua família, sem muito sucesso.

Fê Ribeiro se organiza com sua mãe para buscar sua medicação e relata que esta tem dificuldades neste manejo. É recorrente a chegada de **Fê Ribeiro** ao grupo muito cansado, pedindo espaço para dormir e descansar. Em outros momentos, encontra-se bastante agitado, com dificuldade de permanecer na sala. Ao mesmo tempo, é um participante ativo, com iniciativa para com seu trabalho em pintura (criação de novas obras) e para a organização conjunta das atividades do grupo, com sugestões e críticas.

Suas demandas são de diversas ordens, desde uma organização no tempo-espço para conseguir lembrar-se dos encontros e vir ao grupo; organização de documentos e carteira de transporte – pois os perde com frequência. Sua demanda pela geração de renda é explicitamente colocada em diversas falas durante os encontros.

Uma das ações no grupo é justamente a organização de documentos e entrada com pedido de auxílio-doença junto ao Inss. Este é negado em todas as tentativas implementadas, gerando indignação, frustração e raiva em todos os envolvidos, sensibilizados para as necessidades socioeconômicas de Fê Ribeiro. Este, por sua vez, vai buscando outras formas de prosseguir circulando e participando da vida social, em especial do seu bairro. Oferece ajuda numa barraca de cachorro quente em troca de comida, cigarro e algum trocado, bem como faz alguns “bicos” para os taxistas da região.

Num certo momento, **Fê Ribeiro** leva para casa muitas de suas telas e dá para pessoas do bairro, relatando que com isso está “*pagando umas dívidas com essas pessoas que sempre ajudaram*”.

Fê Ribeiro freqüentou, por algum tempo, a oficina de Modelo Vivo do Ccsp, e pratica, cotidianamente, exercícios de desenho. Iniciou nos Ateliês de Arte e Corpo do Pacto em 2002, no grupo Pacto Adultos Noite. É encaminhado ao *Pacto Trabalho* nesse período, iniciando algumas atividades, mas entra em crise abandonando os encontros, que são retomados em 2003, depois de constantes ligações para contato e acompanhamento à distância de seu processo. Participa também, a partir de 2005, do grupo EnconAr-Te²⁹ e, atualmente, faz parte do Coletivo de Criação no Centro Cultural Popular Consolação –CCPC.

Mostra-se constantemente interessado pela aprendizagem de novas técnicas de pintura e outras linguagens

²⁹ EnconAr-Te. Grupo autônomo de atendimento em terapia ocupacional que prevê “saídas para exploração do espaço urbano, visando a ampliação das possibilidades de articulação social (...)” [Impresso de divulgação], São Paulo, 2007.

artísticas, envolvendo-se com as propostas de experimentação com fotografia e vídeo, propostas neste último espaço. Junto ao grupo do *Pacto Trabalho*, pintou mais de 40 telas. Participou em 2006 das exposições IN PACTO, ajudando na montagem das exposições e, apresentando cerca de 12 trabalhos em pintura em tela e madeira. Em 2007, participa da exposição a três (com **Valéria Pujol** e **XR**) no Espaço Cultural Alberico – na Praça Benedito Calixto, e de uma exposição individual

organizada junto ao CCPC, com intuito de mostra e venda dos trabalhos.

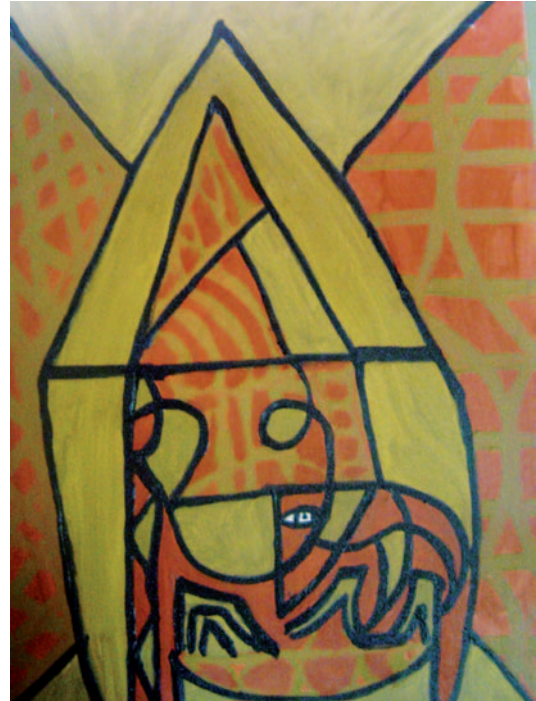


Figure 17 – Homem-pássaro, 2004, óleo s/ tela, 30 X 40 cm.

XR



Figure 18 – XR, Coll - Pirateiro do Universo, 2004, detalhe. 53 X 18 X 18,5 cm. Foto: Beto Teixeira.

Existir

O viver é solitário
e solidário.(...) Cada vida
autônoma é possuída no interior
e exterior por outras vidas.
Ninguém nasce só. Ninguém
está só no mundo, e no entanto,
cada um está só no mundo.

Morin, 1980

Homem adulto, 49 anos (2007),
solteiro, tem uma filha. 1º grau incompleto.
Não apresenta familiares em São Paulo,

e no momento de chegada para o grupo, encontrava-se morando na rua. Tem experiência profissional como pedreiro – mestre de obras, fazendo “bicos” como pintor e reformas em casas de pessoas. Apresenta grande habilidade manual, realizando diversos tipos de trabalho: mosaicos com sementes, trabalhos com reciclados, maquetes, objetos e trabalhos em madeira, escultura em pedra sabão e concreto celular.

Ingressa no Pacto nos ateliês de arte e corpo, depois de encaminhamento feito por uma terapeuta ocupacional ligada à associação de moradores de rua – Associação Minha Casa Minha Rua vinculado a outro projeto de extensão da universidade, à qual XR esteve vinculado desde 1996, brigando e rompendo com os coordenadores de lá, pouco antes de vir para atendimento na USP. Essa experiência é trazida com bastante incômodo, que se traduz em muitos momentos de desconfiança inicialmente

para com a equipe – sobre os objetivos do grupo e conduta do trabalho. Aos poucos, timidamente, torna-se mais participativo e começa a relatar experiências de maior intimidade, aproximando-se dos demais e demonstrando maior abertura diante das propostas feitas nos encontros. É um dos primeiros participantes do grupo *Pacto Trabalho*, inaugurando a formação grupal junto com **Valéria Pujol e Fê Ribeiro**, em 2002.

Em 2003 realiza uma exposição individual de esculturas e xilogravuras, na Universidade São Marcos, onde vende todas as suas esculturas em concreto celular. Pede ajuda à equipe para manejar e cuidar de seu dinheiro, sabendo do risco que corre em “*gastar tudo em bebida*” e, a partir disso, consegue se estabelecer numa espécie de ocupação – cortiço, onde permanece por mais de um ano. Ali organiza um espaço para dormir, comer e trabalhar no desenvolvimento de outras peças. Planeja cuidadosa e minuciosamente

seu espaço, e demonstra grande cuidado com suas roupas e outros pertences.

Questões clínicas múltiplas aparecem desde o início dos atendimentos: uma dor insuportável no pé, sinalizada pelo mancar ao andar. Dor na perna esquerda, relatando ter tido um ferimento profundo junto ao nervo ciático. Dor nos dentes, dentre os vários já arrancados.

A chegada ao grupo com fome é uma constante. A equipe se organiza para ter lanches e, depois de um tempo, conseguimos marmitas de comida junto ao restaurante próximo do local de atendimento.

XR se preocupa com a aparência e higiene, sendo algumas faltas justificadas por ele alegando que “*não podia vir assim ao grupo, de bermuda e camiseta*”, ou porque “*fiquei catando latinha na rua a noite inteira, tava cansado e sujo... não deu pra tomar banho...*”.

Em 2004, frequenta o Ateliê Maria Bonomi no Museu de Arte Contemporânea – MAC USP:

Tal projeto visava um painel de grande dimensão a partir de xilogravuras escavadas pela população, para ser instalado na passagem do metrô Luz e a estação de trem. **XR** foi convidado pela equipe do ateliê a participar do projeto depois de uma visita do grupo a este projeto. São atividades temporárias que vão preenchendo necessidades e articulando habilidades. (Castro, 2005, p. 124)

No mesmo ano consegue um trabalho temporário junto a um projeto de pesquisa desenvolvido por um outro participante do ateliê de arte e corpo – grupo Pacto Adultos Noite. Garante uma renda fixa por alguns meses. Em 2005, inicia um tratamento especializado para dependência química ligada ao alcoolismo. Neste espaço recebe atendimento desde clínico geral, passando por exames de rotina,

fitoterapia e acupuntura, além de medicação apropriada. Consegue a partir dessa instituição o direito à carteira de transporte gratuito, facilitando o ir e vir dos atendimentos grupais, diminuindo também suas ausências por falta de recursos. O Pacto garante os passes para transporte antes dessa conquista, e também nos momentos de perda ou roubo de documentação (situação bastante freqüente), mas vivemos momentos de recaídas também, em que os passes são trocados por bebida, e **XR** fica “sumido” por algumas semanas até se recompor e retornar ao grupo.

Depois de três faltas consecutivas, das quais não se tinha nenhuma notícia, articulávamos visitas e buscas pelo centro da cidade, a fim de encontrá-lo e “resgatá-lo” para os próximos encontros. Em geral, essa estratégia de cuidado e acolhimento era bem recebida e possibilitava novos períodos de assiduidade e participação.

Valéria Pujol



Figure 19 – Valéria Pujol, Bailarina, 2003, óleo s/ tela, 74 X 92 cm.

Mulher adulta, 47 anos (2007), solteira, 1º grau completo. Mora com os pais idosos e possui uma irmã mais velha, com quem mantém bastante contato, e 2 irmãos mais novos, mais distantes. Atividades que gosta de praticar: tocar piano (desde os 7 anos), teclado e violão; pintura em tela, cerâmica, pirogravura em madeira. Há 2 anos, faz aulas particulares de computação. Tem experiência profissional como secretária e arquivista, além de produzir

e comercializar por conta própria suas pinturas. Têm no histórico familiar outros artistas nos quais se espelha e se refere em vários momentos.

É encaminhada para o Pacto pela terapeuta ocupacional particular da época, após avaliação da necessidade de convivência grupal e desenvolvimento de sociabilidade. Apresenta dificuldade para o deslocamento para espaços fora daqueles muito bem conhecidos e se remete ao “*medo da rua à noite*”.

Chega para o grupo *Pacto Trabalho* com o desejo de circular suas obras, expondo e vendendo-as, apresentando vasta produção em pintura principalmente, e escultura em argila. Manifesta vontade de se tornar independente financeiramente de seus pais.

É enérgica, questionadora, bastante curiosa e, fala alto (provavelmente pela surdez parcial em um dos ouvidos). Gosta das coisas bem feitas. Às vezes, chegava brigando com a equipe e os colegas de

grupo, irritada, mas ao devolver-lhe tais observações, ela consegue se aperceber de seu estado de humor alterado e se reorganiza. Tem iniciativa; e quando está envolvida com uma nova pintura, vai direto ao encontro do trabalho e dos materiais, organizando-os a seu redor para produzir. Nesses momentos, fica extremamente concentrada e quieta, mas gosta de uma companhia, uma presença ao lado.

Ao longo do processo grupal, participa da organização de uma exposição em 2004 num restaurante, e depois, em 2006, participa da montagem, organização e apresentação de 4 obras na exposição coletiva IN PACTO. Em 2007 agencia com **Fê Ribeiro** e **XR** a exposição para venda de trabalhos no Espaço Cultural Alberico, na Pça. Benedito Calixto.

Paralelamente, ou concomitantemente, questões clínicas vão sendo cuidadas, trabalhadas a fim de vincular **Valéria Pujol** ao atendimento público em saúde

mental pelo CAPS Itaim, onde passa a frequentar consultas com psiquiatra, iniciando tratamento medicamentoso para depressão. Um trabalho de acompanhamento terapêutico individual também é articulado pela equipe junto à família. Reuniões familiares periódicas – anualmente, em geral – são realizadas para orientações e esclarecimentos do projeto terapêutico. As faltas aos encontros grupais são recorrentes em certos períodos – vinculados ao adoecimento de um dos pais, dos quais ela fica responsável pelo cuidado em grande parte do tempo. É requisitada para fazer as compras de casa, pagar algumas contas no banco, cuidar da limpeza, entre outras coisas. Percebe-se que essa demanda, por parte dos pais, aumenta de acordo com a percepção da família de uma melhora do quadro geral de **Valéria Pujol** – o aumento de sua disposição para saídas e diminuição dos sintomas relacionados ao medo, desânimo e inatividade.

Outras faltas são justificadas, na maior parte das vezes, por meio de ligações aos terapeutas de referência, antes do horário do grupo, onde são colocadas muitas queixas como cansaço, cólica menstrual, enjôo e desânimo para sair de casa, principalmente em dias chuvosos.

Valeria Pujol é cuidadosa com a aparência, e gosta de usar anéis principalmente. Recebe uma mesada dos pais para usar nas saídas em dias de atendimentos. Esse dinheiro é guardado com muito cuidado, e faz partes de suas “*economias*”.

E



Figure 20 – E, Autoretrato, 2003, guache seco s/ papel, 43,5 X 62,5 cm.

Homem adulto, 46 anos (em 2007), solteiro, 1º. grau incompleto. Seus familiares moram no interior do Paraná e São Paulo. Tem três irmãos, 2 mulheres e 1 homem. Saiu de casa jovem, logo após a morte de sua mãe. Desde então ficou viajando um tempo por cidades menores como Itu, até vir parar em São Paulo, nunca se estabelecendo numa residência fixa, dentro daquilo que nos conta. Atividades que gosta de praticar:

invenção de projetos, principalmente, desenhos e pinturas de imagens a que se refere como algo que lhe brota à mente. Gosta de música, escreve poemas, cartas de amor e letras de canções no estilo sertanejo e, às vezes, relata frequentar bares com karaokê. Tem experiência com o trabalho rural, de agricultor, mas também apresenta conhecimentos de eletricidade e consertos em geral de equipamentos como chuveiro e ferro de passar. Encontra-se desempregado, e procura *catar latinha* e outros recicláveis para ganhar um dinheiro no dia a dia.

Chega ao serviço do Pacto pelo amigo **XR**, com o qual mantém contato desde tempos em que participavam da Associação Minha Casa Minha Rua. O interesse inicial é ter um espaço para dar forma às suas invenções. Ao longo do processo expressa vontade em aprender informática e mexer com computadores, dizendo que “*isso sim pode dar algum futuro*”.

Muito observador, atento, tímido e cabisbaixo muitas vezes. Fala pouco, inicialmente, apenas quando é questionado ou solicitado a emitir alguma opinião. Traz esboços desenhados de projetos: de uma panela de pressão automática que fala; e de um tênis infantil com rodas, em formato de carro. Relata que suas invenções são coisas da ordem do divino, e “vêm” para ele, muitas vezes, antes ou depois de crises convulsivas, acentuadas em momentos de estresse, situações de humilhação e/ou fome, que causam muito sofrimento.

Sua entrada no grupo *Pacto Trabalho* acontece em 2004, quando se encontrava dormindo na rua. Ações como a busca de moradia e de vinculação a um serviço de saúde para acompanhamento e tratamento adequado são realizados. No mesmo ano consegue um albergue onde dorme, janta, guarda seus objetos pessoais. A equipe do Pacto mantém contato com a assistente social responsável, através de conversas telefônicas, quando necessárias. Isso permite melhores condições de vida,

dando alguma estabilidade ao quadro geral e diminuindo a frequência e a intensidade das crises convulsivas, juntamente com o início dos atendimentos com psiquiatra pelo CAPS Perdizes.

Em 2006, depois de mais de um ano abrigado no mesmo local, perde o direito de permanência naquele albergue, o que o deixa indignado, bravo, revivendo uma situação de humilhação e desrespeito, recusando, assim, a ajuda para a procura de um novo lugar. Diz que prefere permanecer na rua, porque “*todos os lugares que conhece só tem drogado e ladrão*”.

É assíduo aos encontros, com faltas, geralmente, vinculadas a algum desmaio, acidente, perda de documentos e carteira de passe, o que acontece periodicamente. Traz materiais achados na rua e pede para serem guardados nos armários do grupo. Em geral, estão vinculados aos seus projetos de invenção ou às atividades do grupo, como tintas e papéis, ao imaginar que podem ser úteis.

Joanes



Figure 21 – Joanes, Vaso Tridimensional, 2002, acrílico s/ tela, 64 X 107, 5 cm

Homem adulto, 41 anos (em 2007), solteiro, 2º grau completo. Mora sozinho, numa casa geminada a do irmão. Atividades que gosta de praticar: futebol, pintura, ioga e meditação, danças circulares e marchetaria. Fazer compras, ir ao *shopping* e ao cinema de vez em quando, principalmente se tem companhia.

Apresenta histórico profissional de marceneiro, tendo exercido a profissão

como auxiliar em oficinas de marcenaria. Também trabalhou num escritório de publicidade, onde “*via pessoas desenhar e queria fazer igual*”. Foi aposentado pelo INSS, após alguns anos afastado por motivo de doença.

É encaminhado pelo setor de Terapia Ocupacional do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas – Faculdade de Medicina da USP, para o programa do Pacto, em 2000, permanecendo em ateliês de arte e corpo por mais de 5 anos.

Em agosto de 2005 começa a frequentar o grupo *Pacto Trabalho*, onde chega com o desejo de “*voltar a trabalhar*”, “*vender os trabalhos*” referindo-se às pinturas. Aos poucos, delineia um projeto de trabalho um pouco diferente: retoma seus conhecimentos de marcenaria, a partir da feitura de um banquinho, quando traz lembranças do tempo do projeto de marcenaria do CAPS Itapeva, do qual fez parte e de que muito se orgulha.

No fim deste semestre faz um curso de marchetaria no Sesc Pompéia, auxiliado pelo acompanhamento terapêutico individual e bastante estimulado por sua psicoterapeuta da época. Vem para o grupo semanalmente, sem faltas, utilizando-se deste espaço para pôr em prática tudo aquilo que estava aprendendo, iniciando uma vasta produção de objetos em madeira com a nova técnica da marchetaria.

Tímido, fala baixo, observador, determinado e persistente – são seus caracteres marcantes. Gosta de boas conversas, disparando diálogos e discussões sobre alimentação, peso, imagem corporal, aparência; problemas da vista e outros quando fica nervoso; solidão e monotonia principalmente aos fins de semana, quando não tem com quem conversar ou sair. Gosta de ouvir música e junto com **Fê Ribeiro** decidem por trabalharem no grupo ao som de

uma rádio. A escolha da rádio passa por muitos acordos entre todos que opinam – entre rock, sertanejo, MPB, e outros estilos. **Joanes** adora música das décadas de 1970 e 1980 e traz fitas gravadas para escutar durante o grupo.

Aos poucos, a atividade de marchetaria se estende para os fins de semana em casa. O investimento leva **Joanes** ao desejo de tirar a carteira de artesão pela SUTACO,³⁰ e durante um semestre, faz a preparação de documentação e treino de habilidades focado para a prova de avaliação e habilitação, auxiliado por uma estagiária do grupo. Assim, adquire formalmente o direito de participar de feiras e comercializar suas peças, e uma carteira com o título profissional de artesão em marchetaria.

Outras atividades vão sendo lentamente incorporadas no cotidiano a partir de 2006: ioga e meditação (de 2 a 3 vezes por semana), e futebol aos sábados,

³⁰ SUTACO - Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades. É uma autarquia cuja função é regulamentar e reconhecer o trabalho de artesanato no estado de São Paulo. A partir do credenciamento junto a este órgão - vinculado à Secretaria de Emprego e Relações do Trabalho do Governo de São Paulo, o artesão é autorizado a participar de feiras de artesanato, venda de produtos em lojas, podendo utilizar uma série de serviços prestados pela entidade, como a emissão de nota fiscal, entre outros. Para saber mais, acessar pela internet: www.sutaco.com.br.

com o irmão e vizinhos. Surgem viagens esporádicas de “retiro” com o grupo de meditação e **Joanes** se arrisca indo junto, certa vez. Cria toda uma estratégia para fumar escondido durante a viagem, já que não é permitido pelo grupo praticante, mas volta radiante com a experiência da viagem com os colegas de meditação.

Organizamos conjuntamente a participação em algumas feiras e eventos – na Cidade Universitária, no espaço da

Faculdade de Psicologia, e posteriormente, no Centro Cultural Popular da Consolação, em 2007. **Joanes** trabalha atendendo a alguns pedidos de encomenda, à medida que vai se fazendo conhecer nos espaços por onde circula.

Além disso, participa das exposições coletivas IN PACTO, em 2006, com uma série de quadros intitulada *As Garrafas*, além da pintura em tela apresentada, *Vaso Tridimensional*.



Figure 22 – Joanes, O Homem universal, 2001, guache seco s/ cartolina, 49,5 X 66,5 cm.

AC



Figure 23 – AC, Sentidos, 2001, detalhe, guache s/ papel, 50 X 66 cm.

Homem adulto, 49 anos (em 2007), solteiro, 2º grau completo. Mora com a mãe em uma casa. Tem uma irmã em Sorocaba e um irmão em Brasília. Atividades que gosta de realizar: pintura em tela e em gesso, ir à academia, passear no *shopping*, comer em restaurantes, ir ao cinema e ao teatro. Relata que adora fazer compras, de todos os tipos!

Tem experiência profissional como auxiliar de escritório, de banco, de vendas, e como auxiliar administrativo. Recebe aposentadoria depois de longo período de afastamento do trabalho (em um banco).

É encaminhado pela terapeuta ocupacional do PROJESQ – Projeto de Esquizofrenia do Instituto de Psiquiatria

do Hospital das Clínicas, onde realizava acompanhamento desde 1983.

Chega para a composição do *Pacto Trabalho* em março de 2006, após a finalização do grupo de ateliê a que pertencia – o Pacto Adultos Noite, e a não adaptação ao novo ateliê *Experimental*, junto com um grupo de pessoas desconhecidas. A equipe avalia a necessidade de continuidade da vinculação grupal, e da criação de maiores redes sociais, buscando outros espaços de produção artística, ainda acompanhado por terapeutas ocupacionais. Possui independência para as atividades, porém demonstra pouca iniciativa para desencadear uma nova atividade, pedindo ajuda para a equipe sobre o que fazer ou por onde começar, principalmente nos primeiros meses de participação grupal.

Sente-se inseguro, e relata que se “fecha” nesses momentos, permanecendo afastado do grupo, exceto da companhia de alguma estagiária ou de **Joanes** – amigo há anos do atendimento no Hospital das Clínicas – HC. Por um tempo, pede para vir

junto com ele para o grupo, e aos poucos vamos estimulando para que consiga vir por si só, ao perceber um incômodo em **Joanes** na constelação dessa situação. O desencontro no lugar marcado e o atraso de **Joanes** para o grupo, certa vez, foi o estopim para que seu incômodo viesse à tona e pudesse ser trabalhado grupalmente.

AC continua indo ao HC para realização de exames periódicos e manutenção da medicação. Além disso, participa, por pouco tempo, do grupo Encontrar-te, e em certo momento, recebe acompanhamento terapêutico individual pelo Pacto, para facilitar algumas saídas de casa e a busca de novos lugares para freqüentar, e reconhece como muito positiva a presença desta pessoa, remetendo-se à “*falta de alguém para conversar, sair, passear*”.

Alguns desejos vão aparecendo, sempre seguidos de muitos empecilhos para realizá-los: fazer aulas de computação, aulas de pintura em gesso, ioga, frequentar uma academia para exercícios físicos, voltar

a fazer psicoterapia, entre outras. O cotidiano parece estar tomado pelos afazeres de casa, compras de supermercado, pagamento de contas, além do cuidado e companhia para sua mãe, dizendo que não pode deixá-la muito tempo sozinha, pois isso deixa-a “preocupada”. Apesar de não demonstrar problemas financeiros graves, as atividades pagas precisam ser bastante negociadas, e aceita por sua mãe que “*cuida de toda essa parte do dinheiro*”.

Pouco a pouco se dão algumas conquistas: o início de atividade física em uma academia perto de sua casa; vinculação e retomada de processo psicoterápico. Em 2007 abre mais um espaço em sua agenda para o grupo Coletivo de Criação, no CCPC. Viagens para casa de familiares é cada vez mais recorrente, e AC chega contente desses passeios, contando onde foi, o que viu, onde comeu etc. Chega a cogitar uma mudança definitiva para Sorocaba.



Figure 24 – AC, Terra e montanhas, 2004, xilogravura s/ papel arroz, 47 X 64,5 cm.

AC traz recorrentemente queixas relacionadas à vida na cidade de São Paulo: *“tudo muito corrido”, “ninguém se fala, ninguém se olha, é cada um na sua”, “muita violência, muita poluição, ninguém ta aí com nada...”*, *“fica difícil a vida, tudo muito seco, muito barulho”*. Porém, quando perguntado sobre o que acha da ideia de mudar, diz que *“pode ser boa... mas e os tratamentos, como é que fica?”*. Ele acha que isso apenas não aconteceu ainda por conta dos tratamentos, mas que *“estão vendo isso”*.

- A EXPERIÊNCIA DO PACTO TRABALHO

Entre as pessoas que compuseram o grupo, encontravam-se relatos de experiências anteriores de trabalho, como visto, que por razões diversas, produziram marcas de ruptura e não continuidade destas experiências em suas histórias. A participação nesta nova oportunidade de construir outros caminhos nesta área da vida trazia em si uma necessidade de maior elaboração e discriminação sobre questões relacionadas ao trabalho, conversas realizadas ao longo dos primeiros encontros, que envolviam discutir o que é trabalho para cada um dos participantes, e quais os trabalhos imaginavam-se capazes de desenvolver. As primeiras demandas giravam em torno da organização de ações relacionadas a certas produções artísticas significativas para os participantes, na tentativa de incluí-las em espaços de circulação e de comercialização de arte, com o intuito de atender solicitações constantes no cotidiano dos encontros grupais: geração de renda e de desenvolvimento de ‘algum trabalho na vida’. Foi ficando claro que o *Pacto Trabalho* atuaria principalmente na construção de redes de trabalho relacionadas às produções artísticas, pois eram estas as produções que os reuniam ali e que se apresentavam como fazeres de interesses comuns, lugar de experiências anteriores e campo de possibilidade de crescimento para cada participante (Castro, 2007).

O dispositivo *Pacto Trabalho* foi construído com base nas produções que apresentavam uma boa qualidade técnica e expressiva, apontando para um caminho poético interessante, o que possibilitava vislumbrar a configuração de um grupo de trabalho que, além de apresentarem produções artísticas significativas, tinham em comum vivências de desvalorização e de segregação social, a marca da precariedade das condições de vida, a falta de renda para a garantia de condições básicas da vida, como moradia, alimentação, transporte, entre outras. Dessa forma,

pôde-se, além de configurar um grupo e um trabalho coletivo para a demanda da geração de renda, organizar um olhar e uma metodologia de trabalho que passou a configurar projetos de trabalho individuais vislumbrados pelos próprios participantes (Barbosa e Castro, 2007).

O trabalho visando à construção de um direito à existência dotada de sentido e função social (ou seja, que não se trata daquele que aliena e expropria os sujeitos de seus corpos – vistos como meros instrumentos para o lucro), foi aqui pensado e discutido em grupo, respeitando direções singulares, com o intuito de articular ações que facilitassem manejos de projetos semelhantes, conectando espaços e sujeitos diferentes, ampliando a rede relacional e buscando criar possibilidades de trocas de mercadorias e valores. Dessa forma, pode-se dizer que a experiência se processou no encontro entre a produção da saúde e a produção de sujeitos, num entendimento da importância da valorização destas produções e, com o objetivo de buscar elementos para viabilizá-las e fortalecê-las, fazendo uso da potência coletiva no agenciamento das múltiplas ações que se desdobraram na artesanaria dos encontros (Asanuma, Barbosa e Castro, 2007).

Ao iniciar o trabalho com este grupo em agosto de 2005, minha primeira atitude foi de aproximação dos sujeitos e seus trabalhos, a fim de conhecer as pessoas e a dinâmica em andamento do grupo. Diante das circunstâncias estabelecidas, nossa primeira tarefa tratava de acertar os ritmos, entrar na grupalidade, ajustar os tempos e as funções para que se pudesse trabalhar em parceria e engendrar uma verdadeira coletividade. O número de seis pessoas envolvidas nesta configuração grupal viabilizou a ação humana em sua multiplicidade e diversidade, através do acompanhamento dos projetos individuais, cada um em sua especificidade, partilhando ações que possibilitam o avanço de situações diversas implícitas ao trabalho com as singularidades.

A partir da convivência grupal organizada pelo ritmo dos encontros semanais, foi possível a construção de vínculos e afetos, trocas de diversas ordens, inicialmente marcadas pela empatia e curiosidade. De minha parte, a expectativa de entender o que se fazia naquele espaço, como se fazia, quem fazia o quê? Por parte do grupo, curiosidades sobre quais eram minhas habilidades e o que eu sabia fazer para me incluir ali? Perguntas que eu entendia como formas de aproximação, de apresentação de si (me incluindo nessa dinâmica), que se referiam ao como se configuraria uma nova grupalidade naquele espaço/tempo; se, e como se poderia estabelecer e construir algum trabalho a partir do que se trazia enquanto arsenal cultural, repertório de habilidades e afinidades?

Algo chamou minha atenção logo de início: a relação das pessoas com suas produções era de muito cuidado, envolvimento e dedicação àquilo que estavam fazendo. Isso remetia a uma concentração enorme no trabalho durante os grupos e fazia os participantes comentarem sobre o tempo de duas horas dos encontros grupais, como sendo pouco ou insuficiente. O reconhecimento das próprias ações, o desafio diante de novas proposições ou apontamentos feitos indicavam um investimento de si, na busca da produção de si e de objetos e no desenvolvimento cada vez mais integrado em ações “fazedoras” de sentido.

▪ *As atividades desenvolvidas e seus desdobramentos*

As atividades variaram de acordo com o interesse dos sujeitos e cada um encontrava-se envolvido no desenvolvimento de um projeto pessoal, singular e individual. Pintura em tela, desenho em papel, esboços e projetos de invenção, marchetaria e escultura em concreto celular eram, objetivamente, trabalhadas no

período de encontro grupal. Ao redor de cada uma dessas atividades, paralelamente, apareciam questões mais amplas sobre as condições de vida – familiar, afetiva, econômica, de saúde, de transporte – e, aos poucos, foram se organizando os acompanhamentos de projetos de vida mais complexos.



Figure 25 – Pia e materiais - ateliê de trabalho, 2006, foto: Beto Teixeira

À medida que se estruturava, cada vez mais, uma relação de confiança; vias de cooperação entre estagiárias, participantes e coordenadoras; aprendiam-se, uns com os outros, onde estavam os limites e as necessidades, e passa-se a fazer uso do espaço para engendrar atividades singulares, correspondentes a momentos e situações específicas de cada um em seus projetos. Muitas vezes, isso aparecia enquanto demanda e pedidos múltiplos: a perda de documentos que impedia o direito ao transporte vinha com o pedido de dinheiro ou passe para ir e voltar do grupo; a ausência de medicação por falta na consulta, devido a esquecimentos ou, ainda, alteração na medicação por interferências da família; dores de dente e outras situações de adoecimento por falta de

condições básicas, como alimentação e higiene pessoal, vividas por participantes em situação de rua; entre muitas outras, situações-limite eram frequentemente vivenciadas, mobilizando a equipe para múltiplas ações de acompanhamento.

Muitas demandas se configuraram a partir desse dispositivo, e guiadas pelo princípio de acompanhar as ações desses sujeitos, na medida em que camadas dessa existência se apresentavam, entrou-se numa viagem por universos inimagináveis! Entendia-se que isso fazia parte da tarefa de trabalhar; pois o trabalho, quando assumido em sua complexidade e exigência da integralidade do ser, ou seja, um trabalho não alienado ou alienante, implica esse desafio, que é o desafio da vida e da constituição da própria existência diante da precariedade das condições de vida e de relação do mundo atual.

Não se tinha a pretensão de sanar a precariedade da vida dos sujeitos, mas minimamente estabilizar alguns pontos para lidar com a precariedade de outros. Além da fome física e real, sempre existiu nesses sujeitos, a fome por aprender novas habilidades, a fome por estar em relação, em ser reconhecido pelos fazeres diversos e por trocar e circular, sujeitos e produções.

A estruturação de uma rede mínima de equipamentos da saúde pública foi acionada e artesanalmente costurada, com o acompanhamento de sujeitos nos atendimentos desses serviços: os equipamentos de CAPS, hospital-dia e CECCO³¹ foram visitados e passaram a ser frequentados pelos sujeitos em acompanhamento, muitas vezes, de estagiários. Serviços de assistência social, também, foram acionados para ajudar na regulamentação dos documentos, e postos de prestação de serviços relacionados foram visitados no acompanhamento do grupo. Foram encaminhados pedidos e entrada de processos em busca de benefícios, como auxílio-doença, Loas, benefício de transporte, entre outras tentativas para garantir o recebimento de uma renda mínima de alguns dos

³¹ CECCO – Centro de Convivência e Cooperativa ligado, geralmente, às Secretarias de Saúde e Trabalho do município.

participantes do grupo. Negociação com equipamentos de moradia – albergues públicos e ocupações –; o acompanhamento de processos junto à assessoria jurídica pública, que envolve ações especiais ante a criação de alguns participantes, na tentativa de garantir seus direitos, entre outros. Além disso, a organização de atendimento psicoterápico em situação de clínica social³² em alternativa ao atendimento público, do qual muitos participantes se queixavam pela descontinuidade do serviço e mudança muito rápida de terapeuta, que impossibilitavam vinculação e tratamento de médio e longo prazo.

Sobre essa situação em especial, lidou-se com o caso de AC que nos rendeu trabalho por cerca de um ano, até que se conseguiu vislumbrar um caminho possível. AC falava recorrentemente: “*sinto falta de fazer psicoterapia*”, e na escuta dessa demanda que se configurava, partiu-se para a tessitura deste pedacinho da rede básica de saúde deste sujeito, que de forma alguma se encontrava pronta. Serviços da rede pública foram mapeados, contatados e visitados por AC e estagiárias que assumiam dentro do grupo esta tarefa; mas passado cerca de oito meses não se tinha conseguido ainda fazer a passagem para um desses serviços. A equipe vai se dando conta, entre muitas reuniões, negociações e conversas com AC que não era uma psicoterapia “qualquer” que estava sendo pedida, e sim “*alguém em que eu possa confiar, (...) que seja bom mesmo, sabe, uma pessoa firme!*”. Firme como? – perguntei certa vez: “*Como L e E*”, referindo-se aos terapeutas ocupacionais de ateliês passados.

Foi-se entendendo que a impessoalidade dos serviços impedia AC de se vincular e, sequer, experimentar aquilo que ofereciam. Delicadamente, passou-se a negociar as possibilidades de AC pagar algo por este serviço, pois, assim, poderíamos indicar alguém da nossa rede enquanto terapeutas, para que houvesse possibilidades de trabalhar a passagem para um atendimento cujas referências da equipe pudessem

³² Serviço prestado por profissionais autônomos de atendimento em psicologia em consultório e acompanhamento terapêutico por valores acessíveis, de caráter “simbólico” a população em desvantagem social.

inspirar uma confiança inicial em AC. Ele reflete, conversa com sua mãe, pensa em valores possíveis para oferecer e, algumas semanas depois, retorna dizendo que sim, isso era possível e mais do que tudo, desejável. Enquanto isso, a equipe pensava em sua rede de relações e alguém para atender AC. A ação pôde ser finalmente concretizada, o encaminhamento foi feito, e com o auxílio ainda de uma estagiária, AC aprendeu a chegar ao consultório de sua nova terapeuta, com quem finalmente conseguiu estabelecer uma relação vincular e um contrato de atendimento.

Essa situação remete a uma, entre as várias intervenções singulares, pautadas na escuta, no cuidado e no respeito pelo outro, o que compõe a metodologia deste trabalho, bastante artesanal. Muitas outras cenas dessa camada da complexidade dos sujeitos – o lugar do cuidado físico e psíquico, ou melhor, a construção dos lugares de cuidado – foram lentamente amarradas. Percebia-se que, para chegar em outros níveis, abrir para outras dimensões, paralela, simultânea ou, às vezes, prioritariamente, sentia-se a necessidade de focar na amarração das redes de cuidados básicos de saúde, estrito senso.

No caso de AC, deu-se um ‘salto’ a partir dessa ação concretizada, que foi o início da psicoterapia. Após alguns meses percebeu-se uma mudança na disponibilidade e abertura para a pintura, seguida de aumento de iniciativa e apropriação do seu fazer, anteriormente marcada pelo cansaço e desânimo. A fala constante “*o que eu vou fazer hoje?*” deu lugar a atitudes mais propositivas, como “*tenho vontade de pintar [tal coisa]*” “*(...) vou trazer de casa uma camiseta para usar como modelo*”, “*onde está a chave do armário das tintas?*”. Nota-se, também, um salto na qualidade técnica e acabamento das telas, bem como uma atenção diferenciada para os detalhes, anteriormente esquecidos ou ignorados.

Simultaneamente, percebia-se que, à medida que as necessidades de atenção à saúde básica eram sanadas, e as outras questões de caráter emergencial, citadas, eram acolhidas e atendidas, em muitos casos, desdobrando nessas diversas atuações, abria-

se espaço para a estruturação de demandas mais complexas ligadas à vida produtiva, que conversavam com os objetivos propostos pelo e para o grupo.

Os objetivos do trabalho foram ficando cada vez mais claros e delimitados. De modo geral, o *Pacto Trabalho* tinha como objetivo:³³ organizar e engendrar ações relacionadas à construção de trabalhos possíveis, para produção de valor e geração de renda a pessoas em situação de risco e vulnerabilidade social, decorrentes de vivências disruptivas dos processos vitais, por exemplo, situações de crise e de grande sofrimento psíquico, precariedade das redes sociais e condições miseráveis de vida (situações de privação e exclusão extremas: fome, falta de moradia, solidão).

Mais especificamente, entendia-se como parte do trabalho grupal: a construção de projetos individuais de trabalho; a construção do aprendizado para responsabilização dos sujeitos com todas as etapas dos projetos pessoais, desenvolvendo uma compreensão detalhada daquilo que é necessário para concretizar os projetos; além de possibilitar a apropriação de todo o processo pelos sujeitos, a fim de gerar a emancipação e fortalecimento da autonomia.

Dentre as estratégias de ação implementadas, destacam-se: mapeamento de lugares para venda e/ou exposição das produções; levantamento de associações, cooperativas e cursos profissionalizantes; organização de portfólios das produções; organização de exposições das produções artísticas; participação em feiras de artesanato e arte, além de diversas discussões sobre mercado de trabalho, possibilidades e empecilhos vinculados ao mercado de arte e artesanato em especial.

A vontade de expor, mostrar e compartilhar as criações era unânime, pertencendo a todos os participantes. Para alguns, havia urgência de retorno financeiro, como resultado desse trabalho; apesar de nem sempre se conseguir atingir essa expectativa e objetivo, pois

³³ Os objetivos do grupo foram extraídos da apresentação oral (com auxílio de projeção de *slides*) para o X Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional, cuja elaboração foi realizada pela coordenadora do Laboratório, supervisora do trabalho em conjunto com as duas terapeutas ocupacionais, coordenadoras diretas do grupo (Cf. Asanuma, Barbosa e Castro; 2007).

o desejo de transformar o trabalho realizado em renda esbarra em questões de múltiplas ordens, entre elas, remete àquilo que Ronaldo Brito (2005) afirma sobre o sistema fechado do capital das artes, que gira em torno de si próprio, entre objetos e artistas fetichizados. Transformados em mercadorias de luxo desta pequena rede que se alimenta deste mercado, mantém o *status quo* de concentração e segregação de universos comunicantes.

Mesmo assim, brechas foram encontradas e trilhadas nesta perspectiva. Destacam-se, a seguir, algumas dessas ações implementadas: em umas, passam-se por situações difíceis e frustrantes e, em outras, vivenciam-se momentos bem sucedidos e gratificantes. No *Pacto Trabalho* cada participante decide como investir numa determinada produção. Alguns acontecimentos compartilhados problematizam os limites e as potências destes. Para exemplificar, descrevem-se as linhas principais de cenas vitais para o entendimento do trabalho que aqui se processa:

- *Primeira narrativa*

Um dos participantes do grupo, **XR**, desenvolveu ao longo de alguns anos uma vasta produção de esculturas em concreto celular e de xilogravuras que encantavam a todos e pediam maior visibilidade no mundo, abrindo para a possibilidade de trocas de mercadorias e valores. A primeira exposição implementada aconteceu na Universidade São Marcos, em 2003,³⁴ cuja montagem e acompanhamento demonstrou uma recepção bastante favorável a essa produção, e **XR** conseguiu vender todas as esculturas expostas. O dinheiro conquistado, com todo o trabalho, resultou em algumas possibilidades reais para sua vida: conseguiu agenciar um lugar para moradia, no qual realizou um trabalho de construção e arquitetura e com muito empenho organizou seu espaço para dormir, comer e trabalhar, produzindo outras esculturas, outras obras. Esta experiência

³⁴ Neste período, pude acompanhar esta realização por fazer parte da equipe do Pacto como estagiária de graduação.

fortaleceu e estimulou todos na busca de outras experiências similares que vieram a seguir. Percebeu-se uma nova organização de si que se projeta no mundo, a partir da organização grupal (Barbosa e Castro, 2007).



Figura 26 – Retângulo vazado, 2004, escavação em concreto celular, 53,5 X 19 X 18,7 cm Foto: Beto Teixeira



Figura 27 – Escravo fora da senzala, 2003, xilogravura s/ papel arroz, 36 X 30 cm.

Posteriormente, em 2006,³⁵ vislumbrou-se a possibilidade de **XR** participar de uma feira de artesanato, objetos de *design* e arte, no bairro de Pinheiros. A equipe junto com **XR** negociou a entrada da produção de esculturas, o pagamento de taxa³⁶ para a organização da feira, a forma de participação deste e seu comprometimento em estar presente em todos os domingos do mês, além da forma como se deveria montar a barraca para exposição e venda das peças, que também era padronizada. Organiza-se o acompanhamento de **XR** aos domingos, desde o início, auxiliando-o no transporte das peças, montagem da barraca etc. Logo no primeiro dia de exposição, obteve-se a venda de duas peças. O valor final das vendas já ultrapassava aquilo que se precisava para pagar a taxa mensal exigida, e **XR** programa-se para a compra de um carrinho para facilitar o transporte das peças nos próximos domingos. Na semana seguinte, as estagiárias preparam-se para acompanhar **XR**, revezando-se durante o período do dia, mas, para a surpresa de todos, **XR** não comparece à feira, conforme combinado. Este episódio é seguido de faltas, no grupo do *Pacto Trabalho*, e causa frustração em todos os envolvidos. No contrato com os organizadores da feira, o compromisso com a presença e participação regular era importante, portanto, as faltas deveriam ser avisadas com antecedência ou com justificativa, sendo toleradas apenas duas vezes consecutivas com aviso. Após duas semanas, **XR** retorna ao grupo alcoolizado, e depois de algumas doses de café, estabelece-se uma conversa para tentar entender o que se passava naquele momento. Constata-se uma situação crítica e delicada, em que **XR** remete-se a uma insatisfação com o equipamento de saúde que vinha frequentando, em particular, com um médico que insistia em exigir de **XR** exames de rotina, aos quais ele se recusava fazer. Ao mesmo tempo, ele fala de “*dar um tempo*” e mostra-se

³⁵ Essas informações são baseadas em análise documental dos registros grupais em cadernos de grupo, auxiliada pela memória da pesquisadora para reconstrução dos fatos e cenas trazidas. Elegeu-se esta situação como representante de muitos embates vividos ao longo de processo do grupo.

³⁶ A taxa de R\$30,00 não foi cobrada no 1o. mês de sua participação, e na época era um valor possível para XR pagar mediante venda de alguma peça.

envergonhado pelo que fez, em não ter comparecido aos encontros combinados ou avisado as pessoas. Angustiado, ele fala: “*fui pego de surpresa... já pensou se eu vendo tudo num dia e aí não tenho nada para levar na outra semana?*”. Precipitadamente, ele prefere não assumir esse risco, e desiste da participação da feira. Ele afirma que não sabe quando vai conseguir produzir novas esculturas e relata que ao tentar trabalhar nisso, não conseguiu produzir nada e acabou bebendo para ver se “*vinha alguma coisa, tinha alguma ideia*”. Ele traz muitas coisas ao mesmo tempo, falando de diversos assuntos, sem se deter ou aprofundar em nenhum.

Nos encontros seguintes, **XR** retoma o acabamento de uma de suas pinturas, começada há algum tempo atrás, e fica nessa atividade por algum tempo do grupo. Num exercício de escuta e diálogo, tenta-se reorientar os trabalhos junto com **XR**, diante dessa situação, na tentativa de perceber e entender conjuntamente: quais são suas expectativas? Por onde e como ele gostaria e poderia, de fato, prosseguir?

Apoiando-nos no pensamento de Guattari (1990), essa articulação entre os níveis microsociais e macrosociais (das instituições) para as experimentações precisam operar de uma maneira que se aproxime do processo do artista em criação – o que exige dos terapeutas ocupacionais o uso da criatividade, da inventividade e da flexibilidade, numa sensível percepção dos fluxos de movimentos e intensidades que compõem linhas de força e fuga processual. Nessas práticas que são estético-existenciais, diante das cenas que bem ou mal vão se instalando, quais são as nossas capacidades de “apreensão dos pontos de ruptura a-significantes” (p.40) que podem indicar vetores de significação?

- *Segunda narrativa*

A segunda cena-limite selecionada para narrar aqui envolveu outros dois participantes do grupo, além de **XR**.

Um espaço de sebo, café e centro cultural foi encontrado por uma estagiária e agenciado pela equipe junto à participante **Valéria Pujol**, na perspectiva de viabilizar a exposição das pinturas desta, com intuito de venda, também, dos trabalhos. Passou-se por uma avaliação da produção de **Valéria Pujol**, pelo coordenador do espaço, que foi aceita para realizar ali uma exposição individual. Suas pinturas são bem vistas, elogiadas pela utilização expressiva das cores e dos traços. Porém, era necessário entrar numa lista de espera de artistas já organizados para exposições mensais no espaço, o que resultou numa espera de aproximadamente um ano e dois meses. Estava-se no final de 2006, portanto, a concretização desta ação se efetivaria em meados de 2007. Ao retomar o trabalho no início de 2007, recontatou-se o espaço e deu-se início ao planejamento das ações relacionadas à efetivação da montagem da exposição, pensada inicialmente como individual de **Valéria Pujol**. Neste momento, a artista decide convidar outros dois participantes do grupo para dividir o espaço com suas respectivas produções. **Fê Ribeiro** e **XR** aceitam a participação conjunta e parte-se, mais uma vez, para uma articulação junto ao espaço desse centro cultural acerca desta nova configuração. Somos, então, surpreendidos pela informação de que se deveria pagar uma taxa sobre o uso do espaço, que não tinha sido explicitada, até o momento. Dialogando com os participantes, viu-se a possibilidade financeira de cada um e foi feita uma contraproposta para o espaço, oferecendo 50% do valor pedido inicialmente. O coordenador do espaço levou em conta toda a situação, entendendo as dificuldades socioeconômicas do grupo e aceitou nossa contrapartida.

Partiu-se para a montagem efetiva da exposição, o que se desdobrou em muitas tarefas, já conhecidas por nós em outras experiências semelhantes. Preparação de suportes, etiquetas das obras para identificação de artistas e valores das obras, divulgação por *e-mail* da exposição, entre outras, foram algumas das tarefas

executadas. Permaneceu-se lá por um mês, e não se obteve, dessa vez, nenhuma venda como resultado, o que causou certa frustração novamente no grupo. Isto foi trazido e trabalhado nos encontros que se seguiram, foram compartilhadas as sensações e frustrações e entendidas como parte do processo. Em conversa com o coordenador do espaço, ele relata que nem sempre os artistas vendem suas obras, mas que o fato de divulgarem o trabalho é um passo importante. Todos recebem um certificado de expositores no espaço.

Em oficina de avaliação posterior, em novembro de 2007, **Valéria Pujol** afirma: *“o que mudou foi que adquiri mais confiança em mim com o negócio das exposições que nós fizemos, né, de tentar vender os trabalhos da gente, foi uma experiência que valeu, apesar de ter custado uma graninha pra investir nisso, no tempo que a gente fez de exposição lá no Espaço Alberico (...)”*.

Diante de cada uma dessas atividades, desdobravam-se inúmeras tarefas que foram desenvolvidas sempre em num *fazer junto*, composto por participantes e equipe de terapeutas e estagiários. Compra de materiais, montagem das exposições, organização do deslocamento de obras para feiras, visitas a locais específicos de interesse dos participantes na busca de cursos de computação, ou para o aprimoramento de técnicas, busca de maior profissionalização com habilitação reconhecida pela SUTACO nas categorias de artesão e artista, entre muitas outras ações que visavam à apropriação e ao desenvolvimento do próprio fazer, foram minuciosamente cuidadas, planejadas e executadas em conjunto.

Com isso, ampliou-se o universo das ações e dos conhecimentos: aprendendo e nos instrumentalizando para o enfrentamento de situações-problema, imprevistos, além de lidar cada vez melhor com as dificuldades, que pouco a pouco, foram ganhando um caráter mais coletivo e de responsabilização e compartilhamento de todos. Essa rede

de suporte criada pela coletividade ganha uma nova dimensão no lidar com frustrações e processos de perdas, e muitas vezes, ainda, situações de humilhação e desrespeito.

▪ *Terceira narrativa*

Uma última situação-limite a ser relatada nesse momento trata da experiência vivida por outro participante, **Joanes**, junto a um projeto vinculado à Associação Nós do Centro³⁷ para a viabilização de uma feira de artesanato no Vale do Anhagabaú. A proposta implicava uma mobilização de artesãos, de pessoas em situação de vulnerabilidade como moradores de rua, entre outras pessoas interessadas em participar, principalmente, aquelas que vivem no centro da cidade em ocupações e situações precárias. **Joanes** vai a uma das primeiras reuniões para se informar sobre a oportunidade de expor seus trabalhos de marchetaria junto a outros artesãos. Ele retorna ao grupo entusiasmado com as perspectivas da feira, além de todos os agenciamentos em coletividade que esta implicaria. Ele participa assiduamente das reuniões de organização e preparação da feira, inicialmente com **XR**, que após alguns encontros, deixa de participar. **Joanes** prossegue investindo nessa oportunidade, se organizando semanalmente para as reuniões, as quais frequenta sozinho, sem acompanhamento direto da equipe do *Pacto Trabalho*. Esta, por sua vez, organiza com **Joanes** a produção e apresentação de suas peças, acompanhando a compra dos materiais, sua produção enfatizando a qualidade das peças, e organizando as embalagens e cartões de apresentação de **Joanes** para a feira. Após dois meses de encontro, que ocorreram entre agosto e setembro de 2007, enfim, chega a programação com o dia de inauguração da feira, prevista para início de outubro, e **Joanes** divulga o evento para todos os seus

³⁷ Trata-se de um projeto da PMSP em parceria com a União Européia e organizações não governamentais ligadas a trabalhos da área social, denominados por eles de Projeto de Inclusão Social Urbana. Ele é dividido por regiões, e no caso em particular, estava ligado ao EIS Glicério – Escritório de Inclusão Social do Glicério. As informações foram obtidas pelo site: www.nosdocentro.org.br. Acesso em 01 de abril de 2009.

conhecidos. Programamo-nos, então, para estar lá e ajudar na montagem prevista para o mesmo dia. Naquele dia, a feira é simplesmente cancelada e todos os participantes são “deixados na mão”. **Joanes** conta que as pessoas da organização responsáveis pela articulação junto à Prefeitura Municipal simplesmente não apareceram: uma delas foi viajar e a outra ficou doente. Isso é o que chega para os participantes. **Joanes** fica muito chateado, indignado com a situação, e comenta: *“meu, tinha gente que preparou comida para vender, essas pessoas perderam tudo, tudo, porque estraga (...) inacreditável, todo esse tempo de trabalho pra nada (...) O cara garantiu que tava tudo certo com a prefeitura, chegou lá, ninguém tava sabendo de nada”*. Tentou-se saber mais sobre o que havia acontecido, conversando com outras pessoas, e **Joanes** conta que conversou com uma das pessoas organizadoras do CCPC (espaço que **Joanes** frequenta pelo Coletivo de Criação), ligada ao movimento de cooperativas solidárias, e relata que, provavelmente, se tratava de uma “manobra política” que não deu certo, e foi simplesmente abandonada. Não se conseguiu saber ao certo o que aconteceu, pois as pessoas que estavam junto naquele momento ficaram de ligar para **Joanes** para avisar da próxima reunião, o que não aconteceu. **Joanes** ficou bastante decepcionado, e também não quis buscar mais informações sobre o acontecido. Ele comenta: *“por essa eu não esperava mesmo... essa ‘quebrou minhas pernas’, de verdade...”*.

Todos ficamos indignados com tamanha *des-responsabilização* diante de propostas tão importantes para as pessoas envolvidas. Trazer esta situação-problema aqui neste estudo mostra o quanto somos atravessados por questões de ordens múltiplas e inesperadas no decorrer do processo, remetendo-nos à complexidade das situações, e cumprindo também com uma função política do trabalho, neste caso, de denúncia.

O desafio permanentemente enfrentado consistiu em articular as linhas de força subjetivas com sua existência no social, sem perder a potência criativa de vida nesta

tentativa de participação, pois se havia entrado num embate de várias ordens: até que ponto ir? Quais as responsabilizações precisam ser assumidas pelos sujeitos para a viabilização de uma proposta? Quais são as concessões necessárias e possíveis para negociar com exigências e padrões socialmente estabelecidos? Quais as resistências para que o social e o cultural também se transformem para receber novas produções e formas de existir e se relacionar?

Seguiu-se por este caminho de composição e afeto, nesta trajetória de *fazer junto*, que criou condições para o desenvolvimento e ampliação da autonomia dos sujeitos, à medida que se apropriavam de seus fazeres, aumentavam o conhecimento de suas potencialidades, de suas possibilidades de ação, realização de um manejo de si e uma autorregulação dos processos mais individuais. Tudo isso espelhando-se e inspirando-se no outro, com o outro, em plena relação de afetação e contaminação.

Num certo momento, entre o final de 2007 e retomada do grupo em 2008, reconfigurou-se o formato dos encontros e criou-se uma dinâmica grupal de saídas em duplas, trios; com encontros de todos os participantes mais espaçados, quinzenais; e neste momento, compartilhavam-se as saídas e os acontecimentos. Este momento coincide com o desligamento da terapeuta ocupacional *co*-coordenadora do grupo. É um momento delicado, de ‘desmanchamentos’, que reverbera em todos nós. Fez-se um exercício contínuo de escuta do outro, de percepção de si, da conexão com o mundo e o contexto ao redor, a partir das situações vivenciadas nas saídas e encontros externos, mas também nas relações internas ao grupo. Enfim, as relações da vida estavam em jogo e foram postas na mesa. Cada um foi se havendo com isso, aprendendo com seus recursos e do que estava ao lado. Reverberações múltiplas e mudança de atitudes no cotidiano foram lentamente notadas, remetendo a esta questão da autonomia em diversos níveis. Tarefas, antes executadas apenas durante os encontros grupais,

passam a ser realizadas em casa, outras aparecem para preencher o espaço do grupo, a organização do cotidiano e tarefas do dia a dia são melhores planejadas e executadas; os deslocamentos pela cidade são mais facilmente engendrados com o ganho de confiança em si etc.

Mas a autonomia de que se fala não trata apenas da independência nas atividades, no sentido de poder realizá-las sozinho, mas no sentido de conhecer melhor as próprias capacidades e limitações, e relacioná-las com o contexto das situações vividas em particular, sendo capazes de avaliá-las e discerni-las, proporcionando a possibilidade da escolha, da decisão de por onde seguir, mesmo que isto se refira à constatação de que naquele momento o melhor a fazer é pedir ajuda, recorrer a determinado equipamento de saúde, ou pessoa (no caso, o terapeuta de referência) e saber pedir pelo que precisa ser feito. Esta lucidez que começa a aparecer nas ações do grupo marca um momento emancipatório e de transformação.

Mudanças discretas e sutis mostram uma apropriação de si, o que proporciona um melhor discernimento das situações de vida, numa responsabilização dos sujeitos pelos próprios trajetos e escolhas na vida. Edgar Morin (2005) quando fala da ideia da autonomia potencial e relativa (para ele, conhecimento, cultura e sociedade são indissociáveis dessa ideia), observa que estamos sempre vinculados aos determinismos bioantropológicos e condicionamentos socioculturais. À medida que se constrói um conhecimento de si, da realidade, enfim, constrói-se uma autonomia do conhecimento e tem-se mais ou menos autonomia para brincar, jogar entre as brechas desses determinismos culturais, provocando mudanças, alterações individuais e no social, com rupturas de linguagens, ideias dissonantes e inconformidades que pressionam transformações ou atualizações do real. Ele ainda aprofunda isso, dizendo que essas rupturas, bem como a existência de dissonância afeta o determinismo cultural,

provocando seu enfraquecimento, e propiciando a expressão livre, as discussões, as contraposições, abrindo para uma dialógica cultural, polêmicas que podem resultar em crises paradigmáticas (Morin, 2005).

O autor insiste que é em pequenos grupos – onde aquilo que inicialmente é visto como absurdo, desviante e ridículo, pode provocar inquietações e agitações que instauram verdadeiras crises, invertendo o quadro –, que o desvio se torna tendência e, dela, instaura-se uma nova forma de organização vigente. Em suas palavras:

Anomias, desvios, incertezas, insatisfações, aspirações, contradições vividas, podem associar-se, em uma espécie de força capaz de gerar turbilhões, que corrói cada vez mais profundamente a base do conhecimento estabelecido, determinando assim uma radicalização crescente do pensamento. (p. 62)

As cenas apresentadas, assim como outras situações, falas e marcas desse processo serão amplamente narradas, discutidas e analisadas no decorrer da análise de dados, junto às categorias eleitas na análise de conteúdo temática, correspondendo à análise qualitativa proposta.

4.4 FUNDAMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados coletados será feita de acordo com a metodologia escolhida neste projeto, que é fundamentalmente a pesquisa-ação, tratando-se de uma leitura e análise qualitativa dos dados, que resultaram na constituição deste estudo de caso. Visou-se compreender, dessa forma, aquilo que foi coletado de forma sistêmica, articulando tais conteúdos ao seu contexto cultural, a fim de ampliar o conhecimento sobre o que foi pesquisado. Nesse sentido, optar-se-á por uma análise de conteúdo, buscando adentrar o universo das significações cujo “esforço teórico para o desenvolvimento de técnicas

visa (...) ultrapassar o nível do senso comum e do subjetivismo na interpretação e alcançar uma vigilância crítica (...)” em face dos dados coletados via observação sistemática ou outros procedimentos (Minayo, 2000, p.203).

Para Bardin (1977, p.31), a análise de conteúdo “(...) é um conjunto de técnicas de análise das comunicações (...)” e, nesse sentido, vai buscar aquilo que está nas entrelinhas do discurso, o não dito, ao colocar em relevo certos aspectos que vão constituir linhas de força que passam a enriquecer a leitura cuidadosa e minuciosa, feita de forma exploratória e investigativa. Para isso, é preciso instaurar um desejo de descoberta, para além das aparências dos dados numa superfície explícita. Para a autora, é preciso investir com rigor na análise, num aprofundamento que ultrapasse as incertezas para encontrar as forças dos conteúdos inicialmente submersos num mar caótico de dados e informações coletadas.

Segundo Bardin (1977) e Minayo (2000) é preciso criar um *corpus*, ou seja, dar forma ao caos inicialmente encontrado nas coletas, seguindo critérios de validação do material diante do tema estudado, que seriam: homogeneidade, representatividade, pertinência, exaustividade, produtividade – no sentido de que aquilo que emerge da análise contempla os assuntos discutidos e abordados teoricamente, inclusive, fornecendo elementos para novas inferências e/ou formulações de novas hipóteses.

Numa primeira etapa, propõe-se a eleição de categorias gerais de análise, inicialmente a partir das bases teóricas escolhidas, o que caracteriza uma pré-análise do conteúdo. Nesse momento, constelam-se as unidades de registro (palavras-chave ou frase), unidades de contexto (para compreensão da unidade de registro), um esboço formal das categorias com os recortes previstos e os conceitos teóricos norteadores. Num segundo momento, passa-se à exploração do material; e, por último, seu tratamento, onde se depara com a necessidade da criação de categorias mais específicas,

emergentes da análise dos dados concretamente coletados e explorados. O percurso vai da diferenciação, separação e seleção daquilo que emerge, para, posteriormente, ser reagrupado por analogia e associação entre as categorias (Bardin, 1977).

Neste percurso de aprofundamento da análise de conteúdo, buscam-se relacionar as estruturas semânticas (significantes) e sociológicas (significados) dos enunciados, articulando o discurso com seus fatores determinantes: variáveis de contexto cultural, psicossocial e de própria produção do discurso (Minayo, 2000).

Para tanto, foram elaboradas técnicas voltadas para diferentes abordagens do conteúdo, como, por exemplo, análise da Expressão, das Relações, de Avaliação ou Representacional (de atitude), análise da *Enunciação* e da *Temática*. A autora em questão prioriza as duas últimas, entendendo que estas são as mais apropriadas para a investigação qualitativa em Saúde. De fato, essas duas formas de abordagem são elucidativas no nosso caso em específico, pois na análise de enunciação, a comunicação é vista como processo (e não como dado estático) e a produção do “discurso como palavra em ato. (...) Na produção da palavra elabora-se ao mesmo tempo um sentido e operam-se transformações” (Minayo, 2000, p.206).

Este momento de criação de significados comporta incongruências e incoerências aparentemente paradoxais, bem como as rupturas de discurso e linguagens, atravessadas pelos silêncios e lacunas de elaboração. Ritmo, encadeamento das ideias, figuras de retóricas (jogos de sentido com as palavras, como nas metáforas), repetições, ilogismos, lapsos, estilos de linguagens vão construindo, ao mesmo tempo, uma lógica sequencial para apreensão dos significados. A análise temática possibilita também nesse sentido, a criação de *unidades de significação* e *núcleos de sentido* cuja presença e frequência vão caracterizar e compor os feixes de relações acerca de um tema estudado (Minayo, 2000).

Operacionalizando: passa-se pela fase considerada de pré-análise, que consistiu numa leitura caracterizada como “leitura flutuante” e que teve por objetivo organizar o material coletado, escolha dos documentos mais pertinentes, esboçando as primeiras categorias preliminares da análise (apresentadas em fase de qualificação), com o intuito de orientar a fase seguinte, de exploração e contato exaustivo com o material (Bardin, 1977; Gil, 1999; Minayo, 2000; Mecca, 2008). Esta, por sua vez, terá como objetivo um recorte com a escolha das unidades de análise, sua enumeração e categorização de fato (Gil, 1999).

Finalmente, chega-se à última etapa da análise qualitativa categorial temática, momento de tratamento dos resultados emergentes, referentes às categorias elencadas. Numa *re*-leitura minuciosa de todo o material organizado, agrupam-se as unidades temáticas em categorias “mais amplas e condensadas por analogia de conteúdo destas unidades” (Mecca, 2008, p.113).

Nosso intuito, ao final de todo esse processo, é realizar articulações entre as teorias estudadas e as ações práticas implementadas neste campo de interfaces das produções artísticas, da participação cultural, da saúde e da cidadania, dentro de um universo de saberes empíricos e teóricos sobre como se dão as relações de inclusão e exclusão na participação sociocultural contemporânea. Pretende-se analisar os processos grupais, “cenas, movimentos, sinais e produções a serem considerados como um conjunto de fenômenos singulares capazes de conter em si mesmos as suas significações” (Mecca, 2008, p. 91).

Segundo Bardin (1977, p.49), ainda, tem-se de conceber a análise como um retrocesso de auto-observação “de modo a esclarecer o *desenrolar do procedimento* (...)” mais do que preocupar-se com os resultados.

Os critérios para a categorização e análise são eleitos de acordo com a *frequência* de aparição de um tema ou as *co-ocorrências* (ou seja, a repetição de determinada

característica em diversos momentos/acontecimentos). Esse seria um critério de mensuração e construção de categorias pelo viés quantitativo. O outro, de caráter mais qualitativo, tem a ver com a *intensidade* que determinado tema ou acontecimento emerge. A ausência ou a presença de certa característica, ou ainda, como os conteúdos se articulam são também importantes para explicitar uma unidade de contexto, e o entendimento das categorias em si (Bardin, 1977; Quivy e LucVan, 2008).

A imersão nos cadernos de registro (diários de campo), no material produzido pela observação participante, oficinas de avaliação e reunião de equipe foram nossas fontes de análise, permeadas pelas memórias, sensações e afetações que puderam emergir com tal *intensidade* nesta releitura cuidadosa, tornando-se temáticas importantes a serem mais profundamente discutidas.

O tratamento dos dados foi realizado, a fim de preservar o discurso dos participantes, destacando-se as ideias centrais trabalhadas em cada uma das categorias. Trechos de falas foram recortados e compõem, então, o discurso geral da análise, mantendo sua autoria explícita, ao se entender que estes compõem a força e a singularidade dos sujeitos, claramente em processos coletivos de subjetivação.

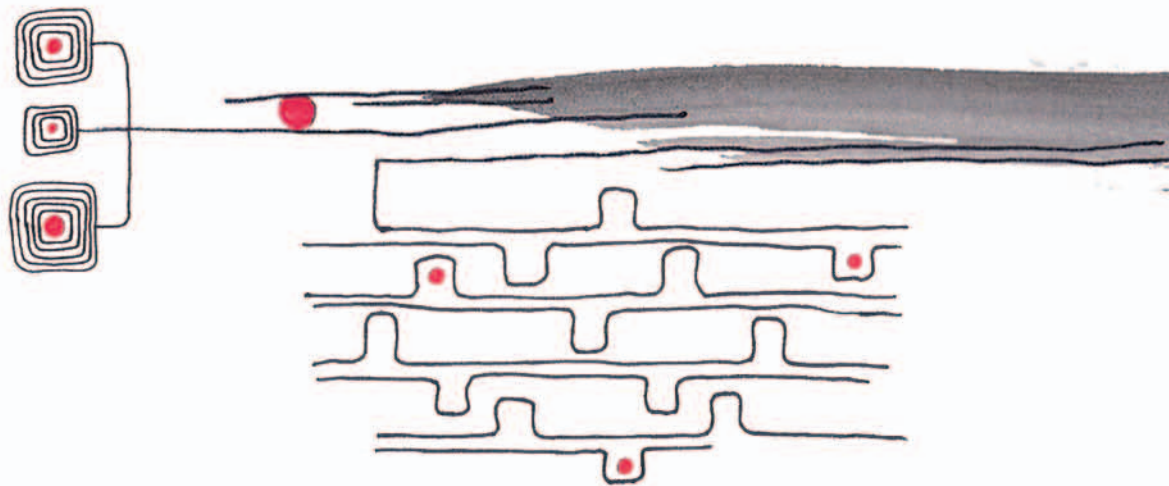
Como método auxiliar para o tratamento de alguns dados, especificamente, aqueles relacionados ao discurso da equipe, utilizou-se o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), formulado e desenvolvido por Lefèvre (2003), já que neste momento, visualiza-se ideias centrais nas vozes de várias pessoas, que podem ser sintetizadas num único discurso, ganhando relevo aquilo que é compartilhado, que passa a constituir um painel de discursos numa mesma estrutura de “fala”.

O DSC como técnica de processamento de dados com vistas à obtenção do pensamento coletivo dá como resultado um painel de discursos de sujeitos coletivos, enunciados na 1ª pessoa do singular,

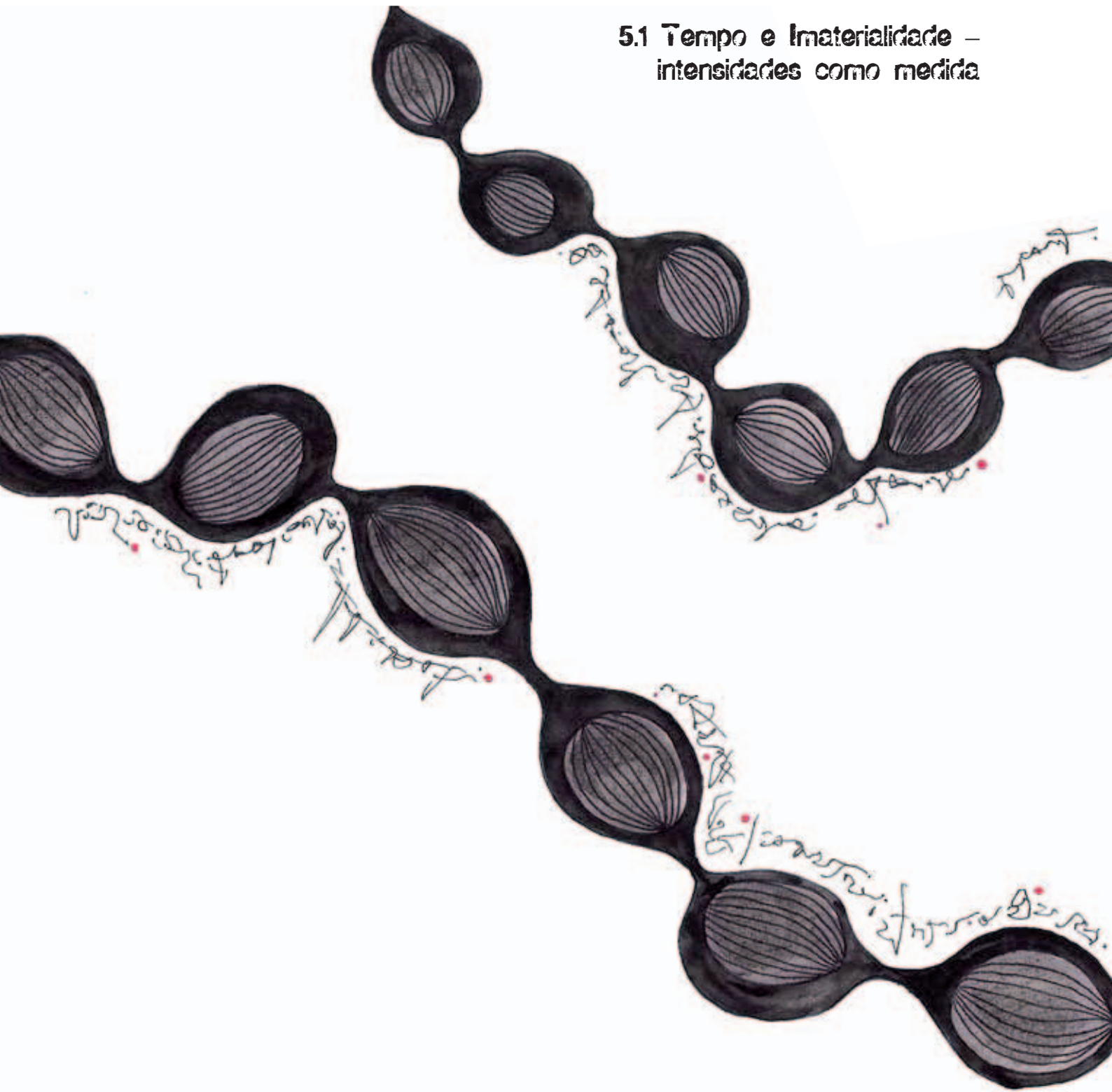
justamente por sugerir uma pessoa coletiva falada como se fosse um sujeito individual de discurso. (Lèfevre, 2003, p.32)

Isso não significa que o discurso é homogeneizado ou unificado em seu sentido, pelo contrário, este pode conter e expressar, finalmente, contraditoriedades e paradoxos, que são preservados e explicitados no formato proposto.

5 As Categorias de Análise: possibilidades da experiência e entendimentos



5.1 Tempo e Imaterialidade –
intensidades como medida



Que haja espaço para “a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo.”

Barthes, 2008

À medida que se adentra a leitura de todo o material coletado, depara-se com uma ordenação do trabalho que é aparentemente invisível, quando se atem à observação das atividades realizadas e os desdobramentos que delas surgem. O que se configura, todavia, como pano de fundo da experiência, e se torna relevante numa leitura mais global e contínua do material, trata de dois pilares – o tempo e a imaterialidade do trabalho –, aos quais se denominaram nossas primeiras *unidades de contexto* (Minayo, 2000) ou análise do *studium* (Barthes, 1984), já que todos os temas que emergem no decorrer da leitura estarão a eles ligados.

O primeiro se refere ao tempo necessário para o desenvolvimento das ações, um tempo de preparação e organização empírica da atividade, bem como do manejo de si, para a execução desta – tempo que se mostra “alargado” e “estendido” como numa mola: ora criando tensão e constrangimento que impulsionam a execução das tarefas, ora exigindo um afrouxamento para que dê passagem ao fluxo vital e promova as condições para o desenrolar das circunstâncias.

O segundo, a imaterialidade do trabalho, designa todos os processos engendrados no decorrer desse tempo cuja percepção se dá nas intensidades do vivido: nos afetos, nos acontecimentos do encontro e nos desdobramentos e reverberações na vida dos sujeitos, enfim, nos agenciamentos que o dispositivo-grupo possibilitou.

Elegeram-se algumas situações empíricas que ajudam a visualizar e iniciar uma reflexão acerca destes grandes temas.

A implementação da exposição no Espaço Cultural Alberico tem seu início em novembro de 2005, com o levantamento deste espaço cultural por uma estagiária que vinha pensando, junto com o grupo, os espaços por onde as produções de **Valéria Pujol** pudessem circular e ser comercializadas. Visto que a participante sempre trazia como dificuldade o deslocamento pela cidade e o transporte público, muitas vezes, um empecilho à sua circulação e utilização dos equipamentos, levou-se em conta o mapeamento do território ao redor de sua casa, para que se configurasse, assim, uma possibilidade real de execução desta proposta.

Desde então, houve toda uma preparação de **Valéria Pujol** e seu portfólio para que sua produção artística pudesse ser apresentada. Como mencionado, passou-se por um ano em lista de espera do espaço e, em 2007, período de efetivação da proposta, foram dois meses para pré-produção/montagem da exposição, que ficou aberta ao público durante um mês, com pós-produção de um mês. Ou seja, o trabalho se desenvolveu em sua totalidade ao longo de um semestre, enquanto a visualidade da produção artística, que é acessada pelo público em geral, teve a duração de um mês. No campo das produções artísticas, comumente, isso também ocorre, guardando-se a proporção do tempo de trabalho que um produtor cultural dedica a um determinado projeto e como organiza essas horas nas semanas trabalhadas. Além disso, o tempo de pré e pós-produção variam muito com o tipo de evento que se produz e as especificidades técnicas e institucionais envolvidas.

O ritmo semanal de encontro, por um lado, imprime uma cadência na realização das atividades. Por outro, exige uma adequação a este ritmo, de certa forma, imposto para o acompanhamento e a construção do que vai sendo produzido. Uma combinação rítmica delicada precisa ser aí construída. É nesse sentido que Barthes (2003) trabalha o conceito de *idiorritmia* trazido anteriormente. Ajudar a encontrar os ritmos próprios, percebê-los e respeitá-los faz parte do trabalho do terapeuta ocupacional na condução

grupais. É um exercício que exige permanente cuidado e atenção, para que os ritmos externos (das exigências e expectativas do outro, das ansiedades alheias, das relações atravessadas pela aceleração dos tempos de produção) não atropelam os sujeitos em seus processos singulares.

Essa organização dos tempos heterogêneos ganha novamente evidência no grupo *Pacto Trabalho* em 2006, durante o período de montagem da exposição coletiva IN PACTO. Cerca de um mês antes da abertura da exposição, entrava-se no espaço da Casa de Dona Yayá - Centro de Preservação Cultural da USP, para organização da infraestrutura da exposição (confeção de paredes falsas, de bancada, entre outras). A equipe tem a percepção de que os encontros de 2h semanais do grupo são insuficientes para dar conta do trabalho, e essa preocupação é discutida com todos os participantes. Todos compartilham com a sensação de estreitamento do tempo para a realização das tarefas, e as propostas que vêm desse encontro são variadas: trabalhar todos os dias da semana; trabalhar mais horas no dia de encontro grupal etc. Resumindo, constatou-se: dos seis participantes, quatro estão dispostos a trabalhar em horários e dias extras. **XR** e **E** se dispõem a ir todos os dias, **Joanes** se oferece para dois dias de trabalho na semana, **Fê Ribeiro** não consegue deixar claro exatamente quando gostaria de trabalhar e atribui a decisão a outras pessoas do grupo: “*o que vocês decidirem tá bom pra mim*” (sic). Insistimos para que ele formulasse uma opinião, e ele acaba concordando com **Joanes**, dizendo que “*essa coisa de trabalhar todos os dias faz mal*” (sic). Já para **Valéria Pujol** o mês de julho é tradicionalmente um mês de férias e, dentro de sua organização pessoal, ela alega que precisa descansar e não poderia ir todos os dias, dispondo-se para participação somente na primeira e última semanas da montagem, no dia e horário do grupo. Com relação a **AC**, este alega ter outras atividades distribuídas em todos os outros dias da

semana, e não sabe o quanto poderá estar presente. Acaba concordando com **Valéria Pujol** em ir apenas no dia de encontro do grupo. Ele vem uma vez apenas para este trabalho e, depois, se matricula num curso de férias de informática e não comparece mais aos trabalhos durante todo o mês de montagem.

Finalmente, após negociações com o local e os períodos possíveis de trabalho para a equipe na organização e acompanhamento deste processo, conseguiu-se organizar para dois períodos de 3h de trabalho por semana, durante cinco semanas.

As motivações, os interesses, as habilidades, as necessidades, as possibilidades e os limites para a execução deste trabalho eram muito heterogêneos e foram acompanhados a fim de dar sustentação às formas possíveis de compor este coletivo, garantindo a participação e o engajamento possíveis naquela configuração de trabalho, para a realização do evento.

O tempo dentro do dispositivo-grupo é para Barros (1994) relacionado à *intensidade dos acontecimentos*, e não seguem uma linearidade cronológica entre o hoje, o agora, o ontem e o amanhã. Nesse sentido, ele é relativo, e não é a constância ou repetição que contam ou a duração do acontecimento, e sim, como o acontecimento se dá, o que provoca, no sentido de tornar irreversível, transformar ou deformar o real. É uma marca indelével que se cria, e isso o torna relevante.

Neste período de trabalho de montagem da exposição, muitas intensidades foram vividas pelo grupo todo: lidar com uma responsabilização pelos fazeres – desempenhar uma tarefa para um grupo maior de participantes, dos quais todos faziam parte, era desafiador. Primava-se pela qualidade do trabalho, cuidado e acabamento das peças, e era preciso enfrentar tarefas conhecidas e desconhecidas daquele trabalho. Relacionar-se com pessoas daquela instituição cultural, sua organização externa ao grupo: alguém que dizia o que podia ou não fazer ali, o porteiro que observava todos

os passos do trabalho, os técnicos de montagem que davam dicas e orientavam o uso de técnicas mais específicas. Todos estavam muito atentos e muito envolvidos com este acontecimento que, de certa forma, ampliava nossa rede habitual de relações, colocando-nos em contato com um universo novo e desconhecido. Fragilidades e potencialidades emergiram neste momento, modulando os encontros e os contatos. Uma nova camada da experiência é tecida neste período, nos atravessa e marca nossos corpos, dando continuidade aos processos de subjetivação deste grupo, num fazer, desmanchar e re-fazer constantes. Os corpos ganham uma outra densidade para viver, coabitar, e criar novas possibilidades de passagens pelas experiências ainda por vir. Cria-se devir...

A questão do tempo vivido como intensidade é igualmente central no processo singular construído por **Valéria Pujol** junto a este grupo (equipe e participantes). A constatação de muitas faltas nos encontros grupais, principalmente em momentos decisivos e de concretização de algumas ações programadas, faziam com que o trabalho a ser realizado ficasse à sua espera. Como se imprimisse ali uma “suspensão do tempo”, que exigia de todos os envolvidos no processo uma lentificação dos ritmos das ações, quase em oposição ao ritmo acelerado quando de sua presença no grupo, expressado na forma rápida e agitada de falar e “cobrar” sobre o que estava sendo feito “*todo esse tempo*” (*sic*). Existia “um quê de correr atrás do tempo perdido” quando se estava ali, para no momento seguinte, “pisar no freio” para que as coisas acontecessem mais vagarosamente, talvez, numa velocidade humanamente mais assimilável. Pois não se tratava meramente da execução das tarefas propriamente ditas, mas da possibilidade de integrar, de fato, a significação dessas ações e as repercussões e desdobramentos na sua vida como um todo.

Num momento posterior à exposição no Espaço Cultural Alberico, constatou-se um grande cansaço, associado às faltas recorrentes e que, também, são trazidas por **Valéria Pujol** como desânimo, decepção e frustração pela não venda dos trabalhos. Além de uma sobrecarga com o cuidado dos pais adoecidos, principalmente da mãe naquele momento, em que a equipe enfrenta algumas discussões importantes, internamente e junto à participante, para o entendimento dessa situação. Chegou-se, então, ao combinado de um afastamento do grupo por três semanas, o que é acordado conjuntamente e parece trazer um maior conforto para todos naquele momento. Passado o período, **Valéria Pujol** retorna para o grupo com dificuldade, após algumas conversas telefônicas realizadas pela equipe. Ela vem para o dia de Oficina de Avaliação do grupo, momento bastante importante para todos nós, no qual ela consegue, pela primeira vez em seu discurso, trazer com maior clareza a constatação de sua situação atual de vida, com o reconhecimento de outras necessidades que estão para além do grupo, o que parece ter sido possibilitado pelo seu afastamento, que não significava, de forma alguma, uma paralisação de um processo, mas sim a possibilidade de agenciar melhor os fluxos da vida, a partir do amadurecimento e da elaboração dessa nova configuração existencial que se apresentava. Vamos a seu discurso deste momento avaliativo:

Bom, entrei na USP no ano 2000 com a E. e o L. Fiquei fazendo várias atividades, uma delas era cerâmica, pintura, e com o passar do tempo fui aprimorando. Aprendi a fazer xilogravura, teatro, escultura em concreto celular com o XR, um pouco de bordado, e pirogravura em madeira – que eu já sabia. Meu relacionamento foi melhorando com o passar dos tempos, fiquei mais confiante em mim mesmo, e mais motivada para fazer outras coisas. Agora quero abrir novos horizontes, fazendo outras coisas e convivendo com outras pessoas (sic).

Ela consegue dar visibilidade ao seu processo, o que antes era impossível de se aperceber. Através dessa enunciação, ela nomeia a experiência e, nesse instante – tempo irreversível –, modifica o real, imprime uma marca, inventa outras formas, engendra outras possibilidades para a continuidade da própria vida: “trata (...) de produzir novas formas de tempo, novos mundos, outras individualidades, revelações. Concretamente. A bem dizer, neo-concretamente” (Rolnik, 1997, p.3).

Essa exemplificação nos remete ao segundo pilar ao qual se denomina imaterialidade do trabalho. As dimensões que se apresentam ao longo desse período são da ordem do imaterial e estruturam linhas de subjetividade que se processam e se apresentam, recorrentemente, modificadas pela experiência. Nesse caso, são inúmeras as passagens que se processam antes, durante, no entorno e posteriormente às ações engendradas no grupo.

Valéria Pujol tinha se mudado há pouco tempo para aquele bairro e não se sentia segura para circular sozinha pela região, como observado. Durante o período de montagem, visitas feitas a pé saindo de sua casa até o Espaço Cultural Alberico foram acompanhadas. Uma aprendizagem no reconhecimento da região é processada.

Na ocasião das exposições IN PACTO, em 2006, ela toma a iniciativa de levar pessoalmente um convite ao coordenador do Espaço, mantendo uma relação anteriormente estabelecida, criando mais proximidade e estreitamento das relações, promovendo uma autovalorização do trabalho da artista e buscando o reconhecimento de seus pares e do *metier*.

(...) todos e qualquer um, e não apenas os trabalhadores inseridos numa relação assalariada, detêm a força-invenção, cada cérebro-corpo é fonte de valor, cada parte da rede pode tornar-se vetor de valorização e de autovalorização.(Pelbart, s/p, 2002)

Outras situações puderam revelar a preponderância da imaterialidade das construções de situações de trabalho e a importância do tempo para configuração de algo importante no processo singular dos participantes. Foi o caso de **Joanes** e sua preparação para adquirir sua carteira de artesão junto à SUTACO. Na leitura do material coletado, vem à tona, a percepção e organização de **Joanes** acerca do tempo necessário para a preparação de peças a serem mostradas e colocadas em avaliação, bem como os “treinos” realizados na companhia de uma estagiária na sua preparação para a prova, na qual **Joanes** deveria desempenhar seu ofício para um avaliador, demonstrando suas habilidades, conhecimento da técnica e apropriação deste fazer manual que tratava da marchetaria. Isso requereu meses de trabalho, que foram dedicados às compras conjuntas de materiais, à pesquisa de peças e ao aprimoramento de técnicas para realização da atividade em menor tempo e com destreza suficiente, para que resultasse em produtos finais de qualidade, passíveis de aprovação junto à entidade.

Uma estagiária realiza o acompanhamento de todas essas etapas, fazendo sugestões, emitindo suas opiniões, mas principalmente, deixando-se dirigir por **Joanes**, apostando numa forma de acolhimento de sua ‘ansiedade’ produtiva que se apresenta, por exemplo, na necessidade de ligar para a instituição semanalmente, durante cinco encontros, e checar repetidamente os documentos necessários, conferindo com a atendente os procedimentos obrigatórios da prova a que se submeteria. Isso coloca **Joanes** numa posição de iniciativa e manejo da situação, suportada e acompanhada pela estagiária que, em momento algum, faz oposição a essa atitude, respeitando-a em silêncio e com cumplicidade.

Neste ínterim, **Joanes** estende a atividade da marchetaria para sua casa, preenchendo espaços e tempos “de solidão”, principalmente aos fins de semana. Ele traz, para o espaço do grupo, trabalhos já iniciados, dúvidas de acabamento, questões de como resolver algum impasse ou pedidos de sugestão e ideias para criação de novas peças, fazendo um

uso muito próprio, singular e apropriado deste espaço que re-significa sua postura diante do grupo, como também realoca o grupo, numa reconfiguração de sentidos e significados também singulares da sua existência. Fala-se aqui da configuração de um espaço vital para **Joanes**, cujas dimensões implicadas são da ordem do indizível e do intangível. Ele passa a se apresentar como alguém que trabalha com marchetaria e isso é um pretexto para iniciar uma conversa e conhecer alguém. Ele fala agora a partir de um sujeito relacional, que tem lugar no imaginário social, e isso é uma marca profunda neste processo de subjetivação. Uma nova camada da experiência se processa ali. O grupo se inspira, compõe com ele, escuta-o de um novo lugar, devolve suas impressões. **Joanes** agrega valor a si e sua produção, o que é da ordem da matéria e da concretude e, sobretudo, da ordem da re-significação da subjetividade e dos espaços de produção. O grupo é o lugar da retroalimentação deste processo de valorização, assim como aquele relatado por Morin (2007) ao descrever sobre a relação entre conhecimento e cultura.

Para Guattari (1990, 1992), a configuração de dispositivos de produção de subjetividade, visando à *re-singularização* dos indivíduos e de coletividades, é a possibilidade de articular ético, política e esteticamente os três registros ecológicos: do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana, cuja necessidade nos dias de hoje trata da implementação de novos sistemas de valorização e parâmetros de valorização, que se traduzem justamente por uma ecologia da *re-singularização*, da construção de um território existencial, baseados em outros sistemas valorativos que não do lucro-capitalista. Esses empreendimentos são da ordem do enriquecimento processual para o conjunto da humanidade, segundo ele, pois a partir do uso da criatividade e da inventividade, descristalizam-se padrões de relação numa lógica da flexibilidade, dos fluxos e intensidades das trocas, promovendo “(...) um agenciamento de enunciação que lhes [dá] um suporte expressivo” (Guattari, 1992, p.28).

Essas questões aqui delineadas e trabalhadas resultam da análise da coleta de dados junto à observação participante, as oficinas de avaliação e as reuniões de equipe. O grupo enquanto espaço de agenciamentos múltiplos, lugar de produção de valor e subjetivação fica bastante explicitado no trecho, a seguir, apresentado.³⁸

IC:³⁹ Agenciamentos, complexidade das demandas e singularização das ações

DSC

Joanes vem com um movimento bem legal... pensar que ele entrou semestre passado, com uma demanda bem clara... do trabalho... veio com aquela expectativa de pintar um pouco mas mais por conta do movimento que o grupo tinha na pintura. E aí ele foi conseguindo articular o que tinha construído da marcenaria, aos poucos resgatando a história dele. Ficou quase o semestre inteiro construindo aquele banquinho [de madeira], foi super custoso, assim, fazer o banquinho... e esse semestre engatou na coisa da marchetaria e foi embora assim, ele produziu muita coisa... tá num ritmo muito legal, fazendo em casa, trazendo semi pronto...

Acho que ele tá muito bem, impressionante, de conseguir estar em outros lugares, de ir pro clube, de ir pra ioga, tá super bem... conseguir pensar coisas... teve uma proposta de voltar pro CAPS Itapeva de voltar para oficina de marcenaria, e aí ele vem trazendo, “não sei se quero porque é um lugar triste, as pessoas estão lá, mal e eu já fiquei um tempo aqui... tem pessoas que estavam mal desde a época que eu tava lá e elas não melhoram...” (sic).

Mas tinha uma coisa assim, de que lá ele podia ganhar um dinheiro assim, por hora de trabalho... depende de quanto se vende...mas tem algo de R\$2,00 por hora, algo assim...aí ele foi pensando.... e tem a coisa do material- na loja, vai comprando as caixinhas, ele escolhe, pensa e aí planeja, vai lá no balcão e chora um desconto assim, muito articulado... muito mesmo...

Eu lembro que quando eu era estagiária, tinha uma dificuldade dele de ligar pro dentista, assim... impressionante! e ele agora faz todas as ligações, mesmo no EncontrArte, ele que articula...propõe soluções pro grupo... Então... são sete anos de muito tratamento: é grupo, acompanhamento terapêutico...muito investimento... bastante rede de sustentação. Claro que também por uma característica dele, ele tem, ele traz demandas, sempre trouxe, desde o cursinho... tem uma coisa, um duplo encontro, né... dos recursos do serviço e das demandas dele... isso é bem legal, funciona, a proposta funciona pra ele... Porque ele usa como espaço de produção, ele (Joanes) vai trazendo uma certa consistência nesse sentido, de que tem um

³⁸ O discurso aqui produzido é fruto das transcrições de uma reunião de equipe, e foi trabalhado seguindo a metodologia do Discurso Sujeito Coletivo – DSC, proposto por Lefèvre (2003). Consistiu basicamente na configuração de um painel de discursos que passam a ser “faladas” por uma “pessoa coletiva” a medida que é tudo colocado na 1ª. pessoa do singular, seguida da junção e recorte das falas de diversas pessoas. Isso não significa necessariamente que o discurso será homogeneizado ou unificado em seu sentido, pois este pode conter e expressar finalmente, contraditoriedades e paradoxos, que serão preservados e explicitados neste formato proposto.

³⁹ IC=Ideia Central (Lefèvre, 2003). Forma original de apresentar o Discurso Sujeito Coletivo.

sentido pra ele o uso desse espaço...como ele consegue se agenciar a partir do grupo. (...) como você produz na vida? se produz a partir de uma experiência afetiva, relacional, não é uma produção... não se dá a partir daí, e isso é a coisa que mais me angustia (...) que é uma coisa assim: que entre uma ideologia e uma construção real, e a construção real ela passa por isso, por essa sustentação... retoma[-se a] ideia de produção de valor. Mas vocês sentem isso, essa tensão, essa distância entre o idealizado e o real? tem uma tensão, não é só ideológica, porque tem uma coisa que passa pela necessidade real: daquilo que você falava – como que eu vou pra casa dormir hoje, tá chovendo, o cara tá na rua, sabe? que também passa pelo vínculo e pela afetação...O que constitui o trabalho para essas pessoas? porque a gente vem com uma ideologia, por exemplo, tem uma necessidade concreta e real para algumas pessoas, acho que não pra todas...[porque] são situações diferentes... muito diferentes, né?... Como cada um se constitui e se agencia na vida? são formas diferentes, e a gente tem um modelo um pouco idealizado no sentido do que é o trabalho? como forma de sobrevivência? forma de estar no mundo?Porque tem uma densidade né, a demanda. Uma densidade de várias ordens, difícil assim, a gente vai trabalhando, priorizando algumas coisas, então, o que a gente foi trabalhando: olhando cada um, o que está acontecendo com cada um, estabelecendo contratos, cuidando, enfim, tem um acompanhamento aí, [nesse sentido da singularização das ações para cada sujeito].

Outra situação constatada, que chamou atenção para o tempo e para imaterialidade do trabalho, se referiu à situação do participante **AC** em seu acompanhamento por estagiárias e equipe na busca e estruturação de atendimento psicoterápico, relatado anteriormente. Ao todo passamos cerca de um ano em ações como levantamento e visita de locais, triagens de serviços e entrevistas iniciais, seguidos de mais um semestre, quando se conseguiu efetivar a passagem de **AC** para atendimento com uma psicoterapeuta em consultório, ajudando **AC** nas negociações com a família e com a profissional para acerto de pagamentos possíveis e horários disponíveis. Foram inúmeras ligações realizadas junto às estagiárias do grupo para marcar e remarcar uma primeira entrevista, bem como duas idas conjuntas ao consultório para a aprendizagem de **AC** no deslocamento para chegar ao local de atendimento, até que este se sentisse seguro e percebesse sua competência para fazer o percurso sozinho. Mas todo esse

investimento de singularização da escuta, das demandas e das ações reverbera na qualidade de presença de AC no grupo, por exemplo, e abre caminho para muitas reverberações na sua vida cotidiana, que vai sendo pouco a pouco preenchida por atividades voltadas mais para o desenvolvimento de si mesmo e seu bem-estar pessoal: AC consegue ingressar numa academia onde realiza atividades físicas e passa a frequentá-la duas a três vezes por semana.

Constata-se que a imaterialidade do trabalho perpassa as ações grupais, e torna-se enfim, um eixo condutor que dá sentido ao que se faz: festas, lanches, saídas, passeios, cafés, encontros, comentários, telefonemas e cartas a parentes distantes com ligações afetivas esgarçadas: materializações efêmeras que possibilitam, ao longo do tempo e do uso de muitas horas de trabalho, a articulação de redes, o agenciamento de trocas, estruturando sujeitos e vinculações, de forma que, muitas vezes, não se conseguiu nomear propriamente o que se produz, pois muito se trata da produção de imaginário, da criação imagética da vida que permite vislumbrar a continuidade de projetos de vida e de existência enquanto trabalho, que, por sua vez, se constrói na possibilidade da convivência e do encontro com o outro.

Barthes (2003, p.12), ainda, sobre a *idiorritmia*, afirma:

Uma fantasia (ou pelo menos algo que chamo assim): uma volta de desejos, de imagens, que rondam, que se buscam em nós, por vezes durante uma vida toda, e frequentemente só se cristalizam através de uma palavra. A palavra, significante maior, induz a fantasia à sua exploração. Sua exploração por diferentes bocados de saber = a pesquisa. A fantasia se explora, assim, como uma mina a céu aberto.

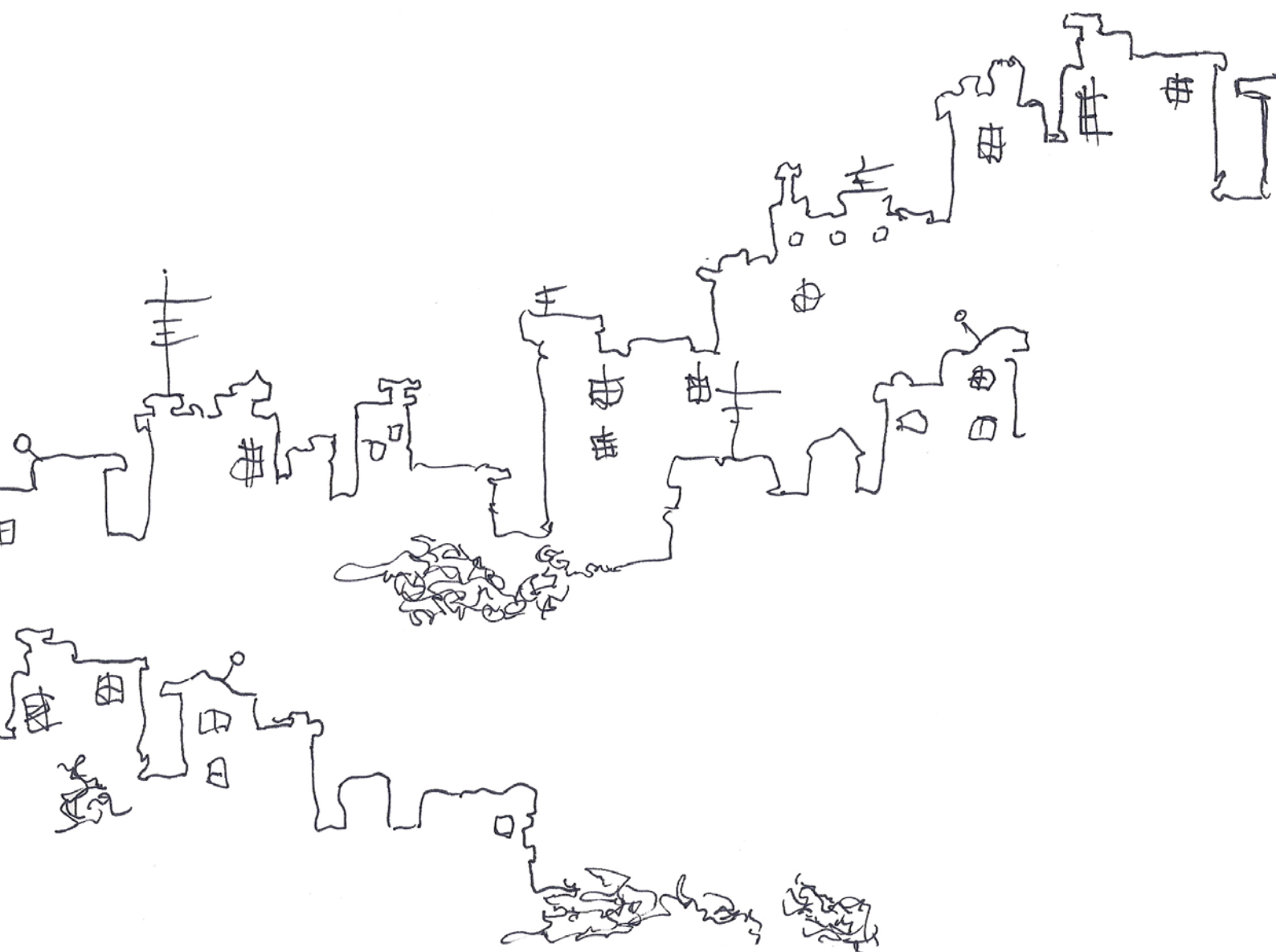
Nessa função de ativar a imaginação, a consciência inventiva sobre si mesma, abre-se

para as possibilidades libertando-se do ser e do dever ser para aceitar *o desafio de poder ser*, onde a consciência está à *beira* de muitas coisas, sem saber bem o que, gerando imagens imateriais do mundo, em sua aparência precária, fugidia e imediata, isenta de normas e coações (...). (Coelho, 2008, p. 93, grifo nosso)

Para Favaretto (2009),⁴⁰ o projeto contemporâneo da arte estaria ligado à função de “introduzir o imaginário no real”, renovando as sensibilidades, as possibilidades de fantasia e o próprio imaginário a partir da participação coletiva. “*O simples lugar das trocas, a isso chamamos de cultura*”. O lugar da fantasia, do desafio do vir-a-ser, do projetar-se em outros corpos, outros lugares, desejantes de novas configurações, preenchem essa categoria de análise, se é que, ainda assim, se pode chamá-la, da imaterialidade (concreta e real, paradoxalmente) do trabalho.

⁴⁰ Favaretto, C. Expressões entre a Arte e a Vida. [Palestra]. Sesc Paulista, evento da Ocupação Ueinz, 18/09/09.

5.2 Situações da Clínica da Vida: precariedade, limites, negociações possíveis



Durante todo o percurso do trabalho deparou-se com limites que são internos ao grupo, e em outros momentos, externos ao grupo propriamente dito, e ligados às instituições ou estruturas macrossociais, com as quais nos deparamos, e que geram muitas vezes frustrações e desgastes neste contato, mas trazem consigo a possibilidade de se ganhar consciência do trabalho possível e tangível. É pensando nesse sentido que se denominou essa categoria ‘Clínica da Vida’⁴¹, pois são enfrentamentos inerentes a sistemas, instituições e condições de precariedade que dizem respeito à vida social, à vida coletiva e ao lugar do humano neste contexto.

É a politização da clínica, a produção do desejo. Pode-se pensar, desse modo, a clínica como um dispositivo que propicia a criação e potencializa a transformação do cotidiano através da desarticulação das totalizações nele instituídas e da emergência de suas multiplicidades. (Rocha, 2009, p.30)

Dessa forma, essa segunda categoria configura uma nova *unidade de contexto* (Minayo, 2000), tratando de fazer uma análise do que compõe o *studium* implícito às cenas narradas (Barthes, 1984).

Situações de precariedade são enfrentadas com afetações importantes na equipe que se molda na tentativa de lidar com elas, seja tentando amenizar momentos de dor e desconforto singulares, seja implementando negociações, engendrando passagens, tentando relativizar procedimentos padronizados, resistindo a uma certa conformidade instituída, enfim, ações que exigem empenho

⁴¹ O termo clínica precisa ser entendido como um conceito amplo, que designa conjunturas da vida que demandam cuidado, escuta atenta e uma relação de implicação entre os sujeitos envolvidos para que a situação-problema possa emergir, ser considerada em sua complexidade, a fim de que, a partir disso, possamos apontar e engendrar transformações. Essas necessidades “clínicas”, ou seja, que precisam ser olhadas, tratadas e modificadas, não são apenas indivíduos, mas ambientes muito nocivos à vida, situações sociais aversivas e de agressão ao ser humano, instituições enrijecidas e perdidas, envoltas em infinitos procedimentos burocráticos; enfim, situações-problema que implicam um olhar clínico para o devido discernimento, apontamento das estratégias e das medidas para sua solução, de acordo com a leitura da realidade precisamente feita (Guattari, 1992; Deleuze, 1997; Ghirardi, 2005; Sant’Anna, 2001).

e não nos livram de desgastes. Nesse momento, recorre-se ao procedimento de *punctum* (Barthes, 1984), que elege algumas cenas vividas no acompanhamento de dois participantes, ganhando relevo dentro dessa paisagem marcada, em ambos os casos, pelo enfrentamento diário na luta pela sobrevivência, na organização de condições básicas de alimentação, moradia, saúde, e na possibilidade de um viver ainda, em contraposição, inventivo e criativo.

▪ CENA 1

A situação de E é acompanhada por nós ao longo de alguns anos e podemos fazer uma diferenciação entre dois momentos, que estão diretamente ligados às condições de moradia: o período de permanência e adaptação em um albergue, onde permaneceu por 1 ano e meio, ajudou-o muito numa organização de si para continuidade de tratamento psiquiátrico, estabilizando seu quadro de crises epiléticas e ausências. Neste momento, ficavam garantidas algumas condições básicas: lugar para dormir; para guardar alguns objetos pessoais, fazer sua higiene pessoal e ter ao menos uma refeição por dia. Isso possibilitou que E pudesse se preocupar com outras coisas, igualmente essenciais para si, como cuidar de seu projeto de invenção de carro-tênis e da patente referente a esse projeto. E se reconhece como inventor, e suas habilidades em montar e desmontar coisas, concertar utensílios, estão voltadas para seus projetos de invenção.

Após esse período, somos avisados pela assistente social responsável de que a permanência autorizada naquele albergue já havia sido extrapolada, e que ela não poderia acolher E por muito mais tempo no local, e tentaria achar um novo abrigo que o acolhesse. E fica profundamente ofendido com a situação e decide sair dali, voltando para a rua. Ele traz a seguinte fala: “eu não quero ir para outro lugar, onde só tem ladrão, gente drogada (...), se for assim, fico na rua” (sic). A partir de então, entramos num segundo momento de acompanhamento de E, que passa a ter desmaios com maior frequência, desorganizando-se no tempo e no espaço, o que resultou em perdas sucessivas de seus documentos, incluindo sua carteira que lhe garantia o direito ao transporte. Passamos a fornecer o dinheiro para transporte para que continuasse vindo ao grupo, o que é verbalizado por E como uma situação de humilhação. Muitos dias de encontro no grupo se voltam para resolver essas questões ligadas a nova retirada de documentos. Ficamos cerca de 8 meses para que E conseguisse efetivamente ter uma nova carteira de transporte: tempo em que ocorreram extravio de documentos, informações mal fornecidas e mal entendidas e que causaram desentendimentos e suspensão do direito à carteira (devido

a supostas retiradas, que não foram concretizadas de mais de 3 vias do documento em um determinado período de tempo) etc.

Vamos entendendo que uma melhor vinculação ao serviço do CAPS já utilizado para atendimento com psiquiatra, poderia auxiliar numa maior estruturação de sua rede de suporte, e facilitaria o trabalho também em rede, de nosso serviço com este equipamento, já que este possui em sua estrutura assistência social e equipes em atendimento diário. Avaliamos que sua vinculação a um atendimento psicoterápico, bem como uma frequência maior naquele espaço garantiria um melhor suporte para E.

Naquele espaço era oferecido, além de refeições, um armário para guardar suas coisas, e seria possível atender melhor suas demandas clínicas: agendamento de consultas médicas, atendimento odontológico, encaminhamentos e laudos necessários estariam mais assegurados. Todas essas demandas chegavam diretamente para nós, e a estrutura do projeto e do serviço não permitia atendê-las, mas não deixava de nos afetar, trazendo angústias e mobilizando a todos para ações na tentativa de diminuir tantas faltas e carências.

Entramos então numa difícil negociação com E que insistia em dizer que ali (no CAPS) só tinha “gente louca” (sic), relatando ter passado mal todas as vezes que foi até lá, e que não voltaria mais. Aos poucos, tentamos mediar essa relação, e fizemos reuniões com a equipe do Caps relacionada ao caso, mais especificamente com a psicóloga de referência para o caso, na tentativa de construir uma ponte, uma aproximação, primeiramente, nossa com o serviço, na perspectiva de facilitar uma vinculação entre ambos. Muitas conversas foram feitas com E na tentativa de deixar claro que isso não tratava de um abandono ou uma recusa em atendê-lo, mas sim, de uma medida de cuidado para ele, ao passo que era impossível dar conta de todos os seus pedidos.

Entretanto, percebemos que enquanto tentávamos responder aos seus pedidos, sem impor alguns limites mais claramente para E, não avançávamos na articulação desta passagem. Alguns endurecimentos da equipe aparecem então, por exemplo, na decisão de não mais fornecer dinheiro para os passes, tentando garantir suas idas ao Caps para buscar o auxílio transporte viabilizado pelo serviço, o que cria atrito no contato e na relação com E, que em certo momento decide ficar afastado, não vindo mais aos encontros grupais até ter sua carteira de passes novamente em mãos.

Vamos fazendo devolutivas e enquadramentos dos atendimentos que buscam responsabilizar E por suas ações frente aos acontecimentos, avaliando e decidindo juntos quais eram as ações cujo acompanhamento de estagiárias e equipe eram realmente imprescindíveis, e aquelas que poderiam ser desempenhadas com independência. Passagens e exercícios coletivos de discernimento, de muita organização e muita negociação ganham relevo ao longo deste percurso.

▪ CENA 2

No caso de Fê Ribeiro, pensamos e planejamos juntos sua entrada no pedido de benefício do INSS, a fim de organizar uma renda mínima que auxiliasse numa melhor organização de seu espaço e das condições de moradia, alimentação, entre outros. Caminhamos nesse sentido, preparando laudos, marcando entrevista junto ao INSS, e depois de muito trabalho, recebemos uma resposta negativa, justificada pela mudança da regulamentação do benefício, que avisa ter sido excluído o código-diagnóstico referente a seu caso da lista que dava direito, anteriormente, ao LOAS.⁴²

*Tentamos por outra via, que seria da “aposentadoria por invalidez”, o que foi muito questionado por todos e provocou grande incômodo em **Fê Ribeiro**, que se afirmava em condições de trabalhar, mas não da maneira ordinária, “desse jeito aí, onde todo mundo se mata trabalhando 8 horas por dia, e no fim, enlouquece (...), pra isso eu não sirvo não” (sic). Isso ficou sendo discutido por um tempo entre a equipe e junto ao participante, ficando entendido ao final que seria importante para **Fê Ribeiro** estabelecer uma renda, mesmo que pequena, para prosseguir em melhores condições nos seus projetos. Ele se projeta morando sozinho, tendo um espaço para dormir e trabalhar em suas pinturas, sem tantas interferências da sua família, como brigas com os irmãos e principalmente com sua mãe, “ela não me deixa dormir (...) daí vou pra sala e ela me acorda (...), ela é doente, ela é quem tem problemas” (sic). Entendemos que sua relação familiar é uma questão central na sua vida, mobilizadora de muitos sentimentos contraditórios e emoções fortes em **Fê Ribeiro**, como raiva e sentimento de obrigação no cuidado de sua mãe emergem, principalmente em períodos de grande desorganização do cotidiano, que parecem ser agravados por esses desentendimentos.*

*Entendendo essa complexidade da história pessoal de **Fê Ribeiro**, organizamos com um de seus irmãos, o cumprimento dos pagamentos faltantes das parcelas do INSS a fim de nos enquadrarmos nas condições necessárias para entrada do pedido de aposentadoria. Isso foi feito, mas novamente o pedido foi negado, sendo o prazo permitido para recorrer extremamente curto⁴³, coincidindo com um momento de transição de estagiários e do semestre.*

*Na última visita a um posto do INSS para tentar reverter esse quadro, **Fê Ribeiro** está impaciente, nervoso, cansado de tantas tentativas em vão. Enquanto esperamos na fila para sermos atendidos, ele fala: “vamos embora, não quero ficar aqui, isso aqui é uma palhaçada” (sic). Conseguimos permanecer até sermos atendidos e “orientados” a entrar novamente com um novo pedido, pois aquele havia expirado. Tentamos explicar que o informativo havia chegado há uma semana apenas, e que era impossível se organizar para ir até um posto em tão poucos dias, com o acompanhamento necessário. Além disso, não havia nada escrito no*

⁴² LOAS. Lei Orgânica da Assistência Social. Lei Federal 8.742, de 7 dezembro de 1993. Garante o direito a um salário mínimo a pessoas com problemas de saúde mental ou física, devido sua situação de desvantagem social. Disponível em: <http://www.assistenciasocial.al.gov.br/legislacao/legislacao-federal/LOAS.pdf/view>. Acesso em 30 março 2009

⁴³ São 15 dias corridos desde a **data de emissão** do documento, e não de seu recebimento.

documento de onde deveríamos ir para recorrer, e somos avisados que mesmo estando no prazo, não estaríamos no posto “certo”.

Deparamo-nos com um limite em todos os sentidos: uma rigidez institucional, o tempo necessário para viabilizar o acompanhamento, e a exigência de uma organização pessoal - um estado de prontidão para responder ao comunicado que tornou a situação inviável, provocando sentimentos de frustração e raiva em todos os envolvidos – que se dedicaram e se empenharam nesta tarefa por pelo menos dois semestres.

São esses tipos de formatações dos serviços, modelos de atendimento e assistência que se encontram em situações críticas, e sob nosso entendimento, em situações de clínica, pois estão estagnados e funcionalmente inoperantes, em defasagem com a real possibilidade de prestar assistência às pessoas e atendê-las em suas necessidades e direitos.

Fica difícil pensar na construção de uma cidadania plena, como é o caso da cidadania cultural, quando direitos da ordem das necessidades básicas são tão custosamente e dificilmente garantidos (Chauí, 2006), mesmo às pessoas que têm já algum suporte ou atendimento neste sentido.

Como dizia Santos (2006), há uma produção incessante e ilimitada de escassez e carência. Toca-se nessa categoria, o plano das verticalidades, trazido pelo autor anteriormente, como o plano do sistema de produção hegemônico, marcado pelo aumento constante da pobreza e pela manutenção das estruturas estratificadas e desiguais. O funcionamento do espaço social, do território preenchido e marcado pelas ordens das instituições foi supostamente concebido para atender as necessidades de seus constituintes, as pessoas; porém, uma lógica perversa dos sistemas de poder inverte essa dinâmica, impondo seus ritmos e ditando uma ordenação social, marcados pela aceleração do tempo e da produtividade, que provocam ou reforçam, no mínimo, a condição de submissão, de alienação e dependência (Santos, 2006; Canclini, 2007).

Ao lidar com macroestruturas que regem áreas da vida dos sujeitos, destituem-se as subjetividades, e opera-se com a racionalidade brutal dos indicadores e dos infinitos números de processos a que são reduzidas as pessoas com suas histórias e percursos de vida. Diante de tamanho achatamento, resta apostar naquilo que Certeau (1998), Santos (2006) e Coelho (2008), entre outros, apontaram: no cotidiano e suas vicissitudes para a persistente afirmação das diferenças, produção da alteridade, de cuja “marginalidade da maioria” poderá brotar novas formas de agrupamento, de solidariedade e de transformação, de fato, da realidade cotidiana dos sujeitos.

5.3 Vínculos, Afetos e Atravessamentos: famílias, amores e as relações de amizade



São múltiplos os atravessamentos da ordem dos afetos que emergem no contato e interação com os participantes, sendo incorporados no percurso do trabalho à medida que pedem escuta e, em alguns casos, a concretização de algumas ações. Durante a leitura do material, aparecem as condições de moradia em família e como cada um pôde ou conseguiu lidar com as questões relacionadas a isso. Vamos a algumas situações:

AC tem muitos horários e dias da semana dedicados aos afazeres domésticos, pagamento de contas e auxílio nas compras da casa. Ao ser feito um mapeamento das atividades cotidianas da semana de todos os participantes, vê-se que **AC** enfrenta uma dificuldade para organizar e realizar atividades para si, principalmente se estas exigirem que saia de casa em outros dias da semana, além daqueles dedicados para os “tratamentos” regulares, o que inclui vir ao grupo na USP, e exames de rotina realizados no Hospital das Clínicas.

Abrir espaços na sua “agenda” para atividades, como ir à academia fazer atividade física, passear, ir ao cinema ou mesmo achar horário para sua psicoterapia (coisas que são trazidas como desejos e vontades) implicam muitas negociações e conversas. Ligações para sua mãe aparecem, às vezes, durante o tempo do grupo, e em momentos de doença na família, muitas são as faltas nos encontros. Aos poucos vão-se encontrando brechas, respiros onde **AC** consegue negociar coisas para si: o pagamento da psicoterapia é negociado com a mãe; a entrada numa academia que passa a frequentar duas vezes por semana; a saída para compra de um tênis para si; viagens em família para visitar irmãos e parentes. A vida torna-se, pouco a pouco, e em sutis modificações, mais diversificada e com espaços próprios para além dos tratamentos; mas isso é uma enorme negociação de **AC** na sua relação com a mãe, e que traz para o grupo, faz uso deste para elaborar, entender o que se passa e seguir em frente. Certo dia, em conversa grupal, ele fala da vontade de fazer ioga. Pede a **Joanes**,

praticante assíduo de ioga, que indique um lugar para ir com sua mãe. **Joanes**, ao ouvir esse pedido, devolve para ele: “(...) *para com isso, AC. Você tem que fazer as coisas pra você, sem a sua mãe... um homem desse tamanho!*” (sic). Num tom de brincadeira e intimidade, essas situações vão sendo trabalhadas, transformadas.

No caso de **Valéria Pujol**, também, foram vivenciadas muitas interferências de seus pais, manejadas pela equipe no decorrer dos enfrentamentos: interferências nas condutas médicas, orientadas por uma psiquiatra do CAPS, cujo processo de encaminhamento e vinculação foram persistentemente feitos pela acompanhante terapêutica de **Valéria Pujol** em conjunto com a equipe do *Pacto Trabalho*; a responsabilização pelo cuidado da mãe hospitalizada e em fase debilitada em casa. **Valéria Pujol** fica tomada por essas situações, sendo “engolida” por tantas demandas familiares, das quais dificilmente consegue recusar ou dividir com outros familiares. O grupo apareceu como um dos poucos momentos onde é possível distanciar-se, e cuidar de si, mas também foi um lugar de exigência e de responsabilização de **Valéria Pujol** nas suas ações e empreitadas, às vezes, lugar difícil de sustentar.

O contrário disso, ou seja, a solidão constante e o afastamento de familiares, também aparecem na vida de outros participantes, e, muitas vezes, o processo inverso, agora de re-aproximação e resgate de relações familiares, emerge como pedidos importantes de suporte e cuidado. Em certo momento de seu processo singular, **E** conta de episódios e lembranças junto às irmãs e decide reatar um contato. Foram realizadas diversas ligações para as irmãs nos horários de grupo, e **E** decide visitá-las em outros momentos, organizando-se para isso em nossos acompanhamentos.

Guattari (1992, p.30) fala da abertura para novos campos de virtualidade e que, muitas vezes, esse tipo de ação, como a “retomada de contato com pessoas que

perdera de vista, a possibilidade de restabelecer a ligação com antigas paisagens, de reconquistar segurança neurológica”, faz desses acontecimentos portadores de uma eventual nova configuração de universos de referência, bem como visa à construção da subjetividade.

Também as relações de afeto entre estagiárias, participantes e coordenadoras perpassam todo o trabalho e põem em relevo a necessidade de estabelecer nessas relações de afeto, a responsabilização de todos os envolvidos perante a vida, em laços de solidariedade, simpatia e cooperação.

IC: Construção de vínculo e rede de relações

DSC

Por exemplo, tem a geração de renda, mas teve uma coisa das vinculações entre eles, a participação em cursos conjuntos, isso parece ser uma coisa muito importante, é um grande trabalho se vincular; é um grande trabalho se relacionar; eles [es]tão produzindo coisas nesse tipo de encontro, e que isso a gente também está entendendo como trabalho, e que isso seria olhado e cuidado nas expansões, então, acho que isso foi superimportante, porque a gente trabalhou isso um pouco, como é importante pra eles essas relações que eles têm aqui... pra poder construir rede...nesses núcleo.

Tem uma coisa super forte desse grupo, que é a mudança da equipe, e a possibilidade de manutenção da equipe. Manter a Gi [co-coordenadora do grupo], uma pessoa importante de referência desde o estágio e tal, foi importante. A Na [co-coordenadora e pesquisadora do grupo] prosseguir, porque sempre foi uma coisa difícil pra esse grupo, mudar muito a equipe, entendeu? A manutenção da equipe, acho que foi uma coisa agregadora, vamos dizer assim, dos projetos. A coisa poder acontecer ali, não paralisar... a construção do processo e da passagem vincular vai dando em outras possibilidades, vão chegando outras demandas que não chegavam, por conta de um processo que [es]tá aí, em construção, passagem pelas tarefas individuais que agora estão podendo ser compartilhadas, sair da relação dual e estender para o grupo. A questão do computador, só ficava no particular... e agora, “ah, você vai ver curso pro E, vê pra mim também...”, frases desse tipo começam a aparecer. Perceber que as próprias pessoas do grupo foram fazendo essa exigência, de continuidade, de poder ter um espaço pra esse vínculo, essa transferência acontecer assim, porque não dá pra, tudo bem acontecer a transferência com o Serviço, mas o Serviço tem que ter um lugar na relação afetiva.

Pelbart (2002) impele o olhar para essas pessoas de outro lugar, pois

(...) essas formas de vida visadas não constituem uma massa inerte e passiva à mercê do capital, mas um conjunto vivo de estratégias. A partir daí, seria preciso perguntar-se de que maneira, no interior dessa megamáquina de produção de subjetividade, surgem novas modalidades de se agregar, de trabalhar, de criar sentido, de inventar dispositivos de valorização e de autovalorização.

Acredita-se na potência de vida das pessoas com quem se trabalha, e, talvez, o que tais falas vão deixando claro é que o afeto é um catalizador, como dizia Nise da Silveira (1981), compondo, assim, um dos elementos centrais da produção de uma nova sociabilidade e da existência de forma mais cooperada e menos solitária, certamente.

Durante as oficinas de avaliação do trabalho, a questão do afeto torna-se central no discurso dos sujeitos. Elegem-se, nesse momento, recortes cujas passagens explicitam a relevância dessa categoria para a produção de tecnologias de participação socioculturais:

▪ TRECHO 1

*E: eu acho que, o que o **Joanes** tava falando é o seguinte: não existe doença, não existe doença. Ele acabou de provar que não existe doença. É duro de falar uma coisa assim, mas eu vou falar; não existe, pra chegar no ponto senão a pessoa não entende. Não existe doença. A doença, a pessoa é que faz a doença, não existe doença. Desculpa falar, mas não existe. Portanto, o que ele acabou de falar prova isso. A doença é o seguinte: é eu chegar aqui... isso é como é que a pessoa fica doente: eu chego aqui, tá todo mundo aqui né, daí eu entro, e você vem desfazer de mim, ela vem desfazer de mim, todo mundo vem desfazer de mim, 'ó isso não tá certo', pega as coisas da minha mão. Pronto, aquilo já entra... A mente da gente é um disco, então, lá dentro, vai rodando, aí chega num ponto que breca lá, com aquele nervoso, a pessoa sai com nervoso, chega lá na frente, poxa*

vida! a pessoa não sai da cabeça dele. Aqui não, ninguém desfaz da gente. Aí, ao invés de trancar a mente da pessoa, vai abrindo a mente da pessoa, vai abrindo... abrindo pro bem. ‘ô, por favor, me arruma isso aí...’, com aquele amor, aquele carinho que a pessoa tem com o outro, então, aquela doença, aquelas coisas, sai tudo, vai embora, (...) você não fica sentido, você não fica aborrecido, você não fica nada, aí você começa a escrever, a desenhar e a mente sua só vai abrindo (...) Agora, tratamento Mal, só entra coisa ruim. Aí começa a vir a doença. Começa a ficar nervoso, é, desse jeito acontece as coisas. Pro cê vê, aonde que eu te falo. Eles fizeram alguma coisa de mau pra nós aqui? Então, não existe doença, existe aquele amor, aquele carinho. Agora, se vocês começarem a conjugar a gente, que vai acontecer... chega na hora de vir “aí, começou a me prejudicar, então não vou lá não...” começa com aquilo na cabeça e aí começa a ficar doente. Só que eles não sabem disso não. [Risos].

▪ TRECHO 2

Fê Ribeiro: *você tá na minha memória, a Gi tá na minha memória.*

Na: mas tem alguma coisa que tenha feito junto que você lembra? Ficou marcado as pessoas.

Fê Ribeiro: *é, teve uma mesa de mosaico que eu fiz com um grupo. Eu lembro dessa situação ficou marcado para sempre. Aquela professora que me levou de carro até em casa, foi na minha casa. [Silêncio. Fê Ribeiro pensativo] A lembrança da Gi, a gente na casa da D.Yayá, construindo lá, arrumando e limpando.*

Na: construindo a exposição.

Fê Ribeiro: *eu lembrei de você com seu vestido, seu vestido vermelho. (...) eu lembro quando você me deu uma bronca, ficou brava comigo. [Risos] É que eu tava relaxando demais também.*

▪ TRECHO 3

Valéria Pujol: *tive dificuldade no relacionamento nos primeiros anos, era muito difícil pra mim de conviver, diária, semanalmente com as mesmas pessoas, e a dificuldade de entendimento das coisas, de se entender com as pessoas, principalmente, depois com o tempo eu fui me adaptando, fui inventando, fiquei mais tranqüila, fui tentando me relacionar de maneira mais estável com todas as pessoas, porque antes eu era mais agitada, muito... ansiosa, então, queria falar demais, queria ter contato, agora to mais tranqüila, com o tempo fui me acostumando com as pessoas, conhecendo cada um aos poucos, e acho que isso fez com que eu tivesse vontade de conhecer outras pessoas novas e fazer outras atividades em outros lugares também, porque agora to me sentindo mais segura.*

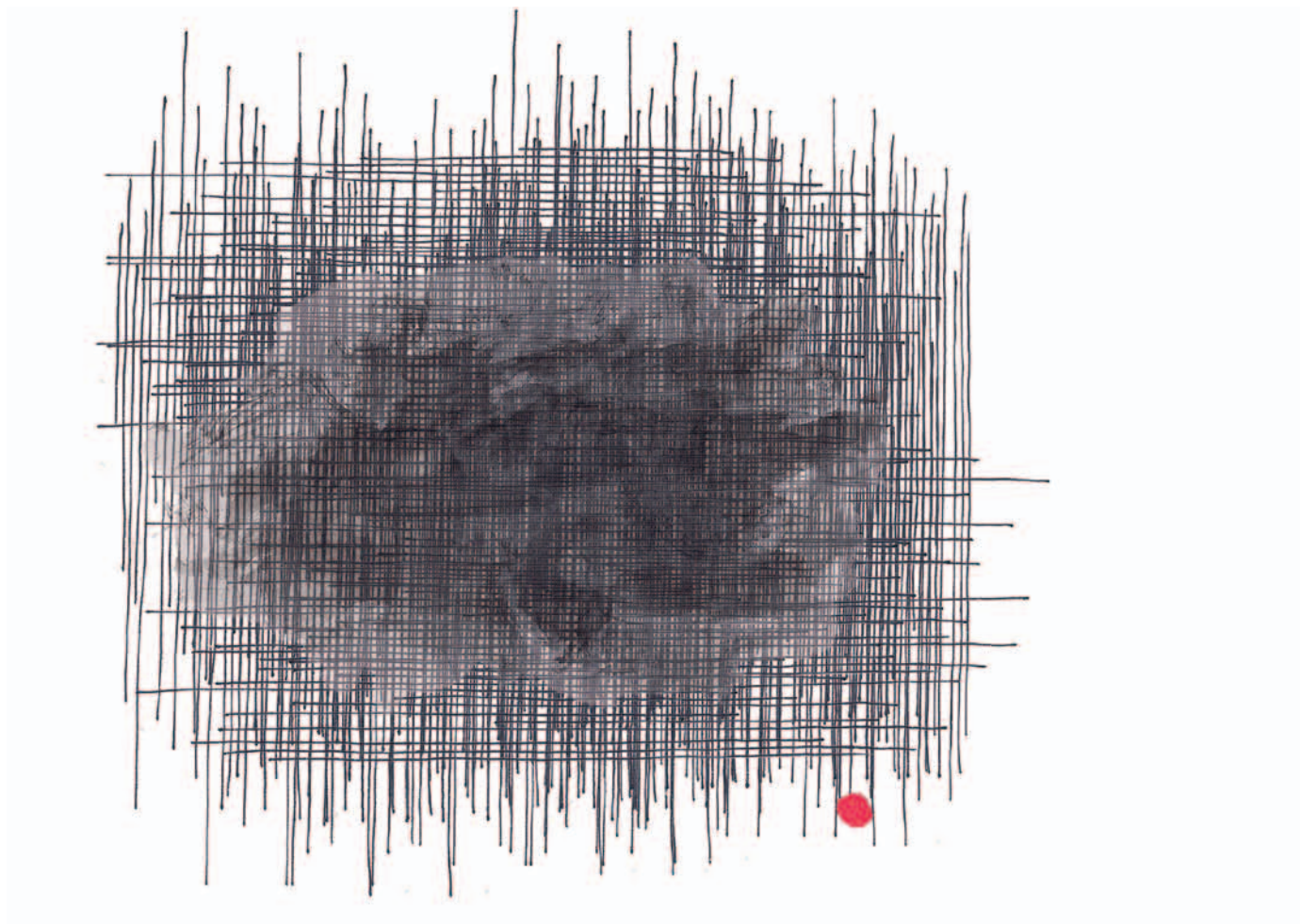
Em um outro relato, ainda, um dos participantes coloca:

O problema meu é que às vezes eu quero fazer as coisas e não acho apoio, então, fica trancado aqui, então, falo com certas pessoas o que vem na minha mente, é o que vou dizer mesmo: às vezes, o que eu falo, a pessoa não acredita, diz: esse cara é um louco. Então, fica trancado na minha mente, não dá pra soltar.

Segundo Deleuze (1978, *apud* Rocha, 2009), os afetos são denominados intercessores, que modulam a potência de agir dos sujeitos, impulsionando para uma ação, ou modificando a qualidade da força de sua existência. Nesse sentido, os bons encontros, ou seja, aqueles seguidos de afetações positivas provocariam um aumento da potência de agir, impulsionando mudanças e reverberações em outras esferas da vida, enquanto os afetos negativos tenderiam à diminuição ou à destruição dessa potência, levando à interrupção de fluxos e à estagnação de processos também vitais.

Retoma-se a ideia dos encontros como potencializadores do agir, na medida em que viabilizam a expressão e participação dos sujeitos no espaço habitado, criam laços de pertencimento no tecido social que se fortalece. O grupo como espaço de vinculação, possibilita adquirir confiança e intimidade para se falar o que se pensa, ser quem se é, ou experimentar outros jeitos de ser. Os afetos imprimem marcas, tornam-se indelévels, memoráveis, e vão constituir as dobras infindáveis da experiência do viver junto com a diferença.

5.4 Terapeutas ocupacionais como articuladores de redes



Abrir espaço para a invenção das relações, ritmos e distâncias resistentes à desertificação da vida (...) talvez o mais difícil seja criar elos entre cada corpo e o coletivo e, ainda, entre o corpo, seu passado e seu devir.”

Sant`Anna, 2001

O eixo condutor de todo o trabalho, como relatado, está na criação da possibilidade de participação dos sujeitos na vida social e cultural da cidade, a partir do engendramento de processos de subjetivação coletiva e individual. Para Serpa (2007), a chave da participação está no diálogo. Então, é preciso desconstruir uma certa lógica culturalmente impregnada aos corpos, de um funcionamento e um lugar hierárquico que se estabelece *a priori* entre equipe e participantes. Essa desconstrução se deu com um trabalho de escuta sobre demandas de ordens múltiplas, mas que só é possível ao se trabalhar sobre a construção de vínculos confiáveis, a articulação de projetos juntamente com os participantes; o cuidado das relações sociais, do ambiente e da qualidade das experiências, enfim, que vão construir aquilo que o autor denomina *entre lugar*, onde se reconfiguram os papéis e se complexificam as relações, ao construir a materialidade dos projetos, pesquisando com os participantes: espaços, materiais, técnicas para sustentar as ações criativas e a produção artística e garantir qualidade a estas produções.

Essas ações trabalham com a história pessoal dos participantes, que passam a relacioná-la ao espaço que habitam, corporificando-o e tornando essa experiência viva, enquanto sujeitos das ações. “O lugar se transforma e vira história pessoal, permuta-se em sujeito” (Serpa, 2007, p.133).

Dessa forma, é possível “restituir a cidade a seus habitantes” costurando o tecido social com as culturas das pessoas, o que permite que estas se apropriem dos espaços, se

comprometam com este, assim como passam a fazer com “seus desejos, necessidades e responsabilidades, sempre compartilhados socialmente” (Sant’Anna, 2001, p.50).

Assim, no âmbito molecular das ações envolvidas neste processo, a organização das produções em registros fotográficos, portfólios, acabamentos e molduras e a pesquisa de linguagens conferem aos encontros produtividade e geração de valor, numa tessitura interna do grupo com pontos de interação entre fazeres e sujeitos, que configuram os primeiros nós dessa rede, que é o tecido social, agora revestida de uma outra, uma *rede de criação*, segundo Salles (2006).

Numa perspectiva mais ampliada, os vários interlocutores artísticos e culturais potencializam o desenvolvimento das propostas e conferem uma segunda camada de fios dessa rede, cada vez mais complexa: a circulação em espaços de arte, a participação de feiras, a organização de exposições, as discussões sobre o mercado e formas de valoração e negociação da produção são algumas das ações produzidas em interação com um sistema de arte e cultura que ampliam o acesso e colocam em marcha a possível circulação das produções. Essas múltiplas possibilidades de conexões, de fluxo, nexos e combinações, diante de uma turbulência e agitação que se provocam nessas conjunções da rede, configuram “fenômenos de organização” (Salles, 2006, p.24).

(...) é que todos produzem constantemente, mesmo aqueles que não estão vinculados ao processo produtivo [mercado formal]. Produzir o novo é inventar novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer - novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum. Cada variação, por minúscula que seja, ao propagar-se e ser imitada torna-se quantidade social, e assim pode ensejar outras invenções e novas imitações, novas associações e novas formas de

cooperação. Nessa economia afetiva, a subjetividade não é efeito ou superestrutura etérea, mas força viva, quantidade social, potência psíquica e política. (Pelbart, 2002)

Os terapeutas ocupacionais e a formação aqui envolvida são elementos de interação constituintes dessa rede de criação e propõem um trânsito por novas lógicas ético-estéticas, políticas, pautadas na pesquisa, na experimentação, no acolhimento dos sujeitos e de suas questões existenciais. A produção dessas práticas integra saberes que provocam deslocamentos nos fazeres de todos os atores deste processo, e produzem coletivamente o entendimento dos trabalhos possíveis para cada um, potencializando agenciamentos, criando conexões que fortalecem as respectivas redes de vida dos sujeitos.

A partir daí, é possível vislumbrar a construção de novas “estruturas de gestão das múltiplas e diversas culturas” (Serpa, 2007, p.144).

Como visto teoricamente, um dos grandes enfrentamentos, hoje, refere-se à angústia provocada pelos risco e ameaça constantes da desconexão,

(...) do desligamento. O que Castel chamou de desfiliação, e Rifkin de desconexão. Ser ameaçado de desconexão, de desengate - sabemos que a maioria se encontra nessa condição, de desplugamento efetivo da rede. O problema se agrava quando o direito de acesso às redes, como o diz Rifkin (e agora trata-se não só da rede no sentido estrito, tecnológico e informático, mas das *redes de vida* num sentido amplo) migra do âmbito social para o âmbito comercial. Em outras palavras: se antes a pertinência às redes de sentido e de existência, aos modos de vida e aos territórios subjetivos dependia de critérios intrínsecos tais como tradições, direitos de passagem, relações de comunidade e trabalho, religião, sexo, cada vez mais esse acesso é mediado por pedágios comerciais, impagáveis para uma grande maioria.” (Pelbart, 2002)

As ações de costura, “arrematadas” através dos encaminhamentos e acompanhamentos na busca de vinculação com os equipamentos de saúde básica; do resgate da filiação e do pertencimento a um núcleo familiar; do acionamento de serviços de múltiplas ordens – assistência social, sistema de transporte público, albergues para moradia, assessoria jurídica, acesso a cursos e serviços ligados à informática etc.– agenciam um outro plano desta mesma rede, que garante uma densidade nas articulações e alinhavos que o terapeuta ocupacional engendra entre nós, dos diversos planos tecidos, configurando, em última instância, uma ação política fundamental para o desenvolvimento das tecnologias que garantem a participação sociocultural e, sobretudo, uma resistência ao fluxo que nos leva ao isolamento e ao esgarçamento do tecido social.

Pois, como se sabe, a “diferença e desigualdade vão se articular no processo de apropriação espacial, definindo uma acessibilidade que é, sobretudo, simbólica” (Serpa, 2007, p.10). Para o autor, ainda, essa apropriação e uso do espaço inclui necessariamente o imaginário, o afetivo, o sonho, o corpo e o prazer, ou seja, é preciso abrir espaço para a emergência dessas outras coisas que, hoje, diante da mecanização das tarefas e aceleração do tempo, parecem ter se tornado coisas “de outro mundo”. Mas Sant’Anna (2001) sabiamente inverte este jogo, dizendo-nos que as cidades *encolhidas*, a serialização da produção em massa, a transformação do lazer e do desfrute em puro e exacerbado consumo, estas sim, precisam ser estranhadas e tratadas como coisas de outro mundo.

Por isso, a passagem de ações de ateliês de atividades artísticas, ou seja, de um ambiente que propicia momentos de criação, de prazer, de descoberta, com um tempo “alargado”, para o contexto comercial da arte, é muito delicado. Exige dos terapeutas ocupacionais cuidados de diversas ordens e investimentos, a fim de estarem preparados

para um enfrentamento endurecido das relações e dos padrões socioculturais que prevalecem neste outro contexto. Além disso, é preciso estar muito consciente das condições que imperam neste outro universo, para que neste processo, não se faça uma simples reprodução ou adaptação às suas exigências.

Richard Sennett (2008), em *Carne e Pedra*, descreve os dois últimos séculos como tempos de corpos passivos, da solidão cívica e da indiferença ao outro. Atribui à anestesia dos corpos, o aumento dos fluxos, a aceleração do tempo e do número de tarefas e exigências do cotidiano. Para ele, junto à circulação de bens e pessoas, aparecem os espaços “neutros” como o metrô, o avião, o trem, enfim, onde o conforto, a velocidade ou o constrangimento proporcionado por estes, resultam numa crise tátil, numa *des-sensibilização*. Para ele, nessas circunstâncias, os corpos estariam mais disponíveis para outros usos, no caso dos últimos tempos, para a produção de capital, finalidade última de todo um momento histórico que se inaugura lá no mercantilismo. Apesar de todos os avanços e descobertas tecnológicas, ele comenta que, historicamente, nós estaríamos regredindo do ponto de vista social, “andando para trás”.

Nesse sentido, todas as formas de resistência a essa cultura dominante do individualismo, associado ao isolamento, à passividade e à indistinção das escolhas, ou seja, a falta de sentido para as ações, são bem vindas. Sennet (2008, p.324) afirma que “os seres humanos precisam ser sacudidos para perceberem o outro e o lugar compartilhados”.

Ao molecularizar o trabalho junto ao grupo, no auxílio dessa passagem delicada entre mundos tão distintos (da criação e da circulação das produções), criam-se *entre lugares*, que promovem as passagens, os fluxos, o ir e vir, e instauram-se, também, outras configurações possíveis para os corpos, para as relações, para as pessoas.

Ao fazer um levantamento cuidadoso dos locais que interessavam para expor; apresentar propostas de entrada nesses espaços com exposições, até ser avaliados, vetados em alguns casos e aguentar, todos juntos, essa frustração; ou ainda, investir na qualidade técnica e de acabamento dos produtos, ou seja, investindo numa certa profissionalização das atividades; criando estratégias de apresentação de quem somos e o que fazemos, propicia-se, com todas essas ações, o desenvolvimento de um pertencimento grupal, a possibilidade de vincular-se, que fortalecem as trocas e a entrada da produção dos participantes no contexto sociocultural de forma diferenciada. A construção de projetos singulares permitiu que cada participante visualizasse e projetasse para si o trabalho que desejava e poderia realizar nos diferentes momentos de vida (Asanuma, Barbosa, Castro, 2007).

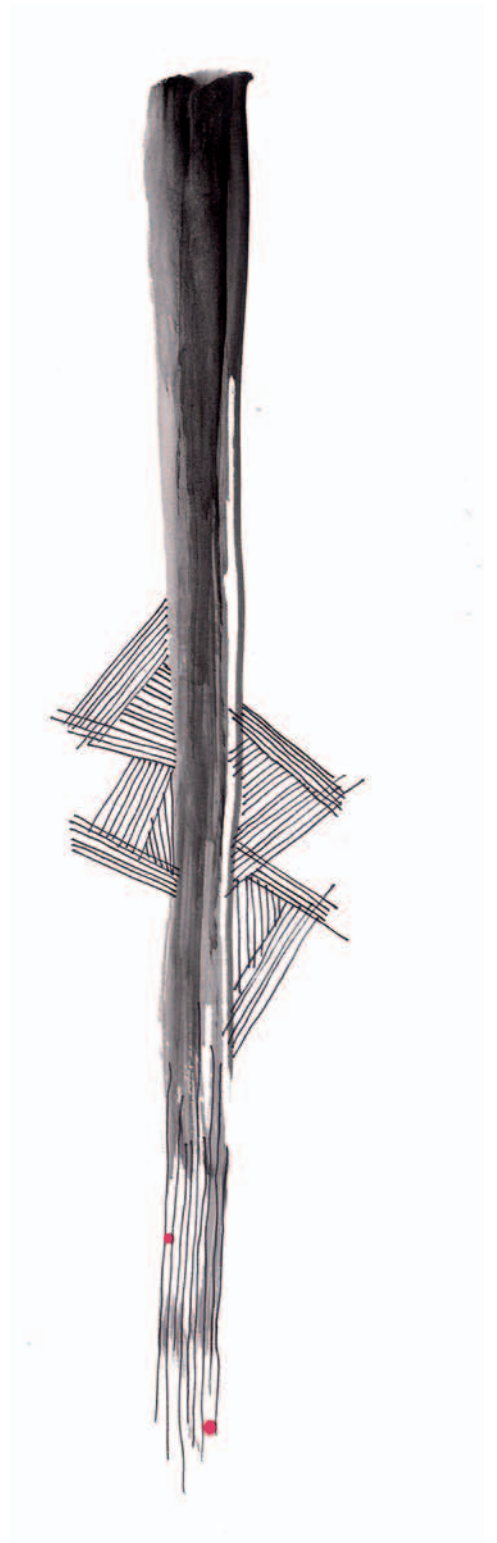
Dessa forma, esta metodologia produz um trabalho que se faz nos acontecimentos, transitando por territórios da dúvida, da incerteza, onde as sensibilidades afinadas ao processo trabalham na construção de novas atitudes de trabalho no mundo contemporâneo, onde pessoas, coisas e acontecimentos passam a viver juntos por alguns momentos e, neste encontro, se desanestesia a presença do sensível e dos afetos (Pelbart, 2003).

Nosso desafio, ainda de acordo com o pensamento de Sennet (2008, p.264), estaria em promover “pontos de contato, mais do que trincheiras recuadas, entre povos racial, étnica e sexualmente diferentes” numa cidade que é multicultural e repleta de “estrangeiros desenraizados”.

Enquanto articuladores de rede, isso significa promover a convivência e o agenciamento das trocas efetivas num território marcado pelas diferenças e desigualdades, cujos equipamentos precisam igualmente ser sensibilizados para a escuta e acolhimento dos sujeitos.

A terapia ocupacional aparece, nesse contexto, na imagem do coordenador pesquisador que carrega consigo a convicção de que a clínica da terapia ocupacional existe para promover espaços de trocas e agenciamentos onde se efetivem mudanças criativas (...). (Rocha, 2009, p.56)

Essa categoria, desenvolvida com uma lente de amplo espectro, compõe mais um pedaço do *studium* analisado nessa pesquisa. Mas o exercício implícito ao ser terapeuta ocupacional articulador de redes está na constante variação de lentes usadas, para a análise cotidiana do trabalho, exercitando a capacidade de focar minuciosamente nos processos particulares dos sujeitos, sobre o *punctum* – a ferida –, a partir da escuta e do acompanhamento num viver junto; para, no momento seguinte, trocar a lente e olhar através de uma panorâmica, fazendo-nos debruçar novamente sobre o estudo do *studium*. Articular a rede, também, tem a função de costurar esses pontos emergentes com o todo da paisagem. Isso produz enraizamento cultural, partilha do sensível, construção do comum, num trabalho árduo e constante, nas ações mínimas – ou menores, segundo Lima (2006), do cotidiano, que acabam por fortalecer a práxis e desanestesiarem os corpos para a construção de relações mais afetivas.



5.5 Ponto de Mutação: passagens concretas, acabamentos e projetos singulares em relevo

Muitas das situações descritas nos itens anteriores resultaram na configuração da última categoria de análise da pesquisa, assim, intitulada: *ponto de mutação*. Essa nomeação advém da percepção, nesse estudo, de que existem momentos muito singulares vividos no processo de cada sujeito e do grupo, onde se opera, conseqüentemente, uma transformação radical e, ao mesmo tempo, muito sutil, das necessidades dos sujeitos e das condições necessárias para a continuidade do trabalho com estes, bem como das mudanças cruciais a serem implementadas, para que se pudesse seguir acompanhando o desenvolvimento dos projetos singulares.

Cada um, a sua maneira, vai experimentando formas de abrir caminho e prosseguir na vida, além de aprimorar o seu trabalho. Para além do espaço de criação, enxergou-se o quão fundamental era, também, viabilizar a circulação, a valorização do que é produzido, a sua transformação em produtos artesanais, culturais e artísticos, que pudessem pertencer a um certo sistema de relações e de trocas, mais expandido. O desejo que ressoava entre todos os participantes era que as produções artesanais e artísticas, realizadas no grupo *Pacto Trabalho*, passassem a existir para o Outro, externo a nós, compondo novos ambientes, constituindo novos espaços. Entendeu-se que este lugar de reconhecimento almejado, desejado pelos participantes, era da ordem da matéria-viva produzida nos encontros, mais do que daquela dos objetos.

Joanes investe em inúmeras tentativas de venda de suas marchetarias, em feiras de artesanato, na pesquisa de lojas na Vila Madalena (bairro da cidade de São Paulo) que aceitem os produtos, mesmo que em consignação. Ele liga, faz visitas, manda *e-mails* com imagens das produções. Vai encontrando formas de se relacionar, descobrindo em si outras camadas de experiência, um ser erótico, repleto de vida, que tem a possibilidade de paquerar, se sentir atraído por outras pessoas, desejante de novos encontros.

Durante as oficinas de avaliação, aparece em seu discurso, fortemente, a abertura para um desconhecido que o trabalho pode proporcionar para o seu desenvolvimento, envolvendo momentos de prazer, realização e frustração também, encarada aqui por **Joanes**, como momentos de amadurecimento e aprendizado. Vamos ao seu discurso nesse momento avaliativo do grupo:

Joanes: *óh, eu comecei meu trabalho profissional aqui. Por que eu fiz um curso, a partir daquele curso eu comecei a trabalhar aqui. Então, eu comecei minha profissão aqui. Eu fui obrigado a me aposentar, porque na situação que eu estava não tinha condições não, mas eu dei uma arrancada aí, agora... [o trabalho aqui] é bom, porque ele não mexe com a minha mente, ele não é um trabalho suado, que você faz por obrigação, é uma coisa prazerosa, é uma coisa que eu gosto, que eu sinto, que eu vejo, eu gosto de fazer as coisas, fazer desenho, ver o material pronto, ver... fotografar...eu gosto de mostrar pros outros, pra minha irmã, meus irmãos, minha sobrinha, por isso que eu gosto, eu aprendi a gostar desse trabalho, então, quando você gosta de uma coisa, você faz a coisa melhor né, você rende mais e tudo. Aprendi isso em 2 anos. Muito pouco tempo e aprendi bastante coisa, tem que aprender mais ainda, aprender a fazer estrela, desenho, aprender a fazer sol, essas coisas, mas isso tudo bem, vou levando, empurrando com a barriga... Não esquenta a cabeça, é tudo passageiro, menos cobrador e motorista, o resto, é tudo passageiro [Risos].*

(...) ah, eu fui na Vila Madalena e eu não consegui vender as coisas. Fui na Vila Madalena com a Pri [estagiária] e a Gi, só que eu não consegui vender nada lá. Foi chato, né? A gente foi lá várias vezes.

Na: *como foi isso? Como você lidou com isso?*

Joanes: *ah, é legal por que você vai atrás de uma chance nova, de vender suas coisas numa lojinha, é um trabalho, porque eu sou aposentado, mas eu gosto de trabalhar, por incrível que pareça eu vejo as pessoas trabalhando e tenho inveja, se acredita? E quando eu trabalho, eu fico bom. Eu me sinto bem, eu gosto, mas só que sou aposentado, não posso arrumar assim um trabalho registrado, senão perco minha aposentadoria.*

Surge daí um lugar de valor, a descoberta de um lugar de prazer e aumento da potência de agir, que enriquece o cotidiano de **Joanes** dentro das relações familiares e para fora delas.

Joanes: *pra mim, foi fundamental. Aprendi a treinar minha mente, raciocinar de forma adequada, posicionar minha vida num caminho bom, aumentar a felicidade, tentar solucionar meus problemas mais graves. Essa é a tarefa pro ano que vem: solucionar meus problemas, se preparem! [Quero] jogar futebol. Parei de jogar faz uns 4 anos; mas tem uma coisa que me impede. Tem que correr um risco... [fica pensativo] (...) não tem nada a ver você encerrar um local aqui, um local que dá para você fazer alguma coisa, que dá para você produzir e tentar lá fora, é a mesma coisa que você sair daqui e vai tentar lá do outro lado, é a mesma coisa, se continuar aqui... outras pessoas eu conheço em outras atividades, se você ficar só aqui vai ficar bitolada mesmo, agora se você ficar aqui e ir em outros lugares, ai você vai se dar bem, agora se você só ficar aqui não dá, eu fico aqui e vou em outros lugares também, eu faço outras coisas também.*

Assim como Joanes, **Fê Ribeiro** e **Valéria Pujol** investem na montagem de exposições, e junto com **AC** almejam um espaço de ateliê onde pudessem seguir produzindo. **E** e **XR** seguem na mesma direção, desejanter de um espaço onde vislumbram morar e trabalhar ao mesmo tempo, seguindo com projetos das invenções, produzindo e comercializar pinturas e esculturas.

São movimentos de expansão, de alargamento de horizontes, de perspectivas para o prosseguir da vida, e que, direcionam o interesse e a conexão com o ambiente externo ao grupo. Não é mais o encontro grupal que mobiliza os participantes, mas aquilo que podem juntos agenciar, por exemplo, quando **Joanes, Fê Ribeiro** e **AC** vão juntos à visita das lojas na Vila Madalena levar as produções de **Joanes** para vender e, conhecer ateliês de pintura e cerâmica, oficinas de marcenaria, além do prazer de passear acompanhados. Ou quando **AC** e **E** se juntam para visitar o espaço do Instituto Ser Quântico,⁴⁴ para se inscreverem num curso de iniciação à informática. Essas ações conjuntas parecem facilitar o deslocamento, e possibilitar novos agenciamentos, ao garantir uma segurança básica (de não estar sozinho) e possibilitar que iniciativas sejam tomadas.

⁴⁴ Instituto Ser Quântico. Espaço que promove cursos de iniciação e capacitação em informática, voltado para a instrumentalização para integração no mercado de trabalho. Fonte: Rede Saci. Disponível em: <http://saci.org.br/?modulo=akemi¶metro=11916>. Acesso em 15/12/2009.

Valéria Pujol explicita esse movimento de expansão e direcionamento para outras coisas, para fora dos encontros grupais, deixando claro que no seu caso, e talvez para outros participantes, aquela formatação do grupo *Pacto Trabalho* naquele tempo-espaço e as relações até então estabelecidas eram experiências extremamente importantes, mas naquele momento, tornavam-se insuficientes, e impulsionavam sua energia vital para o investimento em outros lugares e com outras pessoas, esvaziando aquele espaço. Uma nova desterritorialização se processava, e imediatamente, outras imagens e projeções de si em outros contextos começavam a ganhar forma. Ela relata em oficina de avaliação:

(...) o que mudou foi que adquiri mais confiança em mim com o negócio das exposições que nós fizemos, né, de tentar vender os trabalhos da gente, foi uma experiência que valeu, apesar de ter custado uma graninha pra investir nisso, o tempo que a gente fez de exposição lá no Espaço Alberico, fora as duas exposições que nós fizemos na Casa de Dona Yayá, que foi muito elogiada a exposição na Casa de Dona Yayá, todas as pessoas da minha família, principalmente meus pais e minha irmã falou muito sobre os trabalhos da gente, e da Exposição de Osasco também, que foi válido ter feito isso tudo. Agora a gente precisa procurar fazer outras coisas, sabe, ter outras atividades, procurar ter contato com outras pessoas, né, fazer outras coisas também. (...) eu já estou aqui há cinco anos, no Pacto Trabalho, para mim foi um tempo longo de experiência, de organização do trabalho de pintura, agora pretendo fazer outras coisas diferentes, esse próximo ano de 2008, arrumar atividades novas, além da pintura, e conhecer gente nova, quero conhecer outros espaços, outras pessoas, quero ter o convívio com outras pessoas além do grupo, e quero começar coisas novas... prosseguir com a pintura, e tentar fazer cerâmica, em outros lugares, se não puder em outros lugares, aqui na USP. (...) A pintura é um campo difícil de conseguir renda, que a gente é novato, não temos nome ainda, não somos famosos, então fica mais difícil para nós tentarmos vender o trabalho da gente, a gente é artista no papo né, experiente, inexperiente nós somos, então pouco tempo no mercado de trabalho, então tem que divulgar, fazer nome primeiro, pra depois tentar vender... Acho que aqui na USP, o tempo que a gente teve, cinco anos, seis anos, foi tempo mais que suficiente para fazer as atividades que a gente tá fazendo, acho que já deu no que tinha que dar, agora a gente vai ter que procurar novos espaços, nova gente, procurar novos horizontes, novas atividades, que aqui já rendeu o que tinha que render. (...) vou ensinar as coisas que eu sei para outras pessoas, então vou começar a fazer este tipo de coisa, agora não

sei se vai dar certo, no meu convívio com as pessoas, só que eu não to querendo me desligar da USP, eu to querendo continuar aqui fazendo outras atividades em outros lugares, e continuar na USP também... (...) não que eu queira me afastar do grupo, não é isso, mas eu quero buscar outras coisas, se não der certo, quero voltar para cá.

Como bem diz Barros (1994), um enunciado é sempre coletivo, pois o emissor-indivíduo coloca em questão, articula e põe em funcionamento certos modos de existência, a partir do embate produzido nos encontros que resultam na produção de seus discursos. São estes os agenciamentos da subjetividade para a produção de heterogeneidades (e não identidades), em territórios existenciais múltiplos e desterritorializações necessárias e contínuas (Guattari, 1992; Barros, 1994).

Fê Ribeiro, percebendo o tempo passado, o trabalho nos encontros e os cuidados investidos nessa configuração grupal, reconhece que o fluxo da vida começa a ganhar outros rumos, e afirma:

Posso falar uma coisa? vocês investiram muito na gente, acho que não dá pra continuar mais, já gastaram muito tempo com a gente... comigo pelo menos. E eu acho que..., eu acho que já foi o que tinha que dar aqui. Eu acho que o grupo PACTO, pelo menos pra mim, fez muito bem... agora tô querendo ficar mais no bairro, tenho um sonho de ter uma casa... e também ter uma namorada... [risos] eu já tô fazendo as minhas relações no meu bairro, que pessoas me olharam trabalhando, fazendo bicos, interagindo, a questão da minha amizade...

As linhas de subjetividade que começam a ser desenhadas nos projetos singulares evocam direcionamentos também específicos para cada situação projetada. As construções e desconstruções necessárias para acompanhar as complexas demandas dos sujeitos vão constituindo e delimitando as possibilidades de ação para cada um.

- O CRIATIVO COMO LINHA DE FUGA

Ao trabalhar com o princípio da horizontalidade das redes de criação, depara-se com linhas e fios soltos... ao mesmo tempo, o tecido social se apresenta, também, repleto de nós, fortemente amarrados, que estrangulam e impedem a passagem de novas linhas, ou a passagem dos fluxos e da renovação das conexões.

Nesse momento, emerge da análise uma subcategoria, um desdobramento importante da prática, que exigiu o aprofundamento sobre o tema encontrado: a diferenciação entre geração de renda e produção de valor, no que se produz nas ações grupais e junto aos sujeitos em particular. Trata-se novamente do *punctum* que brota da paisagem tecida pelos terapeutas ocupacionais na articulação das redes.

A situação em particular que nos leva ao questionamento anterior: aquela vivida junto ao percurso de **XR** (trazida durante a apresentação do grupo *Pacto Trabalho*), onde se provocou uma ruptura com a rede de relações sobre a qual estávamos trabalhando, cujo intuito era de atender a demanda de geração de renda de **XR**. Diante deste acontecimento, vivido com intensidade pela equipe, recorreu-se à rede de suporte interna ao PACTO, em uma reunião clínica, onde se puderam trazer as sensações, os desconfortos, as impressões, e as condutas trilhadas, na busca de um entendimento e processamento da experiência que pudessem auxiliar no retorno, por outras vias, provavelmente, dos encontros potencializadores junto ao projeto singular de **XR**. Seria o criativo uma linha de fuga?

Destaca-se, a seguir, o trecho dessa reunião referente ao acontecimento, no formato do Discurso Sujeito Coletivo, que ajuda no esclarecimento do movimento singular de **XR**, por um vetor de subjetivação inimaginável e, talvez, incompreensível, aos olhos pragmáticos de uma tentativa de mudança sobre a realidade da escassez vivida concretamente:

IC: Distinção/diferenciação entre produção de valor e geração de renda

DSC

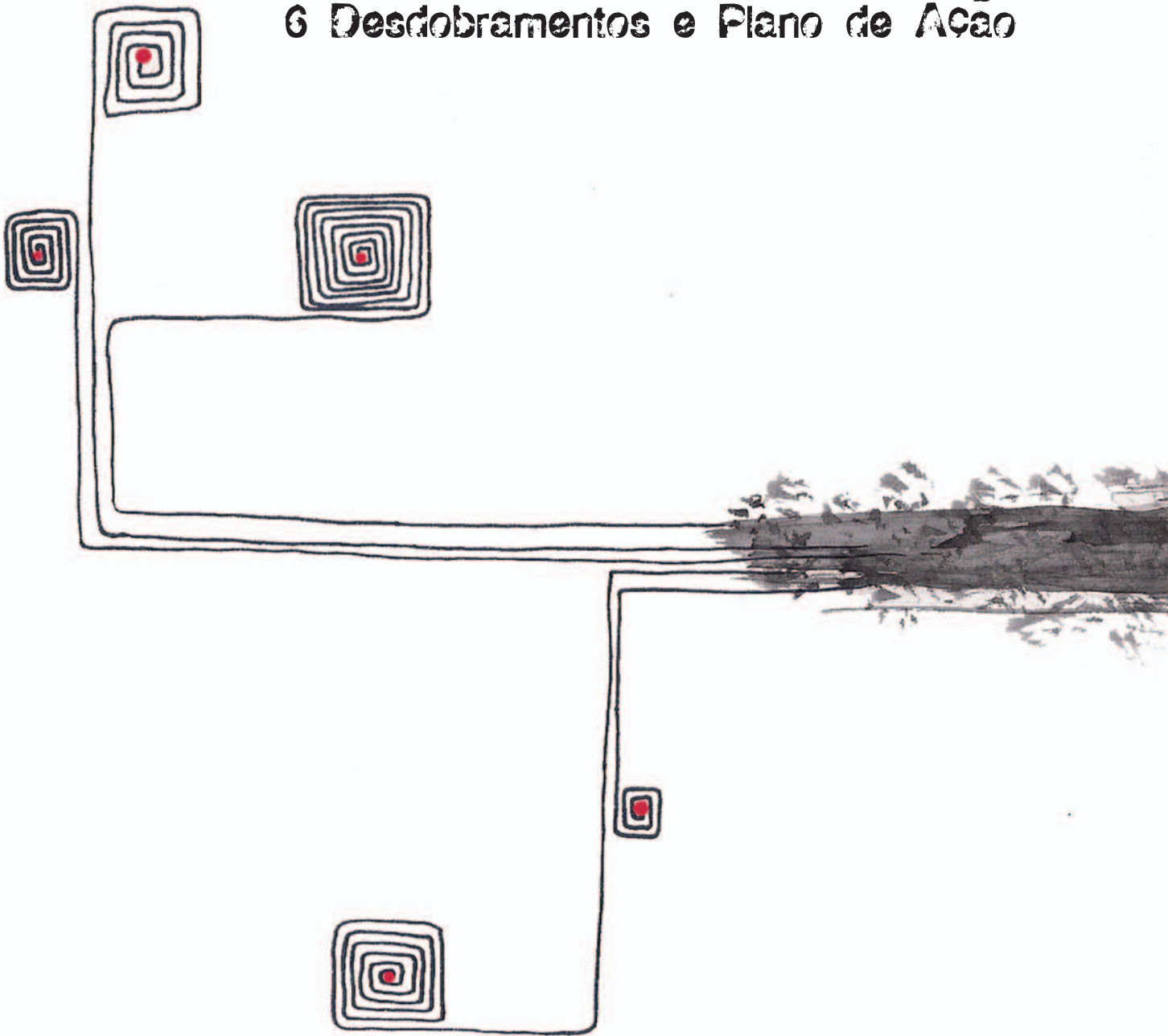
*A separação entre valor e renda é importante nesse trabalho... porque vocês estão trabalhando com as duas coisas... e o trabalho (eu gosto de produção de valor) gera valor, que é também valor simbólico, que gera possibilidades de trocas afetivas e de outra ordem. E a renda nem sempre vem do trabalho... porque tem gente que tem lá aplicado o dinheiro e vive de renda... [risos] Tô pensando aquilo que você fala: é urgente pro **E** a gente ir atrás daquele direito [auxílio-doença] para que ele possa ter uma renda, porque o trabalho, ele tem um trabalho: ele é um inventor; mas entre isso e a renda, que talvez venha?... da mesma forma que o **XR**, às vezes, com a coisa da arte, bom, ele tem uma produção artística, mas pra ele gerar renda? Tem um monte de bicos que ele faz... tem a transportadora na frente da casa dele... tem uma renda ali, mas o valor que ele gera no trabalho artístico é muito maior, né? Então as coisas não estão necessariamente juntas... e o que eu acho paradoxal é que vocês estão trabalhando com tudo isso. E eu pensei que nessa separação, talvez, não valha a pena pra esse grupo, eh... se embrenhar numa tarefa de fazer uma adaptação dessas pessoas... uma adaptação para essas pessoas serem geradoras de renda nesse mundo...entende, assim? eu acho que é uma tarefa, que nesse momento, nessa constelação, ela não se descola de uma opressão (...) acho que vem da história **XR**, a gente tenta ali na feira, mas ele não se enquadra naquele esquema (...) acho que ele tem um jeito de funcionar; por exemplo, ele traz isso claramente, que numa exposição ele pode vender; ele pensa na comercialização das obras, porque agrega valor sim quando as pessoas olham e falam: mas você que produz isso? Hoje mesmo ele falou isso: “eu mostro minha pasta, eu carrego a minha pasta, as pessoas veem o que eu faço e dizem: mas você faz isso e ainda vem me dizer que tem problema?” (sic) Sabe, de alguém que falou isso no CAPS pra ele: “... mas você não tem problema, seu problema é que você é muito inteligente!”(sic). Então, tem uma questão fundamental que é produzir valor de si... e tem a questão da grana que eles se viram pra sobreviver (...) Tem solução, a pasta cheia de solução [risos]. Tem isso, que eles se viram com a grana de um jeito que, a gente não consegue quase, é isso que eu não sei se eles querem mudar, esse jeito, quase assim. Talvez eles saibam quanto custa mudar isso. Acho que é uma resistência mesmo. (...) Tô lembrando daquela discussão, questão que você trouxe, da feirinha do ano passado, a feira da frente da Fnac [livraria]. A gente fez um puta trabalho, não sei o quê, e ele não aderiu. Ele não quis... e a gente ficou puto assim, “pô, a gente faz tudo isso e o cara não aparece!, porque ele não veio...? É um lugar pra vender, ia dar uma grana... e é uma vez por semana, não é todo dia! e... ele não aguentou. Essa frase não é boa... “ele não aguentou”. É um jeito de se constituir...era um jeito de resistir: “eu não quero isso, não é desse jeito”. Isso. Eu lembro da fala: “eu quero fazer uma exposição por ano..” ficar com uma grana pra viver um ano inteiro...entendeu? Ele é um artista! Acho que a gente não tem como ter referências sensíveis suficientes para dar conta do que é que é essa*

produção subjetiva... o máximo é acompanhar isso. (...)Tem uma coisa que é bárbara, é a criação. Porque esse é o lugar da criação. Então, eu lembrei agora, a gente falando, quando ele ficou lá no IPT [Instituto de Pesquisas Tecnológicas], trabalhando... então, ele aceitou esse esquema porque tinha um lugar de criação super-intensificado. Esse é o lugar que ele reconhece como lugar de trabalho. Ele traz isso hoje! conta no grupo que sonhou com uma exposição, cheia de pessoas... - é a nossa...ele tá ligado na gente, no trabalho...e a gente fez uma proposta de vir trabalhar pelo Pacto Trabalho com a montagem da Exposição [IN PACTO]. Pensamos que ele pudesse fazer as bases para as esculturas, porque ele tem capacidade técnica pra isso... hoje vendo a casa dele, acho que ele tem mais até, pode fazer a montagem, mão de obra inteira! Pode e a gente tem verba e ele vai ganhar uma grana. É, ele tá conectado... e falou assim: “eu não tô indo mais na escola [aqui na USP], porque eu não sei bem o que tá acontecendo... mas a exposição, tô aqui pensando que ela vai acontecer né, então, se for pra vir para trabalhar, na exposição, eu venho, eu sei pintar etc... quarta-feira eu estarei lá...”.

Essas cenas de ruptura seguidas de ‘simultaneidades’ em conjunto com a expressão de pensamentos, de apreensão de imaginários e configuração de projetos geram acontecimentos da ordem da “pulsção, do devir, das intensidades, das narrativas simultâneas”, que materializam processos carregados de uma tensão e de uma força, que abrem para o acompanhamento das discontinuidades, dos saltos, das ambiguidades que o confronto arte e vida proporcionam (Cohen, 1998, p.XXIII, XXIV).

Os lugares da criação e do reconhecimento daquilo que se produz no e para o mundo tornam-se centrais na vida dos sujeitos e na condução de suas ações e direcionamentos. Porém, o como se produz tal visibilidade é, talvez, mais importante para o sujeito do que, de fato, os resultados que disso podem gerar. Mas isso não está dado para nenhum dos agentes dessa relação e, são justamente nas experimentações, nas tentativas incertas, nas brechas das oportunidades que o contexto apresenta, que participantes e terapeutas ocupacionais vão se a ver com a construção de caminhos possíveis e, com os abismos de cada um, que vão constituir suas desterritorializações e suas linhas de fuga processuais (Guattari, 1992).

6 Desdobramentos e Plano de Ação



Na pesquisa-ação, os estudos e ações implementados apontam, em seus resultados, para a configuração de planos de ação que desencadeiam novas tarefas e se desdobram em outras ações, à medida que a pesquisa se desenvolve. Isso aparece na pesquisa-ação, muitas vezes, como listas de sugestões de mudanças, orientações para o prosseguimento de algumas atividades, entre outras. Ela pode gerar, nesse sentido, novas demandas e novas questões-problema, desencadeadores de pesquisas subsequentes. A seguir, serão vistos alguns desses apontamentos e desdobramentos.

6.1 ENCERRAMENTO DO GRUPO E APONTAMENTO PARA NOVAS MODALIDADES DE TRABALHO

No final de 2007, desmancha-se uma certa forma de funcionamento dos encontros e, implementa-se o engendramento de outras proposições para o acompanhamento dos projetos singulares, que esbarram em limitações da configuração grupal dentro de uma instituição acadêmica, a Universidade, que também apresenta suas limitações para a sustentação do trabalho. Vive-se, ao mesmo tempo, a saída da terapeuta ocupacional, *co*-coordenadora do trabalho grupal, e a constatação da equipe do PACTO, da impossibilidade de manutenção do investimento em uma nova configuração de equipe, para este trabalho, por muito mais tempo, devido à falta de financiamento de projetos de pesquisa na área e pela mudança das exigências de produção institucional da Universidade junto aos responsáveis pelo programa de atendimento à comunidade.

Vislumbrou-se a “morte” daquela configuração grupal, que se concretiza em junho de 2008, sendo esse último semestre voltado para finalização de algumas passagens, encaminhamentos e orientações familiares para a continuidade dos processos de vida dos sujeitos em outros espaços. Por um lado, percebia-se que existia um universo de coisas a se descobrir, mundos pela frente a serem desbravados juntos, visualizações

que se deram com os direcionamentos dos projetos singulares em expansão, cujas saídas e contato com outros espaços e projetos permitiram uma ampliação de horizontes e possibilidades. Por outro, ficava claro que nada aconteceria sem o empenho de uma equipe ampliada de trabalho e do engajamento em muitas outras tarefas ainda por configurar.

Em reunião de equipe, aparece o discurso:

IC: Adequação à lógica instituída de produção do trabalho ou sua subversão para criação de outras lógicas de produção

DSC

O que cada um vai fazer com isso, vai conseguir amarrar no tecido social, disso, a gente não tem como, a não ser, que a gente comece a constituir um espaço, que eu acho que aí sim, a ideia lá da cooperativa.. .é onde eu veria uma saída para essa questão da geração de renda mesmo... sem ser uma saída violenta, porque dá pra entrar num certo registro da adaptação, mas acho que até as próprias ideias de emprego apoiado, elas negociam com isso, com esse limiar, entre a adaptação e a subversão dos espaços...

A ideia de configuração de uma cooperativa social, ou mesmo da passagem de alguns participantes para espaços de produção cooperativos já existentes, permeia o imaginário da equipe e dos participantes. Entretanto, as experiências de alguns deles, por exemplo, **E** e **XR** junto a cooperativas de catadores de lixo reciclável não eram muito agradáveis e também não configuram o desejo atual dessas pessoas, no sentido de atender a demanda de produção artística de esculturas, pinturas e invenção de projetos. Da mesma forma, não foram encontrados espaços de produção cooperada de artesãos, para a entrada de **Joanes** com seus objetos de marchetaria, além da oficina do CAPS Itapeva, para o qual ele não desejava retornar.

Numa conversa com um profissional ligado ao movimento social de organização e articulação de cooperativas sociais de trabalho - Faces do Brasil,⁴⁵ ele coloca que chegávamos num ponto de decisão, de mudança na configuração

⁴⁵ Maiores informações pelo *site*: www.facesdobrasil.org.br

atual para prosseguir nos caminhos que vínhamos apontando. Ele visualiza algumas possibilidades de novas configurações, duas principalmente: a primeira seria caminhar para estruturação de uma Associação, uma ONG, inicialmente – devido ao número reduzido de participantes e situações específicas que dificultam a organização imediata no formato de cooperativa (existência de pessoas com recebimento de aposentadorias e/ou benefícios). Mesmo assim, organizar-se-ia um formato juridicamente legal, para viabilizar as estruturas reconhecidas e autorizadas para venda e comercialização das produções artísticas e artesanais do grupo. Um outro caminho seria se unir a estruturas similares já existentes, que tratassem das mesmas questões, numa tentativa de articular melhor uma rede dessas iniciativas na busca de financiamento e sustentabilidade do projeto, emancipando-se do território da Universidade.

Como dito, esses apontamentos demandam a configuração e estruturação de novas parcerias e exigem a presença de uma equipe disponível por um novo período de tempo, para adentrar as questões intrínsecas a essa nova configuração do trabalho. Isso exigiria, também, a capacitação de profissionais capazes de responder às demandas específicas da formação de uma cooperativa social, abrindo para novos campos de conhecimento, como economia, administração, comunicação e *marketing*, produção em novas escalas, gestão e planejamento, contabilidade, entre outras.

Paralelamente, surge também, como desdobramento da pesquisa, a configuração de novos espaços para a continuidade da criação artística e da convivência permeada por outros sujeitos e outras atividades, num deslocamento para espaços culturais. Este apontamento, por sua vez, mais próximo da realidade dos profissionais envolvidos com suas formações enveredadas para o campo das artes e da cultura, resultou em outros desdobramentos, a seguir.

6.2 O COLETIVO DE CRIAÇÃO – ENGENDRAMENTO DE PASSAGENS

Ainda amanhã, sem dúvida, os locais de onde jorrarão descoberta e criação serão *no man's land*, lugares difusos, mal determinados, à margem das disciplinas, e será nesses lugares que espíritos, eles próprios marginais e subdeterminados em relação ao *imprinting*; poderão exprimir as suas potencialidades inventivas/criativas.

Morin, 2005

Aos poucos, tornamo-nos desejanter de seguir outros caminhos, cuja existência dependia de uma outra continuidade, ocupando um lugar na cidade relacionado ao universo cultural e, não mais, ao âmbito estrito da saúde, enquanto categoria biomédica, onde a terapia ocupacional encontra-se historicamente inserida.

Instaura-se uma necessidade de promover a experimentação nos níveis microssociais e macrossociais (das instituições) de uma maneira de operar que se aproxime do processo do artista – que pressupõe o uso da criatividade e da inventividade, descristalizando os padrões de relação.

A organização desse coletivo de trabalho, o *Coletivo de criação*, é entendida na pesquisa como desdobramento das ações do *Pacto Trabalho*, numa escuta atenta aos desejos, vontades e necessidades dos sujeitos pertencentes ao grupo. Essa nova configuração grupal pretendia acompanhar os sujeitos envolvidos em experimentações, criações e intervenções no âmbito artístico-cultural da cidade, constituindo-se, ainda, de forma heterogênea, sem delimitação diagnóstica, cujos critérios para participação estão relacionados ao convite e interesse em compor um coletivo de trabalho voltado para a criação, participação e produção cultural. Essa configuração pretende funcionar como um dispositivo de produção de subjetividade visando, em última análise, à *re-singularização* dos indivíduos e das coletividades (Guattari, 1990; 1992).

De acordo com a crítica de Brito (2005) – a respeito de cenas que bem ou mal estão instaladas no cotidiano das relações do universo artístico, marcadas pela hierarquização e homogeneização das práticas artístico-culturais e a transformação dessas em valores capitalistas constituintes de sistemas de trocas e circulação fechados –, existe também a percepção de embates e movimentos intensos, ora de revolta, de denúncia, de submissão e também de singularização dentro deste contexto, que surgem e preenchem a paisagem. Nesse sentido, é preciso olhar atentamente para os focos de heterogeneidade emergentes, para que se consiga apreender aquilo que Guattari (1990, p.40) denominou “pontos de ruptura a-significantes – em ruptura de denotação, de conotação e de significação”, que podem indicar vetores de subjetivação e transformação do real.

Portanto, o primeiro momento dessa nova fase da pesquisa, constituída pelos desdobramentos e planos de ação da pesquisa-ação, tratou da realização de um levantamento dos locais da cultura que pudéssemos vir a habitar e que, possibilitasse, desde então, a continuidade dos trabalhos de criação e invenção artístico-cultural vinculadas às propostas singulares.

▪ MAPEAMENTO DE LOCAIS DE CULTURA PARA CONFIGURAÇÃO DE UM NOVO ESPAÇO DE PRODUÇÃO E CRIAÇÃO COLETIVA

Partiu-se do desejo e da vontade (da equipe e dos participantes) de ampliar nossas possibilidades de habitar outros campos, para além do âmbito restrito à saúde e de nos sentir pertencentes a um território tecido pelas redes de relações, que nos fizessem participantes e agentes socioculturais, onde as produções passam a compor o repertório das manifestações culturais. Tornou-se imprescindível refinar nossos olhares e disponibilizar nossos corpos para entrar neste novo universo de trocas e de

valores. Iniciou-se um levantamento dos locais de cultura cuja disposição geográfica nos circulava ou encontrava-se no trajeto da USP para casa, de casa para USP, os quais muitas vezes passaram despercebidos. A partir das oficinas de avaliação, numa escuta atenta aos desejos coletivos, projetava-se a continuidade dos fazeres artísticos e artesanais em ambientes onde se pudesse compor com outras pessoas, em novas grupidades para os momentos de criação, e também, para a construção de novas formas de venda e comercialização das produções, a partir de uma outra rede de contatos e relação ainda por engendrar.

O passo inicial foi, então, levantar os locais dessas proximidades, numa relação física e geográfica com o espaço, o que implica o tecido social que o compõe e o campo relacional que estabelece. Ao fazer este levantamento do território, uma escuta sensível se fazia necessária, emergindo das sensações provocadas neste encontro com as pessoas que o compõem.

Estava-se atento para questões da ordem das relações:

- Como somos recebidos nos locais?
- Qual a disponibilidade de integração dessa proposta ao programa do espaço?
- Existem outros grupos coabitando o espaço?
- O que é produzido e como é compartilhado?
- As pessoas se conhecem, trocam suas experiências?
- Existem eventos coletivos que englobam todos os atores componentes e participantes das propostas?

Essas perguntas tornaram-se eixos norteadores, critérios a serem levados em conta para a escolha de um novo ambiente a se investir com uma nova proposta.

Dessa primeira pesquisa/levantamento ganharam foco os seguintes espaços: Casa de Cultura do Butantã; CEU Butantã; Espaço dos Sonhos – Casa Brasil-Itália; Casa Bandeirante – Zona Oeste.

Em visita a todos eles, percebe-se que, apesar da proximidade física da USP, seu acesso por meio de transporte público estava bastante dificultado, sendo utilizado, praticamente, por todos os sujeitos em questão. Exigia um mínimo de três trocas entre ônibus e metrô para chegarem ao local, além do tempo gasto no transporte que excederia muito aquilo que já vinha sendo disponibilizado para chegar a USP. Além disso, foram encontradas algumas situações que inviabilizavam igualmente nossa parceria: enquanto alguns espaços estavam sendo utilizados plenamente, em sua totalidade de tempo e espaço com salas lotadas nos períodos procurados, outros estavam completamente vazios, quase “mortos”, inoperantes, com usos esporádicos para montagem de alguma exposição, pouco visitadas pela população, em razão do desconhecimento do lugar, da falta de placas indicativas, e de divulgação dos eventos no local. Ademais, havia espaços culturais que não possuíam sala para atividades artísticas ou, quando presentes, eram salas muito pequenas e sem estrutura mínima (bancadas, pias e mesas, por exemplo) para o desenvolvimento de atividades plásticas de ateliês em grupo, mesmo no caso de pequenos grupos - em torno de cinco pessoas, que seria o nosso caso, inicialmente.

Num segundo momento, dispensou-se o critério da proximidade geográfica, e outros três locais foram visitados, cujo interesse era ligado à maior facilidade de acesso, melhor infraestrutura e organização de eventos na área cultural, o que estaria de acordo com o desejo de encontrar outras pessoas com trabalhos e produções para trocar e compartilhar experiências. Locais que pareciam viver aquilo que Morin (2005) denominou efervescência cultural, onde existe uma

constante atuação de profissionais ligados à área, cujos encontros de artistas e produções resultam em renovação das linguagens, trocas efetivas entre as pessoas em suas tentativas de expressão, que geram um calor cultural e possibilitam as atualizações do contexto cultural.

Salles (2006), ao falar das condições para estruturação das redes de criação, afirma que estar no contexto cultural fomenta e possibilita a criação. Ela observa que os nós dessas redes são as interações. E, para que haja interação, é necessário o *encontro*, e segundo a autora, pautada também no pensamento de Edgar Morin, o encontro só acontecesse onde há turbulência e agitação cultural.

Pautados nos critérios explicitados, a discussão sobre as reais condições de *acessibilidade*⁴⁶ ganha relevo neste momento, uma vez que a proposta de emancipação dos sujeitos deste grupo implicaria a real possibilidade de se vincularem a outros locais, de forma que pudessem circular e se apropriar destes, ampliando sua circulação, suas oportunidades de relações e trocas sociais, ao se encontrarem e conhecerem outras pessoas e outros fazeres. O uso e participação desses equipamentos culturais da cidade, para a fomentação, propulsão e sustentação de seus trabalhos criativos e invenções expressivas de si no mundo, é a intenção coletiva, com vontade de fazer mais presença no mundo.

Os novos locais que incitaram uma aproximação foram: Casa das Rosas; Oficinas Culturais Oswald de Andrade e Galeria Olido. Estavam localizados perto de estações de metrô e com passagem de linhas de ônibus que viabilizariam a chegada dos sujeitos sem muitas dificuldades de acesso, diminuindo, inclusive, a distância e o tempo gasto com seu deslocamento de casa para o grupo. Passa-se a um detalhamento

⁴⁶ Apesar da devida atenção merecida ao tema, optamos por não adentrar na discussão conceitual de acessibilidade, pois trata de uma complexidade que se traduz em suas dimensões física, psicológica e principalmente simbólica e cultural, o que implicaria discorrer sobre o entendimento e os usos feitos dos espaços públicos, bem como suas raízes em discriminações e hierarquizações, provocadas pela organização social vigente. Nossas referências sobre o tema são, principalmente: Serpa (2007); Albinati (2008), Botelho (2001), Chauí (2006), entre outros.

das características dos locais, seguida da descrição sobre o momento e forma de aproximação e contato:

- *Casa das Rosas*: ótima localização, mas pouco voltada para atividades plásticas. Destinada a eventos literários e de teatro, principalmente, encontrava-se em reforma no momento da visita e fomos orientados para entrar em contato por *email* alguns meses depois. Apesar da abertura no contato direto e pessoal, não possuía espaço voltado para ateliê de artes, especificamente. Fizemos contato por *email*, posteriormente, conforme orientação, e tivemos uma resposta solícita do coordenador do espaço, em que explicitava o interesse da Casa por propostas especialmente de literatura, em geral, abrindo exceções a intervenções teatrais ligadas às produções literárias.
- *Galeria Olido*: possui diversas salas apropriadas para o trabalho de corpo e dança, não possuindo uma sala-ateliê. Como está vinculada à Secretaria de Cultura do Município de São Paulo, a proposta precisaria passar por trâmites burocráticos internos, que apesar de não serem inviáveis, tornaram-se impeditivos para continuarmos nesse caminho, visto a inadequação do espaço físico para a proposta.
- *Oficinas Culturais Oswald de Andrade*: recebeu-nos para uma visita pessoal, depois de contato telefônico e, nesse momento, apresentou locais interessantes para a configuração de ateliês de artes plásticas, e avaliou-se que este seria o espaço mais adequado, até o momento, para implementação da proposta. Apesar de estar fechado para a reforma de alguns espaços de ateliês, fomos avisados que estes seriam liberados nos próximos dois meses.

Este equipamento cultural está diretamente ligado à Secretaria de Estado da Cultura. Passamos para a segunda etapa do trabalho de constituição dessa parceria, que, segundo orientação local, era preciso fazer um contato por *e-mail* com os responsáveis, apresentando a proposta para a coordenadoria de programação do espaço. Assim foi feito, na perspectiva de abrir para um diálogo com a instituição. Recebemos dois avisos *via eletrônica* de pessoas diferentes de que a proposta tinha sido encaminhada para a coordenação geral da instituição, e que aguardássemos o retorno desta. Não foi dado prazo de resposta, e não tivemos nenhuma posição a respeito, nem positiva nem negativa sobre a proposição.

Neste momento de levantamento e pesquisa, simultaneamente, teve-se o conhecimento de um novo centro cultural, que estava sendo planejado e organizado de forma coletiva, tendo começado a partir da iniciativa de quatro associações (Instituto VOZ, ACEPUSP, Faces do Brasil e Vida em Ação), com o interesse comum de criar um Centro Cultural de caráter popular e participativo, denominado Centro Cultural Popular Consolação (CCPC) - localizado à Rua da Consolação, 1901. Houve a oportunidade de participar das primeiras reuniões de Gestão deste novo projeto/ iniciativa e de perceber que ali existia uma abertura, disponibilidade e interesse de agregar nossa proposta, tornando-se viável a parceria. Entendemos que a construção de um *Coletivo de criação* dentro de um novo centro cultural, também em construção, poderia efetivar nossa participação num coletivo ainda maior, fortalecendo propostas, criando parceiros de trabalho e agenciando trocas possíveis.

Segundo Guattari (1990; 1992), são necessários agenciamentos individuais e coletivos nos territórios existenciais que, num *work in progress* (obra que não se acaba,

trabalho sempre em andamento), produzam uma ecosofia ético-estética, cuja lógica é a da flexibilidade, dos fluxos de movimentos e intensidades que compõem linhas de força e fuga processual, permitindo a sustentação do expressivo num agenciamento de enunciação, nos encontros.

A implementação do *Coletivo de Criação* implicou o acompanhamento e participação da pesquisadora, nas reuniões do grupo gestor do Centro Cultural, por cerca de quatro meses (anteriores à inauguração do espaço), a fim de engendrar aproximações e favorecer a inclusão e o pertencimento deste Coletivo em uma nova rede de relações, cujo agenciamento no tecido sociocultural da cidade, possibilitou a implementação de ações conjuntas no CCPC, a viabilização de estrutura física para o desenvolvimento dos trabalhos etc. Nessa articulação ético-estético-política pensou-se no envolvimento real dos três registros ecológicos trazidos pelo autor: meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana (Guattari, 1990).

6.2.1 OPERANDO NA COLETIVIDADE – AÇÕES INICIAIS

A implementação do grupo provisoriamente denominado *Coletivo de Criação* teve seu início em agosto de 2007. A organização vislumbrada foi de encontros semanais, às sextas-feiras, das 14 às 16h (2h de duração), no espaço do Centro Cultural Popular Consolação – CCPC. A equipe de trabalho contava com uma terapeuta ocupacional e um artista plástico coordenadores, além de estagiários semestrais de 4º. ano de graduação em Terapia Ocupacional da USP. Todos, de alguma forma, tinham um interesse especial para com esse tipo de engendramento de coletividades em espaços de cultura, trazendo para o grupo e fazendo uso de seus repertórios de atividades e conhecimentos sobre técnicas e linguagens artísticas. O número de participantes, inicialmente, é bastante

pequeno: três participantes do grupo *Pacto Trabalho* (Fê Ribeiro, Joanes e AC) aderem à nova proposta grupal. Manteve-se o grupo aberto para entrada de novos participantes, e trabalhou-se na divulgação possível dos encontros. O CCPC cria um *site*,⁴⁷ e feita nota de divulgação do início dos encontros do *Coletivo de Criação*, busca-se informar e agrupar outras pessoas com interesses comuns ligados à criação artística. Aos poucos, algumas pessoas foram se agregando ao Coletivo e às propostas. Outras experimentaram propostas pontuais com o grupo por algumas semanas. O grupo mantém-se aberto e com participação voluntária.

O canal de comunicação via *site* é avaliado como interessante, porém, percebe-se que o que tem levado as pessoas a conhecer e se juntar ao Coletivo são as próprias redes de relações dos participantes, incluindo coordenadores e estagiários, por meio de convites a amigos e conhecidos que desenvolvem atividades artísticas e que procuram um espaço para compartilhar e prosseguir nas suas produções individuais, além de se lançarem em propostas mais coletivas de experimentação.

As atividades iniciais giraram em torno de oficinas de desenho, pintura, e alguns meses depois, surge o interesse de trabalhar com imagens a partir da fotografia e, mais recentemente, da linguagem de vídeo. Foram realizadas, então, em 2008, oficinas de fotografia, começando pela experimentação da técnica de *pinhole* (caixa preta), seguidas de experimentações com câmera digital e analógica. A criação de cenas e captação de imagens fizeram-nos percorrer diversos espaços da cidade, propostos semanalmente pelos participantes, que construíam cenas ou imaginavam lugares interessantes para produção e captação de imagens. Foram realizadas, ainda, visitas a outros espaços diversos da cidade (museus, cemitério, parques, *shoppings*, lanchonetes), além de eventos culturais específicos: Festival do Minuto – no MASP; Instituto Itaú Cultural –

⁴⁷ www.ccpc.org.br

videoteca e exposição; Caixa Cultural – espaço Vitrine na Av. Paulista com exposição de desenhos e gravuras.

Essa configuração grupal vem ao encontro da necessidade de implementação de novos sistemas de valorização, que se traduz por uma ecologia da *re-singularização*, da construção de um território existencial, baseados em outros sistemas valorativos, que não do lucro. Orientava-se por uma perspectiva que propõe o investimento em empreendimentos que sejam de enriquecimento processual para o conjunto da humanidade, a partir dessa articulação entre as ações da micropolítica e sua reverberação em âmbitos maiores. A saída apontada por Guattari (1990), para as crises sociais vividas na contemporaneidade, se refere, justamente, à articulação da subjetividade nascente, do *socius* em estado mutante e do meio ambiente no ponto da *re-invenção*.

Com três meses de encontros semanais neste espaço, fomos convidados a participar de um evento que se realizaria no fim de novembro de 2007. O grupo se anima e levou como proposta, realizar uma exposição individual de **Fê Ribeiro**, participante, nesse momento, de dois grupos (*Pacto Trabalho* e *Coletivo de Criação*), com objetivo de mostrar a produção deste e comercializá-las. O evento envolvia um encontro do Movimento Humanista⁴⁸.

Numa perspectiva interdisciplinar, o trabalho conjunto entre a equipe do Pacto, a coordenação deste projeto de pesquisa e profissionais ligados ao CCPC, configurou-se numa parceria importante e num apoio essencial para a efetivação da montagem da exposição. Acertados os detalhes para o funcionamento conjunto das partes, iniciou-se um trabalho prático sobre a montagem, e um novo envolvimento dos participantes no

⁴⁸ Movimento social de re-valorização do ser humano, com princípios da cultura de paz, entre outros. Para saber mais, acessar o site www.movimentohumanista.com. Segundo informações deste, o movimento se define por “uma corrente de opinião internacional, onde convergem pessoas diversas que orientam a sua ação para uma mudança positiva, tanto a nível pessoal como social. Não sendo uma instituição, procura difundir as suas propostas a indivíduos, a instituições e à sociedade em geral, para que estes decidam ou não partilhá-las. As pessoas que participam no Movimento organizam-se em equipas, atuando nos mais diversos campos: político, cultural, social, etc. (...) A nossa ação baseia-se na não-violência, na reciprocidade, e na ação voluntária e solidária.”[documento eletrônico] Acessado em 09 de março de 2009.

processo, em que novas camadas de apropriação de si e implicação com as tarefas de organização do evento foram mobilizadas para a efetivação da participação.

Nesse momento, percebeu-se a ocorrência de uma sobreposição dos grupos *Pacto Trabalho* e *Coletivo de Criação* ou, poder-se-ia dizer, um período de engendramento de passagens, à medida que se entendia que o grupo do *Pacto Trabalho* também estava sofrendo modificações e caminhava num sentido de encerramento.

As experiências vividas, incorporadas, compartilhadas nas montagens das exposições anteriores junto ao grupo *Pacto Exposição*, engendraram trocas de muita aprendizagem que possibilitavam, neste novo momento, um sentimento de muita confiança entre nós do grupo, que se sabia estar aptos para o trabalho dessa montagem. Isso torna evidente um grande amadurecimento de todo o trabalho, com resultados visíveis de ganho de autonomia das pessoas.

A partir de um redimensionamento para esta tarefa, muito menor comparada às outras montagens, já que se tratava de uma exposição individual, trabalhou-se em coletividade, de forma operativa e participativa de fato.

Durante este processo, **Joanes**, artesão e confeccionador de trabalhos em marchetaria (trabalho desenvolvido no *Pacto Trabalho*), expressa também sua vontade de expor seus trabalhos para venda, e leva esta proposta a um dos organizadores do espaço, que apoia a ideia e considera que isso vai agregar mais valor ao evento. Dessa forma, passou-se a pensar nesta composição em dupla para tal; o que reverbera positivamente em **Fê Ribeiro** ao se sentir acompanhado de uma pessoa amiga, conhecida para um momento tão importante para ele.

A infraestrutura de suportes adequados para colocação das telas foi cedida pelo PACTO, e o transporte de obras e estruturas de paredes falsas, agenciado junto com alguns organizadores do Centro Cultural. Os participantes do *Coletivo*

de Criação fizeram a montagem das paredes e sua pintura. Estagiários ajudaram na confecção de etiquetas para as obras, e texto explicativo sobre a sua autoria e percursos do artista. A *co-coordenadora do Pacto Trabalho* vem no dia de montagem ajudar na disposição e colocação das telas, e junto com outras estagiárias foram providenciadas mesas-suporte para a exposição dos trabalhos em marchetaria. “Cartões de visita” com contato de **Joanes** também foram providenciados artesanalmente, para que fossem entregues aos visitantes do espaço. Todos estavam comprometidos com essa ação, entendida como mais uma possibilidade de entrada dos participantes neste universo das relações sociais e de trabalho.

A exposição permaneceu por um mês no Centro Cultural Popular Consolação, e resultou na venda de um dos trabalhos de **Fê Ribeiro** e algumas peças de **Joanes**.

Participou-se, ainda, de outro evento cultural do Centro, uma “feira cultural” que reuniu o movimento de *hip hop* “Da quebrada para a Estrada”, que apresentou vídeos e animações feitas em oficinas de criação, suportadas pelo Ivoz;⁴⁹ um grupo de teatro com intervenções de música e poesia, organizando, juntamente, um bazar de fim de ano para venda de produções advindas do trabalho cooperado e solidário de cooperativas sociais ou serviços alternativos em Saúde Mental (como oficinas de trabalho em CAPS), entre outros.

A exposição de **Fê Ribeiro** ainda estava presente neste momento e, novamente, um número maior de pessoas teve a chance de visitá-la. **Joanes** novamente decide participar com suas peças e se agencia para levá-las e expô-las dessa vez, praticamente sem necessidade de ajuda da equipe, resultando em venda de mais uma de suas peças, além de receber uma encomenda para o mês seguinte.

⁴⁹ Ivoz. Organização da sociedade civil com intuito de estimular a produção cultural independente e articular redes sociais, nesse momento específico, de jovens ligados à cultura *hip hop* com suas criações em grafite, dança, música e vídeo, reunindo pessoas de diversas regiões de São Paulo para a troca de experiências. para mais informações, acesse o *site*: www.ivoz.org.br

Como visto, a partir de 2008 enveredou-se para o desenvolvimento da linguagem da fotografia e criado nosso laboratório de revelação, improvisado, dentro de uma sala abandonada que guardava entulhos do CCPC. O espaço foi limpo e organizado para as condições necessárias para o processo de revelação. Todos os equipamentos utilizados foram emprestados ou conseguidos através das parcerias (o PACTO forneceu, neste momento, os agentes químicos e os papéis fotográficos), e a partir do que cada um podia trazer e contribuir, nossos encontros foram permeados por momentos de café/lanche e muita conversa.

Temos nos aproximado cada vez mais das tecnologias digitais e o uso de computador e câmeras tem se tornado recorrente. Temos aprendido a lidar e trabalhar com outras linguagens e entender melhor esses recursos da comunicação contemporânea.

Além disso, a apropriação dos equipamentos culturais da cidade e a ocupação desses espaços como lugar de convivência e encontro tem possibilitado outras relações de afetamento, que esbarram em outros ritmos e formas de se relacionar, provocando e questionando os padrões estabelecidos pelo mercado de artes e da lógica da indústria cultural. As tecnologias socioculturais são amplamente ativadas para que todos possam participar dos encontros e suas realizações.

Encerrou-se o ano de 2008 com o número total de sete participantes (incluindo os dois coordenadores), com movimentos de idas e vindas de um ou de outro, aproximações e distanciamentos em certos momentos. Mas tudo isso cabe na proposta, e faz parte da dinâmica grupal aberta implementada.

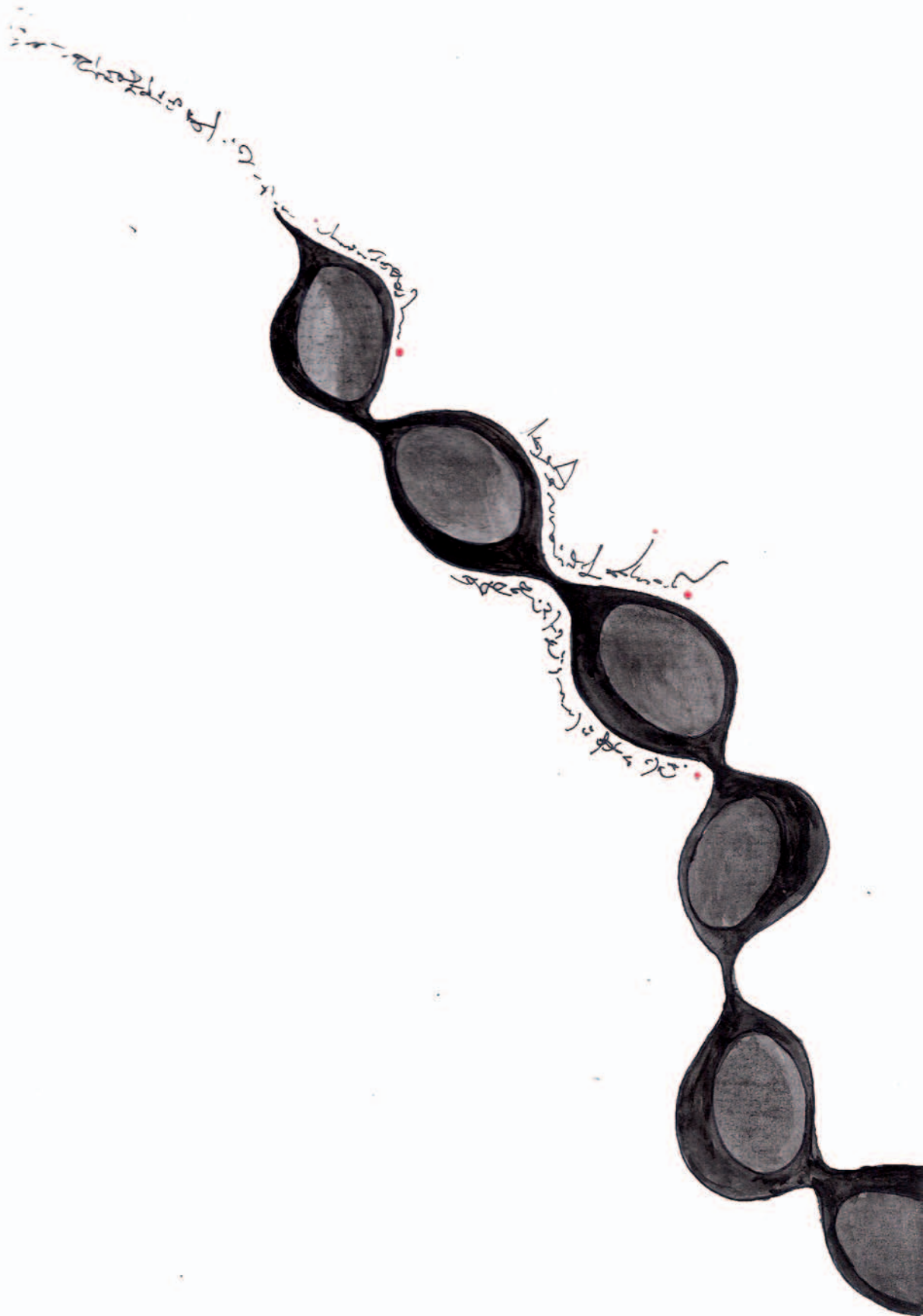
Neste último ano de 2009, prosseguiu-se nos trabalhos com imagens pelas fotografias e filmagens. As saídas para captação das imagens foram intensas, fortes, repletas de vida. As propostas e ideias *suis generis* esboçadas, toda a matéria bruta

produzida, eram inimagináveis e deixam marcas singulares no percurso do trabalho coletivo engendrado. Houve a entrada de mais uma pessoa no grupo, trazendo consigo uma produção intensa de desenhos e pinturas. Prosseguimos...

* * *

Sexta feira: dia de encontro. Nada nos assegura que o planejado, esboçado, combinado vai acontecer. Longas conversas, ‘causos’ contados, desenhos compartilhados, café passado... vontade de dormir, vontade de dançar, apenas uma palavra. Nenhuma palavra. Uma espreguiçada e um até semana que vem. Uma filha que parte. Um coração é partido por um amor não correspondido. Passeio de metrô. Fila de exposição. Uma tarde no parque do Trianon. Um atropelamento. Uma canção nos acordes de um violão. Ônibus na Consolação. Chuva na Paulista. Poemas lidos. Frases não-ditas, porém escutadas. Uma barraca de cachorro-quente. Alguém varre a calçada enquanto outro filma aquela beira de cena. Todos presentificam-se, e o encontro acontece! Prosseguimos... Viajando por universos de sentido, guiados pela força estética que brota das ações, dos movimentos, dos gestos simples capturados por uma sensibilidade estética que pareceafiada, viva, pulsante, a partir dos afetamentos produzidos pelos dias de encontro.

7 Acabamentos



Sua sabedoria foi a de aceitar as coisas tal como elas são: na sua radicalidade. E, nessa radicalidade, está tanto o sonho quanto a revolta; tanto o amor, a raiva, a razão e o mistério, quanto a arte, a ciência, o sexo e a política. Enfim, o mundo comporta a pluralidade, e a sabedoria é colocar-se no “ângulo” do afeto, para, a partir deste ponto, ser afetado e afetar o mundo.

Marcio Doctors sobre Mario Pedrosa

O estudo aprofundado dos temas, presentes neste trabalho, produziu mapas que auxiliam na compreensão dos acontecimentos, no exercício cotidiano das práticas em terapia ocupacional neste campo de interfaces, cujas ações vão se fazendo, cada vez mais, singulares, no encontro com os sujeitos. Este processo de singularização das ações e dos sujeitos, por sua vez, implica “uma disponibilidade permanente para a aparição de qualquer ruptura de sentido que, precisamente, constituirá um acontecimento” (Guattari, 1992, p.202).

Muitos foram os acontecimentos; diversas foram às camadas acessadas e construídas com a experiência do viver junto nos agenciamentos das tarefas cotidianas, os afetos catalizadores e a potência criadora de obras, de jeitos de ser e estar. Sujeitos, que vivificados em seus corpos, presentificam-se nas ações numa medida humana do possível para seus feitos. Os acontecimentos se apresentaram entre limites e expressividades, com suas capacidades múltiplas e inesperadas, com suas diferenças substanciais afirmadas.

Junto ao amadurecimento dos processos de subjetivação coletiva e individual, singularizou-se, também, a forma de atuar, e o exercício profissional pôde se organizar com maior autonomia, ao se conscientizar das escolhas possíveis e exercitá-las na busca de caminhos mais interessantes para prosseguir.

Aquilo que parecia uma viagem, inicialmente, por universos conceituais abrangentes e complexos, foi ganhando ao longo do estudo-intervenção (a pesquisa-

ação em foco), uma consistência e um adensamento, que configuram universos de sentidos fundamentais para a práxis. É como se uma nova territorialidade pudesse emergir, ser habitada, ganhando visibilidade na apropriação dos sujeitos nos seus fazeres, a partir dos caminhos trilhados e traçados pela convivência e pelo *fazer junto*.

No campo da Terapia Ocupacional é fundamental o reconhecimento da importância da configuração de dispositivos como estes, que operam, especificamente, a flexibilidade de conceitos, como o Espaço, o Trabalho, as Tecnologias, a própria Cultura, e constroem, a partir daí, novas formas para a participação social e cultural. As populações atendidas, com suas desigualdades e diferenças, necessitam da ação dos terapeutas ocupacionais que atuam como interlocutores desta trama em rede, com os sujeitos no enfrentamento das situações complexas que se constelam em suas vidas, num terreno marcado pela precariedade, aridez e contradição, atuando, enfim, como mediadores entre instituições, projetos e singularidades.

Torna-se vital achar brechas, abrir fendas e enunciar futuros, a partir das projeções singulares, renovando os campos de referência, agenciando construções coletivas que respondam às exigências da vida: com aprendizado de ritmos, técnicas, formas de lidar com as diferenças e se aproximar do outro, fazendo e marcando diferença (mais do que oposição) a uma competição feroz que o capitalismo contemporâneo impõe para nossas vidas.

Dessa forma, a experiência do *Pacto Trabalho* fala de “novas modalidades de se agregar, de trabalhar, de criar sentido, de inventar dispositivos de valorização e de auto-valorização”. Fala ainda da “viabilização de outras redes que não as comandadas pelo capital”, onde produzir o novo “é inventar novos desejos e novas crenças, novas associações e formas de cooperação” (Pélobart, 2003, p.23).

Os fazeres da vida transformam-se em prática artística do viver,

(...) matéria-prima de um processo de criação não só artística, mas também da própria existência. Desnaturaliza-se um pedaço de mundo; mostra-se seu avesso. Potência de contaminação de tudo: o universo revela-se obra de arte. O universo inteiro, *work in process*. Arte, vibração, crítica do mundo. (Rolnik, 1997, p.2)

Ao compreender que sempre pertencemos a universos de valores e comportamentos, mesmo quando dissemina-se a ideia que faz crer que não temos lugar no mundo, responde-se, primeiramente, desterritorializando tal linguagem (retórica da inclusão / exclusão) para habitar um novo território (teórico e empírico), o das diferenças, desigualdades e desconexões (Canclini, 2007). Assim, aumenta-se a potência de agir e compreende-se a escolha do, então, lugar dos desterritorializados, que na desconstrução do já feito, dito e estabelecido, propõe a invenção do indizível, inesperado, ainda não operante, mas que, imediatamente, na recusa ou desconstrução de certos lugares do conhecido, passa a operar e a *re-criar* universos outros, inéditos, marcados pela singularidade e diferença na construção de mundos possíveis.

O uso da pesquisa-ação foi uma escolha feliz. Trata-se de um método que pôde contemplar a flexibilidade necessária para as pesquisas que envolvem sujeitos e seus fazeres; e operar dinâmicas relacionadas ao universo sensível do criativo. Seus procedimentos sustentaram com coerência o objetivo principal do estudo: a aproximação de saberes múltiplos e a junção de pessoas heterogêneas num projeto comum – o engendramento de possibilidades de participação e expressão

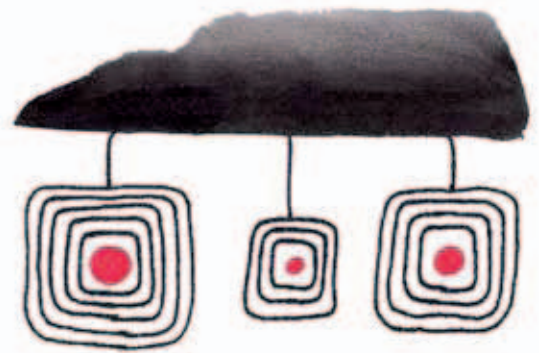
singular no contexto artístico e cultural da cidade, configurando as tecnologias de participação socioculturais.

A pesquisa se encerra, abrindo para a configuração de novos projetos, desejante pelo desenvolvimento de outras propostas e surgimento de iniciativas similares, a partir dos desdobramentos das ações engendradas, decorrentes de um trabalho vivo que pulsa.

Como processo de criação em rede, os recortes de planos e eixos de leitura compuseram trajetórias de compreensão e entendimento também singulares, e certamente, limitados, entretanto, que estiveram apoiadas na práxis, inquietante e mobilizadora de muitos processos, dos quais se espera ter contribuído com reflexões pertinentes ao exercício profissional. O que se afirma com o presente trabalho não tem o intuito de criar mais verdades sobre o mundo, mas, sim, de exercitar possíveis leituras sobre a paisagem circunscrita, estando nela inseridos.

Finalmente, acredita-se que a formulação de pensamentos, a instauração de imaginários e o exercício da fantasia criam mundos mais desejáveis, que podem permear, num *continuum* vir a ser, o cotidiano dos trabalhos.

Anexos



ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido



HOSPITAL DAS CLÍNICAS
DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
CAIXA POSTAL, 8091 – SÃO PAULO - BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Instruções para preenchimento no verso)

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

1. NOME DO PACIENTE :.....

DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº : SEXO : .M F

DATA NASCIMENTO:/...../.....

ENDEREÇO Nº APTO:

BAIRRO: CIDADE

CEP:..... TELEFONE: DDD (.....)

2. RESPONSÁVEL LEGAL

NATUREZA (grau de parentesco, tutor, curador etc.)

DOCUMENTO DE IDENTIDADE :.....SEXO: M F

DATA NASCIMENTO.:/...../.....

ENDEREÇO: Nº APTO:

BAIRRO: CIDADE:

CEP: TELEFONE: DDD (.....).....

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA

FENDAS NA CULTURA: A Terapia Ocupacional e a Produção de Tecnologias de Inclusão Socioculturais

PESQUISADOR: **Naiada Dubard Barbosa**

CARGO/FUNÇÃO: **Terapeuta Ocupacional** INSCRIÇÃO CONSELHO REGIONAL Nº **7681 - CREFITO**

UNIDADE DO HCFMUSP: **Depto de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional**

3. AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA:

SEM RISCO **X**

RISCO MÍNIMO

RISCO MÉDIO

RISCO BAIXO

RISCO MAIOR

(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

4. DURAÇÃO DA PESQUISA: **24 meses**.....

III - REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PACIENTE OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA CONSIGNANDO:

Informações sobre a pesquisa

Acompanharemos os grupos e as pessoas atendidas pelo PACTO nas etapas de criação, inclusão e circulação das produções artísticas nos espaços de cultura da cidade de São Paulo (por exemplo, centros culturais, galerias, museus, feiras, entre outros). Pretende-se com isso, facilitar e auxiliar as trocas e o enriquecimento cultural das pessoas envolvidas, bem como ampliar a convivência e favorecer a organização dessas pessoas em coletivos de trabalho, visando o ganho de autonomia neste processo, isto é, os participantes passam a conhecer lugares, propostas novas, possibilidades de participação sócio-cultural e aos poucos incluem em seus cotidianos momentos de participação nestas atividades. A pesquisa está fundamentada na colaboração e cooperação de todas as pessoas envolvidas, que estarão livres para participar ativamente de todo o processo, emitindo opiniões, críticas e sugestões. Todas as decisões serão tomadas pelo grupo, respeitando o interesse coletivo das ações. Os procedimentos utilizados serão os atendimentos grupais e individuais, que serão observados e registrados em cadernos e através de imagens fotográficas e em vídeo, quando necessário. Também nos utilizaremos de gravações sonoras dos encontros quando estes forem considerados importantes, mediante aviso prévio seguido de pedido de autorização para execução das gravações. Para completarmos a coleta de dados consultaremos prontuários e cadernos de registro dos atendimentos dos grupos e das reuniões de equipe do PACTO (Programa Permanente Composições Artísticas e Terapia Ocupacional). Os dados colhidos estarão à disposição dos participantes da pesquisa para consulta e discussão. Qualquer incômodo ou constrangimento causado pelas gravações ou registros fotográficos serão devidamente respeitados e evitados, diante do pedido ou fala do indivíduo para não ser filmado, fotografado e ou gravado. Afirmamos que não há riscos envolvidos com nenhum dos procedimentos da pesquisa. Os participantes poderão se beneficiar dos encontros grupais e acompanhamentos individuais na medida em que estes estarão voltados para o desenvolvimento da subjetividade a partir da experimentação de linguagens artísticas, favorecendo o fortalecimento das relações entre as pessoas, ampliando as possibilidades de compartilhar experiências e enriquecendo as trocas culturais e sociais. Além disso, informações sobre as políticas públicas culturais bem como a facilitação do acesso à informações e equipamentos culturais estarão disponíveis e potencializarão entradas no circuito cultural. A construção de coletivos de trabalho fortalecem a participação sociocultural e são dispositivos que buscam assegurar novas maneiras de inclusão sociocultural. Neste âmbito são trabalhados muitos aspectos que favorecem o desenvolvimento humano, a equiparidade de oportunidades entre as pessoas, trabalham a autonomia e a qualidade de vida das populações atendidas no âmbito da Terapia Ocupacional. A pesquisa terá flexibilidade para mudar ou criar novas estratégias de ação a fim de atender as necessidades específicas do grupo ou indivíduo em questão.

IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA CONSIGNANDO:

1. acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.
2. liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência.
3. salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.
4. disponibilidade de assistência no HCFMUSP, por eventuais danos à saúde, decorrentes da pesquisa.
5. viabilidade de indenização por eventuais danos à saúde decorrentes da pesquisa.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.

Naiada Dubard Barbosa (pesquisadora executante) e-mail: naiada.barbosa@gmail.com

Eliane Dias de Castro (docente e orientadora)

Centro de Docência e Pesquisa (CDP) do Depto. De Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional

R. Cipotânea, 51 1º. Andar, – sala 5 PACTO.– Cidade Universitária, cep 05360-160

Tel.: 3091- 7456

VI. OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES:

ANEXO B - Aprovação pela Comissão de Ética



APROVAÇÃO

A Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa - CAPPesq da Diretoria Clínica do Hospital das Clínicas e da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em sessão de 09.05.07, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº **0285/07**, intitulado: **"FENDAS NA CULTURA: A TERAPIA OCUPACIONAL E A PRODUÇÃO DE TECNOLOGIAS DE INCLUSÃO SOCIOCULTURAIS"**, apresentado pelo **DEPARTAMENTO DE FISIOTERAPIA, FONOAUDIOLOGIA E TERAPIA OCUPACIONAL**, inclusive o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Cabe ao pesquisador elaborar e apresentar à CAPPesq, os relatórios parciais e final sobre a pesquisa (Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 196, de 10.10.1996, inciso IX. 2, letra "c")

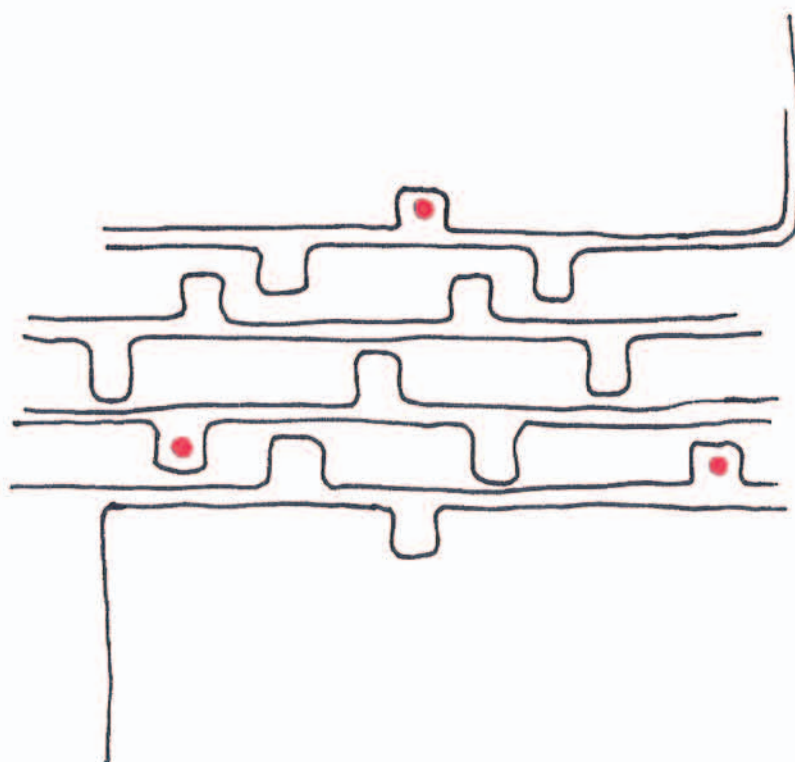
Pesquisador(a) Responsável: **Eliane Dias de Castro**

Pesquisador(a) Executante: **Naiada Dubard Brabosa**

CAPPesq, 09 de maio de 2007

PROF. DR. EDUARDO MASSAD
Presidente da Comissão de Ética para Análise
de Projetos de Pesquisa

Referências⁵⁰



⁵⁰ De acordo com:

Adaptado de *International Committee of Medical Journals Editors* (Vancouver). Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. Serviço de Biblioteca e Documentação. *Guia de apresentação de dissertações, teses e monografias da FMUSP*. Elaborado por Anneliese Carneiro da Cunha, Maria Julia A.L. Freddi, Maria F. Crestana, Marinalva de S. Aragão, Suely C. Cardoso, Valéria Vilhena. 2a ed. São Paulo: Serviço de Biblioteca e Documentação; 2005.

Albinati ML. Cultura e território. *Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura IV ENECULT* Faculdade de Comunicação, Salvador: UFBA, 28 a 30 de maio de 2008. [documento eletrônico] [Acesso em 30 fev 2009] Disponível em: www.cult.ufba.br/enecult2008/14573.pdf .

André MEDA. A contribuição do estudo de caso etnográfico para a reconstrução da didática. Tese (livre-docente). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1992.

Araújo MLT. Exercícios estéticos de ampliação de espaço e liberdade. [documento eletrônico]. [Acesso em 15 dez 2009] Disponível em: http://www.baiadeguanabara.com.br/arte_ensaios_web/a_e_15/pdf/MariaLuisaTristao.pdf

Asanuma G; Barbosa ND; Castro ED. Escuta atenta, trabalhos possíveis e agenciamentos coletivos: a experiência do PACTO TRABALHO. *X Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional Anais*. Goiânia, 15 a 18 de maio 2007.

Barbosa ND; Marques A; Saito C. A experiência de colaboração: fazer a obra vir ao mundo. (Texto apresentativo da Exposição Coletiva IN PACTO), São Paulo, 2006.

Barbosa ND; Castro ED. Relatório Final Fapesp. Bolsa de Capacitação Técnica III, Processo 06/51008-8: Corpo e Arte: articulando ações em Terapia Ocupacional. 2007.

Bardin, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Persona, 1977.

Barros, RDB. *Grupo e produção*. In: Lancetti, A. (org) *Saúde Loucura 4: Grupos e Coletivos*. São Paulo: Hucitec, 1994. p.145-56.

Barrus E. GerAção Comum a mania de dizer A GENTE: Portas Lógicas e Conexões Periféricas para entender a Amizade como Polarização da Arte. *Rizoma.net* [periódico online] seção Art&Fato. [Acesso em 25 jul 2008] Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=283&secao=artefato>.

Barthes R. *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Barthes R. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Becker D. et al. Empowerment e avaliação participativa em um programa de desenvolvimento local e promoção da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.9, n.3, p.655-667, 2004.

Benjamin W. A Obra de Arte na época de sua reprodutibilidade técnica. 1936. In: LIMA, L.C. *Teoria da cultura de massa*. 7ª. Ed., Paz e Terra: São Paulo, 2005.

Benjamin W. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas III. 3a. ed São Paulo: Brasiliense, 1994.

Bienal. *27ª Bienal de São Paulo: Como Viver Junto*. [Guia] São Paulo: Fundação Bienal, 2006.

Bonder BR; Martin L; Miracle AW. Culture emergent in Occupation. *The American Journal of Occupational Therapy*, v.58, 2004. p.159-68

Botelho I. Dimensões da cultura e políticas públicas. *São Paulo em Perspectiva* ISSN0102-8839. São Paulo, v.15, n. 2, 2001. [documento eletrônico] [Acesso em 07 Nov 2006] Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-8392001000200011&lng=pt&nrm=iso.

Brasil. Ministério da Cultura. *Manual de Avaliação de Iniciativas Culturais*, Prêmio Cultura Viva 2006. Brasília:Ministério da Cultura, 2006.

Brito R. *Experiência Crítica: textos selecionados*. Lima, S(org.) São Paulo: Cosacnaify, 2005.

Brunello MIB; Castro ED; Lima EMFA. Atividades humanas e terapia ocupacional. In: Bartalotti, CC; De Carlo, MMRP (orgs.) *Terapia Ocupacional no Brasil: Fundamentos e Perspectivas*. São Paulo: Plexus, 2001.

Calvino I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

Canclini NG. *Diferentes, desiguais e desconectados*. 2ª. Ed, Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

Canclini NG. Reconstruir políticas de inclusão na América Latina. In: UNESCO. *Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura*. Brasília: UNESCO Brasil, 2003. p.21-38 [documento eletrônico] [Acesso em 08 fev 2008] Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001318/131873por.pdf>

Castel, R. *Da indigência à exclusão, a desfiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional*. . In: Lancetti,A. (org) SaudeLoucura 4: Grupos e Coletivos. São Paulo: Hucitec, 1994. p.21-48.

Castiglioni MC. et al. Análise de Atividades. In: DE CARLO, M. M. R. (org.) *Terapia Ocupacional em Reabilitação Física*. São Paulo: Roca, 2004.

Castro ED. et al. *Ação e criação no cuidado de pessoas: avaliação de tecnologias socioculturais desenvolvidas no campo da Terapia Ocupacional*. Projeto apresentado ao CNPQ - Edital Universal, São Paulo, 2006.

Castro ED. *Atividades artísticas e terapia ocupacional: construção de linguagens e inclusão social*. 2001. 327p. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo, 2001.

Castro ED. *Projeto Corpo e Arte: articulando ações em Terapia Ocupacional*. (Relatório Científico Parcial 2005), FAPESP, São Paulo, 2005.

Castro ED. *Projeto Corpo e Arte: articulando ações em Terapia Ocupacional*. (Relatório Científico Final 2007), FAPESP, São Paulo, 2007.

Castro ED. A produção artística do PACTO: trajetos no circuito sociocultural da cidade de São Paulo. *Projeto Corpo e Arte: articulando ações em Terapia Ocupacional*. (Relatório Científico Parcial 2006) FAPESP, São Paulo, 2006.

Certeau M. *A invenção do cotidiano*. Artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

Chauí M. *Cidadania cultural: o direito a cultura*. 1a. ed., São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

Coelho T. *A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001*. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2008.

Coelho T. Banco de dados: do inerte cultural à cultura da vida. In: UNESCO. *Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura*. Brasília: Unesco Brasil, 2003. p.217-32. [documento eletrônico] [Acesso em 08 fev 2008] Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001318/131873por.pdf>.

Coelho T. O que é Ação Cultural. [Coleção primeiros passos] São Paulo: Brasiliense, 1989.

Cohen R. *Work in Progress na cena contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

Coll AN. *Propostas para uma diversidade cultural intercultural na era da globalização. Caderno de proposições para o século XXI v.2* 124p. São Paulo: Instituto Polis, 2002.

Deleuze G. *Crítica e clínica*. São Paulo: editora 34, 1997.

Dias, M e Riedweg W. [Entrevista para Alzugaray, P.] Abril, 2007 [Acesso em 18 set 2009]. Disponível em http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/vbonline/bd/index.asp?cd_entidade=38556&cd_idioma=18531

Dubuffet J *Asphyxiant Culture*, França: Minuit, 1986.

Favaretto, C. *Expressões entre a Arte e a Vida*. [Palestra]. 18 set 09. Ocupação Ueinz, Sesc Paulista, São Paulo, 2009.

Ferreira G, Cotrim C [orgs]. *Escritos de artistas anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Frank et al. The new stories new cultures after-school enrichment program: a direct cultural intervention. *American Journal of Occupational Therapy*. v 55, I.5, p. 501-8, sep-oct 2001.

Freire C. *Poéticas do Processo: arte conceitual no museu*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

Galheigo SM. Da adaptação psicossocial à construção do coletivo: a cidadania enquanto eixo. *Revista de Terapia Ocupacional PUCCAMP*, Campinas, v. I, (Edição especial) p.47-50, 1997.

Ghirardi MIG et al. Vida na rua e cooperativismo: transitando pela produção de valores. *Interface Comunic, Saúde, Educ*, v.9, n.18, p.601-10, set/dez 2005.

Gil AC. *Métodos e Técnicas em Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1999.

Gil AC. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

Gil G. Por uma nova arquitetura de investimento cultural, *Rev. Arquitetura Cultural*, no. 1, São Paulo, julho 2005.

Guattari F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: editora 34, 1992.

Guattari F. *As três ecologias*. 16a. edição 2005, Campinas: Papyrus, 1990.

Lefèvre, F & AMC. *Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)*. Ed rev. e ampl. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

Lepoujade, D. *Deambulação, Devir, Simpatia*. In: *Ocupação Ueinz*, 2009.19.09. São Paulo. [Palestra]. São Paulo: SESC Paulista; 2009.

Lévy P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 5a. ed, São Paulo: Loyola, 2007.

Lima, EMFA. Por uma arte menor: ressonâncias entre arte, clínica e loucura na contemporaneidade. *Interface - Comunic., Saúde, Educ. Educ.*, v.10, n.20, p.317-29, jul/dez 2006.

Lima EMFA. *Das obras aos procedimentos: ressonâncias entre os campos da Terapia Ocupacional e da Arte*. 2003. 344p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2003.

LOAS. Lei Orgânica da Assistência Social. Lei Federal 8.742, de 7 dezembro de 1993. [documento eletrônico] [Acesso em 30 março 2009] Disponível em: <http://www.assistenciasocial.al.gov.br/legislacao/legislacao-federal/LOAS.pdf/view>.

Liotard JF. *O pós-moderno explicado às crianças*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

Martinez A. Arquitetura cultural: identidade organizacional como passaporte para o futuro. *Rev. Arquitetura Cultural*, no. 1, São Paulo, julho 2005.

Matta-Clark G. [Imagens]. [Acesso em 15 ago 2009] Disponível em: http://images.google.com.br/images?client=firefox-a&rls=org.mozilla:pt-BR:official&channel=s&hl=pt-BR&source=hp&q=gordon+matta-clark+&um=1&ie=UTF-8&ei=X1aqSpfbJZORtgeCmfirCA&sa=X&oi=image_result_group&ct=title&resnum=4.

Mecca RC. *A Experiência Estética na Terapia Ocupacional em Saúde Mental*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Reabilitação). Faculdade de Medicina da USP, São Paulo, 2008.

Morin A. *Pesquisa-ação Integral e Sistêmica: uma antropopedagogia renovada*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

Morin E. *Introdução ao pensamento complexo*. 3a. ed, Porto Alegre: Sulina, 2007.

Morin E. *O método 4: as idéias*. Habitat, vida, costumes, organização. 4a. Ed, Porto Alegre: Sulina, 2005.

Mouvement Revue Indisciplinaire des Arts Vivants. [documento eletrônico], 2002. [Acesso em 27 out 2005] Disponível em: <http://www.attitudes.ch/expos/batie/mouvement.htm>.

Minayo MCS. *O desafio do conhecimento*. 7a. edição, São Paulo: Hucitec, 2000.

Museu de Inhotim. *Pontos de Vista*. [Texto apresentativo de exposição] Galeria Mata [Impresso], Inhotim, 2008.

Negri T. A constituição do comum. *Conferência inaugural II Seminário Internacional Capitalismo Cognitivo*. 24 e 25 de outubro de 2005. Rio de Janeiro. [documento eletrônico] [Acesso em 20 Fev 2009] Disponível em: <http://fabiomalini.wordpress.com/2007/03/25/a-constituicao-do-comum-por-antonio-negri/>

Negri T. *Exílio seguido de valor e afeto*. Coleção Políticas da Imanência. São Paulo: Iluminuras, 2001.

Negri T. *Cinco Lições sobre o Império*. São Paulo: DP&A, 2003

Negri T. *Pensamento*. [documento eletrônico]. Desobediente.com [periódico online] Seção Autonomia Social. [Acesso em 7 mar 09] Disponível em: http://usuarios.lycos.es/pete_baumann/autonomial.html.

Hardt M; Negri T. Prefácio: vida en comun. In: *Multitud. Guerra y democracia en la era del Imperio*. Buenos Aires: Debate, 2004

Nirenberg O et al. *Evaluar para la Transformación: Inovaciones en la evaluación de programas y proyectos sociales*. Buenos Aires: Paidós, 2007.

Pedrosa M. *Mundo, homem, arte em crise*. [Coleção Debates, 106], São Paulo: Perspectiva, 1986.

Pedrosa M. *Biblioteca Nacional* [documento eletrônico]. [Acesso em 15 dez 2009] Disponível em: <http://www.bn.br/site/pages/bibliotecadigital/projetostematicos/mariopedrosa.htm>

- Pelbart PP. *Vida Capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- Pelbart PP. Biopolítica e Biopotência no coração do Império. [documento eletrônico] 10 mai 2002. [Acesso em 17 abr 2007] Disponível em: <http://multitudes.samizdat.net/Biopolitica-e-Biopotencia-no.html>. .
- Peres RS, Santos MA. Considerações gerais e orientações práticas acerca do emprego de estudos de caso na pesquisa científica em Psicologia. *INTERAÇÕES VOL. X n.o 20* p. 109-126 jul-dez 2005.
- Pileggi R. Ocupando os Territórios. *Rizoma.net* [periódico online] [Acesso em 25 ago 2008] Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=137&secao=artefato>
- Quintana M. *Pensamentos* [documento eletrônico] [Acesso em 04 fev 2009] Disponível em: http://www.pensador.info/p/poesias_de_mario_quintana/2/
- Quivy R, LucVan C. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2ª. ed, coleção Trajectos, Lisboa: Gradiva, 2008.
- Rancière J. *A Partilha do Sensível*. São Paulo: editora 34, 2005.
- Ribeiro JLP. *Metodologia de investigação em psicologia e saúde*. Coleção Livpsic, Porto: Legis, 2007.
- Rocha, RF. *Cinedebate: (des)construindo territórios da loucura*. 2009. 116p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) [documento eletrônico] – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2009. [Acesso em 04 nov 2009] Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PNFR0634-D.pdf>
- Rolnik, S. Instaurações de mundos. In: *Barroco de Lírios*, Kosac & Naify, São Paulo, 1997.
- Rolnik S. Subjetividade, ética e cultura nas práticas de Saúde Mental. *Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP*, São Paulo: mimeo, 1996.
- Rolnik S. Com o que você pensa? *Núcleo de Subjetividade da Faculdade de Psicologia da PUC -SP*. [Acesso em 15 ago 2008] Disponível em: <http://blogdafla.vilabol.uol.com.br/comoquevcpena.Suely2007.pdf>
- Safra G. Desenraizamento e exclusão no mundo contemporâneo. In: Vaisberg, TA & Ambrosio, FF *Trajetos do Sofrimento: Desenraizamento e Exclusão*. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 2002. p.34-40.
- Sant'anna DB. *Corpos de Passagem*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- Salles CA. *Redes de Criação: construção da obra de arte*. Vinhedo: Horizonte, 2006.
- Santos M. *Pensando o espaço do homem* (1982). 5a edição, São Paulo: EdUSP, 2007.

- Santos M. *Por uma outra globalização*. 13a. ed, Rio de Janeiro: Record, 2006.
- Santos M. *Território e Sociedade*. 2a. Ed, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- Santos M. *Entrevista*. Programa Roda Viva, SP, 2000.
- Saraceno B. *Libertando Identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível*. Rio de Janeiro: TeCorá Editora/Instituto Franco Basaglia, 1999.
- Sennett, R. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
- Serpa A. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo/Salvador: Contexto e EdUFBA, 2007.
- Serpa A. Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. *Revista de Geografia da USP Espaço e Tempo*, no. 15, São Paulo, 2004. [documento eletrônico] [Acesso em 28 fev 2009]. Disponível em: www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/geousp/Geousp15/Artigo2.pdf
- Silveira N. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.
- Thiollent M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1985.
- Vasconcelos EM. *Complexidade e pesquisa interdisciplinar: Epistemologia e metodologia operativa*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- Vasconcelos EM. *O poder que brota da dor e da opressão: empowerment, sua história, teoria e estratégias*. Rio de Janeiro: Paulus, 2004.
- WFMH. World Federation for Mental Health. Mental Health Changing World: the Impact of Cultural Diversity, *World Mental Health Day*, October, 2007. [documento eletrônico] [Acesso em 28 jan 2008] Disponível em: www.wfmh.org

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

- Adorno TW. A indústria cultural. In: Cohn, G(org.) *Coleção Grandes Cientistas Sociais 54*, São Paulo: Ática, 1994. p. 93-9.
- Albornoz S. O que é trabalho *Coleção Primeiros Passos 171*. 6a. ed, São Paulo: Brasiliense, 1994.
- Barros M. *Memórias Inventadas: A infância*, São Paulo: Planeta, 2003.

Barthes R. *O prazer do texto*. 4a. Ed, São Paulo:Perspectiva, 1994.

Barthes R. *Aula*: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, 7 jan de 1977. São Paulo: Cultrix, 2007.

Bosi E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. Vol. 1, 2ª. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Brose M. *Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

Brant L(org). *Diversidade Cultural – Globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas*. São Paulo: Escrituras Editora/Instituto Pensarte, 2005.

Brasil. Ministério da Cultura. *Programa Cultura Viva - Pontos de Cultura*. [documento eletrônico] [Acesso em 23 de mai 2006] Disponível em: http://www.cultura.gov.br/programas_e_acoes/cultura_viva/index.html..

Frayse-Pereira JA. *Olho d'água: Arte e Loucura em exposição*. São Paulo: Escuta, 1995.

Frayse-Pereira JA. O desvio do Olhar: dos Asilos aos Museus de Arte. *Rev Psicologia USP*. São Paulo, v.10, n.2, p.47-58 1999.

Freire MCM. Espaço e lugar: os registros da paisagem urbana na arte contemporânea. In: Salgueiro, Heliana Angotti (Org.) *Paisagem e arte*. São Paulo: 2000. p.357-362.

Fundação Nacional de Arte. *Museu de Imagens do Inconsciente*. (Coleção: Museus Brasileiros v.2) Rio de Janeiro, 1980.

Guattari F; Rolnik S. Cultura: um conceito reacionário. In: *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. 8a. ed, São Paulo: Vozes, 2007.

Inforsato E.A. *Clínica barroca: ensaios de simpatias e feitiçarias*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. 168p.

Lima EMFA. Desejando a diferença: considerações a cerca das relações entre os terapeutas ocupacionais e as populações(...) *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo,v.14, n.2, p.64-71, maio/ago 2003.

Lima EMFA. Identidade e Complexidade: composições no campo da terapia ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v.10, n.2/3, p.42-5, maio/dez 1999.

Lima EMFA. Terapia Ocupacional: um território de fronteira? *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, v.8, n.2/3, p.98-10, maio/dez 1997.

Lima EMFA. *A Exposição IN PACTO e o “viver junto”*: criação e convivência. [documento eletrônico] [Acesso em 28 abril 2008] Disponível em: www.fm.usp.br/to/inpacto/vidaarte/Simposio/INPACTOeoviverjunto.pdf

Maia MR. *Práticas sensíveis sobre o espaço comum*. 2006 . Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. 2006.

Melville H. *Bartleby, o escrivão*. Coleção Sabor literário. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

Mesquita AL. *Insurgências Poéticas: A Arte como Ativismo e Ação Coletiva*. 2006. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. 2006.

Natercia F. Em nome do dissenso filósofo francês redefine termos e conceitos na arte e na política. Entrevista com Jacques Rancière *Cienc. Cult.* [documento eletrônico] Oct/Dec 2005, vol.57, no.4. [Acesso em 17 Abr 2007] Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000400011&lng=en&nrm=iso.

NSF Evaluation Handbook. The 2002 User-Friendly Handbook for Project Evaluation. Section III and IV. [documento eletrônico] [Acesso em 28 set 2007] Disponível em <http://www.ehr.nsf.gov/rec/programs/evaluation/handbook/>.

Observatório. Diversidade cultural: contextos e sentidos. *Revista do Observatório Itaú Cultural*. n.08 abr/jul 2009. São Paulo: Itaú Cultural, 2009

Observatório. Mapeamento de pesquisas sobre o setor cultural: convenção da diversidade cultural. *Revista do Observatório Itaú Cultural*. n.02 mai/ago 2007. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

Oliver FC; Nicácio F. Da Instituição asilar ao território: caminhos para produção de sentido nas intervenções em saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, São Paulo, n.2/3, p.60-8, mai/dez., 1999.

Ostrower F. *Criatividade e Processos de criação*. Petrópolis:Editora Vozes, 1984.

Pedrosa M. *Forma e Percepção Estética*. v. II, 1ª.ed., São Paulo: Edusp, 1996. p.180-220

Rolnik S. Despachos no museu: sabe-se lá o que vai acontecer... *São Paulo em Perspectiva* ISSN 0102-8839, São Paulo, v. 15, n. 3, 2001.[documento eletrônico] [Acesso em 01 Nov 2006] Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392001000300002&lng=pt&nrm=iso.

Safra, G. *A po-ética na clínica contemporânea*. São Paulo: Idéias & Letras, 2004. p.1-52

Safra G. Psicanálise do Self e sofrimento humano. In: VAISBERG, T. A. & AMBROSIO, F. F. *Trajetos do Sofrimento: Rupturas e (re) Criações de Sentido*. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 2003. p. 55-9.

UNESCO. Convenção da diversidade. [documento eletrônico] [Acesso em 08 fev 2008]
Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001497/149742POR.pdf>

Zamboni S. *A pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência*. Coleção Polêmicas do nosso tempo 59. 3a. ed. rev, Campinas: Autores Associados, 2006.

Sites

<http://www.bn.br>

<http://www.itaucultural.org.br>

<http://www.maquinomovel.com/>

<http://dimensaoestetica.blogspot.com/>

<http://ciaengrenagem.blogspot.com/>

<http://www.art-singulier.com>

<http://saci.org.br>

<http://www.inhotim.org.br>

<http://www.facesdobrasil.org.br>

<http://www.ccpc.org.br>

<http://www.movimentohumanista.com>

<http://www.ivoz.org.br>

Documentos Oficiais

1ª. Oficina de Avaliação – *Pacto Trabalho* (Novembro de 2007)

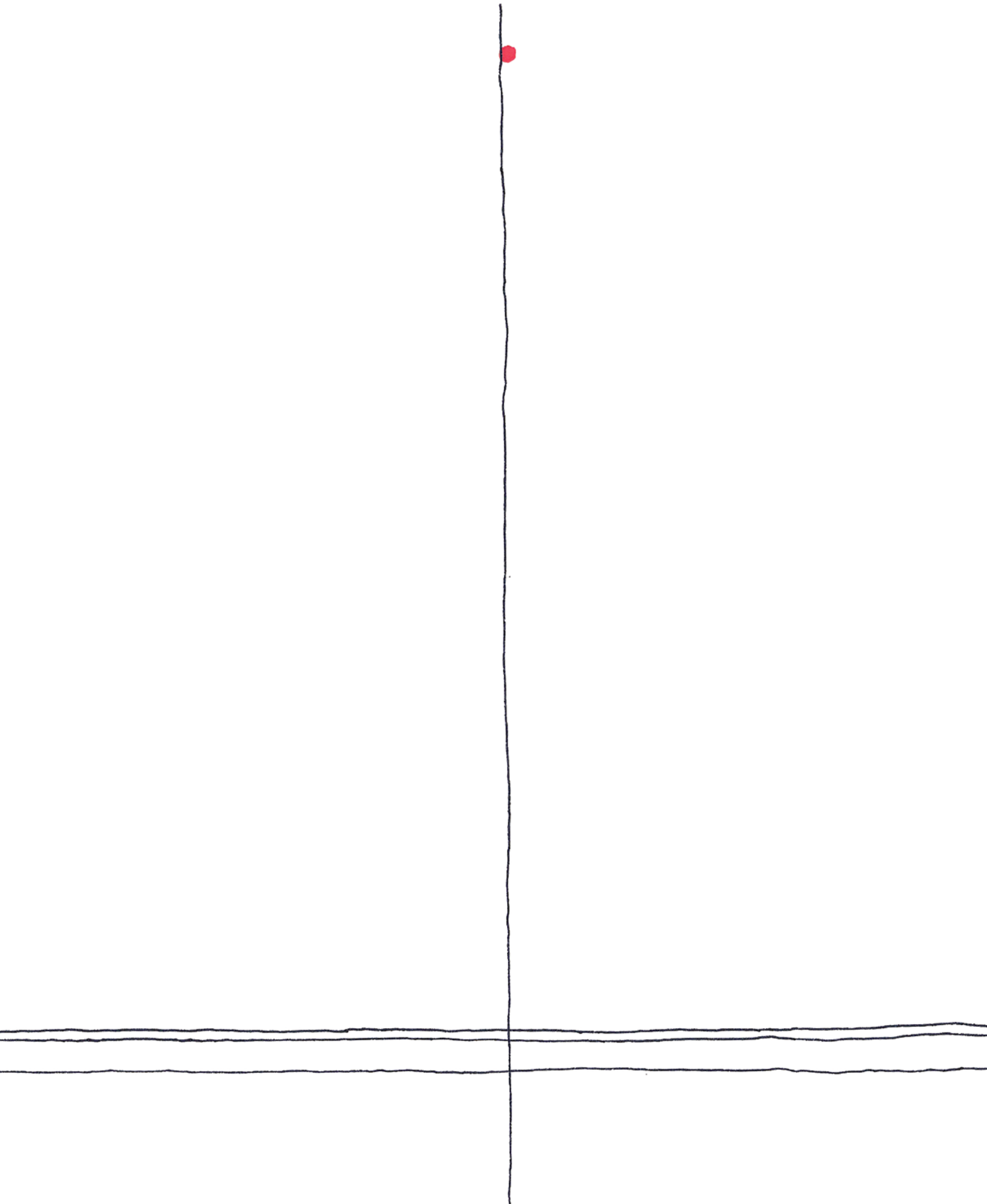
2ª. Oficina de Avaliação – *Pacto Trabalho* (Junho de 2008)

Reunião Clínica do PACTO – discussão sobre *Pacto Trabalho* (Junho de 2006)

Cadernos de Registro dos encontros grupais

Caderno 1 (2002-2005)

Caderno 2 (2005-2008)



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)